

UNIV. OF ARIZONA

PQ9261.C3 Z7

mn

Osorio, P./Camillo; a sua vida, o seu ge

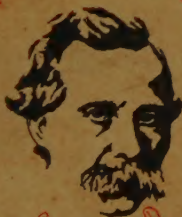


3 9001 03904 2695

PAULO OSÓRIO

CAMILO

A SUA VIDA, O SEU GÊNIO, A SUA OBRA



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
PORTO

livraria Academica
LIVROS RAROS

R. Marquês de Lacerda, 10
110-00000 Rio de Janeiro, RJ

200.

CAMILO

A SUA VIDA — O SEU GÊNIO — A SUA OBRA

TIPOGRAPHIA

da COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, Lda

Rua da Boa Vista, 307-PORTO

Paulo Osório

PQ
9261
C3
Z7

CAMILLO

A SUA VIDA

O SEU GÉNIO

A SUA OBRA

(2.^a edição, aumentada)



PORTO

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA

1920

DO MESMO AUTOR

Novelas, contos

História dum morto (1904).

A última noite (1905).

Variações sôbre um velho
tema (1908).

Vida efêmera (1911).

Teatro

Por amôr dela (1908).

Crítica, crônicas, política

Aguilhadas (1903-1904).

Na casa de Garrett (1905).

Camilo C. Branco (1905).

Camilo Castelo Branco e o
sr. dr. Bombarda (1905).

Notas à margem (1905).

Criminosos loucos (1906).

Lisboa (1908).

Trindade Coelho (1908).

O amôr e a morte no dra-
ma e no romance (1908).

A crise portuguesa (1908).

No fado (1909).

Le Portugal et la guerre
(1918).

Histoire d'un mort, trad. de
Philéas Lebesgue (1904).

A Ramalho Ortigão

«... o prosador elegantíssimo, o fidalgo de raça senhoril, a revelação mais assinalada que ainda tivemos do espírito francês».

(CAMILO: *Noites de Insónia*).

PREFÁCIOS

Prefácio da 2.^a edição

A presente edição dêste livro diverge em alguns pontos da edição anterior. Numa obra de mocidade, como esta é, um escritor encontra sempre alguma coisa a corrigir. Ao mesmo tempo, alguns capítulos pareceram merecer um mais largo desenvolvimento. No fundo, porém, a obra ficou tal como era, com as suas antigas boas qualidades, se é que as tinha, e com quasi todas as suas muitas imperfeições.

Nos últimos anos, a bibliografia camiliana, outrora escassa, tornou-se numerosa. Multiplicaram-se as homenagens ao grande escritor e os subsídios de todos os géneros para o estudo e a compreensão da sua obra. Dêsses trabalhos, o autôr aproveitou apenas nesta edição alguns elementos novos, abstendo-se de se servir de factos e de documentos que não viriam senão confirmar aqueles que anteriormente citou.

Na primeira edição havia, numa das primeiras páginas, um trecho de Fialho d'Almeida que nesta não aparece no mesmo lugar. Era o seguinte :

«Porventura virá um dia, quando Portugal não fôr mais que uma província da nação invasora, e o grupo dos portugueses nostálgicos, retrocedendo a máguia às recordações da pátria perdida, procure o símbolo sintético da nossa antiga vida livre, porventura virá um dia em que o espírito de Camilo se levantará do passado, como em 1880 viram os portugueses levantar-se o espírito de Camões. Então os livros dele serão martírio e consólo para êsses contempladores oprimidos sem remédio; avultarão os seus deses-

peros como sentenças; viverão os seus tipos como abstrações; e toda a memória do meu adorado país, saltando os anos, outra vez fará verter as lágrimas que eu tantas vezes chorei de o vêr tão pobre, tão indolentemene passivo, e tão mal guiado. Ninguém se lembrará dos histriões que ora o apedrejam, nem da cáfila liquidante que nos negoceia e nos esmaga; e o vulto de Camilo, sempre de pé no seu cerro minhoto, visível para toda a roza do espaço, parecerá dizer: — Fui eu o último!

Em 1908, a citação dêsse trecho era oportuna. Nessa época, a nacionalidade portuguesa atravessava uma das mais graves e das mais desoladoras crises da sua história. Portugal debatia-se, mais do que nunca, na incerteza dum destino sombrio, e a muitos parecia que êle se debatia sem entusiasmo, sem energia e sem fé. Os maus profetas tinham feito a sua obra; uma velha campanha de desânimo e de renúncia fizera de muitos de nós criaturas sem vontade, que caminhavam de braços caídos para uma catástrofe que seria a última e que teríamos de sofrer como uma condenação. Os nossos lamentos eram como os acordes derradeiros das dez mil guitarras que a mocidade portuguesa levava para o campo de Alcácer-Kibir nas vespertas de morrer. Nós vivíamos o Fado, depois de o termos cantado com as nossas penas ou a nossa voz.

Onze anos depois, o aspecto da sociedade portuguesa é bem diferente. Alguma coisa mudou, para melhor. Nesses onze anos, ela atravessou crises terríveis, a era das agitações não cessou ainda nem cessará talvez tão cedo. Mas deu-nos o admirável e consolador espectáculo dum povo que, renascendo para a luta e com a consciência plena dos seus próprios deveres e das suas próprias fôrças, toma nas suas mãos o seu destino.

Que o guiem mal ainda, é bem possível; mas, como deixou de ser «indolentemente passivo», ele irá aprendendo aos poucos a guiar-se a si próprio. A «cáfila liquidante» de que falava Fialho nunca mais tentará negociá-lo nem esmagá-lo impunemente. Suceda o que suceder, Portugal nunca será uma «província da nação invasora». E, se o espírito de

Camilo se erguer um dia do passado em toda a sua grandeza — imagem duma raça de cujos defeitos e de cujas virtudes ele foi o intérprete de génio — será para receber as homenagens dum Portugal maior, que tenha reconquistado o seu antigo lugar no mundo e substituído à idolatria de velhos bonzos o culto dos seus homens superiores.

Paris, Maio de 1919.

Prefácio da 1.ª edição

Em 1905, publiquei um livro intitulado *Camilo Castelo Branco (esbôço de crítica)* ¹. Escrevi êsse livro precisamente dentro dos processos de apreciação crítica que presidiram à feitura dêste. A minha velha admiração por Camilo levou-me a estudar atentamente essa figura grande de artista e desgraçado, fazedor de tragédias, e êle mesmo protagonista duma vida bem dolorosa e bem intensa: a tragédia da sua própria vida. A ciência moderna impunha-me um método de estudo a que eu não poderia fugir, sob pena de fazer um trabalho estéril. O doente, que a dôr engrandece e purifica e do qual em Camilo a figura literária não representa mais que um corolário, era sem dúvida digno de interesse. Estudei-o o melhor que pude, estudei-o com amôr, procurei não dar um passo sem estar sólidamente apoiado em opiniões incontrovertidas; não formulei uma conclusão que não assentasse numa base de factos; quize fazer um trabalho com todo o rigor, probo e consciente, não pelo medo que me pudessem inspirar os gládios dos pomposos ignorantões da minha terra, mas pelo respeito que devo ao nome de Camilo e ao meu próprio nome. O trabalho que apresentei — mesmo a meus olhos ainda incompleto bastante para merecer o subtítulo de *esbôço* — não tinha direito a esperar um unânime e entusiasmado côro de aplausos. Expuz ali opiniões minhas que me seria agradável vêr discutidas e, se dessa discussão nascesse para o estudo da personalidade de Camilo uma conclusão diversa daquela que, não seguramente quanto possível formulei, ficaria para mim ainda a honra de ter chamado para a figura tão interessante

¹ Edição da Livraria Moderna, Lisboa.

do maior escritor português do nosso tempo a atenção de quem quer que fôsse mais competente do que eu para avaliá-la.

Lógicamente, eu não poderia esperar que o meu trabalho provocasse um debate alevantado e útil. Em Portugal sabe-se pouco de psiquiatria, as doenças mentais não se ensinam nas escolas, um médico conclue o seu curso sem ter posto os pés num manicómio. E eu tinha ainda a contar com êsse sentimento de defeza que impede um diplomado em medicina de discutir com profanos assuntos que mais ou menos se relacionam com o seu modo de vida, — não vá às vczes no decorrer do pleito o observador ter o ensejo de cogitar na inutilidade dispendiosa que, em muitos casos, por si só, um curso representa. Esperava o silêncio, o desinteresse simulado, a affectação do desdem: mas não esperava a agressão indocumentada e violenta. E comtudo o alienista sr. Miguel Bombarda veio, não discutir, mas agredir-me. Disse-me que o meu livro tinha reduzidos méritos e limitou-se a contrapôr a sua opinião em questões de minúcia que não atingiam as conclusões finais que procurei. E disse-o tão de alto, com um ar de desprêso de tal modo lamentável, que eu, replicando, tive de lhe fazer notar que o trabalho dos outros é uma coisa que a mais elementar correcção manda que se respeite.

De então para cá, a minha maneira de vêr modificou-se: ultteriores observações levaram-me a alterar um pouco as conclusões que formulei nesse pequeno esbôço; mas quero desde já registar que nenhuma dessas alterações atingiu aquelas afirmativas que provocaram a sobranceira contradita do director de Rilhafoles.

*

A propósito dêsse meu primeiro trabalho sôbre Camilo, o sr. Teófilo Braga dirigiu-me a seguinte carta, publicada depois, com autorização sua, em jornais do Pôrto e de Lisboa:

«Lisboa, 19 de junho de 1905.

Caro e illustre amigo.

Recebi hontem o seu livro — CAMILO CASTELO BRANCO — Esbôço de critica — e hontem mesmo puz de lado todo o trabalho que me tinha destinado, e li-o de uma assentada. Quer pelo interesse que a individualidade de Camilo suscita, quer pelo processo critico do seu julgamento, o livro atraiu-me e deixei tudo por êle.

Desde já lhe confesso que é êsse o verdadeiro processo para estudar todas as individualidades que se destacam no seu tempo ou no seu meio social: o estudo PSICOLÓGICO traz uma nova luz para a compreensão do génio criador em qualquer fôrma de actividade. Na história literária tenho conhecido praticamente o valor dêsse instrumento. Vou ainda mais longe, investigando a psicologia colectiva, da multidão anónima, do Povo, e é essa a luz que vivifica os factos concretos e muitas vezes banais da Etnologia. E, juntando estas duas psicologias, chega-se a uma compreensão filosófica, indispensável para todo o historiador digno dêsse título.

Mas, voltando ao seu livro: aparece ali o Camilo fortemente explicado, com opulenta documentação. O meu amigo está em dia com os trabalhos de psiquiatria, e escolheu bem o Camilo como um caso complexo bem digno de interpretar-se; e a sua conclusão, implicita em todo o livro, é que, temperamento profundamente desgraçado, tudo em Camilo, nas suas qualidades superiores e nos seus destemperos, desperta uma grande simpatia. Cheguei tarde a esta conclusão e sómente depois de ter lido perto de quinhentas cartas de Camilo ao Visconde de Ouguela (hoje perdidas?)

O Camilo merecia um estudo assim. Se o meu amigo matizar o seu livro com trechos autobiográficos de Camilo, e referências dele à origem ou motivos da sua obra, faz uma obra definitiva que ficará como o monumento levantado ao excelso escritor. Deve fazê-lo com vagar até ao momento em que lhe appareça ensejo de publicação.

*Parabens pelo precioso livro; e pelas palavras afetuosas
que o acompanham, o reconhecimento do*

seu am.^o obg.^{mo} e adm.^{or}

TEÓFILO BRAGA».

Procurei seguir as indicações do sr. Teófilo Braga, revi o meu *esbôço*, procedi a novas investigações, tentei novos estudos — e fiz, quer na essência quer na fôrma, um livro novo. Mas não permitiram os modestos recursos do autor que ficasse valendo mais que um subsídio aquilo que o illustre signatário dessa carta generosamente quizera que fôsse um monumento.

Lisboa, 1908.

« A história pública e íntima dos homens como elle não se escreve senão depois, assim como a justiça inteira e o elogio sem restrições não se concedem senão à sua memoria. Enquanto não restituem à terra tudo que os fez iguaes dos outros, a sua elevação oprime os médiocres a sua voz assusta os emulos e o seu vulto assombra as vaidades invejosas que supõem que elle lhes toma todos os passos e lhes fecha todas as estradas ».

L. A. REBELO DA SILVA.

GENEALOGIA

«Heredity is the law»

DARWIN.

Há fundadas razões para pôr em dúvida a rigorosa verdade histórica que se atribue à nobiliarquia duma família trasmontana, pelo epíteto dum dos seus varões mais recentes, conhecida por *Os brocas*.

Parece-me, de resto, dispensável para o interêsse prático do meu intuito averiguar se tal linhagem trazia íntegra a progenitura daquele Fruela, irmão de Afonso I, genro de Palácio, fundador da monarquia de Oviedo e Leão, dos reis Vermudo ou Bermudo, Ramiro I e Ordonho, ou então, por outras vias, do fidalgo solarengo D. Payo Mogudo de Sandim. Basta ter como elucidado mais ou menos que, olhando em âmbito mais curto para essa pretendida cadeia de transmissões de sangue azul, que se perde por uma dinastia de Ordonhos, nuns tempos vagos do rei Bermudo de Navarra, se nos depara um Domingos Corrêa Botelho a quem o mais ilustre dos seus descendentes outorgou a qualidade de estudante ¹, quando ao certo, e con-

¹ CAMILO: *Cousas leves e pesadas*.

forme a afirmação de outros autores, se sabe que, durante uma existência vagabunda, andou de terra em terra propagando as profecias do Bandarra e exercendo o mistér de picheleiro ¹.

Espiolhando bem as costelas da criatura a quem genealogistas diversos tão várias profissões atribuíram, vem-se a saber ainda que seu bisavô foi Domingos Rodrigues Pinto, filho de um almocreve e duma tendeira de mercearia, que prestou serviços patrióticos na revolução de 1640, cooperou em prisões do Santo Ofício, e veio, segundo o testemunho de coevos, a servir «os mais nobres e honrados cargos da Republica»; que seu avô, filho de Isabel Machado, a quem se atribue o apelido de Botelho foi Martinho Machado Pinto, cavaleiro de S. Tiago; e que seu pai, filho natural dêsse Martinho e de Isabel Mendes do Rocio, foi Lazaro da Costa, primeiro representante duma dinastia de marchantes que por muito tempo prosperou em Vila Real ². A essa dinastia pertenceram todos os filhos de Lazaro da Costa e de Francisco Mendes, salvante Domingos Correia Botelho, que enjeitou a profissão

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camilo*, 1899.

² PEDRO A. D'AZEVEDO: *Os antepassados de Camilo*. No *Archivo Historico Portuguez*. Vol. v, 1907, n.^{os} 5, 6, 9, 10, e 11 e Vol. vi, 1908, n.^{os} 1 e 2. A êsse estudo, o mais completo e documentado que possuímos sôbre a genealogia de Camilo, pertence grande parte das informações de que me sirvo neste capítulo do meu trabalho.

e o apelido paternos preferindo-lhes uma onomástica mais nobre e as comoções e os benefícios de uma agitada carreira de aventureiro errante. Mais duma vez se pôs em dúvida, na sua ascendência, aquela pureza de sangue tão derimida nos prelúdios inquisitoriais de tantos autos de fé; e se essa circunstância eu registo, não é para fanáticamente lançar sôbre Domingos Pinto e Lazaro da Costa o labeu de *cristãos-novos* de que uma devassa benevolente depois os ilibou. Mas a sciência afirma que a raça hebraica é, de entre todas as raças, uma das que maior contingente fornecem para o cadastro da patologia nervosa ¹.

Domingos Correia Botelho casou duas vezes, ambas elas com filhas de pedreiros, a primeira chamada Angela Fernandes, de quem teve, além de duas filhas que recolheram a um mosteiro e outra que casou, um filho, Frei José de S. Bernardo, que professou como agostinho descalço e outro, Manuel Correia Botelho, que foi escrivão em Vila Real, e a segunda, Maria Moutinha, que lhe deu, entre outros filhos e uma filha que também entrou para um convento, José Luiz Correia Botelho. Diz-se que o

¹ SERVI: *Gli Israeliti di Europa*, 1872; VERGA: *Archivio di statistica*, 1880; BOUVERT: *La Neurasthenie*, 1891; LOMBROSO: *L'homme de génie*, (ed. francesa) 1903; *Bulletins de la Société d'Anthropologie*, t. IV; RIBOT: *L'hérédité psychologique*, 7.^a ed. 1902; FIALHO D'ALMEIDA: Estudo sôbre Camilo, publicado na *Revista Ilustrada*, de Lisboa, em 1896.

filho de Domingos Botelho que professou «viera de longe propelido para uma grande catástrofe» e que «a profissão era o acto final duma tragédia» ¹. Certo é que êsse religioso, que pertenceu ao convento de Nossa Senhora da Piedade, em Santarem, onde chegou a prior, nem sempre em documentos públicos gosou uma impoluida fama de virtude. Numa certidão passada em 1780 por um frade da sua ordem, diz-se que êle, em certo convento de Estremoz, levava vida escandalosa «não só para os domesticos como para os Estranhos, por acçoens que produzia indignas do habito e muito mais do cargo e ministerio que occupava», a ponto de o Vigário Geral, averiguando «serem verdadeiros os Enormes delictos que lhe impunhão» ter mandado «fechar de pedra e Cal a porta do Carro, por onde elle metia na Clausura pessoas do sexo prohibido, E que as chaves da Clausura não estivessem em seu poder».

Domingos Botelho caiu na miséria e Frei José tomou conta da família, instituindo-lhe umas rendas que mais tarde originaram litígios e fizeram quebrar as relações entre êle e o irmão José Luiz, de cujo proceder ingrato depois amargamente se queixava.

Manuel Correia Botelho, nascido e residente em Vila Real, casou com D. Maria de Carvalho e Menezes, filha de Francisco Martins Menezes, *cristão-*

¹ CAMILO: *Boémia do espirito*.

novo. Êle e a mulher, pouco doces de temperamento, malquistaram-se por via de repetidas contendas com a maioria da gente de Vila Real. Quatro anos antes de morrer, foi perdoado do assassinio dum soldado numa questão em que entrou com seus filhos Domingos José Correia Botelho e José Correia Botelho de Menezes.

Domingos José Correia Botelho era um homem extremamente feio. Formou-se em Coimbra. «Era alcançadíssimo de inteligência, e grangeára entre os seus condiscípulos da Universidade o epíteto de *brocas* com que ainda hoje os seus descendentes em Vila Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epíteto *brocas* vem de *brôa*. Entenderam os académicos que a rudeza do seu condiscípulo procedia de muito pão de milho que êle digerira na sua terra» ¹. Domingos Botelho foi nomeado juís de fóra de Cascais, lugar que exerceu durante nove meses e do qual foi suspenso, segundo informa sua sogra, nas alegações dum processo que mais tarde lhe moveu em causa de partilhas, «pelo dezacato que fizera a sua Filha D. Francisca Julianna, cazada com José Joaquim de Proença e Sylva, Tenente do Regimento da dita Vila; por lhe querer dar com hũa faca; e pelo escandaloso modo, cô que injustamente fizera prender ao Padre Antonio do Valle Capellão do dito Regimento, e conduzir amarrado em hum jumento para o Aljube desta Cidade, de

¹ CAMILO: *Amôr de Perdição*.

donde por estar innocente, saíra solto e livre» ¹. Êsse Botelho era um excêntrico, com certo chiste nas maneiras rudes que lhe mereceu a alcunha de *doutor Bexiga*. Se, como se pretende ², frequentou o paço, insinuando-se, por ignoradas bulas, na estima de D. Maria I e de D. Pedro, e aproveitando o ensejo para tomar de assalto o coração duma formosa dama de nome Rita Tereza Margarida Castelo Branco, não o sei eu dizer com segurança. Há documentos comtudo que desfazem um pouco na pretendida nobreza dessa D. Rita, depois mulher do bacharel, dizendo-a filha dum capitão da infantaria de Cascais, de nome José Pereira de Silva e de D. Tereza Ignacia Joaquina Castelo Branco, a sogra furibunda, neta paterna de Domingos Pereira da Silva e Francisca dos Anjos, a *Benta*, e bisneta dum servente de pedreiro e soldado de artilharia, neta materna de Diogo Luiz de Mesquita Castelo Branco, criado grave da condessa de Aveiras e de Isabel de Matos, aia ou creada da mesma titular. E a sogra D. Tereza, em documento respeitante ao litígio judicial já referido, reduz a proporções assás materialonas a história do consórcio que se dizia derivado dum galanteio palaciano do modo sereno e límpido como deriva a agua de um arroio: «Este supplicado Domingos José Correa Bottelho sendo natural de Villa Real, filho de

¹ Doc. transcripto pelo sr. Pedro d'Azevedo.

² CAMILO: *Amôr de Perdição*.

hum nascimento escuro, e de baxa e pobre fortuna, vendo-se condecorado com o honorifico emprego de Juiz de Fora da Villa de Cascaes, e sabendo que a caza da supplicante era das principaes, e das mais ricas daquela Villa, e que tinha filhas Donzellas, tomou cazas para a sua habitação junto as da supplicante com quintal mistico ao seo que só lhe servia de divizão, hum pequeno muro, e por via de hũa Escrava, que comrrompeo, se intruduzio fora de hóras na casa da supplicante deshonestando a dita sua filha menor de 20 annos, com a qual se acha cazado, recebendo se em 30 de Outubro de 1771 vindo a parir sua filha um filho, que naceo a 14 de Junho de 1773, 8 mezes depois de cazados como mostram as certidoens do casamento — n.º 1.º e Baupismo n.º 2.º esta verdade he incontestavel, porque os filhos só naceem de 7 e 9 mezes, e raras vezes de 11 e 14 mezes». Àparte o devaneio ginecológico, tenho a alegação como digna de fé.

Ana Margarida Mourão, mulher de Lourenço da Costa, tio de Domingos, moveu contra êste uma acção por dívida de quinhentos mil réis que o bacharel lhe pedira emprestados quando estudante, introduzindo-se com ela «como sobrinho de seu deffunto marido e pella razão do dito parentesco e cavilação de que é dotado», ¹ e que depois não quiz pagar. Nas suas alegações, a viuva credora disse

¹ Esta transcrição e seguintes pertencem a doc. reproduzidos ou citados pelo sr. Pedro d'Azevedo.

serem Domingos Botelho e seu irmão José «valentoens, desenvoltos e absolutos, sem temor ou respeito aos Magestrados e officiaes de Justiça... descompondo de palavras aos mesmos... e oufanos por terem... feito hũa morte as oras do dia a hum soldado de que lhe não resultou castigo, e porisso amiaçando os mesmos officiaes, e ainda paçando a excesso mayor que até os Magestrados ameação»: e mais que «Tanto o dito Domingos Jozé Correa como seu irmão se associão ambos e armados de sorte que ninguem se atreve a oporse a seos depravados intentos». A isso respondeu Domingos Botelho confessando-se «homem cordato, prudente, civilizado, retirado de communicações com officiaes de Justiça tanto que os negocios os trata por Procuradores sem escandalizar pessoa algũa» e alegando mais que sua tia afin nunca lhe emprestara dinheiro, nem podia emprestar «porque hé hũa pobre mere-trix publica que de si não tem couza alguma nem para se sustentar mais que o que adquire pelo illicito trato que tem com muitos homens» e que essa mesma sua tia «tem filhos de varios homens e presentemente d'hum José Manuel Teixeira de Novaes hũa filha natural por andar com ella amigado». De onde se mostra que *o doutor Bexiga* não era muito amável para com os seus próprios parentes.

Nomeado em 1802 juís de fóra de Vizeu, Domingos Botelho sofreu, alguns anos mais tarde, a accusação de venal. Arguiram-no de receber «por si, sua mulher e filhos e amigos quantias avulta-

das». Feita a devassa, em consulta de 1 de março de 1806, a mesa do Desembargo do Paço considerando-o «gravemente indiciado de crimes enormes que pela lei do Reino tem pena de morte, oferecendo tão bem a impunidade aos malfeitores a preço de dinheiro e vendendo a justiça em publico leilão: provandose ja quanto basta para ser suspenso, sequestrado e prezo, dando-se-lhe logo o logar por acabado, e mandando-se tirar sua residencia por Ministro exacto, a qual deverá ser julgada no Juizo dos Feitos da Fazenda com a assistencia de Procuradores Regios». Assegurou-se que Domingos José Correia Botelho morreu em 1805 na sua quinta de Montezelos, assassinado por salteadores ¹. Há, pelo menos, aí um êrro de data pois que a consulta referida é, como disse, de 1806. O sr. Pedro d'Azevedo suspeita que êle se suicidasse para escapar a uma vergonha pública.

O primeiro filho de Domingos Botelho, nascido oito meses depois do seu casamento e que teve o nome de José, morreu criança. Mais tarde, nasceram duas filhas e dois filhos, de nomes Simão e Manuel.

Da vida de Simão Botelho existem duas versões: uma amplamente desenvolvida no *Amor de Perdição* e outra, mais recente e mais incompleta, mas com o mérito da autenticidade garantida por documentos que o sr. Pedro d'Azevedo exumou da poeira dos arquivos ¹. Ambas, porém, são concordes

¹ Ver NOTA B, no fim dêste volume.

na descrição do character do filho segundo de Domingos Botelho. De Coimbra, conta-se no *Amôr de Perdição* que o «filho mais velho escreveu a seu pai queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do génio sanguinário dêle... porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas». São ainda do mesmo romance estas palavras: «Finalizavam as férias, quando o corregedor teve um grave dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar a beber os machos, e, por descuido ou propósito, deixou quebrar algumas vazilhas que estavam à vez no parapeito do chafariz. Os donos das vazilhas conjuraram contra o criado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo; e, armado dum fueiro que descravou dum carro, partiu muitas cabeças, e rematou o trágico espectáculo pela farça de quebrar todos os cântaros. O povoleu intacto fugira espavorido, que ninguém se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado». Em face dos documentos, o sr. Pedro d'Azevedo informa que «em 3 de agosto de 1804, sendo um quarto de hora depois da meia noite, na Rua Direita de Vizeu foi ferido por um tiro de clavina Francisco José Ferreira, natural de Moimenta da Beira, criado de José Cardoso Cerqueira, de que lhe resultou ficar sem parte dos dedos das mãos e com uma

coxa atravessada, recolhendo-se os criminosos a casa do juís de fóra que morava no terreiro da Sé. Foram accusados d'este crime Simão Antonio Botelho e José Jeronymo, filho de Lourenço de Andrade e Seixas, que tinham sido vistos andar armados por aquella rua e ameaçando o primeiro Fernando de Almeida, filho do referido Cerqueira. De Simão diz uma testemunha: *sendo tambem publico que o mesmo filho do Juiz atirara mais tres Tiros a outras varias pessoas e que he verdade que sabe pello ver e ouvir que toda esta cidade (de Vizeu) andara com temor e estavam em grande desasucego em quanto o dito filho do Juiz de Fora se achava n'esta Cidade pellos insultos que fazia e esperançado na falta de castigo por seu Pai ser Juiz.* A devassa que se tirou, feita pelo vereador mais velho de Vizeu e pelo meirinho geral em 6 de agosto, resultou pela pressão exercida sobre as testemunhas como de nenhum valor, pelo que o desembargo do Paço ordenou em 21 de maio de 1805 se procedesse a outra. Entretanto os dois criminosos *homens vadios costumados a commetter similhantes delictos, e a andarem de noute e de dia dando tiros em varias pessoas* tinham tirado cartas de seguro, sendo a de Simão datada de 17 de setembro de 1804, augmentada por mais um anno em 5 de setembro de 1805 e ainda por mais outro em 12 de agosto de 1806, em consequencia do seu livramento pela Relação ir muito atrasado; e a de José Jeronymo de Loureiro e Seixas tambem reformada por mais um anno por

despacho de 11 de outubro de 1806». «Nos capitulos apresentados contra o pae de Simão — informa tambem o sr. Pedro d'Azevedo — diz a testemunha o bacharel Antonio Cardoso de Sousa e Liz *he publico bem como que o referido filho (Simão) asuciado com o referido Quintas derão hum tiro e foram desafiar a porta hum irmão do Cappitam de San Salvador, em ocazião que se queixava de lhe matarem as suas pombas; José Rodrigues Quintas do logar da Travanca, ladrão publico que rouba pelas Feiras e Mercados quanto pode, he da amisade do dito Juiz de Fora, e um caçador que muitas vezes acompanhava com seus filhos.*»

São assim as duas versões concordes em dar Simão como um impulsivo, de maus instintos, violento e desordeiro. O romance dá-o também como um amoroso: «Amou, perdeu-se e morreu amando». Não me repugna crêr que o fôsse. Por amor perdera também a carreira seu irmão Manuel; culpas de amor tivera, ao que parece, Frei José de S. Bernardo seu tio-avô; fôra, segundo alguns pretendem, o amor a causa do crime de que sofreram acusações seu pai, seu tio paterno e seu avô. E, como dados positivos nos asseguram uma tara mórbida luxuriante nessa suspeitíssima linhagem, seria, sem dúvida, de interesse averiguar até que ponto a provável feição amorosa, ao manifestar-se em successivas gerações, foi a causa do exacerbamento duma doença antiga ou apenas o resultado lógico do proprio mal.

A analogia que existe entre alguns caracteres objectivos do amôr e aqueles que as obsessões conscientes duma origem mórbida nos apresentam, o facto de os grandes amorosos serem, em suma, seres de excepção, num restricto número dos quais se encontra com frequência uma elevada proporção de criminosos, têm levado alguns filósofos e cientistas a attribuir ao amôr uma origem puramente patológica.¹ Depois, os aspectos mórbidos com que a paixão amorosa, em geral, se exterioriza vêm corroborar até certo ponto uma tal opinião, e fisiologistas modernos² lembram a passagem de Plutarco em que se conta como o médico Erasistrato reconheceu pelos movimentos tumultuosos do pulso que Antioco amava Estratonica.³ Gaston Danville combate esta doutrina, e o seu argumento capital baseia-se num critério de utilidade aplicado à classificação das obsessões, separando as nocivas ao indivíduo e à espécie como as únicas a que rigorosamente compete a origem patológica que se lhes attribue. Firmando nesse argumento todas as suas deduições e attribuindo ao amôr normal o mero intuito da procreação da espécie, é claro que o filósofo não encontrou grande dificuldade para o

¹ GASTON DANVILLE: *La Psychologie de l'amour*, 1894

² DANVILLE: Ob. cit.; MOSSO: *La peur* (ed. francesa), 1886.

³ PLUTARCHO: *Vida de Demetrius*, xxvii; CAMÕES: *Auto d'El-Rei Seleuco*.

pôr a salvo do seu capítulo de obsessões de origem mórbida. Eu julgo haver razão em negar ao amôr uma origem patológica: que a atracção entre dois indivíduos de sexo diferente, verificável de resto em quási toda a escala zoológica, não póde por certo interpretar-se fóra das leis que regem o mecanismo psíquico no estado normal de cada um. O amôr virá, tão só, pôr em preeminência, resultante duma intensa e quási exclusiva actividade, o sentimento afectivo e, se a criatura fôr um psicopata, a doença encaminhar-se-há irremediavelmente para o ponto em destaque da sua entidade psíquica. Implacável, a sciência diz-nos que só é susceptível de ficar doido de amor aquele que tiver um amôr de doido.¹

Ora o amôr dos Botelhos não foi decerto um amôr normal: surgindo em criaturas presas duma nevrose herdada que a seqüência das suas vidas depois nos aclara, a paixão amorosa dominou-os com uns caracteres particulares, uma intensidade, um exclusivismo que fazem saltar aos olhos a sua maneira mórbida de ser. A vida romântica ou romantizada de Simão Botelho vem contada com lágrimas nas páginas dolorosas e intensas do *Amôr de Perdição*. Aí, ela aparece como a simples história duma existência estúrdia que um certo dia se embarçou e prendeu irremediavelmente num fino cabelo de

¹ FRANK: *Traité de Pathologie Interne*, trad. Bayle, t. III, p. 143.

mulher: e como êsse desgraçado rapaz viesse, talvez por uma oportunidade má de nascimento, a acarretar com todo o pêso duma herança mórbida que em seus maiores se foi acumulando, de geração em geração, em dezoito anos tinha esgotada toda a razão de ser da sua vida de espírito, morrendo quando lhe faltava já a coragem para todo o esforço, mesmo atirado de golpe, nessa impulsão de vesania que outrora fizera dele um desordeiro, depois um assassino, e o acompanhára passo a passo nos momentos de lírica paixão. Diz o romance que Simão amava com loucura essa Tereza que morreu de amôr, agitando o lençosinho branco no mirante de Monchique, quando cortava as aguas do Douro, à vista do convento, a nau que o conduzia ao degredo da Índia. Os documentos até hoje pesquisados, apenas nos dizem «que êle foi criminado pelo estrupimento que praticou com um tiro da sua carabina ou clavina na pessoa do criado de um individuo de Vizeu.» ¹

Do irmão primogénito de Simão Botelho, Manuel, que ficou doido e morreu duma congestão cerebral e de quem no *Amôr de Perdição* se conta a

¹ Pensa o sr. Pedro de Azevedo que alguns esclarecimentos sôbre êsse caso nos poderá dar o arquivo da Relação do Pôrto «no caso que êste ainda exista». E esclarece: «O arquivo da Relação conservava-se num subterrâneo, estando os papeis respectivos, devido à humidade, convertidos em pasta. Uma glória para a magistratura!»

história romanesca do adultério com uma açoriana, conhece-se, através de dados cheios de incerteza, a acidentada união com D. Jacinta Rosa do Espírito Santo, filha de uma doida.¹ Sabe-se que essa mulher amou e sofreu —

Que o sangue, derramado sem seu caminho,
Eu pude ainda vêr, como um vestígio
Da mártir que passou.²

—e o facto de uma vida assim, levada entre lágrimas, é natural que ficasse nítidamente marcado no carácter dos frutos dêsse amor.

A influência do estado de espírito dos pais no momento de concepção sôbre a maneira de ser psíquica dos filhos, tinha sido observada já antes dos médicos se ocuparem do seu estudo: Hesiodo prescrevia a abstinência do coito na volta das cerimónias fúnebres, para se não gerarem filhos melancólicos. Erasmo punha na boca da sua *Loucura* estas palavras: «Eu não sou o fruto dum aborrecido amor conjugal». *Tristram Shandy* atribue as enfaçonhas particularidades do seu carácter a uma pergunta que a mãe, em momento muito inoportuno,

¹ «Meu pai, minha avó materna e duas minhas tias morreram doidas» (CAMILO): Cartas ao Visconde de Ouguela, publicadas pelo sr. Teófilo Braga na *Revista Portuguesa*, 1895 p. 117). — Vêr a NOTA C.

² CAMILO: *Um livro*.

formulou ¹. Um dos filhos adulterinos de Luiz XIV, concebido durante uma crise de lágrimas de M.^{me} de Montespan que as cerimónias do jubileu tinham emocionado, conservou por toda a vida um carácter que o fez chamar "o filho do jubileu," ². É conhecido o caso dum pai, homem ilustrado, que durante a vida inteira teve sensíveis tendências para um estado mental doentio, com períodos alternados de excitação e abatimento; dos numerosos filhos que teve, dois foram alienados: a época da sua concepção coincidia com os momentos em que o pai tinha manifestado em grau mais alto as suas tendências malsãs ³. De Candolle, citado por Lombroso, faz notar a influência dum estado de paixão violenta dos pais, no momento da cópula e lembra o número considerável de bastardos de génio ⁴. É nas uniões ilícitas, que se encontra com mais frequência um amôr violento; mil razões há nesse caso para excitar, pela alegria, pelo medo, pela revolta ou pela an-

¹ FERÉ: Ob. cit., p. 17.

² P. LUCAS: *Traité pratique et physiologique de l'hérédité naturelle*, 1850, t. II, p. 504.

³ Êste caso vem em RIBOT (ob. cit. p. 255) como tendo sido comunicado ao autor por um médico, e figura também, juntamente com o anterior, em DÉGERINE: *L'hérédité dans les maladies du système nerveux*, 1886, de onde LOMBROSO os tirou para o seu trabalho.

⁴ DE CANDOLLE: *Histoire des Sciences*, 1883; LOMBROSO Ob. cit. p. 217.

gústia, o estado de espírito dum dos progenitores ou de ambos êles. Isaac Disraeli escreveu na *Memória de Toland*: "O nascimento fóra do casamento cria os caracteres fortes e resolutos," ¹. Também nas uniões ilícitas, se o primeiro filho póde sentir a influência dum pleno amôr, o segundo já geralmente nasce no doloroso período duma reacção expiadora, de ainda mais impressiva influência. M.^{elle} Roubinovitch comunicou ao congresso de Amsterdam, de 1907, que, num estudo de 74 biografias de grandes homens, apenas encontrou 10 primogénitos ².

Da união de Manuel Botelho e de D. Jacinta Rosa nasceu primeiro uma filha e depois um filho, beijado talvez já no berço pelas lágrimas do arrependimento e do martírio.

Ao descendente dos *brocas* e à sua companheira de aventuras podia bem caber a sorte de darem vida a uma criatura de carácter extranho, num momento mais intenso da sua vida de amores e de torturas. Mas um filho de D. Jacinta Rosa tinha já, por banda paterna, os sintomas reveladores duma nevrose herdada. Corremos a linha da sua ascendência e encontramos uma longa tradição de vesania ³. Daí, porêem, a concluir de rompan-

¹ LOMBROSO: Ob. cit. p. 217.

² *L'Encephale*, 2.^e année, N.º 10. Octobre 1907, p. 451.

³ «Ambos nevropatas hereditários, Camilo e Júlio (Júlio César Machado) pois em ambas as famílias havia a dupla

que o filho nascido dessa união devesse forçosamente ser um doido ou um criminoso, ainda mesmo sujeito à influência mórbida hereditária, vai um abismo. Difícil, se não impossível seria mesmo prevêr qual a fôrma de psicose que quasi certo era vir junta a essa criaturinha posta no mundo com o carroto duma tão pesada herança. A variação da hereditariedade é um facto. «As doenças do sistema nervoso, quer se manifestem por perturbações psíquicas, sensoriais ou motoras, oferecem entre si afinidades numerosas, pontos de contacto múltiplos; e, se bem que, nestes últimos anos, os estudos tanto clínicos como anátomo-fisiológicos tenham multiplicado as espécies, póde-se dizer que elas constituem uma só família, ligada indissolúvelmente pelas leis da hereditariedade»¹. Mas não há uma regra; e o próprio esquema que Morel formulou para a marcha da degenerescência progressiva esbarra na prática, a cada passo, por circunstâncias que se explicam, mas que nem por isso se podem deixar sem nota, com casos que abertamente o contradizem². «Os alienados, os criminosos e os homens de génio trazem ingénitamente uma constituição muito análoga; todos são dotados

tradição da vesania e do suicídio» (SOUZA MARTINS: *Nosographia d'Anthero*, no *In Memoriam*.

¹ FÉRÉ: Ob. cit., pag. 8.

² G. WEYGANDT: *Atlas-Manuel de Psychiatrie*, ed. fr., por ROUBINOVITCH, 1904, p. 26.

duma tal excitabilidade que reagem fóra das regras psicológicas ordinárias. São às vezes as circunstâncias que determinam a especialização» ¹. Por hereditariedade não se entende exclusivamente a doença transmitida à prole com a identidade de sintomas de ordem física e moral observados nos ascendentes. Compreende-se no termo *hereditariedade* a transmissão de disposições orgânicas de pais a filhos... ². «A fixidez das ideias nos progenitores, póde transformar-se nos descendentes em melancolia, amor pela meditação, aptidão para as sciências exactas, energia de vontade... A *mania* dos progenitores póde vir a ser nos descendentes aptidão para as artes, arrojo de imaginação, vivacidade de espírito, inconstância dos desejos, vontade brusca e sem tenacidade» ³. «Assim como a loucura real póde reproduzir-se hereditariamente sob a fórmula de *excentricidade*, não se transmitir senão com meias tintas, tons mais ou menos adoçados, assim um estado simples de excentricidade, que não vá além de certas extravagâncias de carácter, de certas singularidades de espírito, póde ser para os filhos a origem dum verdadeiro delírio» ⁴. A história nosológica das famílias de homens no-

¹ FÉRÉ: Ob. cit., p. 41.

² MOREL: *Traité des dégénérescences*, 1857; RIBOT: Ob. cit., p. 247.

³ RIBOT: Ob. cit., p. 249.

⁴ MOREAU (de Tours): *La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire*, 1859, p. 187.

táveis, traçada por alguns autores, mostra-nos com frequência a associação de psico-nevroses com um alto desenvolvimento intelectual ¹. Numã família estudada por Berti, em quatro gerações de cêrca de oitenta indivíduos, derivados de um doído melancólico, observaram-se três homens de génio, três criminosos, dezenove nevróticos, e dez doidos ². Da linhagem de Carlos v, que teve alienados, lipemanos e excêntricos, nasceu um bastardo de génio: Alexandre Farnese ³. Beethoven era filho dum alcoólico, Alexandre nasceu dum bêbado e duma mulher perversa e dissoluta, a mãe de Byron era desequilibrada e o pai um estroina bizarro e impudente ⁴. O próprio Baudelaire

¹ LÉLUT: *Le génie, la raison et la folie, le demon de Socrate*, 1885; GALTON: *Hereditary Génius*, 1868; MOREAU (de Tours): Ob. cit.; P. JACOBY: *Étude sur la selection dans ses rapports avec l'heredité chez l'homme*, 1881; LOMBROSO: Ob. cit.; RIBOT: Ob. cit.; MANTEGAZZA: *De la nevrose des grands hommes*, (ed. fr.), 1881; H. JOLLY: *Psychologie des grands hommes*, 1883; E. TOULOUSE: *Emile Zola*, 1896; GRASSET: *La superiorité intellectuelle et la nevrose*, 1903; GASTON LOYGUE: *Th-M. Dostoiewski*, 1904; MARIANNI: *L. N. Tolstoi*. T. XXIV, fasc. IV, p. 369 do *Archivio di Psichiatria, Scienze penali e Antropologia criminale*, 1904; ARTURO BASANO: *Tommaso Hobbes*, T. XXIV, fasc. IV, p. 419 do *Archivio di Psichiatria, etc.*, 1904.

² LOMBROSO: Ob. cit. p. 210.

³ IRELAND: *The Blot upon the Brain*, 1885, p. 147; DÉJÉRINE: Ob. cit.; LOMBROSO: Ob. cit.

⁴ LOMBROSO: Ob. cit.; EMILIO CASTELAR: *Vida de Lord Byron* (trad. de M. Fernandes Reis), 1876.

escreveu que os seus antepassados, idiotas ou maníacos, foram vítimas de terríveis paixões ¹. Pedro, o Grande e os seus dão à sciência salientes casos de génio, imbecilidade, hábitos crapulosos, mortes prematuras, ataques epiletiformes, e virtudes e vícios levados aos últimos extremos ². Por último, Voisin cita o caso típico dum pintor de talento, filho duma histérica e irmão de dois idiotas e de um alienado ³. *Nullum magnum ingenium nisi mistura quadam dementiæ*, disse um antigo; e a sciência moderna pôde concretamente concluir: *o génio é uma nevrose* ⁴.

Na família ilustre cuja genealogia se perde no sendal dos tempos que mal deixa ver os vultos imponentes dos grandes senhores de Oviedo e de Leão, o cadastro patológico, já bem opulentado desde aquele Domingos Pinto que desposou uma Botelho, enriqueceu-se nesta altura com o exemplar mórbido mais nobre. De Manuel Botelho—um doido, descendente duma família de desordeiros, assassinos, loucos morais, libertinos e excêntricos—e de D. Jacinta do Espírito Santo—a filha duma doida—nasceu um homem de génio: Camillo Castelo Branco.

¹ E. CREPET: *Œuvres posthumes et correspondance inédite de Baudelaire*.

² MOREAU (de Tours): Ob. cit.

³ VOISIN: *Hérédité*, no *Dictionnaire de médecine et chirurgie pratique*, 1875. t. XVII, pag. 473.

⁴ MOREAU (de Tours), Ob. cit.

BIOGRAFIA

« Quand la nature crée un homme
de génie, elle lui secoue son flambeau
sur la tête et lui dit : Va, sois malheu-
reux ! »

DIDEROT.

I

1825 - 1844

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, numa casa do largo do Carmo, em 16 de março de 1825 e foi batizado na igreja dos Mártires em 14 de Abril do mesmo ano. A mãe morreu pouco tempo depois dêle nascer e, dos dez primeiros anos da sua vida, apenas se sabe que em 1834 com o visconde de Ouguela e seu irmão Ricardo Siles Coutinho, frequentou uma escola de João Inácio Minas Júnior, na rua dos Calafates. «A meu lado — escreveu Camilo — no banco da escola de primeiras letras, em Lisboa, por 1834, sentavam-se dois meninos, filhos dum amigo de meu pai. Estou vendo, além, para lá da cerração de trinta e oito anos, aquelas duas crianças loiras e formosas, pedindo comigo a Deus que nosso mestre João Inácio Luís Minas Júnior fôsse para a guerra. Porque o nosso professor era guerreiro por aqueles tempos. Com uma das mãos na palmatória e outra

na espingarda, acudia pelo decoro do Lobato e pela restauração da monarquia representativa. Nas baterias de campo de Ourique devia de ser um bravo João Inácio; e, no gineceu modestíssimo da rua dos Calafates, era um apaixonado fautor da religião do particípio, e das outras não menos respeitáveis partes da oração. Isto vai há muitíssimos anos; era num tempo em que se aprendia syntaxe. Dos dois meus condiscípulos um chamava-se Carlos, o mais novo dos dois, que tinha seis anos. Daquela criança estou bosquejando hoje um perfil de biografia. Vai nisto o que quer que seja para cismar e entristecer. É a poesia melancólica—o funesto condão dos homens que vivem muito da vida intuspectiva. Naquele ano de 1834 nos apartamos. Meu pai morreu. E, como eu já não tivesse mãe nem fôsse inteiramente pobre, a desgraça deparou-me parentes em Trás-os-Montes onde vim a entender que não há lágrimas bastantes a deplorarem o destino de um órfão com oito anos de idade, e as faces quentes e húmidas dos últimos beijos e das últimas lágrimas de seu pai » ¹.

Camilo não é sempre rigoroso em datas nas suas evocações. Manuel Botelho Castelo Branco morreu em 22 de dezembro de 1835; e o próprio Camilo, no seu livro *Duas horas de leitura*, confessa que foi efectivamente aos dez anos que ficou ór-

¹ O visconde de Ouguela.

fão de pai: «Aos meus dez anos — conta — levantou-se uma tempestade no seio da minha família. Uma vaga levou meu pai à sepultura, outra atirou comigo de Lisboa, minha pátria, para um torrão agro e triste do norte; e a outra... Não merece crónica a outra: arrebatou-me um esperançoso património. Foi bem pregada peça para que eu não tivesse a impudência de nascer, a despeito da moral jurídica, filho bastardo de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da Senhora D. Maria I me desherdava. A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão cruamente para os filhos do pecado. Denominava-se — *a piedosa*, pela mesma razão que um rei nosso, soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou — *o piedoso*. A boa da história é uma trapalhona».

Por deliberação do conselho de família, Camilo foi levado para Vila Real, entregue aos cuidados de D. Rita Emília da Veiga Castelo Branco, irmã de seu pai. «Embarcamos no barco a vapor chamado *Jorge IV* — conta êle no livro. *No Bom Jesus do Monte*. — Uma criada, que tinha ares de mestra de minha irmã, veio connosco, estipendiada por conta do nosso património. A senhora Carlota Joaquina não me esquece. Era uma mulher gorda, façuda e frescalhona, que bolsava os fígados do beliche abaixo, e gritava *á d'el-rei* de aflita com o enjôo. Era imundo, sujo a mais não poder, o *Jorge IV*. A câmara era comum dos dois sexos, com menos resguardo que os mosteiros dúplices

da idade média; mas os ânimos dos passageiros pareceram-me a negação de toda a ideia monástica. Os homens do beliche do segundo andar conversavam com as mulheres do primeiro diálogos entrecortados de vômitos. A senhora Carlota, que ficou à minha esquerda, praguejava contra o seu destino; e o meu vizinho da direita, sujeito de grandes barbas, saía do beliche em menores para lhe ter mão da testa. Esta caridade absolve a inconveniência da mistura. Dos passageiros nenhum falava inglês, e o criado da camara, que também era fogueiro, atenta a negrura encarvoada da camisa e cara, quando lhe pediam chá, café, ou um caldo de galinha, dava sempre água por um canudo de lata. Carlota exclamava: — *Eu morro!* — *Tenha paciência, menina!*, acudia o homem das barbas. — *Não há-de morrer querendo os deuses.* Devia de ser pagão o monstro! — *Eu morro!* rebramia ela. *Quero confessar-me!...* — *Não peça a confissão a estes brutos,* observava-lhe o meu vizinho, *que além de não terem Deus nenhum, se a menina lhes pede um padre, trazem-lhe água na lata surrada.* Havia muito mar quando se avistou a barra do Pôrto; e por isso arribamos à Galiza. A nossa Carlota, assim que pôs os quatro pés e os dois estômagos na hospedaria de Vigo engordou outra vez. O pagão não saía da beira dela. No dia seguinte abalou a caravana para Tuy por uns caminhos que Deus e a civilização já fizeram desaparecer da face do globo. Ao outro dia passamos a Valença; depois a

Ponte do Lima, e de lá a Braga em romagem ao Bom Jesus.»

«Tinha eu nove anos, e era órfão — escreve o romancista no capítulo que precede aquele de onde transcrevi a narrativa da viagem. — Dois meses depois dêste desamparo, com o tenro coração fistulado de saudade, a desbordar de lágrimas, e os ouvidos ainda resoando-me à alma o estertor da agonia de meu pai, é que eu, pela primeira vez, entrei no Santuário do Bom Jesus. As lembranças gravadas pelas fugitivas impressões daquela idade, são poucas; mas assim mesmo, em todas as épocas ulteriores que ali fui, o tão remoto passado, com as suas quási delidas memórias, vinha entreluzir-me nas comoções melancólicas do presente. Os grupos piedosos das capelas que prendem a curiosidade da criança, já enternecendo-a com o aspeito dôce e afligido de Jesus, já apavorando-a com o gesto sanhudo e esgares ferozes dos soldados de Pôncio, pouco me lembram, salvo um rapaz do meu tamanho de então, que chegava os pregos aos crucificadores do mártir. O que ainda indelevelmente diviso na tela do meu espírito dos nove anos, é as grandes árvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos, e, lá em baixo, um oceano de verdura ondulando entre outeiros, e à volta dos presbitérios, casalejos, e edifícios de grande porte, que alvejavam de entre a espessura dos arvoredos. Que devanear seria o meu naquele dia? Quando eu punha os olhos, carregados de lágrimas, no azul do ceu, que tão

outro se me figura hoje, que aza de anjo da angústia levaria para lá a minha prece! Nela se me iria a alma, em anseios de saudade, procurar meu pai que, ao sair do mundo, nem sequer me deixára mãe, que me ensinasse a orar por êle. Devo ajuizar da minha precoce sensibilidade, recordando que, dois meses antes, entrei, por noite alta, na sala onde meu pai estava amortalhado, sem mais companhia que quatro círios de chama azulada. Ajoelhei, sem orar. Afastei da frente do cadáver o capuz do hábito, e beijei-lha. Puz também a bôca nas mãos glaciais; senti um frio de que ainda o coração me guarda a memória: o frio do ambiente dos mortos. Ao meu lado, ninguém. A irmã que eu tinha, alguns anos mais velha, encerrára-se com a sua dôr e com o seu terror de cadáveres. E eu estava ali destemeroso das sombras que desciam dos ângulos do tecto à penumbra do clarão oscilatório das tochas. Largo espaço contemplei a face de meu pai, aformoseada pelo resplendor da aurora do dia eterno; e assim ponderei as últimas palavras que lhe ouvira, confiadas ao frívolo espírito dos meus nove anos: *Que será de ti, meu filho, sem ninguém que te ame!...* Poucas horas depois que mas disse, fez-se noite naquela alma: dez dias volvidos, as trevas desata-ram-se ante o alvorecer da eternidade, E eu assistira, dia e noite, a esta agonia.»

Na *Boémia do Espírito* vem, datada de 84, uma impressão da primeira viagem de Camilo. «Eu tinha dez anos quando, pela primeira vez, fui ao

Bom Jesus do Monte—escreve o romancista—. Eu, com outros romeiros, vínhamos de Vigo onde nos aproára uma tormenta no alto mar. A minha criada, muito amante da vida, fizera uma promessa ao Bom Jesus; e, no cumprimento da sua palavra, de passagem de Trás-os-Montes, convidára alguns companheiros de jornada a subirem ao alto da mata para agradecerem ao miraculoso Senhor o seu salvamento. Eu, como disse, tinha dez anos e estava também ajoelhado na capela onde se venera a imponente escultura. Enquanto os meus companheiros agradeciam com fervorosa união o prazer da vida, recordo-me que scismava, muito em desarmonia com a acção de graças daquela gente. Pensava eu se me não teria sido muito mais benigno o Senhor do Monte deixando-me resvalar ao abismo, amortalhado em uma das suas ondas menos amargas que as lágrimas que eu havia de derramar em naufrágios de maiores agonias. Porque eu, aos dez anos, vinha de perder meu pai, quando já não tinha mãe; saía do aconchêgo da casa paternal desfeita como um ninho espedaçado por um furacão; e ia para uma terra desconhedida, enviado a parentes que nunca me tinham visto. Era por isso que eu, pensando na infelicidade da existência, scismava se Deus me seria mais benigno deixando-me ir procurar as almas de meu pai e de minha mãe. Há cem anos que êste Senhor crucificado vê umas poucas de gerações prostradas diante do seu altar—uns a agradecer, outros a suplicar. Pois talvez no trans-

curso de um século, nenhuma outra criança de dez anos repetisse diante desta sagrada imagem, as palavras de Job: *Quare de vulva eduxisti me!* — Porque me deste o nascimento?»

Em Vila Rial, D. Rita Castelo Branco começou educando o sobrinho com peias a que êle não vinha acostumado da sua vida de Lisboa. Êle era o filho único duma aventura de romance em que o tédio veio, ao que parece, matar em breve o exaltado amôr que a provocou, e como quer que os dois ficassem — pai e mãe — vivendo uma mesma vida, de relações cortadas com o passado, sem entusiasmo de amantes, unidos por uma ligação resignada e calma, percebe-se que ambos consagrassem ao filho, apaixonadamente, o affecto que dum para o outro andava, incompreendido ou despresado. Cercavam-no de mimos, faziam passar o primeiro período da sua educação sem uma rudeza, e o caso é que o futuro romancista, assim criado à larga, no melhor meio para o amplo desenvolvimento das tendências inatas do seu espírito, antes da época em que ficou sem pai, já, exhibia as tendências libertinas de pivete.

Não é assim por certo que se faz duma criança um instrumento dócil, amoldável pelas reprimendas duma tia severa e rabujenta. Camilo era travêss, inquieto. «Quando eu tinha dez anos, e vivia em Vila Rial — diz êle no primeiro volume das *Memórias do Cárcere* — morava defronte dum procurador de causas, que tinha um filho da minha

idade, menino muito sisudo e galante. Se eu o convidava a apedrejar algum transeunte, Leonardo recusava-se a esta camaradagem ignóbil, e escondia-se para não dar suspeitas de cumplicidade nas minhas travessuras de fundibulário... Vi entrar na Relação o meu vizinho de infância, e não o conheci. Ouvi-lhe pronunciar o nome, e as circunstâncias dos seus crimes: então vi a criança de 1836 e o perpassar daquelas risonhas scenas em que êle me aparecia com gestos de censura às minhas tropealias, e com grandes aplausos e bons agouros da vizinhança, a quem eu era odioso». A irmã do romântico degredado do *Amôr de Perdição* não tinha já idade nem paciência para suportar de boa sombra as «travessuras de fundibulário» do sobrinho e, naturalmente revoltado contra uma rispidez bem diversa dos carinhos que recebera nos seus primeiros anos, num primeiro impulso de aventura que bem se explica em quem viria a ser um exemplar completo de fatalidade mórbida de herança, um belo dia, com um par de piugas e duas camisas atadas num lenço, Camilo abalou para Lisboa.

«Pedi ao conselho de família que me vestisse — diz êle no livro *No Bom Jesus do Monte* — e o conselho de família, em reunião de 10 de julho de 1837, deliberou que me vestissem num algibebe e me reenviassem para qualquer parte...» Essa qualquer parte foi a aldeia de Vilarinho de Samardan, «em Trás-os-Montes, na comarca de Vila Rial, sobranceiro ao rio Corrego, no desfiladeiro de uma

serra sulcada de barrocais », ¹ onde, em companhia de uma irmã casada com um médico, irmão do padre António de Azevedo que o iniciou nos mistérios do latim, Camilo levando a vida do campo, fazendo-se pastor do rebanho da casa, indo para o monte armado, pronto ao combate com o lobo, simultaneamente aprendendo o cantochão e lendo Camões e o Mendes Pinto, passou então, como êle conta, o período mais feliz da sua vida. Ainda nas *Duas horas de leitura*, vêm descriptos, com todo o pitoresco encanto da prosa do romancista, êsses episódios interessantes dos seus primeiros tempos. « Fui educado — diz êle — numa aldeia onde tenho uma irmã casada com um médico, irmão dum padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractário à luz da gorda sciência do meu padre. Fugia de casa para a serra, dava muitos tiros às galinholas e perdizes; porêm, louvado seja Deus, não me doe o remorso de ter matado uma! O meu gôsto era pascor o rebanho de casa por aqueles saudosos vales. Todavia, minha irmã opunha-se a êste humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia àcerca da minha dignidade; repreendia os meus baixos instinctos; atraía ao seu voto o marido e o padre e cortava-me o rasteiro vôo es-

¹ CAMILO: *Serões de S. Miguel de Seide*.

condendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a brôa, e a cabacinha da agua-ardente. Não obstante eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas daqueles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros». «Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze anos— diz ainda Camilo no prefácio do *Degredado*.— Está situada na província trasmontana entre as serras do Mesio e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem à aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancelar as portas dos currais; à míngua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois; consoante a necessidade. Se não topam alimária, uivam lugubrememente, e embrenham-se nas gargantas da serra, iludindo a fome com rapozas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarizei com as bestas-féras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagais das cidades, tais e tantas que me irriçaram os cabelos. Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fôjo — uma cêrca de muro tosco de calhãos a êsmo onde se expunha à voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da preza, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugin-

do e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sôbre o espinhaço; porêem, transpôr de salto o muro era-lhe impossível, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A fêra provavelmente compreendia então que fôra lograda; mas em vez de largar a preza, e aliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estúpida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu, animal racional, levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz». ¹ «Neste instante vejo, palmo a palmo, aqueles sítios. Se eu ali fôr, vou sentar-me ao pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, ha quinze anos, dois aneis de missanga. Ora estes aneis. . . » ²

Estes aneis têm uma história que merece ser contada, porque se relaciona com um dos mais intensos episódios da existência melodramática do romancista. Mas antes de contá-la, eu tenho de referir outras aventuras que, em ordem cronológica, antecederam essa. A história dos seus primeiros versos—uma Ode ingénua, com o seu Alcino e a sua Elmena—anda ligada, como é natural, a uma

¹ CAMILO: *Novelas do Minho*.

² CAMILO: *Duas horas de leitura*.

breve história de paixonêta infantil que Camilo refere do seguinte modo no seu livro *Ao anoitecer da vida*:

«... Por êsse tempo (1842) ¹ fui eu a uma romaria da *Senhora Aparecida* ², duas léguas ao sul da mesma serra, na quebrada doutra serra da mesma cordilheira. Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista que era o mais atrevido imaginador de fantasias chulas. *Chulas* chamam lá ao complexo do instrumental que fórma o essencial de tais festanças. Em outras partes da província dizem *ronda*, e *estúrdia* noutras. Parára a ronda, como visse que outra lhe saía à frente, mais galharda, com maior séquito de moças e sobre-excelência de um clarinête que guinchava umas deliciosas variações algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba e grilharia dos ferrinhos. A ronda a que eu ia associado não quiz ceder o passo à outra que era de rópia e basófia. Esta, um pouco desconcertada, deteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapazio para a rectaguarda; recolheu os músicos ao centro e cobriu a frente com quatro espadaudos

¹ Deve ser 1841. Já ficou dito que os erros de datas são freqüentes nas evocações de Camilo.

² Segundo o sr. Alberto Pimentel (*Os amôres de Camilo*) «a romaria não era da Senhora Aparecida, mas da Senhora da Pena, em Mouçoç, nas cercanias de Vila Rial».

moços de pau ferrado. Daí a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os paus; as rabecas iam soando pelos ares como harpas eolias; os bombos gemiam roucos ao arrebentarem; o homem do clarinête salvava-se no topo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira mais insigne daqueles arredores, que sustentára desafio duas horas, amaldiçoava o estro fatal que a fez quinhoeira duma bordoadada que a deslombou. Parecia o dia de juízo! Devo à minha presença de espírito sair ileso desta suprema provação. Estava ali perto uma pipa que os gladiadores respeitaram por não sei que prodigioso instinto. Os paus travados desensarilhavam-se, quando, ao roçarem pela pipa, o taverneiro lhes gritava aos cegos da ira:—*Rapazes! não me boteis a perder! Olhai que me abrides o vinho!* Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de lugar sagrado e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quais saíram moídos da festa, por se meterem a pregoar pazes. Salvei-me pois, encostado à pipa, onde me acolhi depois de raciocinar friamente sôbre as evoluções da tremenda batalha. Daqui presenciei o triste espectáculo de dezenas de homens esmoucados e centenaes de mulheres, velhos e crianças, ajoelhados por aquelas laideiras, pedindo clamorosamente à Senhora Aparecida que tivesse mão daqueles homens que se matavam. Entrelembro-me de que estas súplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterados no adro da ermida: um dêstes era o zabum-

beiro da ronda agressora, e o outro era o violista da minha, engenhosíssima criatura que tocava tudo quanto havia em dois bordões e uma prima, prima da viola, quero dizer. Deus os tenha a ambos nos coros angélicos, já que o mundo não era digno deles. Aplacada a desordem, agradei mentalmente à pipa aquele como inviolável protectorado do pavilhão inglês (vem do ceu ao pintar todas as comparações com ingleses, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos. Um sacerdote de boa presença andava providenciando àcerca dos mortos e dos feridos. Com êste padre, vigário da freguesia próxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente, com suas barretinas de palha de Itália, plumas escarlates e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! No tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevira em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e succedeu ser eu irmão de uma conhecida daquelas esbeltas senhoras. Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão e fruta sêca, tudo condimentado pelos sorrisos supra-celestiais de uma das duas mocetonas, que a estas horas... santo Deus! como isto é triste! devem ter netos e raros vestígios daquelas lustrosíssimas pérolas que lhes divinizavam o sorriso! Ao lusco-fusco, o vigário saíu da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus

conterrâneos, caminhamos em direcção oposta, para os nossos sítios. Estive largo espaço no têzo dum oiteiro, enquanto os olhos alcançavam, por entre o já carregado crepúsculo, as brancas visões que transmontavam a colina próxima. Depois que de todo em todo desciam na quebrada invisível do oiteiro, ainda ali me fiquei, vendo-as no arrebol do horizonte, e na estrela vesper. Depois, tornando em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lágrimas do coração. E quer agora ver o leitor o que fazem lágrimas aos quinze anos? Veja nas seguintes linhas a face irrisória de um primeiro amor. Olhem a ingenuidade com que eu quiz metrificar as minhas primeiras e parvoinhas inocências e admirem-se da mais sandia ingenuidade com que as divulgo, sem corrigí-las sequer. . . »

« Riram-se? — escreve Camilo após a transcrição dos versos. — Agora saibam que esta cataplasma me foi um vesicatório no coração. Muita lágrima chorei naqueles meus quatorze anos! Subia eu à crista dum oiteiro, de onde se avistavam umas como névoas de fumo, a duas grandes léguas de distância. Ali imaginava eu que devia ser a aldeia de Elmena, e presbitério do tio, e a guarida das avesinhas que a viam, e lhe anunciavam a madrugada. Do oiteiro me descia ao entardecer, chorando e escogitando na traça de lhe mandar a minha ode. De ninguém fiava a remessa, ou ninguém se encarregava do mandato. Uns riam de mim, outros escarneciam-me,

e os mais sizudos mandavam-me jogar o peão ou conjugar um verbo da arte do padre Pereira. Poucas semanas volvidas, saí daquela terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, prégador de fama, e bom velho sobretudo, o padre Manuel da Lixa... »

A história dêsses versos de Camilo lembra logo a duns outros, seus também, documento de outra história de castos amores da sua adolescência. São os que êle próprio recorda quando, no *Discurso Preliminar das Memórias do Cárcere*, conta a visita que fez a Samardan num dos mais dolorosos períodos da sua vida. « Ao seguinte dia da minha chegada — escreve — parti para a aldeia onde passára alguns anos da minha infância na companhia de minha irmã. Ali era que me levavam memórias, que por aí estão escritas em livrinhos de que o leitor se não lembra. Ali estava... aquela Luiza... Ai! Luiza,

... a flôr d'entre as fragas,

que eu cantei num poema, escrito com as minhas últimas lágrimas, adoçadas de esperanças! Passei por ela e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado :

Luiza, flôr d'entre as fragas
Donairosa camponeza,
Tipo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas,
Colhes, no prado, as boninas?

Brincas, à tarde, na espalda,
Onde verdeja a alamêda
Da viva côr da esmeralda?
Brincas Luiza, afagando
O que mais amas no bando,
O teu alvo cordeirinho?

Encarei, sorrindo tristemente, em meu sobrinho, e êle disse-me: — *Não a vê?* — *Luiza?* — *Sim. Aquela que tem os braços cruzados.* Contemplei-a. e vi uma velha. — *Aquela que está olhando?* ! — repliquei. — *A mesma Luiza de ha quinze annos.* E eu disse comigo: — *Estará ella dizendo ás outras:* — *Êle é aquelle velho?* ! E passei àvante. E meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto, consagrado àquella Luiza, que fôra nova e linda:

E eu amei-a muito !...

A' tarde,
Quando o sol no ocidente
De escarlata as selvas tinge,
Com o brilho refulgente
Da floresta incendiada,
Fui sentar-me pensativo,
Sôbre a agulha dos rochedos,
Decifrando em minha alma
Indecifráveis segredos.

Além, nas várzeas do val,
Tinha quanto o coração
Sonha de belo e imortal
Na sua ardente ambição,
Nem mais formosa que ella.

Nem mais pura o mundo a tinha!
Quizera vê-la, e não vê-la...
Antes fugir-lhe... ofendê-la...
Mais valera não ser minha!

—É pois, *aquela a Luiza*... —murmurei eu tão de manso, que só a minha alma podia ouvir-se. E na noite daquele mesmo dia, quando a lua assomou das montanhas, fugi à aldeia da minha infância e da infância de Luiza... »

Quem era Luiza, a musa inspiradora dêsse romântico amôr de adolescente? «... Uma camponeza de encantar. Distinguia-se por bonitas feições: branca, faces coradas, olhos castanhos muito vivos; cabelo abundante, da côr dos olhos; estatura meã; magra e flexível como se proviesse de raça fina. Alegre e folgazã, tinha comtudo maneiras senhorís, que completavam um conjuncto de perfeições raras em mulher nascida na Samardan, entre serras». «Estas informações — anota o sr. Alberto Pimentel no seu livro *Os amôres de Camilo*, de onde também as precedentes palavras são transcritas — foram colhidas em Vilarinho de Samardan, a meu pedido, pelo sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castelo Branco, sobrinho de Camilo».

Ora a aldeia para onde Camilo partiu, semanas depois da batalha da romaria e consequente paixão poética pela Elmena, sobrinha do presbítero, era Friume, povoação da margem esquerda do Tâmega, na freguesia de Salvador de Ribeira da Pena. Sua tia, D. Rita Castelo Branco, fôra de Vila Rial visi-

tar o genro que ali morava e Camilo acompanhou-a. ¹ Na povoação havia *a loja*, a loja conhecida de todas as nossas aldeias, simultâneamente armazem de modas, mercearia e club, de que era proprietário um tal Sebastião Martins dos Santos, que, tendo nascido em S. Cosme de Gondomar e exercido na terra natal a profissão de alfaiate, para aquelas paragens trasmontanas depois se transferira. Ali chegou Camilo, alegre e estroina, com a sua guitarra a tiracolo e um arsenal bem sortido das mais sonoras rimas e, desde logo, conquistou as boas graças de Luiz da Cunha Lemos, secretário da câmara e da administração do concelho de Ribeira da Pena, escrivão da fazenda e tabelião do julgado, que lhe deu um lugar de escrevente, e da filha do tendeiro, Joaquina Pereira de França, que lhe deu o coração. Era a moçoila uma lavradeirona rija, de bela carnação sadia que excitava o temperamento sensual do futuro romancista e, como quer que o homem da loja logo ali farejasse um bom partido e aproximasse com prazer os namorados, Camilo, prêzo das graças da rapariga, não sabendo resistir—casou com ela. Era ainda em 1841. Tinha êle então dezesseis anos. E Sebastião dos Santos, que à viva fôrça queria ter um doutor na família, mandou-o aprender mais latim para a Granja Velha, lugar próximo de lá, onde o padre Manuel de Lixa residia. Foi aí que diabruras mé-

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camilo*.

tricas fizeram com que, aconselhado pela prudência do sogro, Camilo tivesse de partir para Lisboa. Quais essas diabruras foram êle o conta, embora se não refira ao casamento, que, de resto, procurou sempre ocultar. «Naquela terra—diz o prefácio do livro *Ao anoitecer da vida*—andavam às más dois irmãos de fidalga prosápia, à conta do casamento desigual que um deles intentava fazer, contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes dêste me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fôssem chanceados á custa de me não lembro que antecedências, mui ageitadas à galhofa métrica. Deu-me soberbas uma incumbência dêste género! Poeta, e de mais a mais requestado para intervir com a minha opinião em casamento tão falado nas vinte aldeias circumpostas! Escrevi uma fôlha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da igreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticário, que seguia as partes do morgado, lia a sátira á populaça, que ria às escâncaras. E eu de lado a revêr-me na obra e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio! Por um cabelo que não fui então mártir do génio! A vítima crucificada na porta da igreja não era das que dizem: *Senhor, perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!* Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento e deixou não só o fidalgo, que também o boticário em paz. Poeta era eu só naquele quadrado de dez

léguas: avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberára, abafaria aquele respiráculo de detracção inimiga. O padre mestre avisou-me, horas antes, da espera e da sepultura. Fugi com o *magnum lexicon* debaixo do braço e com os ossos direitos que aquela terra ingrata me queria comer».

De Lisboa, a breve passo, Camilo foi para o Pôrto e, de lá, um belo dia, porque as recordações dos tempos idos mais o incitassem, voltou para a Samardan. E foi então que recebeu os tais aneis... Românticamente os recebeu duma mão de mulher.

O casamento fôra para êle uma passageira aventura. Se nos interrogarmos neste ponto sôbre o motivo que o levou a um acto em que a paixão, dócil de mais à vontade dum sogro ambicioso, não havia de ser muita, temos de fixar o seu temperamento de sensual, um pouco grosseiro, sem uns requintes de delicadeza que fôssem bem com o sentir dum bardo que canta, idealmente, os seus amôres. Havemos de vê-lo assim pela vida fóra, amando sempre, amando com a ância sôfrega da posse, o crepitar dum desejo irreflectido, arrebatado, que, satisfeito, nada deixa de si, e, por consequência, a incapacidade para uma vida tranqùila, de amorosa paz, que não teria, mesmo que circunstâncias diversas não viessem impedi-la, na intimidade do seu primeiro lar.

Na vida de Camilo ha a pôr em destaque, para um lugar primeiro, a sua feição amorosa: êle foi

um sacrificado ao amôr, como já o haviam sido, em linha de curta ascendência, os seus maiores, e como a mais que qualquer dêesses, elle tivesse ainda o amôr às letras, toda a pequenina paixão se engrandecia, enriquecida pela sua imaginação exuberante, romantizada pelo seu génio de artista. Junte-se êsse vidro de aumento, que existe vulgarmente na consciência do artista pelo que toca a assuntos de coracão, a uma pronunciada tendência hereditária e mais à ância de procurar affectos fortes, natural em quem, como êle, cedo tinha ficado quási só no mundo, e ter-se-há justificada a maneira preponderante como o amôr influiu na vida inteira de Camilo, tornando-se o timoneiro das suas acções, o árbitro superior do seu destino.

Enquanto Joaquina Pereira, em Friume, com uma filha nos braços, chorava a ausência do marido, Camilo, indo a Samardan matar saudades, deixava-se prender pelos encantos da Maria do Adro, camponeza do lugar. A rapariga era triste, desde que uma doença lhe levara as louçanias melhores da mocidade, e, como ao romancista agradasse essa melancolia de sempre, que a fazia contemplativa, guardando-se com os seus pensamentos da alegria bulhenta das mais, aí começou um honesto dílio, conversas ao crepúsculo com extasis pantheístas, promessas, juramentos, toda a poesia ingénua dum singelo amôr de adolescentes.

«Estes aneis, meu caro Barbosa — escreve Camilo nas *Duas horas de leitura* — deramos a Maria

do Adro. Sabes tu lá quem era a Maria do Adro?! Desce da elevada esfera por onde voejam as tuas preocupações, cá abaixo, ao raso de uma mulher do povo. Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha desasete anos. Fôra bonita até aos quinze; depois, uma enfermidade grave emagrecu-lhe a face, amareleceu-lhe a pele, e sugou-lhe a ceiva que viçava em flôres por todo aquele rir e olhar de descuidosa inocência. À mudança de semblante correspondeu a da alma. Fez-se melancólica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas de linho. Chamavam-lhe *môna* as azougadas companheiras, e ela o que respondia às provocações era:—*Andai, andai, raparigas; eu também me diverti assim, quando tinha saúde*. E muita divertida dizem que ela fôra. Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre-mestre, com versos certos e sentenciosos. Minha irmã disse-me uma vez:—*Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril que não parece do seu tracto*. Isto impressionou-me e eu reparei na moça, que até ali me fôra indiferente.

«Reparar, quando o coração repara mais que o juízo, é amar. Achei a tal distinção. Esqueci as perdizes e as ovelhas, ia, sempre que Maria estava em casa, sentar-me num toro de castenheiro à porta dela; visitava-a na leira, cortinha ou horta onde ela estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa e ela respondia-me sempre com o seu sorrído meigo,

dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira. Maria, de madrugada, não faltava à primeira missa. A aldeia tinha cinco padres; e eu, por causa dela (Deus me perdôe a intenção), ajudava às cinco missas, se Maria estava até à última; se não, não. Na quaresma era certa todos os domingos à tardinha na Via-Sacra, em redor do presbitério. Lá ia eu para a Via-Sacra, ouvir o número de gemidos que uma aritmética piedosa fez gemer ao Salvador do mundo. Minha irmã, que devia à devoção a sua felicidade, era quási sempre a que entoava as Estações. Tudo poesia para mim! Comecei a quinhoar da fé que a divina graça repartia por ambos. Minha irmã Carolina, que eu vira em Lisboa preparando-se para entrar no golfão das delícias brilhantes, onde é necessário para haurir o gôso completo esquecer a Deus!... ali, depois, entre quatro montanhas, aos vinte e dois anos, com um livro de Via-Sacra, ajoelhada, diante de uma cruz tosca!... Entre nisto meu amigo...

«Nos dias de calma, pela estação das segadas, eu ia sentar-me debaixo dum castanheiro vizinho da leira, à hora da sésta, conversando com Maria, enquanto as outras dormiam, ou pulavam em redor de uma viola. Nunca lhe disse que a amava. Parece-me até que não conhecia ainda êste verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: é o *plusquam imperfeito*. Que lhe diria eu?! Perdi a lembrança do colorido; retive, apenas, as imagens nuas daqueles quadros

de inocência. Sei que encostava a cabeça ao regaço dela, e êste grupo faziamo-lo com tanta singeleza, que a aproximação de alguém não nos assustava. Dado o sinal do trabalho, Maria tomava a sua fouchinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabelo. Eu, depois, saudoso dela, subia ao cerro de uma colina afastada, de onde nos víamos. Os segadores, se me enxergavam, faziam-me estridorosos apupos, à sua moda; e Maria, sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquela falta de respeito a mim. Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol, e os segadores saírem do campo. Maria, por caminhos travessios, saía-me ao encontro, e vinha comigo, quási sempre silenciosa ou recolhida em si. Enfastia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arripiarei os cabelos às minhas imagens.

«Três menses depois, mandaram-me sair da aldeia. O padre-mestre não me podia aturar. Tinha razão... Minha irmã, boa para todo o mundo, menos para mim, era indiferente à minha saída. Feriram-me todo o meu orgulho, e eu deliberei sair sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus num spasma, que a não serem as lágrimas, tomá-lo-ias por insensibilidade estúpida. Demorei-me algumas léguas distante, em casa de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de família, passados sete menses dos ociosos quinze

anos com loucuras dos trinta, intimou-me a saída de Lisboa, pena de considerarem o meu estômago uma víscera inútil».

Voltou então Camilo para as aulas. Terminados os preparatórios, matriculou-se na cadeira de química da Politécnica do Pôrto, em outubro de 43, e fez acto em 12 de julho do ano seguinte. Simultaneamente, como o tempo lhe sobejasse, segundo êle mesmo declara, estudou anatomia. «Eu morava na rua Escura—diz, no opúsculo *O general Carlos Ribeiro*—no bairro mais pobre e lamacento do Pôrto; um bêco fétido de coirama surrada em uma esquina que olha para a viela dos Pelâmes. Eramos dois os estudantes que ocupavam o terceiro andar com uma retorcida varanda de pau, esmadrigada, num escalbro de incêndio, debruçada em ameaças sôbre os transeuntes como a varanda de Damocles muito mais perigosa que a lendaria espada, cujo gume deve estar muito rombo e poído da esgrima dos erúditos em Damocles. No primeiro andar morava a proprietária, uma adela que nos cozinava certas iguarias dignas de ser expostas ao sêvo das aves de rapina no peitoril daquela varanda. Quanto a ratos era uma sucursal de Montfaucon. O segundo andar tinha escritos desde muito, e não havia homem desesperado, cançado da vida, que ousasse tentar o suicídio naquelas ruínas minacíssimas. Quem procurava casa olhava com terror, e seguia o seu caminho, como se ali morassem os leprosos de Xavier de Maistre». «De dois condiscípulos sómente me re-

cordo bem — conta ainda Camilo no *Cavar em Ruínas* —: Um era o melhor estudante; o outro, último da lista, seria o pior do curso se eu lá não estivesse. O primeiro era farmacêutico: chamava-se Francisco Pereira Amorim Vasconcelos. O outro era alferes de infantaria, filho de gente notável do Pôrto, duelista, peralta, galã de muito boas trêtas: chamava-se Antonio Augusto de Macedo Passos Pimentel. O seu mais amigo condiscípulo devia ser o mais inimigo da química: era eu. O nosso lente, o senhor frei Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto, nunca teve o gôsto de nos ouvir. Quando nos chamava, ou não nos via, ou nós não tínhamos visto o compêndio, que por sinal se chamava o Lassagne, parece-me que era; pela ortografia do nome não fico. Fugíamos da aula de cócoras, quando o sol de Deus nos estava incitando à rebelião. Com que tristeza eu via o sol e invejava a minha vida lá das serras de onde viera a estudar o sesquióxido de ferro e o bicarbonato de soda naquelas frias salas do convento da Graça! O meu condiscípulo Passos abundava nas minhas ideias líricas àcerca do sol. E por isso fugíamos às recuadas, quando o nosso condiscípulo farmacêutico tinha absorvidas as atenções com a sua eloquência recamada de *protos*, de *deutos*, de *bis*, de *sesqui*, de *pilhas*, de *retortas*, e várias coisas com que os homens entretêm a vida para não morrerem de tédio. Não me lembra já se o alferes fez acto de química. Eu fiz. O meu ponto era o *Kermes mineral* e não sei que mais. Tirei-o

com outro infeliz da minha tempera em química. Fui para um quarto andar onde morava na rua dos Pelâmes. Do quarto andar subi ao telhado com o compêndio e uma viola. A mulher que eu amava, vivia numa trapeira da rua do Souto e estava lá a mondar mangericões. Vi-a, sentei-me na espinha do telhado, e, ao arpejo da viola chuleira, cantei-lhe umas trovas, que eram a negação de toda a química, ou se pareciam com as teorias da sciência em formarem no telhado o polo positivo com que as correntes eléctricas se haviam de estabelecer, dado que a vizinha se constituísse polo negativo: como de facto. Assomou ao telhado o estudante emparelhado comigo para a hecatombe do dia seguinte: ia estudar, comunicar-me os seus conhecimentos e participar dos meus. Que chalaça! Traduziu péssimamente os prologomenos do compêndio, e foi-se convicto da sua perdição e da minha. Ao anoitecer ainda eu não sabia a que página do livro estava a matéria do ponto. Deliberei ás nove horas da noite não fazer acto, e fui ouvir música à porta do quartel general. Estava eu embevecido na ária da *Norma*, quando senti no hombro pousar-se-me amigável mão. — *O senhor por aqui?* perguntou-me alguém. Voltei-me e vi o meu sábio condiscípulo Amorim de Vasconcelos, o estudante premiado, que, naquele tempo, devia orçar pelos seus trinta anos, e já era administrador da botica do hospital da Trindade, se bem me lembro. — *Por aqui em véspera de ponto?!* tornou êle — *É verdade. . . — Já estudou? — Nada. —*

Então?!—Não vou fazer acto.—Porque não sabe o ponto?—Justamente.—Venha comigo, que ensino-lho. Venha, que é uma desgraça perder um ano!

E levou-me pelo braço. Escutei-o até às duas horas da madrugada. Quando saí, sabia o ponto, sabia os rudimentos da química, sabia a história e a filosofia da ciência, conhecia Berzelius, Gay-Lussac, Orphila e não sei quem mais. Adormeci como um justo e acordei com a cabeça mais pesada que uma igual porção do *Kermes* do ponto. Soou a hora do acto. Já de antemão os condiscípulos me davam os pêsames: dizia-se que eu, além de ser um parvo quimicamente falando, tinha quarenta e oito faltas, afóra vinte e duas abonadas, sete *negas* e cinco *fugidas*. O senhor Santa Clara estava na presidência com ar fúnebre. O meu consócio do holocausto entrou como moribundo que não pudesse morrer sem fazer acto de química. Eu ia alegre com a minha ciência e três cálices de licor de canela. Que acto eu fiz! Desenruguei a fronte do lente, enchi de júbilo os argüentes, espantei os condiscípulos e fui aprovado *nemine discrepante*. E, o que mais é, salvei o meu condiscípulo, que tinha sido menos boçal do que eu, e frequentára exemplarmente... os bancos da aula. Se eu não fui reprovado, fôra escandalosa a reprovação do outro. Deram-lhe um *r*, que êle agradeceu com o coração nos lábios não masculados de uma só palavra escoreita em matéria de química. Amorim abraçou-me, levantou-me à altura da sua ótima

cabeça e disse-me: — *Se não fossem as negas e as fugidas, o prêmio devia ser seu!* Radiava de alegria o bom homem! Tinha razão: fizera-me êle o assombro de todos; criara-me a reputação em quatro horas, com a sua linguagem tersa, clara, insinuante e amena, como devêra ser o método de quem ensinasse química a senhoras».

Enquanto, no Pôrto, Camilo ia levando uma vida estúrdia de estudante, Joaquina Pereira, em Friume, sofria toda a dôr de um abandono quási sem esperança e a Maria do Adro, sem novas dêle, pensando talvez na inconstância do namorado, ia consumindo a vida, moendo-se de saudades pelos campos trasmontanos. Confessa Camilo que, no Porto, sentiu «vivas saudades de Maria e também remorsos de a ter esquecido quási, em Lisboa» ¹. Esquecimento êsse, talvez provocado por uma certa Amélia lisboeta que mereceu o favor das suas rimas...

Como aquele amôr nascêra
Tenho uma vaga lembrança...
Da lua um raio descêra,
E, d'improviso, ilumina
As feições de jaspe, imóveis,
D'anjo... não... nem de mulher.
Moça, tão moça, e menina,
Os seus segredos, se os tinha,
Nem a arte os adivinha
Quando sondá-los quizer.

¹ CAMILO: *Duas horas de leitura.*

.....
À noite, á beira do Tejo
No esplêndido cristal
Daquelas ondas dormentes,
Parecia a vista encantada
Numa visão...

.....
Amélia a filha dos sonhos,
A rival dos anjos vinha
Povoando aqueles mundos
Para mim, que mundos tinha,
No coração, para dar-lhos.

.....
Como aquele amôr nascera,
Tenho uma vaga lembrança...

.....
Amélia, recordas
Aquelas noites do Tejo,
Quando vinha dar-te um beijo,
A brisa que te dizia
O que não fazia o pejo?
Em redor de nós viviam
Vida diversa da nossa
Teus irmãos e mãe, que viam
Em nosso amôr um gracejo...

.....
E quem diria, meu anjo
Tutelar da minha infância,
Quem diria os mil poemas
Daquela estática ância?
Se nos vissem sós... recordas?...
Naqueles dias tão breves,
Em que te disse... que disse?...
Palavras, não, que não pude,
Por mais que à alma as pedisse,

Dizia-te o que era êste ardor
Êste mistério profundo,
Êste elevar-me tão alto
Das coisas baixas do mundo!...»¹

Camilo teve depois saudades da Maria do Adro. Mas a pobre rapariga, lá longe, de cada vez mais débil e mais triste, não podendo sequer receber dele duas palavras de amor—porque não sabia lêr, entrou de adoecer, e piorar, piorar sempre, a ponto que, quando êle resolveu voltar, passados mêses, já a não encontrou:—tinha morrido. Como êle soube a má notícia, vem contado ainda nas *Duas horas de leitura*:

«Esperava com ância as férias-grandes,—escreve Camilo—e afigurava-me o júbilo com que ela me veria, depois de quinze mêses. Quantas vezes eu ia do atrio do Bomfim pasmar os olhos naquelas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia... Chegaram as férias, fiz acto de anatomia, e fui premiado com um indulgente *R.* De boa vontade aceitava eu três, contanto que me deixassem sair mais cedo. Esperava-me o cavalo com a magra mala. O arrieiro perdeu-me de vista em Valongo, e encontrou a meio-caminho o cavalo aberto dos peitos, com não sei quantas sobrecanas de mais, e ferraduras de menos. Aluguei em Amaranthe uma égua muito nervosa ao estímulo da espora,

¹ CAMILO: *Um livro*.

e, em dia e meio, venci as oito léguas. Quando vi as montanhas da minha terra adoptiva, alvoreceu-me um arraiar de alegria na alma, que não sei dizer-te! Era não sei que parecia com o trinar dos passari-nhos em aurora de estio. Tinha vontade de cantar, de rir, de poetar, de beber a longos sorvos um ambiente balsâmico em que o meu coração doudejava embriagado! Já via os castanheiros seculares a circundarem a casa de minha irmã. Já tinha encontrado duas pessoas vizinhas dela. Estive quasi a apelar para abraçá-las! Não sei que traços de parecença eu achava entre Maria e as duas moças que cegavam herva num lameiro contíguo à estrada.— *Já não conhece a gente?!—disse uma delas.— Conheço, Luizinha, conheço Ana; pudéra não conhecer! Como estão vocês! rijas, hein?—Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe?—O quê?—Pois não sabe que a Maria do Adro...—Que tem? está doente?—Está com Deus... morreu faz amanhã um mês.*

«Meu caro Barbosa, tu crês nas lágrimas aos dezasete anos? O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentânea. Fugiu-me a rédea da mão, e apertei instintivamente os joelhos ao selim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lágrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa semelhante a um estalo. Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma delas disse à outra:—*Eu não te disse que elle era muito amigo dela?*»

Vinte e quatro horas depois, a convite de seu cunhado e com o auxílio dêle, Camilo abriu a sepultura de Maria, desenterrou-a, viu-a, e tal foi a impressão sentida que, quando, ao outro dia, o médico, sósinho, preparava o esqueleto da camponeza morta, o futuro romancista sofria no leito os primeiros assaltos de uma febre cerebral intensa que o prostrou. Dêsse factó nos aparece a narrativa na seqüência do capítulo citado das *Duas horas de leitura*, se bem que o decorativo dum anoitecer de tempestade, com silvos de ventania e clarões trágicos de relâmpagos, possa ser um devaneio fantasista do romântico que se comprazia em pôr aquele caso lúgubre num belo quadro de horror e de tortura.

«Lembra-me—diz êle—que fuzilavam os relâmpagos duma trovoadade de Agosto quando entramos na igreja, pela porta da sacristia. Já lá tínhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na igreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei maquinalmente, e senti os sustos dum sacrílego. Meu cunhado deu-me ânimo com um riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentamo-la no pendôr com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as táboas laterais do esquife. Não consenti daí em diante o uso da enxada. Tirei a terra às mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as fórmias de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti

cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebras, e pedaços de hábitos mortuários, contudo angustia-me uma sensação de náusea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei. Meu cunhado, vendo-me descórar, ofereceu-me um vidro de espírito que eu não aceitei. Prossegui na exumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadáver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas; tirei devagar o pano, e vi Maria. Permaneci quieto não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sôbre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma nesses lances creio que se aniquila. Há dôres com que o homem não póde, e Deus, quando as dá assim, permite a letargia, a morte passageira, a paralisia dos órgãos condutores da impressão. Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de médico, e affectou um ar de estranheza que eu antes quizeria não fôsse fingida.

«O resto do trabalho fê-lo êle. Eu sentei-me na cadeira paroquial, procurando as minhas ideias, que me fugiam aos turbilhões. Como privado da alma, o estrondo exterior azoava-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da igreja, e o ranger das árvores que açoitavam as cornijas. Eu estava como tranzido de medo. Era no estio, e sentia uma especie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito. O cadáver foi lançado num cesto. Esperamos que anoitecesse, e eu tomei uma

aza do cesto, ajudando a transportá-lo para uma mina sêca, na margem do rio. O dia seguinte fôra o designado para dissecarmos o cadáver. Prepararam-se escalpelos, tesoiras e bisturís, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada à cama, e achou-me passeando no meu quarto.—*Já a pé!* disse êle, admirado.—*Ainda me não deitei.*—*Como?!* E abriu uma janela para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher à cama. Quiz resistir à ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumpri-la. Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui, perguntei que remédios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com panos ensopados em vinagre na cabeça. Recordo-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros:—*Diz minha cunhada que muitas pessoas desta família endoideceram...* »

II

1845 - 1848

Camilo, depois do episódio de Maria do Adro, findas as férias, veio matricular-se no segundo ano da Escola Médica do Pôrto e, passado pouco, perdido o ano por faltas, retirou para Vila Real, decerto mais leve sem o encargo estopante daquela formatura.

Percebe-se que assim fôsse. Camilo levava por êsse tempo uma vida alegre de boémio. Já então a sua veia humorística se revelara nuns folhetos satíricos hoje raros e no episódio espirituoso do duelo simulado na Torre da Marca. E essa vida que mais podia ser a dum ocioso que procura divertir-se, passar o tempo, — com as suas serenatas românticas, os seus derriços, a tentação do botequim — não era decerto a que convinha a quem pretendia, para satisfazer um sogro de Friume, obter um diploma de doutor. Depois, os cursos, entre nós, nesse tempo ainda mais do que hoje, mal organi-

zados, aterrando por uma complexidade toda materialona que solicita o esforço das memórias mais bem dotadas e nada quer das faculdades de inteligência, aptas a uma clara compreensão mais racional e mais profícua, fizeram-se de tal modo o privilégio de vocações esporádicas de inteligentes erúditos e da multidão dos menos lúcidos, cuja deficiência se acomoda sem custo ao trabalho material mais torturante e os força a sinceramente encarar sem um sorriso o pedantismo vulgar nos professores.

Camilo Castelo Branco, de índole avêssa a docilidades de colegial, inteligente de mais para estar bem numa organização a tal ponto atrasada e deprimente, pouco estável, ainda, numa resolução ou num projecto, ficou sem o seu diploma de bacharel, como de resto homens eminentes como Herculano e Oliveira Martins também ficaram, sem que por isso a sua obra fôsse menos grande ou a falta da chancela oficial prejudicasse o seu saber. Era o que ignorava o tendeiro de Friume, insensível aos rogos da filha, condenada, pela ambição dum papelucho selado, a essa viuvez que começou dias depois do casamento e havia de a acompanhar irremediavelmente até morrer.

Falei do duelo simulado na Torre da Marca. Num artigo com a epígrafe *Que saúdade!*... inserto no n.º 7 das *Noites de Insónia*, dá-nos Camilo a descrição dessa espirituosa scena de comédia: «Folheando acaso a *Revista Universal Lisbonense* de

1845 — escreve o romancista — li pela primeira vez a seguinte notícia :

UM DUELO DIGNO DE LOUVOR

(CARTA)

Porto, 10 de maio de 1845.

Snr. redactor.—Peza-me o não ter sido testemunha ocular de um caso acontecido aqui, a 5, pelas 4 horas da tarde, e em que se há-de falar por muitos dias.

Tinha-se espalhado que dous estudantes da arte amandi, fortíssimos no capítulo dos ciumes e rivais por uma triste fatalidade (porque segundo os snrs. estatísticos há mais mulheres do que homens, e por isso os zelos masculinos quanto a mim deviam ser proibidos); estes dous meninos, digo, ambos com o sangue na guelra, tinha-se espalhado que a essa hora combateriam em duelo de morte (que sempre é obra mais asseada), sendo o sítio da execução o campo da Torre da Marca, padrinhos, outros académicos, e as armas, pistolas.

Concorreu toda a gente que pôde (eu só faltei por estar com um ataque de gota, nos pés se entende); e não só o povo, mas dous regedores, cabos de polícia, um destacamento de tropa e muitas mulheres (não admira, a festa era em nome e louvor do sexo, nada prova tanto os seus feitiços como

umas tripas ao sol); só faltava a tumba da misericórdia, diz hoje com muita graça o «Periódico dos Pobres». Sôa a hora; aparecem os dous Quixotes montados como dous Sanchos em burros lazarentos de albarda rota e freio de corda mas muito arrogantes na catadura (não os burros, porém os campeões); um dos regedores, aliás bom homem, desaprovou com destempero que duas figuras daquele feitio brigassem à pistola; mandou-os apear e aos soldados que os prendessem; o povo, que não queria perder as passadas, murmurava contra o regedor, muitos estudantes já começavam a vociferar, um dos duelistas procurava convencê-lo em segredo; o magistrado via-se perplexo e creio que assustado.

Apressou-se em passar por mão o negócio para superior instância: acompanhou os zelosos à presença do administrador do bairro. Foi aí que se descobriu a chave do enigma:—os maganões declararam que o seu único intuito fôra fazer aos duellos a guerra do ridículo; mostraram que as suas pistolas levavam pólvora mas não bala, e afirmaram, o que era verdade, que entre os dous não havia nenhuma Dulcinéa. Afóra o regedor, todos riram muito; e o administrador mostrou ter pena de que se não tivesse chegado a representar uma farça que poderia ter talvez prevenido algumas futuras tragédias.

UM TRIPEIRO VELHO QUE NUNCA BRIGOU
NEM HÁ DE BRIGAR.

«Fala-se aí em *dous meninnos*. — comenta Camilo — Ai! um dêsses meninos era o sr. Freitas Barros, actual secretário da administração do concelho de Coimbra. E o outro menino era... eu! Direi alguma coisa nos pontos em que o correspondente do Pôrto foi omisso. Eu vestia casaca preta de abas em triângulo isósceles com a gola em promontório, convexa, redonda e algum tanto sebácea. Na lapela esfarpelada alvejava uma camélia simbolizando tenção amorosa à míngua da charpa dos Amadis e Lancelotes, meus hercicos antecessores. Os colarinhos de papel almasso embeizavam com os arcos amarelos dos óculos. A gravata era británicamente branca, e absorvia-me o queixo de baixo na circumspecta gravidade dos desembargadores daquele tempo. Recordo-me das luvas que eram de lã verde com um antebraço que lhes dava uns longes de manoplas. Em uma das botas duvidosamente marialvas, luzia o espigão duma espora sem roseta. O chapéu de castor, derribado por gebadas *ad hoc*, desformárase nas fórmias caprichosas de barretina de lanceiro. Se bem me lembro, o meu adversário Freitas Barros vestia o mesmo uniforme, tirante o chapéu que era de bicos, em arco, de alterosas badanas um pouco desengonçadas pelo atrito de meio século. E neste feitio, depois de presos, atravessamos a cidade, desde a Torre da Marca até à rua do Almada, bifurcados nos burros espavo-

ridos pela grita do gentio que exultava naquele intervalo de imprevisto carnaval. Claro é que a minha postura e a plástica do trajar eram bastante ingratas aos efeitos oratórios, posto que a retórica não fôsse de todo parvoa. Dei ao meu braço direito, durante o discurso, um movimento pendular que depois vi perfeitamente arremedado no parlamento pelo sr. Martens Ferrão. E, dado que, tanto nas posturas como nas expressões, eu mantivesse a seriedade compatível, o magistrado, que se chamava fulano Mendanha, não sustentou a gravidade consentânea ao acto, porque me interrompia com espirros de riso assás funestos aos golfos da eloquência de quem quer que seja. Não obstante, a autoridade compoz sisudamente o aspeito neste lanço do meu discurso: *Sr. administrador! O ridículo, na questão sujeita, pôde contribuir para defecar a humanidade de um crime que a lei não evita nem pune. O duelo, il.^{mo} sr., só deixa de ser ridículo quando há uma vítima, quando há sangue e lágrimas; e, assim mêsmo, ninguém sabe dizer qual é o honrado, se o que morre, se o que mata, etc., etc., etc.* Lembra-me que me fiz forte com Voltaire, como se o tivesse lido. Eu não tinha ainda 19 anos; e, naquela idade, dou palavra de honra que era estudante sem compêndios, e o mais ignorante que podia ser um rapaz que entranhadamente execrava livros, e amava o sol e tudo quanto êle cobria, exceptuados os livros e os sábios. Finalmente, o jovialíssimo Mendanha man-

dou-nos embora; e nós de ali saímos com a consciência convicta de haver escrito um brilhante capítulo na etologia nacional, e com o estômago palpitante de sorrisos para uma merenda condimentosa no *Rainha* da Praça Nova. Eu não me considereei então ridículo a despeito da hilariedade das multidões. Ridículo me vi eu dez anos depois, quando saía de um duelo com uma cutilada; e, olhando para ela, me acudia à memória o meu discurso ao administrador Mendanha... Mas... que saudades!

Camilo era um cábula. Êle próprio no-lo afirma sob a sua palavra de honra. E, assim, fácil é compreender como, perdido o ano, sem coragem para aparecer ao sogro de Friume nem ao austero padre Azevedo, correu a acolher-se à protecção dum tio afim, residente em Vila Real e que êle próprio depois chamou analfabeto. Êsse tio, João Pinto da Cunha, era miguelista ferrenho e tão conceituado entre as hostes agitadoras dos defensores do rei proscrito, que o padre dr. Cândido Rodrigues Álvares de Figueiredo e Lima, lugar-tenente do sr. D. Miguel I, prometeu nomeá-lo corregedor da comarca logo que se dêsse o grito em Trás-os-Montes.¹

A política, por êsse tempo, era agitada e turbu-

¹ CAMILO: *Maria da Fonte*.

lenta. Nessa luta continuada e persistente entre a idiosincrasia dum povo e um sistema estrangeiro a que à força quizeram adaptá-lo, nessa sucessão de episódios inesperados e vários, com manchas de sangue e lances de comédia, que foi muito tempo a campanha para a implantação perfeita do constitucionalismo em Portugal, surgia, nesse momento, um homem de qualidades extraordinárias, espírito vivíssimo e arguto, resistência inquebrantável, imagem do cinismo inculpida numa lâmina de aço, sem fôrça, ainda assim, para romper abertamente o despótismo das fórmulas, mas audaz bastante para, encarando-as bem de frente, se rir delas. Era Costa Cabral. E essas eleições de 45, que êle venceu, constituem de per si o mais sarcástico e esmagador libelo contra um sistema bastardo, que só logra sustentar-se na imobilidade da impotência ou no cinismo da trapaça. «Vencer por fas ou por nefas as eleições, nesse ano de 45 da decisiva batalha, era para Costa Cabral o mesmo que viver ou morrer. Lançou, pois, mão de tudo, e foi às do cabo. Três câmaras municipais protestaram, vindo a Lisboa os vereadores implorar à rainha: à de Evora voltou-lhe ela as costas, a de Vila Franca foi prêsa, e ambas, com a de Faro, dissolvidas..... Nenhuma das conhecidas tricas para levar a Urna a dizer o que se deseja—como nos velhos oráculos sagrados!—fôra esquecida pelo govêrno. Os recenseamentos eram tais que não incluíam nomes como os do marquês de Niza,

do Fonte-Arcada, do Felgueiras, juís no supremo tribunal, de Garrett, etc. Incluía, porê, mendigos e lacaios, aguadeiros e defuntos; incluía nomes imaginários, e soldados e marinheiros. As listas eram marcadas: transparentes, pautadas, carimbadas, tarjadas, numeradas. Os indivíduos influentes e perigosos eram presos arbitrariamente..... Os governadores civis distribuía aos galopins mandados de captura em branco. E onde as tricas não bastavam, aparecia a fôrça bruta..... Por toda parte houve prisões, mortes em muitos lugares..... Para forjar um simulacro de parlamento, para aguentar a sofismação da doutrina, chegava-se à máxima tirania, atacando-se as mais necessárias garantias dos cidadãos». ¹ As urnas cercavam-se de baionetas; a tropa atirava—a matar. E o rijo beirão, aprumado no primeiro degrau do trono, junto à soberana que o cumulava de honras, sorria lívido, com o seu amargo sorriso de triunfador insatisfeito, e pensava que, não podendo espatifar de pronto um regimen que insistia em viver sôbre um inane pedestal de tropos e mentiras, o melhor que tinha a fazer era empalmá-lo. Um ano antes, Torres Novas quizera reagir, e o ministro, com alguns batalhões de vantagem, dominára-a. Mas os políticos moviam-se irrequietos,

¹ OLIVEIRA MARTINS: *Portugal Contemporâneo*. t. II.

porque aquele homem, grande de mais para um sistema que só demanda autómatos, calcava sem piedade os seus sonhos doutrinários ou destruiu indiferente os seus interesses de ambição. Era um cético, vigoroso e rude, caído numa sociedade de idealistas ingênuos e vaidosos impacientes. Tornava-se mistér vencê-lo, anulá-lo, pô-lo fóra da igreja constitucional como um intruso. Mas como se não havia soldados? como, se não havia sequer o dinheiro preciso para mandar vir de fóra nas cartucheiras de bandoleiros bêbados, pronta a servir — uma revolução? Restava disponível para explorar e torcer à mercê dos intuitos duma oposição política levada ao paroxismo, uma fôrça formidável que o conde de Tomar e seu irmão José não cuidaram nunca de chamar a si: — o povo. O govêrno proibira os enterramentos nas igrejas, quis tornar máximamente produtiva a colheita do imposto: e a população das aldeias minhotas, fanática e analfabeta, açulada pelos farrapos do legitimismo escasso, instigada pelos padres, fazia ouvir por todo o norte do reino êsse surdo rumor que nos vulcões anuncia a eclosão duma cratera.

Com as coisas neste pé, Camilo foi para Coimbra estudar preparatórios de direito, regressando a Vila Rial quando, por virtude da revolução popular, as aulas se fecharam. Foi nessa altura que, à saída de Penafiel, Camilo e um seu companheiro de viagem receberam aviso de terem pela vanguarda

a uma guerrilha de rialistas, capitaneada pelo tenente Milhundres. «Quiz o meu companheiro retroceder — conta o romancista nas *Memórias do Cárcere* —; mas eu convenci-o da desnecessidade e fugirem aos realistas dois pobres académicos que se presumiam política e socialmente indefinidos neste mundo. Fomos à frente. Exactíssimamente: lá estava, na quebrada de um serro, densa multidão de gente armada, com as armas embandeiradas de escarlate. A tiro de bala, mandaram-nos fazer alto, e nós paramos, fiados na lealdade dos parlamentários, que vieram a nós com as clavinas no pescoço. Eram dois, com o caudilho à frente. Milhundres era homem mal encarado. Cincoenta anos de idade, e grisalhas as barbas. Vestia casaco de miliciano com insígnias de tenente, e dragonas de capitão mór. Trazia a banda a tiracolo, e uma longa espada de misericórdia enfiada num boldrié de couro de anta. — *Quem são, e donde vêm?* disse o capitão. — *Somos estudantes e vimos de Coimbra.* — *Quem vive?* tornou êle. — *O senhor D. Miguel!* respondemos. — *O senhor D. Miguel* PRIMEIRO! replicou o guerrilheiro, acentuando a palavra sufixo, como se a nossa profissão de fé, sem a adição, ficasse equívoca. — *O senhor D. Miguel* PRIMEIRO! repetimos, sacudindo os gôrros. — *Então, quem são os vossos, retrucou Milhundres, apontando lá para a rectaguarda, que nós vamos entrar em Penafiel. Precisamos de quem escreva proclamações ao povo, e os senhores, se são estudantes, hão de*

fazer coisa que se veja. Consultei a minha bossa das proclamações, e disse: — *Vamos lá!* O meu companheiro estava enfiado, porque receava que o general guerrilheiro o nomeasse chefe de estado maior. Eu achava extrema graça a tudo aquilo. Entramos em Penafiel. Quando surgimos no cruzeiro que se ergue ao topo da primeira rua, os moradores da cidade começaram a fechar as portas. — *Que ovação!* disse eu ao meu condiscípulo. — *Disse hia que somos malta de salteadores que irrompemos das brenhas!* — *Se pudéssemos fugir!*... murmurou o meu amigo. — *Cala-ta, que isso é sério* disse eu. Milhundreds entoou os vivas aos quais respondemos entusiásticamente. Ao fim da rua engrossaram as nossas forças com tres maltrapilhos armados de foices, e defronte da cadeia fizemos junção com um alferes de milícias montado e alguns pedestres em tamancos. Repetiram-se os vivas. — *Primeiro que tudo,* disse o chefe, *vamos a igreja dar graças a Deus.* Era um *Te-Deum* económico, com profusão de fervor religioso. Abriu-se de par em par o templo. E os valentes prostraram-se, e resaram o *bemdito* com grande estridor de vozes. Evacuado o templo, disse eu a Milhundreds — *É necessário proclamar?* — *É, vá vocemecê escrever um edital, e o seu companheiro outro,* respondeu o caudilho. — *Onde é o quartel general?* perguntei. — *Não sei por ora. Vocemecês onde se vão aquartelar?* — *Na estalagem do Mulato.* — *Pois então é lá. Eu vou nomear autoridades, e lá vou ter*

Amanhã vem aqui fazer junção connosco o brigadeiro Bernardino. O Mac-Donell já está em campo, e o Cândido de Anêlhe é seu secretário. Diga lá isto a vocemecê na proclamação.—Muito bem. Galopamos para o quartel general.—Vamos proclamar? disse eu ao meu companheiro.—*Pois vai que eu, em chegando ao cimo da rua, enterro as esporas nos ilhais do macho,* respondeu êle com as côres ainda quebradas.—*Pois não achas isto bonito? Acaso estarás mais divertido na tua aldeia? tiremos partido de tudo, enquanto não cheira a pólvora. Vamos colaborar numa proclamação em estilo bíblico.—Pois fica, se achas graça a isto: eu decerto fujo.—Pois então também eu, que me parece estúpida a farça se me deixas em monólogo.* Era fácil e segura a fuga, mas honrosa não me pareceu muito. Eu ia envergonhado do meu procedimento, e compadecido do cabecilha. Pareceu-me desgraçado aquele homem, e daí vem o devaneio da simpatia que lhe ganhei. Além de que, de mim confesso sem pejo que me não seria difícil escrever uma proclamação sentida; gramatical não direi. A minha família era miguelista, e festejava, como em sinagoga recondita, os dias solenes da sua crença. Milhundreds seria o bem-vindo e honorificado em casa de minha família. Ia-me por isso a consciência recriminando de mau coração, de covarde ânimo, e de apostata vilão. Tudo isto me esqueceu quando cheguei a Amarante, e só me tornou à memória

quando vi, em 1861, entrar Milhundreds prêso nas cadeias da Relação.»

Chegou Camilo a Vila Rial hospedando-se em casa do tio rialista. Lá, como em todo o norte, ouviam-se já vozes de guerrilheiros que aclamavam D. Miguel. O general escossês Macdonell só meses depois appareceu à frente das suas fôrças, mas os elementos do partido legitimista, que ainda eram importantes, de há muito que vinham preparando a revolução. «Se ainda o não tinham conseguido é porque as desavenças e as rivalidades dos que estavam de fóra, e de longe jogavam com a vida dos outros, criavam conflitos que não tinha sido fácil resolver». Em carta-régia datada do *Paço em Roma* em 26 de maio de 1843, D. Miguel nomeia o escossês «General em Chefe e Director Militar, no Reyno» para que possa desde logo «tratar, independentemente, da organização dos elementos de huma força, que opere effectivamente, como e quando as circumstancias o permittam». E feita a nomeação, Macdonell não se conserva por muito tempo inactivo. «Já dêsse mês de Maio de 1843 apparecem cartas dêle a um dos chefes miguelistas do Porto, João Ferreira Rangel, recomendando, mesmo de Londres, ser preciso trabalhar sem demora, para um movimento militar, e pedindo aos directores da revolta dentro do país, que juntassem qualquer fôrça, por pequena que fôsse, dentro da província do Minho, *por modo a dar o exemplo às outras províncias*. Escrevia em hespanhol e lem-

brava *que a ousadia, quando guiada pela experiencia, tinha como resultado verdadeiras maravilhas. Perguntaram-lhe de cá se a cousa estava para breve. Êle respondia: que seria para muito breve, porque era sua opinião que, naquele ano, se decidiria da sorte de D. Miguel.* TAN FIRME ESTOY EM ESTA CRENCIA QUE SI NADA SE EFECTUAR EN EL CURSO DEL PRESENTE ANO, YO POR MI ABANDONO LA CAUSA». ¹

Camilo, «de pé, sobre o balcão do Zé-da-Sola, em Vila Rial, um logista de cabedais de bezerro e vaca, muito legitimista, declamava enfaticamente e com os gestos mais violentos as proclamações do Padre Casimiro estampadas no *Periódico dos Pobres*, e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fénelon, enviada pelo correio à senhora D. Maria II. Era—diz o romancista ²—uma carta convulsionada de profecias tragicas, às quais se dava toadas funérias, expedições guturais como diz Renan, valha a verdade, que faziam Ezequiel e Habacuc. A turva que me escutava, toda orelhas, trovoava urros de um vandalismo que sobrepujava as minhas córdas vocais. Havia cabeças de granito que choravam como os penedos bibli-

¹ *História de Portugal, popular e ilustrada*, de Manuel Pinheiro Chagas, continuada desde a chegada de D. Pedro IV à Europa até nossos dias por J. BARBOSA COLEN. Decimo primeiro volume. MDCCCVI.

² CAMILO: *Maria da Fonte*.

cos; e velhos bachareis formados, antigos juizes de fóra, com o simonte engatilhado aos narizes e as mandíbulas num prolapso de espanto, diziam:— grande homem é o padre! é o 2.^o José Agostinho de Macedo! E eu, na qualidade de declamador correcto, prosódico e muito mímico, attribuia-me um quinhão daquelas ovações, muito menos explosivas quando o leitor era António Tiburcio, o meu amigo de infância que morreu há muito, depois de ter governado o districto muitos anos, mantendo-se, com um grande tino, na média, entre a República e o Absolutismo. Havia senhoras realistas, filhas de capitães-móres, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição, às quais eu lia as peças do *General das cinco chagas*. Em algumas casas brazonadas acendiam-se castiças com bo-beches de papel verde nos oratórios de talha dourada, e faziam-se préces votivas, bastante caras, a vários santos muito anteriores à formação do regimen parlamentar, e por isso talvês indifferentes à revolução de 1820 e à politica de Vila Rial. De permeio com as jaculatórias, bebia-se muita gero-piga capitosa para, por meio da eterização alcoólica, dar alôr aos voadouros da esperança. Que noites de alegria doida naquele inverno de 1846! »

Inverno?! Não. Camilo precipita aqui um pouco... as estações. Por certo o seu melhor tempo de Vila Rial foi aquele que consumiu, não sómente empoleirado nos coiros do Zé-da-Sola a cantar as loas do padre minhoto com musica do *rei-chegou*,

mas também gosando as noites de festa em casa de D. Rita Moreira, onde os serões eram animados e se fazia música excelente. Por uma sobrinha d'essa senhora, Patrícia Emília, apaixonou-se o romancista. O drama *Agostinho de Ceuta*, representado num teatro que o próprio autor improvisou, foi escripto para que ela o ouvisse e, como quer que, um pleno romantismo, o rapto coroasse, numa aureola de abnegação e heroismo, todo o devotado amor, assim os dois fugiram, abandonando-se ao destino para que êle os protegesse, na veemencia duma paixão que não pensava: êle, pobre, seguindo a sua senda de aventura; ela, deixando-se conduzir, vencida, com o seu vestido de chita escura e a sua capinha côr de vinho, com riscas negras...

A agitação política não cessara ainda, não havia de cessar tão cedo. Os sinos minhotos tocaram a rebate, o povo revoltou-se. Contra os tiranos que sofismavam o sistema representativo? contra os despotas que calcavam o seu direito de fazer as leis ou revogá-las? Não: importava-se êle bem com essas coisas! Revoltava-se porque o govêrno ordenara um novo processo de cobrança do imposto e proíbira que sob as legeas dos templos se continuassem a abrir as sepulturas. Revoltava-se, não em defesa da liberdade, mas em defesa da distribuição caotica e iniqua do imposto a que se pretendia dar remédio, em defesa da usança tradicional e fanática a que os princípios da higiêne mandavam pôr em termo. Era um movimento de reacção,

não de progresso. Mas a êle se prenderam, ávidos, insófridos, barulhentos, de envolta com os paladinos dum passado morto, os apóstolos eloquentes da ideia-nova. Ergue-se

*a Maria da Fonte
com as pistolas na mão,*

José Cabral, o *Zé dos Cónegos*, assusta-se, vacila, recúa; a revolução triunfa; mas o país fica ainda e continúa intranquilo, à mercê das paixões que se desencadeiam e entrechocam, mais desordenadas e violentas do que nunca. As guerrilhas continuam em armas, os triunfadores da véspera não sabem afinal o que pedir e, pelos cêrros minhotos, ergue-se e domina o cáos, ameaçador como um remorso, sereno como um escárneo, o espectro de D. Miguel. A 8 de Outubro, a rainha dá o golpe de Estado. Saldanha é o chefe do govêrno. São os Cabrais que voltam, escondidos subtilmente sob os crachás que coiracam o arcaboço dum guerreiro velho...

Mas que importa a política quando, a alguém que só a cultivava em *dilettante*, por um interêsse todo de arte e pitoresco, domina violenta a paixão do amor? Indiferente aos Cabrais e aos setembristas, sem querer saber da Junta de Passos José nem da prisão do Duque da Terceira, deixando ao Zé da Sola a defêsa dos direitos do sr. D. Miguel primeiro, Camilo seguia com Patrícia Emília a ca-

minho de Coimbra, quando, ao chegarem ao Pôrto, em 12 de outubro, a requerimento do tio Pinto da Cunha a polícia os prendeu. A essa prisão se refere Camilo mais tarde, na *Maria da Fonte* :

« Eu tinha sido prêso a requerimento de minha família — escreve êle — quando ia para Coimbra continuar, no Pátio, as minhas explorações científicas, bebendo nos mananciais latino e retórico do padre Cardoso e do padre Simões, Deus lhes fale na alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois anos depois, farejavam delictos execrandos na causa misteriosa daquela prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião pública do botequim *Guichard* e da *Águia* e das *Hortas*, mandei pedir à pessoa que requerera a minha captura, houvesse por bem explicá-la. Póde ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, êste lance de uma juventude já esquecida, venha a ser estôrvo à inauguração da minha estátua, uma coisa que eu havia de ter por fôrça, sôbre um pedestal de adjectivos plangentes com alto relêvo de advérbios, nos oito dias imediatos ao do meu trespasse. Lamento muito e por antecipação êsse dissabor que me há-de consternar na minha individualidade cósmica de cernêlha de boi, de cauda de comêta ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho. O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim, nos jornais de 1849, à minha solicitação :

*Snr. Redactor—Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas: Quem fez prender na Relação dessa cidade Camilo Castelo Branco, fui eu que sou seu tio. A causa porque eu o prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam É um rapto, e não um roubo. Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado, busquei um pretexto; se é dele que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e antoriso meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultrage que se lhe faça com alusão à sua captura. Vila Rial, 27 de fevereiro de 1849—João Pinto da Cunha.*¹

«Este bom homem—continúa Camilo—para me salvar de um enlace indiscreto, ordenava ao seu agente no Pôrto que me fizesses prender como *raptor* de uma mulher sem pai nem mãe e de maior idade, que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser êste delicto eficaz para a prisão *requerida por meu tio*, como se eu fôsse o *raptado*, então autorisava o agente a queixar-se de que eu o esbulhára de ricos valores em joias e baixela. 20:000 cruzados, calculava-se no botequim do *Guichard*. Para que os genealogistas porvindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergôntea de *Pintos e Cunhas* na minha árvore, devo esclarecer que êste homem não me era nada—era marido de uma tia minha. Prová-

¹ *Nacional* de 10 de março (Nota de Camilo).

velmente, se eu teimasse em matrimoniar-me ¹ honradamente com a *raptada*, seria pronunciado como ladrão de joias e baixela, 30:000 cruzados — computava o botequim da *Aguia*. Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que saí do cárcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador, que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduziu sem dificuldade, por que eu ia tão leve que não levava um pataco — nem a joia dum pataco, senhores, e logo saberão porquê. Que saudades me fazem estas alegres e esplêndidas misérias dos meus vinte anos! Vejam que nem tenho pejo de contar as misérias nem as saudades, hoje que algumas centenas de contos levantam entre mim e êsse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! Naquêl tempo, os rapazes tinham desvários trágicos até ao ridículo, e entravam muito cedo e depressa na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre imperterritos e armados como Xerxes do tagante para azorregar as ondas aparceladas... Mas que saudades eu tenho daquelas joias e baixela — 50:000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das *Hortas*!>

¹ Revela-se aqui mais uma vez em Camilo o propósito de ocultar o primeiro casamento. Êle não poderia *teimar em matrimoniar-se* pela simples mas poderosa razão — de que era casado. Joaquina Pereira morreu em 47. A filhinha dela e de Camilo morreu também poucos meses depois (ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camilo*).

Passados onze dias, Camilo e Patrícia Emília eram postos em liberdade. E daí a pouco, novamente envolvido na contenda política, então mais acêsa de que nunca, o romancista incorporava-se no séquito dêsse Reinaldo Macdonell, a quem mais tarde havia de chamar «extraordinário patife» ¹. No *Romance do romancista* o sr. Alberto Pimentel pública uma carta que recebeu de Vila Rial e cuja transcrição nesta altura é elucidante. Diz o seguinte :

«Na revolução de 1846, não me consta que o Camilo figurasse, *nesta terra*. Creio, até, que êle não residia por aqui; porêem, em 1847, depois do desastre de Valpassos, que esta vila ora estava governada pela patulêa da Junta do Pôrto, ora pelos cartistas e, até, alguns dias pela gente do Macdonell, lembro-me que o Camilo, uma noite, em que esta vila estava sem autoridades nem govêrno algum, porque os cartistas fugiram para Chaves, e os da Junta estavam na Amarante, o Camilo appareceu *ao escurecer*, de chapêu armado, de espada à cinta, de esporas nas botas, fazendo grande barulho com a espada a rasto, de fórma que toda a vila ficou apavorada, todos os habitantes fecharam as portas, e, *êle só*, fez a polícia da terra. Em seguida ao desastre que o Visconde de Sá da Bandeira sofreu em Valpassos, recolheu ao Pôrto

¹ *Maria da Fonte.*

o Governador Civil que aqui estava, António Augusto Teixeira de Vasconcelos, e todas as fôrças populares desta província e de quási todo o reino. Ali, no Pôrto, se organizou de novo o exército da Junta, indo o mesmo Visconde de Sá da Bandeira com uma expedição para o Algarve, e nós com o General Guedes viemos para Vila Rial. Foi nesse período que o Camilo esteve empregado no Govêrno Civil como amanuense. O Governador Civil, se bem me recordo, era de Vizeu e chamava-se Tomás Maria Paiva Barreto, excelente pessoa que era. Depois do convénio de Gramito, veio para aqui o José Cabral Governador Civil, e foi então que o Camilo escreveu alguns artigos políticos nos jornais contra o José Cabral, de que resultou o confiito do *Olhos de Boi*, de que o amigo já tem conhecimento. Pouco tempo depois do despótico acontecimento praticado pelo referido caceteiro, *Olhos de Boi*, às ordens do Governador Civil, foi que o Camilo se resolveu a ir para o Pôrto.»

O que foi êsse episódio com o caceteiro cabralino diz Camilo, num *Comunicado* de desafronta que então publicou, com data de 23 de agosto de 47:

«Eu devia ter consultado os fastos do despotismo, para me convencer — escreve êle — que, tarde ou cêdo, seria vítima do sr. José Cabral, governador civil de Vila Rial. Devia recordar-me, que me tinha chegado à bandeira dos livres, para temer o fer-rête de escravo, e o maior pêso da opressão... Todavia não sei que presentimento me traiu! Vi

ofendidos vil e despóticamente os meus cúmplices em opinião, e uma vez pungido pela mágua dêles, bradei ao opressor *Quousque tandem Catilina!*... Êste pensamento que se achava traduzido em uma única correspondência minha, impressa no *Nacional*, bastante foi para que o dedo de s. ex.^a me apontasse a sepultura, e os seus órgãos procurassem um cadáver para ela! Da porta do governador civil, no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã, saíu um homem armado de cacete: espancou-me, deitou-me por terra, e, recolhido outra vez à casa de onde saíra, apareceu com uma espingarda, e com um desgarre insultuoso, à porta de sua ex.^a. Entregue às mãos do assassino, ainda agora tremo da posição em que estive, quando sei evidentemente que José Cabral tinha dito ao caceteiro: — *mata-o!* — e porque? José Cabral confessa *que à sua ordem fui eu espancado*, e dá a razão dêste delito, porque *eu não lhe tirára o chapéu, tendo-o visto à sua janela*. — *Risum teneatis, amici?* Há casos, que o requinte da desvergonha chega a tal ponto, que as considerações sôbre os seus actos se turvam, e confundem na intelligência de quem as medita!!! Pois s. ex.^a manda espancar um homem, porque lhe não tira o chapéu! José Cabral arroga-se o direito de senhorio de Veneza, em terra que o conhece, e a um indivíduo, que jámais lhe explora os escaninhos dos seus braços, inda no cáos, e as fases da sua vida? Por ventura devo culto ao despota, porque vejo um cacete, que póde espancar-me? Como autoridade

que direito tem sôbre o meu chapéu?! (Carta Constitucional. Artigo 145 § 1.º) *Ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer senão aquilo que a lei manda*. E a lei não legisla sôbre chapéus. Respeito as autoridades, e conheço que tenho cumprido êste dever, quando negócios de estado me pedem êste ou aquele acto; mas devo por isso descobrir-me, quando, mau grado meu, encaro o homem que detesto?! E assim vingada foi a susceptibilidade de s. ex.^a; assim os encarregados pela Soberana conciliam as opiniões, e deslembram as injúrias; assim novos crimes preparam novas dissensões, se desta arte a liberdade se identifica com as disposições do protocolo. Seria bom, porêem, que o governador civil de Vila Rial, entrasse no conhecimento da seguinte verdade:— *Que as nossas injustiças quási sempre são julgadas pelos homens* ».

A agressão do caceteiro fez crescer em Camilo o ódio contra o despótico governador civil e seu irmão o conde de Tomar. E— liquidemos desde já a inglória passagem do romancista pelo jornalismo político—foi essa ruim paixão que o fez entrar com a sua pena nesse ultra-ridículo debate do mais que todos grotesco caso do *Caleche*, enxovalhando num folhetim a honra e o pudôr duma mulher, esposa e mãe exemplar, que, com o facto de ser rainha, não perdeu nunca as qualidades mais nobres e respeitáveis do seu sexo.

...Entretanto, em Vila Rial, as relações entre Camilo e Patrícia Emília continuavam. O romance

de amôr porêm não durou muito; dele ficou uma filha e, com ela, anos depois, apenas a recordação carinhosa duma paixão antiga. O próprio Camilo se encarregou de dizer um dia, ao traçar a biografia dum amigo, tão desgraçado como êle: «João Jacques, nas suas *Confissões*, diz que vira os homens e os costumes do seu tempo. Eu vi mais que êle porque me estou vendo a mim. José Augusto, crê por fé no apóstolo da experiência. O anjo que foge do seio de sua família, deixa lá dentro as azas, e fóra da porta é mulher»¹. Patrícia Emília teve uma rival, exaltou-se ao presentí-lo, decerto fez lembrar ao amante que êle não tinha o direito de lhe pagar com o abandôno o sacrifício da sorte e da honra por amôr dele, e foi então que dois amigos evitaram, por um acaso, que Camilo se matasse com uns grãos de ópio, depois de escrever *A harpa do cético*, poesia hereje, como último adeus a uma vida que lhe fôra de agitações e de amarguras. Conta Vieira de Castro que, no lance, Camilo tinha sôbre a banca setenta libras, para que se não dissesse, vendo-o morto, que a miséria tinha sido a causa que o levára a tal extremo. Nas *Horas de luta*, Freitas Fortuna assegura que, quando escreveu a poesia, Camilo tinha já engulido quantas pastilhas de ópio lhe haviam receitado para debelar a insónia, e que os amigos (Miguel Nicolau Esteves Negrão e

¹ *No Bom Jesus do Monte.*

osé Augusto Pinto de Magalhães) o socorreram depois. A rival de Patrícia Emília era, ao que parece, uma senhora da melhor sociedade portuense, cujo nome ainda hoje ali tem representantes. Camilo, ora em Vila Rial, ora no Pôrto, não podia ocultar de Patrícia Emília êsses amôres. De aí o conflito sentimental que o ia levando à morte pelo caminho romântico do suicídio. Numas palavras que precedem a publicação da *Harpa do cético* no jornal literário *A Semana*, palavras transcritas pelo sr. Alberto Pimentel no *Romance do romanista*, Camilo explica, com todo o ornato da sua retórica sentimental, o seu estado de alma ao compôr essa poesia :

«Era em julho de 1847 — escreveu êle ¹ — Por esses tempos que eu choro... de saudade — não!... que eu choro porque me revivem as dôres surdas despedaçadoras das chagas da alma, que de lá me estão... por êsses tempos lutavam-me duas paixões furiosas no espírito estreito, acanhadíssimo, para duas tamanhas paixões como essas eram!... eu devia sacrifícios tremendos a uma mulher que me estremecia de adoração cega, descomposta, e... aprichosa... Não sei se a amava por êsses tempos, como devêra amá-la sempre; é certo que outra mu-

¹ «Nem artigo nem poesia vem assinados — regista o sr. Alberto Pimentel — mas Camilo firmou depois a poesia com o seu nome, e até se refere a ela num livro, pelo menos».

lher havia aí no mundo tão fascinadora, tão despota dos seus encantos e da sua posição social, que eu, reptil orgulhoso, ousei erguer-me do rasto de seus pés, para guindar-me à altura do seu vôo de anjo. Essa mulher... ouviu-me... Deverei escrever aqui uma verdade amarguradíssima que a consciência me diz?... Amou-me... É uma história de muitas misérias impossíveis numa vida só, e essa apenas estreitada!... Quem sabe se êste livro será todo *dela* e para *ela*? É meu segredo, sacrosanto como o mistério da hóstia e do cális. Rojei-me aos pés dessa mulher; acurvei-me, anulei-me em toda a sobrebia do falso oiro do meu orgulho — amei-a perdidamente! Mas a mulher dos tremendos sacrifícios resentiu-se, delirou, desmandou-se até ao incrível numa vingança senhoril... Era uma serpente de ferocidade como fôra um anjo de amor! Foi augusto, solene e grandioso de santa resignação o aspecto com que suporrei dissabores incompreensíveis! A âncora maldita do suicídio encorajava-me de brios de infeliz por entre parciais de quantos infortúnios resaltam de uma vida tempestuosa. Determinei matar-me...» Parece que ao princípio pensou em suicidar-se com um tiro. «Morrer à pistola — diz êle nesse mesmo artigo — parecia-me a mais nobre, a mais excelente, e, deixai-me assim dizer, a mais significativa maneira de revelar a desesperação». Por fim, escolheu o ópio... morrer sonhando, mergulhado num mundo inreal de coisas belas.

«Vivêra só neste mundo,
Só, na campa, vai caír,
O seu gemer moribundo
Ninguém lho ha de carpir...
Nem um Cristo alumiado
Pela tocha do finado
Terá no leito a morrer!...
Nas visões do paroxismo
Vê de nada o torvo abismo
Sorver-lhe o ímpio viver!
Um cadáver insepulto
Aí jaz do que morreu!
Deixai-o! — é a Deus um insulto
Dar sepultura ao ateu!
Deixai-o! — ninguém o vele...
Que os corvos parem sôbre êle
Em voraz sofreguidão!
Não dobre fúnebre o sino!
Demónios! rugi-lhe um hino
Ao morto sem contrição! ¹

Mas tudo isto que hoje nos faz sorrir, tem um carácter que tão naturalmente deriva da época em que foi, tudo isto se nos apresenta dum modo que a feição individual do escritor, juntamente com as características tão salientes do meio, duma fôrma tão perfeita nos explicam, que eu não saberia ir mais além do meu estudo, sem rápidamente lançar os olhos para o aspecto da vida portuguesa — ou, mais restritamente, portuense — nesse tempo, que, em tantos pontos e por vezes dum modo pitoresco,

¹ Da *Harpa do cético*.

se afasta profundamente da maneira de ser dos nossos dias. Por êsse tempo, para mais, Camilo vai começar a ser perfeitamente um portuense. Abandona a província. E na vida da cidade leva todo o seu tempo,—menos aquele em que, afastado em Gaia, cultiva, ao que parece, romanescos amores com uma costureira, num ninho idílico escondido nas sombras discretas do Candal. ¹

Quanto à romanesca tentativa de suicídio, ainda é lícito dizer que tal desvairamento é susceptível duma explicação, abstraindo mesmo de tudo o que nele se possa encontrar de patológico, porquanto Camilo era um homem, colocado entre a mulher que seduzira e que abandonou o futuro para o seguir de olhos fechados, que lhe lembrava com desespero o amôr antigo e, na voz, ora suplicante, ora agreste, da dôr e do ciúme, vinha gritar os seus direitos,—e essa outra a cuja prestigiosa beleza se rendêra o pobre mártir dum coração que tinha de o tornar infeliz a vida toda. Porque era ainda êsse homem que, anos depois, pensava assim: «Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes que habilitam para o trabalho, sairia de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de uma família à desonra dos meus braços». ²

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os amores de Camilo*.

² *Memórias do cárcere*, t. I.

Um rápido esboço do meio dar-nos-há margem a uma melhor compreensão da complexa figura de Camilo, cuja história, neste ponto do meu relato, vai entrar no seu período de maior actividade como escritor, período dentro do qual se esboça, desenrola e socumbe sob o pêso da desgraça, mais intenso e duradoiro que os outros, o derradeiro episódio de amor da sua vida.

1849 - 1890

III

In illo tempore, a cidade da Virgem já não era apenas um amontoado de casas, trepando sôbre o Douro, num declive, até às alturas do severo Paço Episcopal. O Pôrto de outros tempos, tão característico no pitoresco dos seus aspectos, de há muito se alargára e, na altura em que o meu estudo o encontra, já, com os seus teatros, o seu passeio público e a posse do coração do rei D. Pedro, entrára, de par e passo, na civilização e na glória. Fóco, pela história adiante, das reivindicações do terceiro estado, *baluarte das liberdades pátrias* no nosso tempo, o Pôrto de há quarenta e tantos anos tinha, porêem, mais o aspecto sombrio e socegoado do velho burgo que o belicoso ar de torção fadado ao fermento de revoluções e à génese de herois. Atrás dos balcões da rua das Flôres e dos Clérigos havia uma sociedade pacata e laboriosa que monôtonamente levava a sua vida de trabalho,

prezando a sua honra, cuidando os seus calos, não se importando de política, arrecadando com usura, gulosamente, as libras que o negócio lhe rendia; e, comtudo, êsses homens, curtos de aspirações, poupados no saber, correctamente metidos nas suas longas sobrecasacas negras, trabalhando o dia inteiro, deitando ao domingo, regradamente, a sua merenda pelo rio ou o seu camarote no teatro, longe a longe,—eram velhos combatentes do cêrco do Pôrto, que fizeram frente audaz às tropas miguelistas, ou dos que sustentaram depois, nas inconstâncias dum regimen adaptado à fôrça a uma terra que o não queria, as lutas várias que por muito tempo seguiram, em contínuas rebeliões, imposições armadas, um mal-estar constante, uma maneira de ser instável, o advento do constitucionalismo em Portugal.

«Da política propriamente dita—escreveu o sr. Ramalho, no *Estudo crítico* que precede a edição monumental do *Amôr de Perdição*—tinham uma ideia longínqua e nebulosa a que a palavra *ladroagem* servia de vaga síntese», mas dos seus deveres de cidadãos—mesários da Misericórdia, irmãos de confrarias, juízes de paz, cotizando-se para festejar os santos padroeiros, comparecendo pontualmente, como a bons católicos cumpria, a procissões e romarias, dêsses deveres tinham êles a consciência mais nítida, como nítida tinham também, e intransigente, a sua ideia de moral. A dissolução dos costumes não entrára na pacatez honesta da rua das

Flores, nem tampouco a arte corrompêra os cândidos espíritos, enquanto os amantes de boas-letras soletravam em seus ócios as histórias de cordel, com cavaleiros e princezas, e *A Virgem da Polónia* do conselheiro Bastos. O *palheiro* da Assembleia não encontrava farto assunto nas suas noturnas sessões de maldizer.

A sociedade portuense, sem pretensões afidalgadas, era quasi exclusivamente composta dos mercadores que já lembrei e da colónia inglêsa que, vivendo à parte, espantava os burgueses com a garridice dos seus trajos e a maneira, adiantada já, dos seus costumes. Isso quando uma mocidade endiabrada veio, com todas as arrogâncias e todas as infantilidades que o romantismo francês lhe ensinára, pôr uma nota inédita, com a novidade do escândalo e o pitoresco da aventura, num meio em que os bons costumes eram norma e reinava ainda o carroção. Começaram então a ser frequentados os cafés, a correr as ruas os trens e os cavaleiros, a sublevar-se as plateias em manifestações nunca mais vistas, a dormir em sobresalto maridos de joanêtes e pais com filhas novas; a literatura romântica venceu, dos livros passou o rapto para a história de todos os amôres contrariados e, em frente da má-língua do *palheiro*, ergueu-se, de sangue na guelra, travêssa, mais môça e mais cortante, a má-língua do *Guichard*. Já menina em termos não havia que desposasse o caixeiro lorpa do papá, sem levar, a dentro dalma, como fôlhas murchas

pelo outono das esperanças iludidas, as cinzas duma paixão romanesca, com personagens de bigodes encerados e muzas capazes de enternecer as mais esquivas. Já o casamento não era para os bons mercadores do velho Pôrto o sacramento que lhes dava a posse da mulher, por mais gentil, exclusiva à face de Deus e dos homens, por determinações respeitadas dos canones, da moral e da justiça. Era a idade de ouro dos Manfrêdos, jovens e tristes, de longos cabelos negros, palidês de cêra, olheiras fundas, com um dicionário de rimas no bolso e a alma de Musset no coração. E essa mocidade portuense, não desprezando as suas tradições de valentia, esmurrando-se em pugilatos, pugnando a cacête e a tiro por uma tirada em folhetim ou a voz duma cantora, era, no fim de contas, uma legião de criaturas exaltadas, pelos modelos da época, importados da França de Lamartine, e que, no ardor das suas aventuras, pondo a mascara dum cinismo que triunfa, nem sempre deixavam de ser, por seu mal, apenas uns sinceros.

A população da cidade ficava assim, na parte que me interessa, dividida em duas facções: dum lado os homens de acção, trabalhando de manhã até noite nos seus armazens e nas suas lojas, do outro, uns moços estroinas, desbaratando patrimónios, aproveitando a seu modo a vida, fazendo gala de aventuras, se bem que metendo, todas elas, um pouco do coração. Manda a verdade dizer que

se não compreendiam uns aos outros, e que, julgando-se mutuamente, foram, por vezes, deploravelmente injustos, — porque nem o mercante era sempre e em absoluto abjecto e desprezível, nem os rapazes eram tão maus nem tão perversos como o terror dos pais e consortes os pintava. Pelo que respeita às damas sensíveis e aos cavalheiros que lhes mitigavam com o alcide do amor a sua sêde de caroaveis afeições, darei um exemplo da sua afinação: Elas, se tinham certos dotes literários, escreviam coisas destas :

«...Eu amei-o, oh meu Deus! era um anjo!
Era um anjo o mortal qu'eu amei;
Mas que digo? infeliz inda o amo
Só por morte de o amar deixarei.

Tem uns olhos castanhos escuros,
Quasi negros... que lindos que são!
Expressivos, tão ternos, tão meigos!...
Iguaes olhos não ha — isso não...

Nunca amara — era livre e ditosa,
Esses olhos mal vi logo amei.
Feiticeiros!... fascinam e matam;
Doidejando por elles fiquei.

Fiquei doida por olhos divinos,
Tão divinos como eu nunca vi,
Longos tragos d'amor inefavel,
N'aura taça por êles bebi.

E o cabelo ? tão negro, tão negro,
Sua tez ? tão morena e tão pura,
E os dentes ? tão brancos, de neve,
E a gentil tão esbelta figura ?

É poeta o meu anjo !... no peito
Coração de poeta lhe bate :
Como nunca, ó poeta eu t'adoro
Pois tu és cá na terra o meu vate.

Ai eu t'amo co' extremo e doçura !
Ai eu t'amo com idolatria !
A um mortal tanto amor consagrado
Tanto amor... só a Deus pertencia.

O bom Deus castigou-me por isso :
O meu anjo infiel se tornou !
Gosta d'outra... e a mim — malfadada —
Tão inf'liz e tão só me deixou.

Gosta d'outra esse ingrato querido ?
Gosta d'outra ! e agora aí de mim !
Que tormento me rala minh'alma,
Que tormento, meu Deus... e sem fim !¹

E os homens iam dizendo máguas e amôres
naquele estilo, hoje morto, em que um bardo de
então gemia os seus tormentos :

¹ Pertencem estas quadras a uma extensa composição que, com o título de *O meu viver* e assinada por *Uma portuense*, vem inserta no t. V da *Líria poética ou colecção de poesias modernas de autores portuguezes*, publicada por José Ferreira Monteiro, em 1847, no Rio de Janeiro.

«Ouves além no retumbar da serra,
O som do bronze, que nos causa horror?
Foi mais um ente que voou da terra
Mais um poeta que morreu d'amôr.»

Porque nesse tempo morria-se de amor, líricamente, fóra das imagens dos poetas e das paixões de má ventura das crónicas medievais. E morria-se por vezes de modo tão extranhável para a maneira de ver materialona dos nossos dias, que eu terei de encarar sem um gracejo, de entre o grupo dos novos então em evidência, alguns cuja sorte, com certeza, merece, pelo que tem de doloroso, o nosso respeito, antes mesmo de, pelo seu interesse como documento duma época e, de modo mais restrito, como caso mórbido curioso, atrair o nosso estudo.

Assim êsse Jorge Artur, versejador e enamorado, que ouvindo, da rua, cantar, entretendo as visitas de casa, a criatura amada que, por êle ser pobre, lhe não davam, se foi deitar da ponte abaixo, levando junto ao coração um boné de veludo, bordado pela mulher por quem morria ¹.

Assim êsse D. João de Azevedo, poeta e romancista, que, amando uma mulher rebelde, fez imprimir um só exemplar dum livro a descompô-la, e mandou-lho, o que lhe acarretou o ódio dela e um maior motivo às suas amarguras ².

¹ CAMILO: *A mulher fatal e Óbolo às crianças.*

² CAMILO: *No Bom Jesus do Monte.*

Assim Jacinto Navarro de Andrade que, depois de desbaratar o património, casou, e um dia, no tempo da febre amarela, já doente, ao ver a mulher morta, foi ao estabelecimento do Nilo, tomou um banho frio e entrou em casa moribundo para expirar horas depois ¹.

E êsse José Augusto que, sabendo, entre o rapto e o casamento com Fanny Owen, que essa senhora já depois de o conhecer, escrevêra a um amigo, dizendo que não tinha achado ainda coração que a compreendesse, deixou-a, passados meses, morrer virgem ¹. Quando dias depois, uma febre cerebral o levou, dentro da única mala que conduzira para o hotel de Lisboa onde morreu, encontrou-se apenas um vestido de noivado e uma corôa de flôres de laranjeira ².

E, além dêstes, que Camilo nos mostra dispersos na sua longa galeria, ainda êsse outro antigo militar que, segundo o sr. Ramalho nos conta, «desenganado de todas as glórias, descrido de todas as ilusões com que se póde iluminar uma existência de mundano, fazia periodicamente uma peregrinação de nove léguas a pé, para ir a uma montanha da província do Douro vêr uma rapariga do campo que tinha os olhos verdes e uma longa trança de cabelos louros. As paredes do quarto em que per-

¹ CAMILO: *No Bom Jesus do Monte*

² RAMALHO ORTIGÃO: Log. cit.

noitava, por ocasião dessas romagens, encheram-se de versos à que denominava, *A deusa dos olhos garços*». O original amante «morreu no Pôrto prostrado pelo abuso do álcool, em que tentava afogar o seu longo e pesado tédio, num quarto de dormir armado em barraca de campanha, tendo por decoração duas múmias trazidas do Egito, e uma jaula em que se debatia e uivava um leão» ¹.

E, a par disso, se correremos, de passagem, as causas da morte da maior parte dos que nesse tempo figuravam na arte e no dandismo e espantavam, com os seus princípios e as suas arrogâncias, a pacatês dos bons e honestos mercadores, iremos ver preponderantes a tísica, o alcoolismo, a demência e o suicídio.

Nasceram êsses homens num período de agitação política, em que as tentativas de Napoleão ainda não tinham esquecido e o liberalismo rompia por toda a parte, afirmando os seus direitos pela bôca dos tribunos ou pela intimação das baionetas; Portugal vinha a ser, dentro em pouco, um reino sem rei, sujeito ao mando de todos, à mercê do alvêdrio dum bretão ou das ameaças dum francês, ou das represálias violentas dum povo revoltado. Não direi que nos invictos *Saint-Preux* medrasse o furor dêsse constitucionalismo, que, entre nós, nunca foi mais que um inatingido ideal

¹ RAMALHO ORTIGÃO: Log. cit.

para meia dúzia e, sob o veu da hipocrisia, um suculento filão para a maior parte. A ciência, porém, ensina que os indivíduos concebidos em certas épocas agitadas aparecem muito vulgarmente malformados ou sofrendo perturbações nutritivas e nervosas ¹; e, por êsse lado, não surpreende, mesmo quando circunstâncias individuais nos não convencem, que possamos concluir que, afinal, com todo o seu ruído de escândalo, as suas arremetidas de D. Juans e de Quixotes, — a mocidade estúrdia de há cincoenta anos não passava de uma infeliz geração de nevropatas. Para êsses bons rapazes, se alguma coisa de alto e respeitavel havia na vida era o amôr, êsse amôr que os lançava sem medo nos braços da aventura, êsse amôr que êles contavam e cantavam nas ingênuas páginas dos seus livros. O amôr era a redenção, a fortuna, o destino, e a morte...

Um facto basta para o comprovar: Quando foi à cena, no Pôrto, pela primeira vez, a *Dama das camélias*, a gente moça deu em procurar por toda a parte, já não pelos salões, mas nas ruelas da miséria e do vício, a Margarida Gauthier que o seu amôr redimiria. E o caso é que, na febre reabilitadora, alguns dêsses homens desposaram, salvando da tísica romântica no último lance, garridas damas que lá fôram, no correr do tempo, envelhecendo e encarquilhando, em charra prosa, como qualquer matrona honesta.

¹ FERÉ: Ob. cit., p. 18.

Em 1885, no segundo volume dos *Serões de S. Miguel de Seide*, Camilo evocou, numa página cheia de interesse, alguns episódios da sua vida no Pôrto dêsse tempo. Essa página é a seguinte:

«A esta hora, na egreja de S. Ildefonso, no Pôrto, uns presbiteros de laringe sãdia garganteiam responsórios à beira do cadáver de um que ainda ontem era Juís da Relação, e se se chamava João Roberto de Araujo Taveira. O concurso dos assistentes, quer oficial quer espontâneo, deve ser lisongeiro para o besemérito defunto. João Roberto diz o *Diário* que me trouxe a dolorosa notícia, *era muito estimado pelas suas excelentes qualidades e respeitado pela inquebrantabilidade do seu carácter e rectidão de consciência*. Entre tantos assistentes a essa derradeira cena muda e cega que o corpo representa na crosta do planeta, nesse berrado lirismo de cantochão que apenas tem para o morto a vantagem de êle o não ouvir, posso jurar que ninguém se lembrou do que foi no Pôrto, há 35 anos aquele velho que ali está na eça, rigido e inflexo, amortalhado na toga de desembargador. Em 1849 era João Roberto de Araujo Taveira um dos mais galhofeiros e satíricos rapazes da falange do *Café Guichard* —que eu chamaria uma colmeia onde se emelavam doces favos de espírito, se aquele botequim não fôsse antes um vespereiro que desferia, às revoadas, ferretoando os bócios dos gordos filistinos da *Assembleia* e as macias espá-

duas lácteas das suas consortes no coração e nos ádipos. Foi João Roberto sempre magro e de feições angulosas, tipo castelhado de raça musulmana, olhos fosforescentes e umas risadas estrímulas quando tinha de castigar, rindo como Horácio, um inepto desvanecido ao vitoriar uma boa e luzitana chalaça. A isso que hoje por aí se inculca subtil remoque, arranque de espirito, chamávamos nós *chalaças*; e às agudezas que actualmente celebrisam os Sternes e Pirons das *Havenezas* chamávamos, nesse tempo, *babuzeiras*, provavelmente—umas facécias aziumadas de velhice e expostas nos *trottoirs* betuminosos das tabacarias. Na mocidade de João Roberto e na minha, os estanques eram sentinas delectérias, umas colónias de micróbios virgulados ainda então inéditos, pestilenciais escândalos onde os viciosos, por medo da opinião pública, não paravam. Os Contratadores do Tabaco eram umas espécies pioradas de *Melos do Casacão* (Deus perdõe a todos!) que viviam medradamente das agências daqueles bordeis de nicotina. A tabacaria ainda não tinha usurpado à botica a concorrência de indivíduos, pletóricos de anedotas lúbricas, e arquivistas dos maus costumes das famílias de suas relações. A botica era o queimadeiro subalterno dos créditos, uma espécie de patíbulo sucursal do *Palheiro*, grande centro constituído em uma sala especial da *Assembleia da Trindade*. Fazia-se ali a *Pall Mall Gazette* verbal do Pôrto, e esboçava-se a preexistência do *Daily News*, de Chicago. A male-

dicência do Café-Guichard era a vingadora das vítimas do *Palheiro* em particular e da botica em geral. Nós profligávamos a corrupção dos velhos, a putrilagem purulenta que infeccionava, com a língua, toda a florescência das almas novas. Compunha-se o *Palheiro* de veteranos estropiados, um contubernáculo de argentários inválidos com fêmeas espaventosas muito comunistas, egressos, causídicos, ornamentos da magistratura, e até desembargadores e bastantes cónegos, todos cabralistas e alguns, salvo seja, católicos. Contavam, à vez, histórias cantaridadas das Venus *au rabais* da sua mocidade, rapaziadas terríveis, particularizando miudezas anatómicas, musculaturas, curvas de carne, boleios de quadris e maciezas de epiderme, como se do crânio de cada qual estivesse a explosir o futuro Zola. Tal era o *Palheiro*, hoje provavelmente substituído atávicamente por uns calvos, com dentaduras problemáticas, que, há 35 annos, encalamistravam os bigodes e narcisavam as cabeleiras frizadas nos espelhos do Café-Guichard. O certo é que o *Palheiro* subsiste. As trombetas do progresso ainda não vingaram baquear aquele pedaço da velha Jericó. É uma escrófula hereditária do burgo de D. Moninho.

«No qual tempo, João Roberto escrevia crónicas semanais no *Eco Popular* com um pseudónimo. Estilo um pouco derramado, aziático, mas adubado de picantes especiarias levantinas. Mordacidade felina, bastante delicada, mas com unhas sempre desembainhadas para impôr respeito nas brincadei-

ras. Havia guerra de adjetivos percucientes por causa das actrizes líricas. Êle alistára-se no estandarte da Dabedelle, esbelta mulher. Um clássico, sem medo do calembour, diria que toda a juventude portuense seguia as partes da cantora afrodisiaca. Morgados da província arrebanhavam-se, como cerdos, à volta daquela Circe. Eu e poucos mais juráramos levar pancada até morrer, sendo preciso, fieis à bandeira da Belloni, uma criatura enfezada, feia, veletudinária, casada e de mais a mais honesta. *Anastácio das Lombrigas*, um pseudónimo espírituoso que prognosticava a ténia, era o meu nome de guerra no *Jornal do Pôrto*. João Roberto arcou valentemente comigo e de modo tal que saíu dêste mundo com as contas bem saldadas em moeda de epigrama, de insolência e de troça. Ninguém sabia, nem o proprietário do jornal, o João Coelho, que morreu ministro em Berlim, quem era o *Anastácio das Lombrigas*. Quando eu tive, no momento fisiológico de pancadaria iminente, a lenidade de o declarar em defesa de alguma suposta vítima sem culpa nem gramática, João Roberto aplaudiu a minha franca lealdade, modificando para melhor a sua opinião impressa a respeito das minhas parvoçadas líricas, muito acentuadas na estolida pretensão de fazer-me mestre de estética portuguesa, o Véron da Rua das Flores. De aí em diante, nos poucos meses que convivemos no Pôrto, terçamos ainda as penas de pato no campo do folhetim honrado, sem nos tratarmos de *pulhas*, de *patifes*,

Quem há aí que possa o calix
Dos meus lábios apartar?
Quem, nesta vida de penas,
Poderá mudar as scenas
Que ninguém pôde mudar?

Quem possui nalma o segredo
De salvar-me pelo amôr?
Quem me dará gota de água
Nesta angustiosa frágua
Dum deserto abraçadôr?

Se alguém existe na terra
Que tanto possa, és tu só!
Tu só, mulher que eu adoro,
Quando a Deus piedade imploro,
E a ti peço amôr e dó.

Se soubesses que tristeza
Enluta meu coração,
Terias nobre vaidade
Em me dar felicidade,
Que eu busquei no mundo em vão.

Busquei-a em tudo na terra
Tudo na terra mentiu!
Essa estrêla carinhosa
Que luz á infancia ditosa
Para mim nunca luziu.

Infeliz desde criança,
Nem me foi risonha a fé;
Quando a terra nos maltrata,
Caprichosa, acerba e ingrata,
Ceus e esperança nada é.

Pois a ventura busquei-a
No vivo anseio do amôr,
Era ardente a minha alma;
Conquistei mais duma palma
À custa de muita dôr.

Mas estas palmas tais eram
Que, postas no coração,
Fundas raízes lançavam,
E nas lágrimas medravam
Com frutos de maldição.

Em ânsias de alma, a ventura
Nos dons da sciência busquei.
Tudo mentira! A sciência
Era um sinal de impotência
Da vã razão que invoquei...

Era um brado, um testemunho
Do nada que o mundo é.
Quanto a minha mente erguia
Tudo por terra caía,
Só ficava Deus e a fé.

Lancei-me aos braços do Eterno
Com o fervor de infeliz;
Senti mais fundas as dôres,
Mais agros os dissabores...
O próprio Deus não me quiz!

Depois, no mundo, cercado
Só de angústias, divaguei
De um abismo a outro abismo
Pedindo ao louco cinismo
O prazer que não achei.

Tristes correram meus anos
Na infância que em todos é
Bela de crenças e amôres,
Terna de risos e flôres
Santa de esp'rança e de fé.

Assim negra me era a vida
Quando, oh luz d'alma, te vi
Baixar do ceu, onde outrora
Te busquei, mão redentora,
Procurando amparo em ti.

Serás tu, a mão piedosa,
Que se estende entre esgarceus
Ao perdido naufragado?
Serás tu, ser adorado,
Um prémio vindo dos ceus?

E eu mereço-te, que imenso
Tem já sido o meu quinhão
De torturas não sabidas,
Com resignação sofridas
Nos seios do coração.

Que ternura e amôr e afagos
Toda a vida te darei!
Com que júbilo e delírio,
Nova dôr, novo martírio
De ti vindo, aceitarei!

Se na terra um ceu desejas
Como ceu que eu tanto quize,
Se dum anjo a glória queres,
Serás anjo, se fizeres,
Contra o destino, um feliz.

Faz que eu veja nestas trevas
Um relâmpago de amôr,
Que eu não morra sem que diga :
«Tive no mundo uma amiga,
«Que entendeu a minha dôr.

«Deu-me ela o estro grande
«Das memoráveis canções ;
«Acendeu-me a extinta chama
«Da inspiração que inflama
«Regelados corações.

«Os segredos dos affectos
«Que mais puros Deus nos deu,
«Ensinou-mos ela um dia
«Que dentre arcanjões descia
«Com linguagem do ceu.

«Os mimosos pensamentos
«Que, de mim soberbo, leio,
«Inspirou-mos, deu-mos ela,
«Recostando a fronte bela
«Sobre o meu ardente seio.

«Morta estava a fantasia
«Que o gêlo d'alma esfriou ;
«Tinha o espírito dormente,
«Só no peito um fogo ardente,
«Quando o ceu ma deparou.

«Agora morro no gôso
«Duma saudade imortal.
«Foi ditosa a minha sorte ;
«Amei, vivi; venha a morte,
«Que morte ou vida é-me igual.

«Egual sim, que o amôr profundo,
«Como foi na terra o meu,
«Não expira, é sempre vivo,
«Sempre ardente e progressivo
«Em perpétuo amôr do ceu».

Assim, querida, meus lábios,
Já moribundos, dirão,
Nas agonias supremas,
Essas palavras extremas,
Do meu ao teu coração.

Sabes quem é, neste mundo,
Quasi igual ao Redentor?
É quem diz: «Sou adorada
«Pela alma resgatada,
«Por mim das ânsias da dôr».

«Estes versos chegaram ao seu destino, — diz o sr. Alberto Pimentel no seu livro *Os amôres de Camilo*, depois de transcrevê-los — fôram lidos, encontraram eco affectuoso num coração de mulher que os decorou». E assim, porque tal amôr saísse da reserva platónica em que confrangidamente se tinha recolhido, oito anos depois do primeiro encontro no tal baile, Ana Plácido abandonou o marido, seguindo, com Camilo, por êsse Portugal fóra, a exhibir vaidosamente aos olhos de censores e maldizentes o interesse picante da aventura. Pinheiro Alves, ferido pelo escândalo, processou por adultério a mulher e o amante; a consorte foi prêsa no justo praso em que a justiça assim o quiz, e o romancista, incapaz, como em todas as épocas da vida, de tomar

com firmeza uma resolução, deixou-se levar, ora por conselhos precavidos de amigos, ora por instâncias da saudade, numa peregrinação pelas terras em que lugares ou criaturas estavam presos a um episódio inolvidado da sua agitada vida de outros tempos.

Lá foi a essa Samardan e viu a Luísa que em novo amára, seguindo com os seus filhos e as suas rugas o caminho da velhice, a Vila Rial, onde a irmã de seu pai, decrépita e cadavérica, lhe disse que era necessário ser desgraçado, para não contradizer os fados da família, ¹ e ainda ao Bom Jesus do Monte, onde recentes recordações lhe traziam ao espírito, num nimbo de doirado idealismo, o seu amor de então. Até que, instável na própria posição de fugitivo, não podendo manter por muito tempo a mesma decisão, destituído de toda a equilibrada força de vontade, passados quatro meses, Camilo entregou-se ao carcereiro da Relação do Pôrto, ² para que, sem entrave, a justiça resolvesse da incertesa do seu destino, porque se lhe não pedia já que dissesse da boa ou má razão da sua causa.

Na véspera (30 de setembro de 1860), tinha escrito a Vieira de Castro uma carta que principiava assim: «Meu V. de C. — Amanhã entro na Relação. Uma destas noites, impellido pela saudade, pela paixão e pelo remorso de ter ofendido a mártir,

¹ CAMILO: *Ao anoitecer da vida.*

² CAMILO: *Memórias do cárcere.*

entrei na Relação, subi, abriram-se tres portas, fui até a encontrar, abraçar, chorar, e salvar-me da demência. No dia seguinte, era um inferno na Relação: Presidente, procurador régio, guarda-mór, carcereiro, chaveiros, toda aquella cafraria endiabrada contra o meu arrojo. Que importa! eu tinha-me salvado, salvando-a...»¹

O julgamento de Camilo e da sua cúmplice no crime de adultério começou em 15 de outubro de 1861, um ano e quinze dias depois da entrada dele na cadeia, e terminou, no dia immediato pela absolvição dos acusados. Uma das testemunhas de defesa, o médico Joaquim José Ferreira, declarou que não podia depôr na presença do réu, em virtude do que, com a aquiescência do tribunal, Camilo saíu da sala. «Meu pai, que ouviu êste depoimento, — diz o sr. Alberto Pimentel num dos seus livros² — contava que fôra notável e causára profunda impressão no juri. Ferreira entrára em minudências fisiológicas, discursará sôbre a fatalidade dos temperamentos e os impulsos irreprimíveis da natureza em certos organismos. O seu depoimento foi o de um psiquiatra. Surpreendeu então pela novidade». E assim, a eloquência de um advogado,³

¹ J. C. VIEIRA DE CASTRO: *Camilo Castelo Branco (Notícia da sua vida e obras)*, 1863.

² *Os amôres de Camilo*.

³ Marcelino de Matos, pai do illustre alienista sr. dr. Júlio de Matos.

as razões de um médico e a consciencia de uns jurados, conseguiram que o tribunal perdoasse aos adúlteros e êles pudessem seguir, agora juntos para sempre, numa vida que já não tinha certamente o encanto que lhe dera a ilusão de um amôr que despontava.

A partir daí, a história da vida de Camilo é a história da sua doença, que pormenorisadamente eu contarei reatando o fio da narração dos incidentes curiosíssimos da sua herança mórbida. Afóra isso e abstraindo do trabalho insano, constante e infatigável do escritor, essa vida decorre sem factos salientes sôbre as quais mereça deter, nesta altura do meu estudo, a atenção dos que o lêem. Basta que se diga, embora escusado fôsse dizê-lo, por estar em linha de lógica irrecurável, que essa vida não foi feliz, e a melancolia de um amôr morto, sem que, do lado do romanista ficasse arreigadamente a estima ou o respeito, e depois o ciume, e o remorso, e a doença — sobretudo a doença, congénita, fatal e irreparável — fizeram bem do declinar da vida aventureira dêsse homem de génio um período triste de tortura: Camilo foi um desgraçado.

À hora em que morreu Pinheiro Alves, êle, recostado no leito, a lêr, sentiu que mão herculea o estrangulava ¹ e, depois, na solidão da casa de Sei-

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camilo*.

de, rodeada de pinhais, que pertencera ao brasileiro ¹, os espectros, povoando-lhe as noites de nevrose, acabaram para todo o sempre a passageira paz da sua vida.

Quiz ser visconde e foi-o; ficou cego; aceitou remunerações dos cofres públicos; sentiu o azedume dos que o malqueriam calcá-lo, quando o seu cacete formidável já não tinha um pulso que o brandisse; casou, foi pai de um filho doido e, de dôr em dôr, prêsa da fatalidade que parecia pesar, como de chumbo, por sôbre a tara que má herança lhe deixou, não podendo já trabalhar — o seu supremo consolo, — aos 75 anos, na tarde do primeiro dia de junho, em S. Miguel de Seide, no seu gabinete de trabalho, já inútil, compreendendo que para sempre o seu mal era sem cura: — matou-se.

¹ Vêr NOTA D.

NOSOGRAFIA

«Parece-me, meu querido amigo,
que não fugi às heranças de pai,
de avó materna e duas tias».

*(Carta de Camilo ao padre Sena
Freitas)*

I

Os factos

Camilo Castelo Branco foi gerado no período mais doloroso dum amor violento, e esse facto é importante na determinação etiológica do seu génio. Numa casa em que dois entes resolviam com largura as cinzas da paixão que os unira e bevolamente encaravam, através das lágrimas, as lembranças infantís daquele filho, Camilo viveu até aos nove anos, sem uma educação que de alguma forma o orientasse na vida ou corrigisse na marcha de ser do seu espírito qualquer nativo mal, que o tinha. Foi nessa idade que começou a sua vida apouquentada, aos empurrões dum conselho de família que o levou para Vila Rial e provocou a sua expulsão da terreola, quando a rispidez da tia que o cuidava começou a asfixiar no sobrinho inquieto as prematuras tendências do homem livre. Homem que esse que aos dezasseis anos se julgou prêso aos encantos da filha do tendeiro que fez do rapaz

leviano, um mau marido e marcou o primeiro passo na sua acidentada carreira de aventuras.

Na vida de Camilo, que aí começa, com o seus dramas, os seus triunfos, os seus combates e as suas amarguras, há um sintoma mórbido que salta aos olhos daqueles mesmo que não busquem na figura do romancista todo o interesse novo e elucidante dum caso de doença. É a abulia, a falta de energia moral que trouxe êsse homem de génio pela vida fóra numa hesitação de cada instante que o fez iniciar diversas carreiras abandonadas logo, recorrer à vida de padre, cheio de fé, e, no momento de tomar ordens, vir-se embora, e que alastrando para todas as faculdades do seu espirito, foi mais tarde a origem duma existência de vagabundo, de terra em terra, e duma mutabilidade constante na maneira de julgar as coisas e os homens. As diversas tendências literárias a que êle a cada passo amoldava os recursos extraordinarios do seu génio, a variação dos géneros de literatura ao serviço dos quais punha a sua fantasia inexaurível e a sua erudição ampla e firme entram aqui propriamente como sintoma denunciador dessa abulia. Era bem aquele estado doloroso de irresolução constante que Leopardi definiu *mille dubbietà nel deliberare e mille ritegni nell'eseguire*, como bem o comprova o período errante que precedeu a entrada de Camilo na cadeia após a aventura de Ana Plácido e as palavras que êle deixou espalhadas, como a mais preciosa documenta-

ção, na sua obra. Em 1881 escrevia numa carta a Silva Pinto: «Recolhi antes de ontem de Vizela e resolvi ir para Ancora no dia 24. Ainda assim, e me escrever, faça-o para Seide, porque eu não vou comigo». ¹ Pode-se aqui presupôr, na mente do romancista, um receio de doença, êsse receio que o obsecou durante a maior parte da sua vida, mas o facto é que o doente da vontade procura sempre explicar aos outros e a si próprio um estado de espírito que em realidade resulta do mal que o consume e que êle na maior parte dos casos desconhece. De modo que o sintoma de patologia da vontade que se observa nos nevropatas é, neste caso, duma nitidez absoluta.

Entrando por assim dizer no mecanismo dêsse estado mórbido, vemos que em todo o fenómeno vivo há a distinguir a acção excitante, a percepção, a associação de ideias conseqüente e a determinação à qual na normalidade se segue mecânicamente a execução; mas, nos casos de abulia, o influxo originado numa dada excitação ou se dispersa num grande número de direcções e dá origem a outras tantas determinações contraditórias, e irresolução portanto, ou conduz a uma resolução única que se não chega a executar. ² Mas toda essa hesitação, que

¹ *Cartas de Camilo Castelo Branco*, com um prefácio e notas de SILVA PINTO. 1895.

² LE DANTEC: *Traité de Biologie*. 1903, p. 481-484.

é torturante, enfileira bem, por suas origens e conseqüências, ao lado da infinidade de terrores doentios que Jolly, poupando-se ao passatempo de buscar palavras gregas para os batizar um a um, conglobou na designação geral *cairofobia*. A abulia poder-se-há mesmo chamar *bouleuenfobia* (medo de querer) entendendo-se neste caso por *querer* o exercício amplo e perfeito duma vontade sã. E nem por essa concretização, que simplifica o estudo, o processo mórbido se altera.

Vamos assim seguindo, passo a passo, a nosogenia de um estado neurasténico, não perdendo de vista que a neurastenia é sempre o indício de uma tara nervosa profunda ¹ e que «ela constitue o terreno mais próprio para o desenvolvimento das nevroses, das vesanias e mesmo das afecções orgânicas cerebro-espinais, a ponto de se poder considerar como a origem comum da maior parte das doenças nervosas. Em summa, a neurastenia cria a oportunidade mórbida do sistema nervoso». ²

Enunciando os sintomas da nevrose de Camilo, tenho, em certa altura, de me afastar do quadro neurasténico; a própria actividade prodigiosa do romancista, contrastando com a fadiga e a má disposição para todo o esforço, que é a característica primeira do esgotamento, nos indica de comêço

¹ RÉMOND: Précis des maladies mentales, 1904, p. 110.

² FÉRÉ: Ob. cit., p. 80.

e nem sequer de *bestas* — um caso mitológico nas polémicas indígenas. E entretanto deu-se uma causa irritante para voltarmos à cascalheira lamacenta em que os fundibulários carregam as fundas. Ainda hontem a li no *Nacional* daquele ano; e, quando cheguei ao fim, as lágrimas não me deixaram deletrear as últimas linhas. Saudade de tantos amigos mortos, e saudade de mim mesmo, da minha alegria, das minhas doidices, dos meus 23 anos.

«Foi assim. Os paladinos da Dabedeille, em número passante de vinte e quatro, deram-lhe um jantar na Ponte-de-Pedra. Concorreram damas da primeira extracção com os seus pérfidos esposos.

Ditosa condição, ditosa gente
Que não são de ciumes ofendidos.

Casualmente passeava eu por aqueles sítios. Ia comigo Aloísio Ferreira de Seabra, um *bellonista*, falecido há muitos anos, conjurado também em deixar-se bater e matar por ela, que era feia, doente, casada e de mais a mais honesta. A fileira espectacular dos trens à porta da taberna beliscou-me a curiosidade. Quando soubemos que se festejava a cantora, apeamos com a inocente cobiça de ouvir os brindes. O taberneiro serviu-nos um quarto e umas enguias de caldeirada, ao pé da sala do banquete. Um dos comensais que ainda vive e não podia ser senão o festival João Guimarães, que Deus conserve dilatados anos na recebedoria de

Belem, vira-nos curvados ugolinamente sôbre as enguias rescendentes do colorau, e chamou, de longe, a nossa atenção com uma palmatória que um próspero acaso deparára ao seu espírito magistral; e, dando palmatoadas na sua mão esquerda, exprimia o simbolista imaginoso que o jantar dado pelos dabedeilistas à sua dama eram ideais palmatoadas nos menestreis, a sêco, da Belloni. Não soubemos esteticamente apreciar a simbólica de João Guimarães, sob aquela fórmula pedagoga—uma ratice geneal, com todas as irresponsabilidades de um organismo esquisito, como era o do nosso jovial amigo. Capitulou-se pois de repto o acto; e, sem prévio debate, entramos, os dois, de copo em punho, na quadra do banquete, e brindamos à nossa dama, a dessorada Belloni, feia, enfermicha, casada e de mais a mais honesta. Entre aqueles vinte e tantos convivas havia rapazes muito valentes. Estavam os quatro famosos Guedes da casa da Costa, o terror dos caceteiros cabralistas; os Leitões de Paço de Sousa; bastantes morgados de Riba-Douro e Riba-Corgo e Riba-Tamega—uma gente bravia com ares de recém-vindos da Palestina, fartos de fluminar o montante, esposteando mós de turcos. Conhecia-se apenas que eram nossos contemporâneos, pelas mirabolantes côres com que vestiam—pitorescos como araras. Pois dêsses façanhosos nenhum se insurgiu contra nós. Ergueram-se apenas, floreando as facas do talher, com cabo de osso sujo, os três ou quatro únicos poltrões da companhia. Aloísio de Seabra

retirára ferido em uma das mãos pela ponta de um estoque de bengala; e eu, que entrára resoluta a morrer, inutilizado o copo na cabeça do mais co-barde, cruzei os braços esperando a morte numa atitude romana; e, se não cobri o rosto como Cesar, em vista de vários brutos sem maiúscula, foi porque a aba do fraque não me chegava à cabeça. Parece que entre os três ou quatro carnílices havia hesitações: se me rebentariam de encontro à parede, ou se seria mais exemplar enforcarem-me em um galho do pinhal. Uma senhora histérica, com uns soluços, dava-se geitos de querer desmaiar. Outra matrona untuosa, frescalhona, de caracois postiços, com ares de muito emancipada de etiquetas, dardejava-me olhos exoftálmicos furiosamente e vociferava:— *Pouca vergonha! pouca vergonha!* Ela parecia dominada do cruel apetite de me dar meia dúzia de facadas nas entranhas.— *Que eu tinha-lhe perturbado a digestão*, dizia, muito azêda, com flatulências, pondo as mãos espalmadas no alto ventre timpanizado. João Roberto de Araujo Taveira e António Guedes Infante perfilharam-se comigo. O Guedes ria-se —aquele gentilíssimo rapaz que, damas e homens, todos amávamos pela graça incomparável do seu rosto e pelos encantos do seu riso sarcástico. Ele tinha inventado o *itálico* na palestra oral; era pôr o dêdo sob o lábio inferior quando a palavra era expedida.— *É preciso*, disse-me ele então, *dar uma satisfação a madame Dabedeille, que é uma virtuosa senhora*, grifava com o dedo debaixo

do beijo a *virtuosa senhora*. Entretanto, João Roberto, voltado contra o grupo dos canibais, perorava com gestos forenses e 5 razões: 1.^a Que era indecoroso atacarem um homem só e inerte. 2.^a Que o nosso brinde romanesco a mad. Belloni, se não era uma expansão de corações sensíveis, também não podia considerar-se explosão definitiva do vinho da Ponte-de-Pedra que não prestava para nada. 3.^a Que mad. Dabedaille, com o seu rico, salubérrimo sangue e marmórias carnes, a rebentar de sãdia, não poderia levar a mal que dois citaredos da sua rival anémica propuzessem um brinde à saúde de mad. Belloni, uma dama que expedia dos gorgomilos infelizes notas caquéticas a pedirem misericórdia e óleo de figados de bacalhau. 4.^a Que o sangue derramado por causa das duas primas-donas naquele recinto, ou taberna, era uma orgia de sentimentalismo que envergonhará Portugal, um país sério, perante as nações da Europa culta e talvês na própria Tartaria. 5.^a e última razão, que me deixassem ir em paz e incólume, a digerir a minha paixão ou o meu vinho, se êle fôra o elixir que fizera retroceder o meu espírito até à idade média, enchendo-me a cabeça de Rolandos, de Amadizes, de Clarimundos e *Cavaleiros da Triste figura*, isto numa época de prosa em que as Dulcineas se festejavam a 3 pintos por cabeça numa estalagem de almocreves. E, curvando-se ao meu ouvido: — *Vá-se embora enquanto êles mastigam o meu discurso. Lembre-se você que a retórica de Cícero nem sempre salvou*

os seus clientes; nem êle próprio com toda a sua eloquência se eximiu de o levar o diabo. Achei razão a João Roberto e fui-me embora. E no dia seguinte inventei uma vingança estrondosa — uma corneta de lata feita na Rua Escura que expedia berros atroadores; e, no teatro de S. João, inaugurei patoadas à Dabedeille com trompa. Nem inventei mais nada em toda a minha vida, na região do lirismo. O martelo já estava inventado pelo Diogo Maria, conde de Casal, o príncipe dos elegantes, que hoje esconde os destroços da sua vida atormentada nas brenhas de uma quinta no Alto Minho, sem saudade do que foi, porque entre as pompas da sua juventude e a sua velhice obscura está a imagem de uma filha morta a nublar-lhe o passado com tamanha paixão que todos os horizontes lhe fecha e aperta à volta de uma sepultura. Quem são os que ainda vivem daquele banquete? seis ou sete dos vinte e tantos, quando muito. Há seis meses acabou de morrer um, nas angústias da ataxia: êle era o mais requieto e alegre de todos nós — o António Duarte Guimarães. Que desconto acerbo o dos seus últimos anos, confrontados com os júbilos imperturbáveis da sua mocidade, e pela vida fóra, sempre honrada, até que os cabelos lhe encaneceram, e a doença entrou a esfacelá-lo por todas as fibras! Um dos restantes, era êsse, o juís da Relação João Roberto que a esta hora, hirto na sua mortalha de tafetá, em S. Ildefonso, inicia a putrefacção transformista do seu quinhão de matéria que ali serve de pretexto à

algazarra latina fanhoseada por algumas dezenas de presbíteros com mercenária união e grande aproveitamento.

«Restamos poucos daqueles genuínos de 1849, sinceramente rapazes, pouco dinheirosos, nada convencionalistas; mas desinfectantes e imputrecíveis no seio das famílias, porque eram românticos, castamente românticos. Guedes Infante é consul na Galiza. Quando nos encontramos, com interpostas ausências de anos, conversamos de uns sujeitos que tiveram o nosso nome. Se os nossos risos pudessem ser liquidados, davam uma lágrima. Constantino de Sousa Guedes, um dos restantes, seguiu imaculadamente a magistratura. Antes de envelhecer, quando o vulgar dos magistrados se arredondam e arrotam boas digestões, êle adelgaçava-se e estorcia-se nas dilacerações da nevralgia. Dos outros, não sei; ou, se os encontro, não os conheço, nem me reconhecem. Êste que ontem morreu, encontrei-o, há poucos meses, pelo braço da esposa que lhe era um anjo bom em paga de uma adoração de muitos anos e sem intermitência. Eu disse-lhe que ia morrer; e êle, com um sorriso animador:— *você está a ir morrer há trinta anos.*

«E as primas-donas o que é feito delas? Onde tiritam essas duas velhinhas que trouxeram aí de escantilhão, de asneira em asneira, a juventude desta cidade, medieval nos seus amôres, e os corações dom-juanescos dos morgados de Riba-Douro, Riba-Corgo e Riba-Tamega? A Bellodi nunca mais

cantou. Morreu logo. A Dabedaille poucos anos sobreviveu à sua pobre rival no proscénio. Lá foram ambas desafinar no côro dos anjos».

Nesse mesmo teatro de S. João, há anos destruído por um incêndio, deu-se um episodio interessante que o sr. Ramalho Ortigão nos conta no seu já citado *Estudo crítico* :

«O jornalista Novais Vieira, o *Novais dos óculos* ou *Novais da Pátria*, como variadamente lhe chamavam, publicou um artigo de maledicência, em que três homens, Camilo, Faustino Xavier de Novais e um outro cujo nome me esquece, viram alusões pessoais que resolveram punir. No dia dessa publicação malfadada, Faustino, chegando ao teatro de S. João, onde o redactor da *Pátria* ia todas as noites, encontrou no pátio da entrada Camilo rebuçado no *plaid*, com o *casse-tête* bamboleando pendente da sôga. — *Quem lhe dá aqui sou eu, que cheguei primeiro*, disse Camilo. Faustino subiu à primeira ordem, onde Novais Vieira assistia de um camarote ao espectáculo. À porta desse camarote, sobraçando uma longa chibata de picaria, passeava o anónimo a que acima aludi. Este personagem dirigiu-se atenciosamente a Faustino Xavier de Novais: — *Se v. ex.^a vem também para espancar o sr. Novais Vieira, rogo-lhe o obséquio de esperar de preferência lá em baixo...* — *Lá em baixo está-o esperando já com lugar tomado o sr. Camilo Castelo Branco.* — *Nesse caso suplicar-he-hei que me faça a fineza de ir para êsse primeiro*

patamar. Eu encaminharei para lá os passos do sr. Novais Vieira, para cujo primeiro encontro sou eu que tenho a vez. Há dez minutos que aqui estou. Assim, bem vê... O drama de expiação, em que o pobre Novais da Pátria estava destinado a figurar nessa noite infausta, foi pungente mas breve. Dentro de poucos minutos, o desventurado saía do camarote em que se achava, era rápidamente estreiado com duas chibatadas, galgava como um gamo o primeiro lanço de escada; de aí rechassado a sôco, vinha de um só pulo cair sob o *casse-tête* de Camilo, no esteirão do fundo, e era consecutivamente levado em braços à botica próxima, com uma brecha na cabeça e duas costelas partidas ».

Mas sempre êsses doidivasas atiravam para um regaço de mulher, entre as pétalas do galanteio, um pedaço de coração, de fórmula que, se era aquela a *mulher fatal* de que falam as crônicas do tempo, assim o namorado, iniciava a sua sina de amôr e de desgraça. Êles faziam versos, elas liam-os, e os bons papás mercantes, vivendo num positivismo que não excluía, de vez em quando, a sua história de coração, não queriam saber de musas e olhavam de soslaio para os endiabrados perturbadores da sua paz. De resto, a época, por qualquer lado que a encaremos, aparece-nos com um certo ar de ingenuidade, toda de entusiasmos espontâneos, uma maneira sinceramente simples em tudo, sem sombras duma preocupação pelo gro-

tesco, que incomode, ou que constranja. Ia ser
ainda essa a geração do

« Senhor Rei, aceita o preito »

arrôto lírico-patriótico que um bardo entusiasta
arrojou, no S. João, às régias faces do monarca
D. Luís, — quando aos reis se falava em oitava ri-
ma e a Carta não gemia ainda o fado da desilu-
são. Ao vêr agora, já de longe, num meio tão di-
verso e, valha a verdade, tão menos interessante,
essa sociedade pitoresca, com as suas usanças cu-
riosas e a sua maneira, tão outra, de tomar a vida
a sério, — a gente sorri, como Camilo, nos últimos
anos da sua vida, sorria, dêsse passado depressa
desfeito, com a estabilidade efémera das épocas
de transição...

Foi comtudo nesse período, quando o feitio ro-
manesco triunfava em toda a linha, que, num
baile da Assembleia, Camilo deixou prêso num
olhar de mulher o seu destino.

« Era num baile. Ondulava
De ouro e sedas o salão :
O ar que ali se aspirava
Escaldava o coração.
Tinha fogo o olhar da virgem,
Fogo de amôr, de vertigem
Dêsse que inflama o pudor ;
Tinha a mulher, anjo ou fada,
Uma existência encantada,
Um condão fascinador !

Que linda noite, que vida
No salão se não viveu!
Que existência tão florida
Nessa quadra rescendeu!
Que sorrisos tão mimosos
Se trocaram carinhosos
Nesse angélico festim!
Um galanteio era um hino,
Que soava um som divino
Nos lábios dum querubim.

Era um folgar incessante,
Era um delírio febril!
Cada qual cinge da amante
Breve cintura gentil;
Vôa com ela, embebido
No lindo colo pendido,
No ebúrneo peito ao desdem...
Sente arfar tão junto dela
O coração que revela
Ventura... e máguas?... também!

E, depois, lá murmuravam
Brandas, doces expressões...
Cada palavra que davam
Resumia mil paixões...
Uma só, um só sorriso,
Um olhar terno indeciso,
Uma súplica... talvez!...
E, no fim do baile, a pena...
A saudade... Ai! tão pequena
Foi a noite desta vez!¹

¹ CAMILO: *Duas épocas na vida.*

«Quando entrei na sala, em que ela estava, ia triste. A escuridade interior do espírito vinha fóra espessar em volta dos olhos da face uma zona, côr das minhas imaginações, negra como a desesperança, como os vinte e dois anos sem amôr, como a tédio das delícias da vida apenas provadas. Vi, como se vê num sonho, sem conhecimento da alma pensante, o quadro confuso de espectáculos agradáveis. Giravam as valsas, sentia nas faces o hálito das mulheres ofegantes de cansaço, os vestidos em redopío agitavam o ar tépido, rossavam-me o braço ombros nus, seios alvos e duros como alabastro, e não sei se mais animados pela vida do coração que o mármore das estátuas. Se eram Galatheas não o sabia eu; Pigmaliões, no ardôr do olhar paraciam-me todos os que as levavam cingidas no mular vertiginosa da dança. E elas deixavam-se pertar e elanguesciam, ageitando as feições de modo que pareciam envergonhadas da lubricidade deles. O espectáculo devia ser deleitoso para todo o homem que estivesse em paz consigo e com os outros. Para mim era triste. Ali foi que eu conheci o que é o doer da solidão moral. Cessaram as danças. Um homem deu-me o braço e disse-me:—
Venha vêr as três mulheres mais lindas desta terra.
Da que primeiro vi mal me recordo. Se a procurar hoje, depois de doze annos, para acordar as remiscências de então, não a encontro, que morreu. Da segunda nunca poderei esquecer os olhos. A luz que êles tinham, como o fogo das vestais

nunca se apaga: a terra da sepultura abafa o recipiente da alma que chamejava neles, mas a flama vive sempre na memória do coração que os contemplou um momento. Morreu também essa. A terceira eras tu. Vestias de branco, caía-te da cintura aos pés uma facha de sêdas em ondulações, enastravam-te os cabelos enfeites de fitas escarlates tão graciosos como singelos. Aqui tenho diante de mim o teu retrato. Eras assim. Aqui me estás, no estio da vida, florindo a primavera de então. Doze anos, e nem uma pétala murcha destas flôres! Frescura, graça, meiguice, o sorrir caricioso, o olhar mórbido, a volutuosidade inocente, os teus dezeseis anos aqui neste retrato, que me está dizendo: *Se queres achar os estragos do tempo, procura-mos no espírito. A formosura em mim é dureza como a dádiva funesta de um destino irrevogável.* Deixa-me recordar aquela noite. Eu contemplei-te. Viste-me; e, de aí a momentos, procuraste o desconhecido que ouviras dizer-se em sua consciência: *Com esta impressão alimenta-se uma longa vida.* Não me viste já. O restante daquela noite passei-a lendo Werther e compreendi-o. Imaginei-te amada, imaginei-te esposa daquele que disputava a tantos um sorriso teu, compreendi a paixão que nega o dever, que acovarda a dignidade do homem, e o desata das correntes da vida. A um relâmpago dos teus olhos, vi todos os ârcanos tenebrosos do coração humano. Ao outro dia, pudéras vêr impressa a história de um cinerário que se abria, para que

as cinzas de um coração revivessem. Leste-a. Falava-se aí de um anjo que puzera o dedo sôbre a urna funérea. Os traços debuxados da criatura celestial eram os teus; mas nessa sala estavam três mulheres belas, e tu renunciavas o primor à mais ambiciosa. Hás-de crêr-me. Vêr, nos extasis scismadores da juventude, uma imagem, um agregado de feições que raro se nos deparam complexas depois, e que se vão encontrando separadas e acaso se amam do amôr reflectido do tipo imaginário, não é mentira nem mera visualidade de poeta.»¹

Ana Plácido, senhora formosa e que possuia, além disso, uma tendenciasinha mórbida para as trevas, era, ao tempo em que, segundo conta a história, sentiu em si uma paixão intensa por Camilo, a noiva prometida do brasileiro Alves. Casou, dizem que depois de chorar muito, e eu quero crer que os annos que viveu com o marido, rosando em frente ao mundo o aspecto duma vida de tranquila paz, passaram sem incidente que pudesse interessar o cronista meticoloso de percalços do coração. Por êsses anos andou Camilo, embora trabalhando sempre, numa vida inerte, em que o proposito de se afastar da criatura que espiritualmente o prendera não conseguiu vencer a tentação, mais forte, de ficar. Pensa em ir para o Brasil e não vai; retira-se

¹ CAMILO: *Scenas inocentes de comédia humana*.

para o Minho e logo volta; matricula-se no Seminário e, no momento de tomar ordens, vem-se embora.

Êsse impulso de romantismo ardente, que o ia levando à vida de padre, influiu, durante um certo período, na sua obra. O misticismo de Camilo era aquele de que tantas vezes se acompanha a paixão amorosa. Na carta ao visconde de Azevedo que vem incerta no volume da edição, feita onze anos depois, dos artigos sôbre a *Divindade de Jesus*, escritos nessa época, o próprio romancista nos fornece elementos bastantes para ajuisar do seu estado psicológico de então. «Quando eu escrevi os artigos, que me foram testemunho da minha ignorância ou hipocrisia nas práticas dos meus julgadores imprudentes, — diz Camilo — me estava eu dando a mim as razões da minha crença. Não sei se foi algum ingente infortúnio que me fez ir aliviar o pêso de minha cruz ao pé da cruz do Homem-Deus: devia de ser; umas quasi delidas reminiscências do coração daquela idade me dizem que foi. O apêto da dôr espertou-me na memória as orações da infância. A mãe, que eu não conhecera, devia falar-me nessa hora. A luz que depois me guiou no rasto dos grandes infelizes, caminho do Calvário, devia de preluzir-ma ela no ânimo conturbado e afligido, antes que o estudo me volvesse à serenidade da fé e às fontes novas das águas bemditas da esperança. Vi então rasgarem-se-me os horizontes da vida em anos de paz. Contava com a graça divina para

lutar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexorável inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de maus sedimentos. Volvi às angústias antigas, às trevas duma cegueira em que, por vezes, umas visões como os lampejos dos amauróticos, me davam rebates de saudade da luz perdida ».

Sôbre o modo como a opinião pública julgou a sua conduta neste lance, também o depoimento de Camilo nos não deixa dúvidas. São ainda palavras suas, da carta ao visconde de Azevedo: « O fervoroso desejo de entranhar a minha fé no ânimo de amigos bem inclinados, que se dispensavam dela, enquanto as miragens da vida, moça e enganada, lhes bastaram à lisonja dos olhos, e o coração, de grado, se entregava à cadeia doirada das esperanças: — aquele fervoroso desejo, digo, foi grande parte no publicarem-se os argumentos com que eu respondia à filosofia indócil dos espantados da minha conversão. *Conversão* chamaram alguns o que meramente deveria chamar-se *reflexão*. A juízo de outros minha religiosidade era hipocrisia. Os amigos arguiam-me de inepto; os inimigos de impostor. . . »

No Seminário, em 51, Camilo perdeu o ano por faltas. E, nos anos seguintes, a sua preocupação dominadora era fugir dêsse amôr de mulher que o atraía como um abismo e assustava como um pecado. Por algum tempo, isolou-se num arruallado de Viana do Castelo, em S. João de Agra.

Depois voltou. E era tal o seu empenho em convencer os outros, e porventura em convencer-se a si próprio, do misticismo em que debalde procurava repousar o espírito, que uma noite, no teatro de S. João, confuso diante do conselheiro Guilhermino de Barros, pretendeu desculpar-se da sua estada ali: — *Venho ouvir o Moisés, que é uma ópera de assunto bíblico* ¹. Está dito que Camilo era um sensual; a imagem daquela mulher, ao que parece esculturalmente perfeita, que o atraía, não se dissipára nunca do seu espírito; nos seus romances de então aparece uma mulher idealmente linda, que o destino sacrifica a um brutamontes, e, nas entrelinhas, a cada figura, por maior diversidade de carácteres que a separem, a gente vê, bem a claro, Ana Plácido — a criatura amada sempre — e o marido atirado para a galeria dos bôbos que o romancista mostrava ao público divertido — como o mais precioso exemplar e o mais grotesco.

Se não arrecesse da banalidade misérrima da imagem, eu diria que Ana Plácido atraía Camilo como a luz atraí a borboleta. E foi afinal em 1858, no Bom Jesus do Monte, que a borboleta irremediavelmente queimou as azas fugidias. Êle viu-a, quando ela, junto às árvores do Bom Jesus, acompanhava uma irmã doente. Ele viu-a; correu o lance do maior perigo e foi vencido. De volta de ali, Ana Plácido recebeu de Camilo a confissão do seu amor nestas quintilhas:

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camilo*.

que o diagnóstico se não póde fazer aqui por um meio simples, sem entrar no mais delicado estudo dessa mesma actividade. Se bem que alguns sintomas, e entre êles a inaptidão para o trabalho intelectual, comuns quando a neurastenia é adquirida, muitas vezes falem na neurastenia hereditária, embora nos doentes dêste mal o trabalho contínuo e perseverante seja, assim mesmo, superior às suas forças.¹

Camilo não tinha, ralmente, êsse método regularíssimo de trabalho que é apresentado como exemplo em alguns escritores de grande nome; ele não tinha as suas horas de labuta fixadas nem tão pouco uma tarefa contada em cada dia; escrevia por assim dizer aos jactos, *num impulso*, e é certo ainda que os seus períodos de intenso labor correspondem sempre a crises mais ou menos graves duma vida de aventuras, com a excitação conseqüente da sensibilidade malsã dos seus nervos. Anos havia em que a produção literária de Camilo se limitava a compilações de coisas feitas, nunca essa produção foi mais copiosa que após a prisão por adultério, quando a consciência do grande homem lhe impoz o dever de sustentar com os únicos recursos do seu trabalho uma família que o destino fizera chamar sua. São tempos de dispêndio duma energia nervosa meia exausta, seguidos

¹ BOUVERET: Ob. cit., p. 204.

quási sempre dum período de abatimento, com mais um passo andado para a liquidação final que se avisinha.

É oportuno citar aqui uma observação curiosa de Weygandt ¹ que se adqua perfeitamente a êste caso. Êsse professor da Universidade de Würzburg procurou avaliar pelo método psicométrico a capacidade para o trabalho de intellecto na neurastenia constitucional, e, para isso, os doentes deviam fazer, durante um tempo determinado, pequenas adições de números de um só algarismo, marcando entre cada uma o espaço dum minuto, depois do que se podia, fixando o *quantum* de trabalho efectuado na unidade de tempo, estabelecer a chamada *curva de trabalho*.—Verificou-se que, ao passo que em criaturas normais a produção cresce ordinariamente durante os três ou quatro primeiros quartos de hora, por consequência do aumento de exercício, para baixar em seguida, pouco a pouco, à medida que a fadiga se manifesta,—nos neurasténicos constitucionais se verificavam bruscos saltos no decorrer da produção, modificando-se por vezes no intervalo de cinco minutos, de 50 a 100 p. 100, e nos neurasténicos por exgotamento a capacidade produtiva desde o começo da experiência ia baixando.

Neurasténico constitucional era Camilo e eis

¹ Ob. cit., pág. 239.

porque o seu trabalho prodigioso, irregularmente feito, aos solavâncos, longe de nos afastar do diagnóstico aventado, no-lo vem justificar por sua vez. E resto, mais duma vez, Camilo se sentiu e confessou incapaz de trabalhar. Cito dois exemplos, traídos das cartas a Vieira de Castro. «A minha doença — escreveu Camilo — tem tido algumas intercadências de abatimento; mas a cabeça peóra quando o restante parece melhorar. Eu não tenho esperanças algumas de cura. Poderei viver alguns dias, mas sempre atormentado e incapaz de trabalhar ou pensar uma hora». E noutra carta: «Passam-se semanas sem que eu tenha sequer animo para sair da cama. Não posso trabalhar...»¹

Entrando agora no estudo das fobias, é o momento de registar perturbações profundas na sensibilidade interna. Efectivamente, enquanto que, num indivíduo normal, a sensibilidade não alcança as vias conscientes de associação que residem na corticalidade e neurónes superiores, nos casos de doença surge-as dolorosamente depois de, numa supercitação, passar os neurónes inferiores, reflexos e automáticos. A essas sensações cenestésicas, que é possível considerar o *primum movens* da neurastenia, que chamam toda a sua atenção e unicamente preocupam, o doente, capaz apenas duma reacção

¹ *Correspondência Epistolar entre José Cardoso Vieira Castro e Camilo Castelo Branco*. 1874. T. II, p. 73 e 98.

insuficiente e dolorosa, não opõe as sugestões sólidas das aquisições sensítivas e sensoriais anteriores, entra num estado de angústia, quer e não quer, tem desequilíbrios de sensibilidade e inteligência, e apenas as sensações cenestésicas e as ideias que elas evocam ocupam, em plena posse, o campo da consciência. ¹ É a oportunidade de todas as perturbações adstrictas ao estado neurasténico; vem então, entre outras, a *aritmomania*, tão vulgar nos grandes homens e denunciada por Zola pelo médico Toulouse, a *onomatomania*, possível de encontrar num estudo atento de alguns dos mais salientes matoides da literatura simbolista, uma série longa de obsessões e impulsões que podem levar até ao crime, a *loucura da duvida* de Legrand du Saulle e as fóbias.

E digo obsessões e impulsões apesar dos reparos que possa suscitar a propositada associação destes dois termos. Porque realmente a coexistência dos dois sindromas em alguns estados mórbidos não é facto que tenha passado sem reparo por parte de alguns autores. Há tempos, Soukhanov publicou na *Rousski Vralch* ² um estudo sobre as ideias obsidentes e actos impulsivos (*Naviast mysli i impulsivnyia deïstvia*) pondo em contradição as duas ordens de fenómenos e registando, em cas

¹ J. VIRÉS: *Maladies nerveuses*, 1902, p. 404-410.

² T. II, n.º 15, p. 561.

cepcional de existência simultânea, uma fraqueza congénita das inibições morais ou um enfraquecimento de senso moral. Mas o facto irrecusavel, se-ja quais forem as razões que o justifiquem, é que obsessões e impulsões aparecem associadas em alguns processos mórbidos, completando-se. Tal o facto, vulgaríssimo nos estados neurasténicos, dumente que, *obsecado* pela ideia de não praticar um certo acto, a meio da sua angústia e não podendo resistir a uma *impulsão*, o efectua. «Muitas vezes a obsessão — diz Weygandt ¹ — estende-se ao domínio psicomotor e torna-se então uma *impulsão*». Todos estes fenómenos, obsessão e impulsão — observa Rémond ² — são em realidade da mesma natureza; comportam uma fraqueza de vontade». A questão está em saber — argumentam outros psychiatras ³ — se as obsessões caracterizadas pela fobia dum acto, isto é, por uma repulso ansiosa por êsse acto, se relacionam de qualquer modo com as obsessões impulsivas, às quais, ao primeiro aspecto, parecem opôr-se inteiramente. Na teoria, a questão não oferece dúvidas e, pois *é toda a ideia dum acto é um movimento que se realiza* (FÉRE), o medo de efectuar um acto deve ter uma tendência para êsse acto... Os próprios

¹ Ob. cit., p. 245.

² Ob. cit., p. 117.

³ A. PITRÉS et E. RÉGIS: *Les obsessions et les impulsions*, 1902, p. 111-113.

doentes, que em geral se observam bem, dizem indiferentemente: *Tenho medo de ser obrigado a fazer isto* ou *Sou impelido, sinto vontade de fazer isto*. Noutros há a coexistência da fobia e propensão impulsivas, e em alguns, finalmente, a fobia termina pela impulsão». «A impulsão mórbida — conclue Dallemagne na sua *Pathologie de la volonté* — não é mais que o último acto de uma espécie de drama cerebral que começa pela obsessão e continúa pela ideia fixa.

Assente pois a existência das perturbações neurasténicas, preparado o terreno, inutilizada de vez a resistência, a nevrose póde à larga, coinquinar o espírito. Na obra de Camilo, e nomeadamente nas suas cartas, preciosas como documentos de analyse noológica, há a revelação, mais ou menos precisa, dum número avultado de fobias. As que mais notavelmente predominam são a *patofobia* ou *nosofobia* (horror à doença) que, tomando por vezes o carácter obsessivo, nele chegou quasi a constituir uma verdadeira *nosomania* e a *tanatofobia* (horror à morte), consequência natural daquella, que actuou com uma intensidade se é possível superior ainda e correu a par dessa mórbida tendência para o suicídio que em Camilo se revelou desde bem cedo. Assim, folheando a *Correspondência epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco* na parte que contém as cartas de Camilo, escritas no período decorrido de 70 a 72, encontram-se frases como estas: «Sinto-me no

abo da vida..... Estou tão doente que à uma hora da noite passada dei um beijo no meu Jorge cuidando que ia morrer. Foi uma ameaça de congestão cerebral que, mais hoje mais amanhã, me ulmina..... Esta noite passei pior; mas ainda assim conservei-me na cama. A grande desgraça é quando lá não posso estar. Parece que me faz horror a posição horisontal da sepultura..... Não me consideres encarecedor dos meus padecimentos. Eu estou gravíssimamente doente e decerto te não vejo mais..... Agora, depois que estas crianças brincam felizes na minha negra atmosfera e a respiram com delícias, a morte apavora-me..... Esta infelicidade de doença não me deixa ir vê-te. Figura-se-me que me há-de apanhar longe de casa com uma febre cerebral..... Compreendo que as moléstias te dobrassem mais cedo que as desgraças morais. Se eu há doze anos, quando comecei a ser não infeliz, padecesse como hoje, ter-me-ia matado..... Se ainda a muito custo escrevo disso que vês, antevejo a completa paralisia do cérebro, em seguida a morte..... A cura é impossível. Não se regenera o sangue em circunstâncias de vida tão deletérias..... A minha enfermidade não cessa nem me deixa esperar melhoras» ¹ «Telho — dizia êle, em novembro, de 79, numa carta

¹ *Corr. Epist.* T. I, p. 32; T. II, p. 21, 51, 62, 109, 133, 144, 145, 173 e 177.

a Silva Pinto ¹—a, não sei se triste se alegre convicção de que vou emfim descançar brevemente». ¹ «A preocupação da morte—diz o padre Sena Freitas no seu estudo biográfico ²—é ainda mais familiar na sua pena. Chega a ser uma obsessão, como o precipício de Pascal». «A cada passo—conta o sr. Alberto Pimentel num dos seus livros ³—Camilo imaginando os symptomas duma doença grave, chamava afflicto por D. Ana..... Uma vez, Camilo estava no período de se julgar muito doente e não querer sair de casa. D. Ana Plácido pediu, instou, suplicou a Camilo que fôsse dar um passeio com um dos amigos que o visitava. Camilo resistia, dizendo que não tinha forças, que iria morrer de inanição no meio da rua, porque havia muito que se alimentava mal.—*Vou dar-lhe o desgosto de morrer na rua*, disse êle ao amigo». Quando, depois da morte do romancista, o sr. Alberto Pimentel esteve em S. Miguel de Seide, um visinho de Camilo e seu dedicado amigo, o sr. Francisco Correia de Carvalho, observou a alguém que rememorava as circunstâncias em que se deu o suicídio: «—Na vespera tinha andado a passear pelo meu braço ali no largo, em frente da egreja. Como começasse a soprar uma

¹ Ob. cit., p. 23.

² *Perfil de Camilo Castelo Branco*. Nona edição, 1888, p. 29-30.

³ *Os amôres de Camilo*.

ragem fresca, o sr. visconde disse-me: *Vamos em-ora, que tenho medo de uma pneumonia*. Ainda na espera do suicídio temia tanto a morte!»¹

Eu disse que a tanatofobia correu a par da tendência para o suicídio, que em Camilo se revelou desde bem cedo. Essa circunstância, aparentemente paradoxal de o horror à morte conduzir com frequência ao suicídio, citada por alguns autores, mereceu a Nicolau um desenvolvido estudo.² É um facto sem dúvida interessante mas para encontrar um paradoxo no qual nós teríamos uma boa razão de considerar o suicídio resultante de um raciocínio sã, caindo assim num paradoxo tanto saliente quanto êle aqui se dá num caso confesso de desequilíbrio anterior que as fobias denunciavam.

Entre estas notarei mais a *celafobia* (horror aos ruidos), consequência natural da perestesia dos seus ouvidos hiperacusicos, que durante a vida toda lhe fez um dos maiores dos seus tormentos. «Cá tenho o ferro em braza na cabeça» — escreve-lhe em carta a Vieira de Castro. E ainda: «Escrevo-te com a cabeça empanada em parches de viagre. O que eu sinto há doze noites seguidas é um strondo infernal nos ouvidos, uma zoeira de cata-

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os netos de Camilo*, 1901.

² *Thanatophobie et suicide*. Annales méd. psychol. 1892, t. XV.

dupas que me não deixa estar sequer cinco minutos deitado. Tenho frenesis que me despedaçam..... O pior é êste rolar de trovões que me estruge na cabeça. Ora vê tu, meu caro José, que desesperação não poder eu um instante fazer calar estes estrondos, e tamanhos que me acordam em sobresaltos! A medicina não tem nada para isto!..... Tu não imaginas os dolorosos caprichos desta enfermidade que me está despedaçando. Lá vejo no ceu a lua sereníssima. O estrondo que me rebôa nos ouvidos não me deixa ouvir o mar. Assaltam-me impetos de loucura quando penso que este inferno não há-de passar..... Escrevo devagar porque tenciono concentrar-me quanto possa e porque acho defículdade em escrever. Êste incessante estrondo na cabeça dia e noite, chega ao extremo de me pôr diante a morte como único remédio..... Êste tormento dos ouvidos é duns que eu dantes imaginava que me endoideceriam se durassem uma hora. Como se não bastassem vinte meses de ouvir incessantemente uma zoeira de mar tempestuoso e um silvo de vapor, acresceu agora a dôr penetrante de lado a lado..... Hoje estou sofrendo muito da zoeira e duns vagádos que me assustam... Se me dissessem antes de eu adoecer que havia de estar assim dois anos, eu cuidaria que ao fim de poucos dias preferiria a morte». ¹

¹ *Corr. Epist.* II p. 27, 33, 58-59, 62, 69, 97 e 133.

Poderei ainda citar a *antropofobia* (horror á multidão) e a monofobia (horror a estar só) opostas, alternando-se nos períodos de abulia mais intensos. «Aquele que escreve estas linhas — disse um redactor de *O Mundo*, dando notícia do meu *esboço de crítica* sôbre o grande remancista ¹ — viu, uma vez, receber-se numa estação telegráfica de Lisboa um telegrama lancinante de Camilo. Era dirigido a Fernando Palha, com quem o ilustre escritor se relacionara, cremos que em virtude de investigações históricas a que ambos se dedicavam. O telegrama dizia pouco mais ou menos, isto: *Estou aqui, na Póvoa* (seria na Póvoa? não temos a certeza) *só e abandonado. Venha v. ex.^a ver se me salva, levando-me para Lisboa.* O resto é textual, de tal forma se gravou no nosso cérebro, então de criança, êste grito de mortal desamparo. Êste telegrama deve ser de 1888...»

Poderei citar a *fotofobia* (horror á luz) coincidiu com os primeiros assomos das perturbações visuais. «Basta dizer-te — confessa o próprio Camilo nas *Vinte horas de liteira* — que escrevo sempre à luz do crepusculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidíssimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho durante os

¹ N.º de 26-6-1905.

meses esplendidos do ano, é um continuado começo de noite ».

Poderei citar ainda a *keronaufobia* (horror à obscuridade) manifestada, mais tarde, quando a afecção visual tomou carácter grave. E 1885 — conta o sr. Alberto Pimentel ¹ — estive em casa de Camilo, na Povoia de Varzim, e aí lhe li o original dos *Idílios dos reis*. Quatorze luzes, em duas serpentinas de sete castiçais cada uma, iluminavam a sala, que aliás era pequena. Era assim que Camilo queria afugentar as trevas que avançavam ».

Depois, ainda, a *fobofobia* (horror ao medo), com os seus terrores mórbidos. « Esgotado de forças — diz ainda o sr. Alberto Pimentel ² — exaltada a imaginação como fornalha acesa, Camilo era dominado por tenebrosos pavores, visões torturantes... »

Por fim, a *pantofobia* (horror a tudo) e, restritamente a *biofobia* (horror à vida), antecedente natural do suicídio.

Como sinal dum estado patológico mais grave, as obsessões e as impulsões fizeram-se sentir no romancista, mas duma forma velada, revelando-se apenas num ou noutro ponto mais saliente da sua vida pública e não dando margem, porisso

¹ *O romance do romancista.*

² *Os amores de Camilo.*

mesmo, a uma análise perfeita. Talvez a manifestação obsessiva mais perfeitamente caracterizada fosse o amor, êsse amor mórbido que corre definido em livros como «a hipertrofia dum sentimento verdadeiro e, por consequência, um caso patológico» ¹ Camilo foi nitidamente um nevropata amoroso. Não teve perversões, é certo, mas amou à doida, com um exclusivismo que em certas épocas da sua vida punha de parte qualquer consideração duma outra ordem e bem se pode, sem esforço, comparar, em quadro de nosologia, à ideia fixa. Êle não seguiu aquele conselho dum personagem de Musset: «Usai do amor como um homem sóbrio usa do vinho; não vos embriagueis». ² Embriagou-se, exagerou: e a tendência para a exageração de todas as sensações penosas ou agradáveis, nos doentes neurasténicos, procede da própria natureza da doença, dessa diminuição de energia moral que é um dos seus caracteres mais salientes ³. Violento e inconstante, e sofrendo todo o dispêndio nervoso dessa violência e toda a dôr moral dessa inconstancia, êle escreveu num romance ⁴ estas palavras, que são um precioso documento para o estudo da maneira de ser do seu amor:

¹ EMILE LAURENT: *L'amour morbide*, 1896, p. 82.

² A. DE MUSSET: *La confession d'un enfant du siècle*.

³ BOUVERET: Ob. cit., p. 74.

⁴ *Onde está a felicidade?*

«Moralistas, dai-nos uma figa de azeviche para afugentar o demónio da tentação: traze-la-emos devotamente sôbre o espírito fraco, o espírito maleável, que se presta a todas as fôrmas, êsse camaleão íntimo que varia de côr a cada novo raio de luz dos últimos olhos que o fixam. Corrige os defeitos do sistema nervoso de Guilherme. Transfundi-lhe um sangue mais sereno, menos irritavel, nas artérias. Dai-lhe o remanso da paz no regaço de uma mulher, seja ela rainha, ou costureira. Remi-o da infelicidade que traz consigo a inconstância. Fazei que êle não chegue aos trinta anos detestando as vinte variedades de mulheres ¹ que conheceu, e detestando-se por ter abusado das fáceis regalias, que o oiro, a juventude, e a sedução lhe serviam em mesa de risos e venenos, como nos festins dos Borgias. Arrancai-lhe do fundo do seio o espírito inquieto, que principia por travessuras, e acaba em ciumes rancorosos: insuflai-lhe lá uma alma nova, pacífica, fácil de nutrir-se, parca e susceptível de adormecer na paz podre de uma amizade burgueza, e estupidamente feliz... Moralistas, quando tiverdes descoberto o processo, de

¹ «D. João, num momento de humor sombrio dizia-me, em *Thorn*: Há só vinte variedades de mulheres, e logo que se conhecem duas ou tres de cada variedade, começa o fastio. — STENDHAL, *Fisiologia do amor*, cap. LIX. — O autor conhece vinte e uma variedades».

encadear o espírito, deveis erguer um cadafalso para os infames voluntários, que arremessarem a mulher ao abismo...»

Nessa mesma paixão por Ana Plácido, a mais violenta talvez, com ser a última, a saciedade veio dentro em pouco, e a vida seguinte, com ciumes, recordações de tempos idos, insultos até, a essa mulher em quem êle teve, ao que se diz, uma enfermeira dedicada,—foi toda ela uma expiação cruciantíssima. Não é preciso recorrer ao relato mais ou menos fiel de testemunhas para conhecer a história dessa ligação com Ana Plácido, depois do período romanesco da prisão e do idílio; basta transcrever algumas páginas do livro de Camilo *No Bom Jesus do Monte*. Nesse livro, publicado pela primeira vez em 64, e no qual o autor evoca todos os períodos da sua permanência no Bom Jesus vem elementos bastantes para a reconstituição dessa história maguada e melancólica de desilusão e de alento. São palavras dêle, na parte relativa a 1858:

«Estava ela sentada num comoro tapeçado de elva. Ao seu lado, com a fronte pendida ao hombro dela, estava a irmã, quinze formosos anos, um oração de Deus. Olhavam ambas contra as agulhas do Gerez toucadas de nevoas. E eu, que pedia ao senhor um sorriso daquela mulher, e depois o dono do infinito esquecimento, abria uma letra um tronco e dizia ao recesso de minha alma: *Ela a de vê-la*. Ouvi-lhe a voz: cantava no tom abafado e quem quer ser sómente ouvida em seu coração.

Onde podia ir aquela toada saudosa? Eu estava ali, eu, que lhe daria o meu seio, a minha juventude, a minha honra para escabelo dos seus pés! Onde podia ir aquela toada saudosa? Ó Beleza eterna e Verdade eterna! ó Suprema Inteligência, que bafejaste à minha alma o calor das inextinguíveis paixões, rompe essa represa de lágrimas, e lavem-me elas a nodoa do crime, se em amá-la injurio as vossas leis e postergo os deveres da humanidade! Assim orou o meu espírito ao Espírito do Senhor. E, adormecendo com a face encostada ao musgo do rochedo, sonhei êste sonho: Era num cárcere; eram tresentas e noventa noites de cárcere. Eu estalejava de frio e horror. As multidões premiam-se às rexas das minhas grades e cuspiam-me no rosto, conclamando: *Maldito!* E eu, debulhado em lágrimas, dizia: — Deixai-me a honra do coração, e macerai-me as carnes, e triturai-me os ossos. E o sonho continuou. Era no hospital. Eu inclinava o peito, crivado de dores, sôbre uma banca para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão duma família. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas precursoras da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre. E das fadigas inoportaveis do labor ia a refrigerar-me a fronte ao espirar reanimador da mulher amada, e servida com a imolação de todos os desejos, das esperanças todas. E era esta mulher a que eu vira sentada no comoro tapeçado de verdura no Bom Jesus do Monte. E ela repelia-me, dizendo: — *Tenho direitos à luz dos teus olhos, ao*

... sangue das tuas artérias, e ao ar dos teus pulmões.
 ... trabalha, escravo! E o sonho continuou: Caía o
 ... erradeiro bago da ampulheta do sexto ano de
 ... artírio. Era por noite horrenda... O anjo re-
 ... robo da perdição daquela mulher, com um stilete
 ... e fogo, avincou-lhe na fronte um lema ignomi-
 ... oso! E o anjo da salvação, triste, ajoelhado, com
 ... olhos no ceu, chorava. E o reprobado, numa toada
 ... e infernal escarneo, levantava este cantar:

.....

¹

... o anjo bemdito, num suspirar de gementes notas,
 ... zia:

*Não és a culpada; és escrava
 Da tua estrela funesta.
 A sorte abismos te cava
 E tu pões o pé na aresta!*

... o anjo precito:

*E és cega! e nessa lama,
 Em que te vês imergida,
 Ainda tua voz clama:
 «Glória à mulher perdida!»*

¹ Assim, no original.

Acordei! O céu estava lindo e sereno como a terra! Glória a Deus! que êstes horrores só póde concebê-los a alma sonhando. Oh! a mulher formosa, a santa do meu amor, a imaculada que eu manchei num sonho, aquela mulher... MORREU!»

E, na referência a 1863:

«Já outro coração, outra alma e outra luz! Estavam apagadas as lampadas eléctricas dos meus arvoredos. As árvores... eram troncos e folhas. O céu era o espaço interposto aos corpos luminosos e opacos. A água das fontinhas era a combinação de 88,91 partes de oxigénio com 11,09 de hidrogénio. O sol era o centro do sistema planetário. A noite era um processo escuro de bronquites. E eu... era o homem da natureza. E, por isso, naturalmente me constipei, assim que da calma do caminho passei à frescura das sombras. E eu dantes não me constipava. Era clima de Paraizo terreal para mim aquele! Bastava-me a lava interior para reagir às frialdades da periferia. A sombra dos meus plátanos nunca me haviam instilado aos bronquios uma gota de peçonha. As almofadas de relva, quando me eu deitava por aqueles combros, nunca me coaram aos ossos o reumatismo. E agora, arrazado o viveiro de oiro donde me saiam as pombas candidas das minhas quimeras, todo o meu ser ali era um gemer de entrevado, que se contorce em angústia. Ao meu lado, á cabeceira do meu leito de enfermo, com o cotovêlo apoiado ao travesseiro húmido de minhas lágrimas, estava uma visão

maldita do Senhor, o ministro da flagelação expiatória dos êrros de minha vida. A sua boca extravasava de sarcasmo; dos olhos coruscavam-lhe as faúlhas, que resaltavam do coração feito braza infernal; o bafo rescaldava, como língua de fogo. Era assim a visão maldita do Senhor. E eu, com o peito arquejante de ansias, punha aos lábios o travor daquele calix, e dizia: *Amplius, amplius, Domine!* Quando eu, através da vidraça, expraiava os olhos por aquele ceu, dizia abafando os soluços: *Ó ceu das minhas alegrias! ó alva nuvem onde vos vejo ir amortalhadas! ó cantoras das selvas, os vossos regorzeios já me soam como o gemer da ave hibernal sôbre um tûmulo.* E chorava sem vexames dos meus cabelos brancos. E o Senhor, depois que eu chorei muito, mostrou à minha escuridade um como lampejo de gladio na mão de um arquanjo de semblante formidável de pavor. Estremeci até à médula dos meus ossos, e ouvi:—EXPIA! E, desde aquela hora, as minhas agonias teem a doçura do escravo, que conta os dias do cativeiro remissível. Bemdito sejais, Senhor Deus de Saulo, que vos amerciais do delinquente, afogando-o na onda da água amaríssima de expiação!»

E numa página das *Cenas inocentes da comédia humana*:

«Eu pedira a Deus a paixão em que um dia de prazer custa anos de agonia. Pedi-lhe o flagelo do ciume, e o Senhor poz a meu lado o anjo maldito que matara Desdemona, e arrojara um cadáver

aos pés de Carlota. Uma tortura para cada fibra, um rugido de homicida para cada homem que a contemplava, e, podia, no secreto da sua fantasia, imaginar o sabor de um beijo dos lábios dela. Tinha amigos, e injuriei-os e perdi-os para que não vissem. Escutava-lhe o ansiado as palavras do sonho, e contemplava-lhe o seio com o amor vertiginoso de um louco, e a insânia furiosa de quem quizer na ponta de um punhal roubar-lhe o segredo do coração. E, se ela balbuciava, num vagido infantil, o meu nome, os meus lábios convulsivos respondiam-se com um beijo em que me saía da alma o inferno incomportavel da dúvida. Ella dissera-me um dia: *Sou a tua mulher fatal!* Eu fitei-a com o assombro de homem, afeito a ver na mulher a criatura fragil, a linda e quebradiça argila que não podia conter seis lágrimas sincéras de um coração varonil. *Sou a tua mulher fatal!* Contemplei-a, ouvi-me da voz da consciência que nunca invocara para as quimeras do amor, e a consciência disse-me: *Será».*

Finalmente na *Recapitulação*, ainda do livro *No Bom Jesus do Monte*:

«...circumvaguei um extremo olhar às minhas árvores. Depois, no cercado da última capela, encostei a face ao musgo de uma rocha, puz o meu espírito no remoto ponto dos vinte e sete anos passados, desde a primeira vez que ali viera, e descí discorrendo até àquela hora derradeira. A cada passo tropeçava num túmulo.....

« A mulher da paixão, que eu, no pavor da minha soledade, pedira ao Senhor ;

« A mulher que me acorrentou a um cadafalso de suplícios ignominiosos ;

« A mulher que me levou as virtudes da alma e o pudor do coração, quando eu já não tinha lágrimas, que me ela pedisse ;

« A mulher, a quem a Providência divina, em sua ira justiceira, atirára aos grifos do dragão do mundo, contra o qual eu puzera o peito, enquanto o coração teve sangue que expedir ;

« A mulher que me fez odiar a justiça de Deus, e insultar a providência dos homens ;

« Essa mulher morreu. »

Essa mulher morrera de facto, porque o amor de Camilo por ela entrara para o número do que elle mesmo chamava as « afeições caídas à voragem infernal do desengano ». ¹ Deixara-lhe a saudade, é certo, a saudade duma paixão arrebatadora e ardente, mas essa mesma envenenada pelo remorso, um remorso doentio que imperou como uma obsessão de terror nos derradeiros anos da vida de Camilo. Em todas as suas amarguras elle via o castigo de Deus e na tranquillidade que buscava para o corpo e para a alma, longe dos ruidos das cidades, na serena quietidão dum recanto minhoto, ali mesmo, em Seide, « havia a atormentarem-no

¹ CAMILO: *Amor de Salvação*.

— diz um seu biógrafo ¹ — espectros sinistros, sombras, fantasmas, visões de remorso, e nos *pinhais gementes*, que rodeavam a casa, gritos de maldição, clamores de vingança, que êle desde a morte de Pinheiro Alves, jamais deixara de ouvir». Em 9 de março de 88, Camilo desposou finalmente Ana Plácido. Cerimónia breve e muito íntima realisada de noite na casa da rua de Santa Catarina, no Pôrto, onde, ao tempo, estava residindo. Pensa o sr. Alberto Pimentel que o grande escritor casou a instâncias de amigos seus e cita mesmo os nomes dos srs. Joaquim Ferreira Moutinho e cónego Alves Mendes. ² A mim me quer parecer que ao remorso de Camilo e aos seus escrúpulos ao aproximar da morte se deve attribuir essa resolução. De facto, já em 1879, nove anos antes, Camilo pensara em se casar com Ana Plácido quando, sabendo-a com uma angina-pectoris, a considerou perdida. «Se ela morrer — dizia êle então numa carta ao sr. padre Sena Freitas ³ — a saudade há-de pungir-me com o remorso de a não ter honrado aos olhos dos filhos e do mundo». Em 83, Camilo estava atravessando uma crise de desanimo atroz. O sr. Alberto Pimentel afirma no *Romance do romancista*, referindo-se a êsse ano, que Camilo «numa hora de maior desalento, resol-

¹ ALBERTO PIMENTEL: *Os amores de Camilo*.

² *Os amores de Camilo*.

³ Cartas ineditas. (Ver NOTA E).

eu partir para o Pôrto». Não era então Ana Plácido que se podia considerar perdida; era êle que a si próprio, com a consciência perfeita do mal que o perseguia, se considerava assim. De novo parecia o perigo de aquella ligação se quebrar pela morte antes que êle houvesse «honrado aos olhos dos filhos e do mundo» a mulher que por amor dêle se perdera.

As transcrições que há pouco fiz de trechos da obra de Camilo, em que mais ou menos isoladamente se alude ao seu caso de amor, dão-me o ensejo de dizer que Camilo, como quási todos os neurasténicos, vivia muito do passado, comprazia-se em recordar os mais gravativos incidentes da sua agitada vida de aventuras, e por tal fórma que dêse effecto, junto com a qualidade, inórbida também, da confiança, deriva o fundo de uma grande parte das suas obras.

Tinha ainda Camilo, bem marcada, essa tendência patológica para a auto-observação de que quási sempre a neurastenia se acompanha, e pena é que pela falta de conhecimentos de psicopatia, o tenha prohibido de dar a êsse inquerito de cada instante uma orientação mais proveitosamente científica. E algum médico, amigo de Camilo e já versado na maneira moderna de considerar os males da alma, colheu duma observação directa e minuciosa os dados preciosíssimos que só uma observação assim nos pode dar, o resultado do seu tabalho ficou occulto; de modo que quem hoje queira con-

cienciosamente fazer a crítica, encontra a cada passo lacunas insuperáveis, abertas a hipóteses sempre vagas pela impossibilidade de as verificar com segurança. Assim, se nem sempre o quadro nosográfico nos aparece mais ou menos íntegro, não é bem porque Camilo deixasse de ser aquilo que em medicina se costuma chamar *um bom caso*, mas porque a documentação de certos sintomas não é tão completa, que por si só nos consinta, sem escrúpulos, registá-los. De resto, para o estudo perfeito dum exemplar como Camilo, haveria a pôr em prática, durante a sua vida, um certo número de métodos de observação cujos dados seriam dum valor indiscutível. Seria mistér recorrer à antropologia, efectuando as mensurações craneanas, à análise das urinas, ao hidrofimógrafo e ao miógrafo, para o exame do aparelho circulatório e da emotividade do doente, seria mister estudar rigorosamente os fenómenos da sensibilidade geral e também os órgãos dos sentidos, especializando no nosso caso o campo visual, e, além de tudo isso, fazer mil outras observações que se tornaria longo e fastidioso enumerar inutilmente. Mas o facto de faltarem elementos de importância não poderia nem deveria impedir que eu dirigisse o meu estudo com a única orientação compatível com o rigor científico da crítica moderna. Seria improdutivo fazer psicologia sã num homem como Camilo, em quem os stigmas mórbidos se acentuam dum modo tal que fere mesmo aqueles menos versados em coi-

sas dessas, e a própria crítica literária da obra gerada nos períodos exacerbados duma nevróse intensa havia, por fôrça, de sair falsa, convencional, postiça, a debater-se em meio de adjectivos incolores e de afirmações incomprovadas.

Neste capítulo do meu trabalho, ficam já registados vários sintomas mórbidos que me auxiliarão a fixar daqui a pouco um diagnóstico provável: a abulia, as fobias, as obsessões e as impulsões, a irregularidade característica do trabalho, o exagero de todas as sensações, a inconfidência, as tendências para recordar o passado e para a auto-observação, os pavores noturnos e os fenómenos perestésicos. Citarei ainda as insónias, as vertigens, os estados hipocondricos, a vagabundagem, e também as dores nevralgicas, a atonia gastro-intestinal, a dispépsia, a surdez, toda a série longa das perturbações visuais, manias persecutoria e das grandezas, e ainda certos caracteres que Lombroso e outros autores atribuem aos homens de génio, tais como a procura constante do termo raro, a auzencia de senso moral, as desigualdades psíquicas, a interpretação mística dos factos mais simples e o misoneismo. Todos êstes últimos são fenómenos complexos que necessitam duma mais detida prova. Para a demonstração nos primeiros é fácil encontrar documentos na sua própria obra.

Para as insónias, por exemplo, ocorrem-me algumas frases de cartas a Vieira de Castro, insertas no segundo tomo da *Correspondência episto-*

lar. ¹ «Só duas linhas — escreve Camilo ao seu amigo — porque a minha doença me não permite mais. Há cinco dias e noites que apenas consegui dormir a soma de seis horas..... A noite passada foi das tais medonhas. Não consegui dormir. Já não descanso sem narcóticos que cada vez mais me desafinam os nervos. As minhas cartas estão sendo para ti, meu filho, um boletim sanitário. Eu sei que em verdade te interessas na minha vida, porque tenho de consciência que me julgas um dos teus mais afligidos amigos..... Há quatro noites que apenas durmo instantes».

Para prova da vagabundagem, servem precisamente estas palavras duma carta escrita ao sr. padre Sena Freitas: ² «Se vou para o Pôrto, com intensão de lá estar 15 dias, apenas lá estou uma noite cruel de insónia e anciedade de me safar». E ainda êstes períodos de cartas ao Visconde de Ouguella «Ámanhã volto para o Bom-Jesus; mas se me escreveres seja para Famalicão. Não paro. Custa-me a imobilidade..... Já não sei onde hei de estar. Em 15 dias ensaiei quatro paradeiros, uns nas montanhas, outros nas praias. Em toda a parte o tédio, o asco das cousas e das pessoas..... Vim de Vizela ontem, e não sei para onde irei ámanhã».

¹ P. 32, 47 e 63.

² Ob. cit. p. 149.

Sôbre os outros sintomas mencionados, posso
tar ainda alguns trechos das cartas de Camilo, não
esquecendo também a sua frase da *Maria da Fonte*:
«Eu vim daí, de cólica em cólica intestinal, até
esta ruína gástrica que sou hoje». «Eu há dez dias
que passo as horas a contorcer-me numa nevralgia
que já me tem posto diante dos olhos o recurso
do suicídio — escreve êle a Vieira de Castro —
..... Os meus padecimentos voltaram. Estou escre-
vendo às seis da manhã. Passei toda a noite com
a cara nos vidros à espera do dia. Imagina, meu
filho, um espasmo nervoso no esófago que só com
muito custo me deixa respirar e à fôrça de anti-
spasmodicos. Por cima de isto, o estrondo de uma aze-
lha na cabeça, aquilo que Henry Heine sentia quando
escrevia no *Livro de Lazaro: No fundo do meu
cérebro vai um ruidoso desmancho*. Depois a fra-
queza que me não deixa ter em pé e a impossibili-
dade de estar quieto. Não se póde viver assim.....
A noite passada deitei-me com esperanças de ador-
mecer. Ergui-me logo e vi romper o dia e esperei
que me deixasse uma dor nevralgica que veio so-
redourar a insónia, o espasmo, a zoeira e toda
esta admirável cadeia de nevróses..... Antes de
ontem reuni aqui tres médicos. Não sei o que
pensam de mim. O de Braga chama gastralgia à
moléstia. O de Guimarães também. E o das Taipas,
que cura há 60 anos, ainda não sabe o que é.....
A noite passada dormi regularmente. De oito em
oito dias tenho assim um remanso..... As noites

são as mesmas e atribuladas. Hoje veio uma sobrecarga de dores nervosas nas pernas que me privam de andar..... Estou de cama: perdi ambos os ouvidos: ficaram-me horrendas dores que me tomam toda a face..... Há cinco dias que padeço mais e muito. No dia quinze dêste mês faz um ano, que eu tive a primeira congestão. Não creio que êstes ataques tenham prazos fatais; mas é certo que os padecimentos se agravam com a aproximação do calor..... A minha enfermidade até já me faz angústias se me demoro segundos a escrever. Não há palavras para o que sofro; é a anemia mais desgraçada que pode dar-se. O meu cérebro está ralado e dissolvido em sangue..... Os meus prazeres neste antro chamado o viver são as poucas horas em que durmo se as não sobressaltam as nevroses subitas ou os sonhos horrendos que me prostram a alma». ¹ «Ontem estive de cama a curtir um começo de bronquite e a cevar as dores da perna com o Pain-Killer, uma mixórdia americana que me leva a epiderme e me deixa as dores — escreve êle a Silva Pinto —..... Estou de cama, com as mesmas dores de velhice..... Já vê que lhe escrevo na cama, moído de dores, e ansioso por isto acabado..... *Fakir* soa como *pobre* nas línguas semítica. Escrevo-lhe de cama com muitas

¹ *Corr. Epist.* t. II p. 16-17, 40, 43, 44, 49, 64, 96, 158, 174 e 183.

ores de olhos e de pernas, como um fakir da pior
ça estropiado». ¹ «Estranhei pois — diz o roman-
sta numa carta à sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Car-
alho publicada na *Boémia do espírito* — que V. Ex.^a
e não felicitasse por estar surdo, quasi cego, tro-
ego, com duas nevrôses em cada nervo, com duas
onias formadas, uma no estomago, outra no figado,
a terceira a principiar no cérebro». «Estou cada
a mais doente, mais triste e mais convencido de
ue acabei..... — diz Camilo ao padre Sena Frei-
s ² — Logo que me sinta com fôrças aí estou,
ão imagina o meu estado de fraqueza. Qualquer
udança de ar, uma nuvem, um bocejo de vento,
ma pequenina convulsão nas árvores despedaça-
e os nervos. Parece que se vai fazer noite na mi-
na alma..... Esperava eu que a mudança de terra
e suavisasse umas crueis dores nervosas que me
esperam. Vou procurar remédio noutra parte.....
stou quasi paráltico, e quando a atrofia me su-
r à região peitoral, decerto, e felizmente, acaba-
i de penar..... Ainda vivo no último acto da
composição. As pernas já estão na campa; mas
nda as sinto nos estorcegões das nevralgias. Eu
perava isto há muitos anos, quando experi-
entei os prodomos da ataxia. Agora já difficil-

¹ Ob. cit. p. 48, 82, 85 e 114.

² Ob. cit. p. 126, 132, 133, 144, 147 e Cartas ineditas
(ver NOTA E).

mente me arrasto duma cadeira para outra; mas, assim mesmo, vou até onde pôde levar-me uma sege. Afinal a ciência descobriu que a minha enfermidade inexorável é uma mielite. A paralisia por enquanto está nas extremidades inferiores. Se a lesão da coluna vertebral chegar às vertebraes cervicais, tenho de morrer asfixiado». «Estou doente como uma enfermaria de S. José — diz ainda Camilo ao visconde de Ouguela. — Cheguei à prosa da dôr de barriga. Sinto-me vivo de nevralgias. Tenho andado por todas as praias do norte sem tomar um banho; quando soffro até cair, venho para a piedade inútil da família». «Há trinta dias que não durmo com atrozássimas dores nas pernas» — afirma êle a um amigo, em carta publicada numa revista do Pôrto.¹

Nos seus delírios de megalomano e perseguido, Camilo seguiu o tipo clássico: é um caso perfeito, posto que notavelmente atenuado. E nêle se poderia talvez encontrar aquella passagem raciocinada do delírio de perseguições para o de grandezas que alguns alienistas pretendem e outros, não menos ilustres, como entre nós o sr. dr. Júlio de Matos, se recusam, pelo resultado das suas observações, a confirmar.² Quando Camilo foi para Lisboa com Ana Plácido e a opinião pública os agredia, o

¹ *A Ilustração Moderna*, Pôrto, 1901, 2.º ano, nºs. 8 e 9

² JÚLIO DE MATOS: *A Loucura*, 1902.

romancista julgou-se vítima de tenebrosos conciliabulos dos amigos de Pinheiro Alves, que contra elle tramavam projectos de assassinio. «Assim foi — diz o sr. Alberto Pimentel nos *Amores de Camilo* — que de Lisboa escrevera para o Pôrto a seguinte carta, que está junta ao processo e que reputamos completamente infundada nas suspeitas que lhe servem de assunto :

Ilustríssimo Senhor — V. S.^a e eu reduzimos sua sobrinha à extrema miséria. Há no crime ainda a possibilidade da virtude. A minha, se alguma me concede, é trabalhar noite e dia para alimenta-la e a seu filho. Os projectos de assassinio tramados por V. S.^a contra mim, não vingaram no Pôrto. Se conseguir que elles vinguem em Lisboa, glorie-se V. S.^a de ter quebrado o último esteio duma senhora desvalida. Não se espante da liberdade que tomo de escrever-lhe. Espero que V. S.^a seja um dia o primeiro a dizer que eu não era tão infame como a sociedade me julga. — 20 de fevereiro de 1859. — De V. S.^a atento venerador e criado. — CAMILO CASTELO BRANCO ».

É claro que tais projectos não existiam. O marido atraído vivia num meio em que essas resoluções violentas só com muito custo poderiam germinar, e, mesmo que a sua dôr fôsse tamanha que o alucinasse, os respeitabilíssimos amigos que o cercavam, gente conselheiral e ordeira, haviam de

fazer-lhe escutar a voz da prudência e da razão. Pinheiro Alves instaurou um processo, meteu os amantes na cadeia e, embora o seu sofrimento fôsse muito e lhe encurtasse uma vida amargurada, o certo é que a isso se cifrou e a isso se deveria cifrar logicamente a exteriorização do seu rancor.

Mais tarde, dizia António de Azevedo Castelo Branco, numa carta a seu primo Nuno, visconde de S. Miguel de Seide, referindo-se a Camilo: «O que eu lhe ouvi foi as palavras em que êle me exorava para dar-lhe o revolver comprado, dizendo-se cercado de pessoas que o odiavam...»¹ E o próprio Camilo, num opúsculo da questão da Sebenta, escreveu: «Afinal, este doutor é mais um dos ignorantes maus da quadrilha formidável que me saiu quando eu já ia no fim da estrada, estropeado, amparado ao bordão do caminheiro que vem de uma assás trabalhosa peregrinação»², quando, em verdade, se os ódios ocultos contra êle eram bastantes, a quadrilha que saiu em linha de ataque estava longe de merecer o epíteto de formidável que a nevróse de Camilo lhe assacou.

Sabe-se que o grande escritor teve sempre em grau altíssimo a preocupação nobiliarquica, e ave-

¹ NUNO CASTELO BRANCO: (Visconde de S. Miguel de Seide). *Protesto contra a suposta filha de Camilo Castelo Branco*. 1890.

² *Notas à Sebenta do dr. Avelino César Calisto*, 1883, p. 15.

guado como parece estar que a sua ascendência não enfeita com o sangue azul dos pergaminhos, de concluir uma acentuada megalomania. Essa árvore genealógica, cheias de nomes vistosos, que entra galhardamente e com solene entono pelas mastias remotas de Oviedo e de Leão, a que me refiro no começo dêste livro, foi organizada pelo próprio Camilo e veio ter em manuscrito às mãos do sr. Alberto Pimentel, que a publicou no *Romance do romancista*. Mais tarde, êste mesmo autor, mais bem informado, emitiu a opinião de que essa triste estirpe nada mais fôsse que uma novela de fadas escrita por Camilo sob a influência do seu delírio dominante.¹ E foi ainda indubitavelmente esse delírio que o levou a aceitar o título de visconde que, sob o rótulo duma nobreza de brasileiro inhoto, vinha encobrir todo o brilho do seu nome e glória. Dizem que era uma antiga aspiração sua, satisfeita depois pela influência de uns amigos; e é ainda o sr. Alberto Pimentel que nos conta a tal respeito êste episódio: «Toda a gente estranhou que êle quizesse trocar o seu nome por um título de visconde; só êle não estranhou. Em Seide disse eu: — *Se eu fôsse ministro, teria introduzido uma inovação no seu título, meu querido mestre. Qual?* perguntou Camilo. — *Agraciá-lo-ia com o título de—visconde Camilo Castelo Branco. Assim,*

¹ *Os amores de Camilo.*

*a mercê não eclipsaria um nome glorioso, antes lhe seria homenagem. Camilo não gostou e respondeu de pronto:—Correia Botelho são apelidos nobres da minha família.»*¹

Planeando, nos últimos anos da sua vida, escrever um romance sobre os seus antepassados, intitulado *Os Brocas*, Camilo dirigiu-se ao visconde de Sanches de Baena solicitando-lhe algumas indicações que o pudessem auxiliar no seu trabalho. «Como V. Ex.^a possui muitos conhecimentos genealógicos e dados infalíveis que lhe fornecem as velhas inquirições do Santo Ofício que Deus haja em sua Santa guarda—escreveu Camilo numa carta ao erudito investigador, datada de Seide, em 23 de outubro de 1881—tomo a liberdade de lhe enviar um traslado de certidão batismal, de família de Vila Rial de Trás-os-Montes, a ver se porventura V. Ex.^a me póde dar alguma informação dos antepassados do Dr. Domingos José Correia Botelho de Menezes, falecido em 1805, desembargador aposentado da Relação do Pôrto, e de José Luís Correia Botelho, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, que me parece ser tio paterno, irmão de Manoel Correia Botelho, avô do batizado. Também desejaria saber se o capitão José Pereira da Silva, casado com uma senhora Castelo Branco, de Cascais, tem representantes nesta vila».²

¹ *Os amores de Camilo.*

² ALBERTO PIMENTEL: *O romance do romancista.*

Noutra carta, posterior, também dirigida ao visconde de Sanches de Baena, escreve Camilo: «Pelo que respeita a Correias Botelhos, estou plenamente satisfeito, graças às ilucidações prestantíssimas de V. Ex.^a. O que muito me interessava era saber quem fôsse D. Rita Castelo Branco, senhora com quem casou o dr. Domingos José Correia Botelho, em Cascais, sendo aí juís de fóra. Os pais dela constam da certidão do batismo que enviei a V. Ex.^a, e o dr. Domingos José Correia Botelho, segundo calculo, casou entre 1760 e 1765. Em Cascais existe um indígena general reformado, de apelido Castelo Branco: póde ser que êle proceda dessa família. Conheci uma filha do dr. Domingos José Correia Botelho que se assinou *Caldeirão*. Porque? Entre os meus papeis manuscritos há umas trovas proféticas dum físico Caldeirão de Cascais, espécie de Bandarra no século xvi. Poderemos espiolhar o Caldeirão nessa família de Cascais que há 50 anos assinava *Castelo Branco*?»

Registei em Camilo a constante procura do termo raro. Não há em toda a literatura portuguesa linguagem mais exuberante, mais fornida e ao mesmo tempo mais pura que a dele. Mas a grande parte do seu vastíssimo vocabulário são termos por êle criados ou feitos reviver dentre a prosa obsoleta dos carapácios velhos, de modo que muitas são as páginas da sua obra em que para uma compreensão literal o uso dum dicionário ou dum elucidário

se não dispensa e rara será aquela em que não encontremos uma palavra nova, derivada sempre segundo a índole e o mecanismo da língua, para que esta de fôrma alguma deixe de ser, ainda e sempre, o mesmo instrumento autónomo, vivendo à custa dos seus recursos próprios, vernáculo e puríssimo. É claro que se não trata aqui apenas duma necessidade urgente de expressão, mas da exigência dum temperamento de colorista, num homem de génio que possuía, como todos, a tendência para a originalidade.

Mas, falemos do senso moral de Camilo, tão discutido... e tão injuriado; falemos do seu carácter que ainda um articulista dizia há tempos não ser «precisamente o de Smiles» ¹ e vejamos até que ponto êsse modo de ser moral se integra no esboço de fisio-psicologia malsã que estou traçando.

Não houve infâmia que lhe não atribuíssem, monstruosidade moral que não servisse para, aos olhos de alguns, diminuir a grandeza do seu génio e o valor colossal da sua obra. O certo é que Camilo, como nevropata, tinha desigualdades de carácter por vezes exteriorizadas dum modo saliente e, assim, de envolta com um ou outro modo de proceder pouco correcto, actos de bondade que francamente o nobilitam. Numa carta a Silva Pinto

¹ PEDRO A. DE AZEVEDO: Log. cit.

escreveu êle: «Os seus *Realismos* deviam ser bem acolhidos; agora com novo prefácio veja lá o que faz. Eu não lhe inculco a pujança dos seus inimigos; advirto-lhe simplesmente que é melhor não os ter, porque a gente de coração normal até mesmo quando fere os adversários se magôa. Eu sou desgraçado até me entristecer quando firo alguém: prefiro que a retaliação seja cruel para me não ficarem escrúpulos.»¹

Tendo ardido a casa do editor de *Um homem de brios*, Rodrigo de Oliveira Guimarães, dias depois da publicação desse romance, Camilo, condoído da miséria do livreiro, não só não aceitou o preço da edição como ainda escreveu o drama *Espinhos e flôres*, fê-lo representar no S. João e cedeu todo o produto da récita em favor dele. Anos depois Camilo era insultado no jornal dêsse mesmo homem que tão generosamente socorrera.

Em favor dum velho soldado de D. Miguel, Tomé Cabral, cedeu o romancista uma edição do folheto *O Clero e o sr. Alexandre Herculano*. Tempos depois, o homem foi levar-lhe 40\$000 réis, metade do produto líquido da publicação. Camilo não os aceitou e Cabral, saindo de casa dêle, comprou um bilhete de loteria que foi premiado com vinte contos.²

Estava com Camilo no mesmo hotel, na Póvoa

¹ SILVA PINTO: Ob. cit., p. 52.

² J. C. VIEIRA DE CASTRO: Ob. cit., p. 148-150.

de Varzim, um medíocre pintor hespanhol, que perdeu ao jogo tudo o que levava, deixando por fim de pagar à dona da casa. Quando, semanas depois, esta, que era uma tal D. Ernestina, despediu o hospede, à hora do jantar, explicando o motivo porque assim procedia, Camilo levantou-se do seu lugar e disse:

«—A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Pôrto cem mil reis que me mandaram entregar a êsse senhor e ainda o não tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão».

E entregou ao pintor os cem mil reis. Mais tarde, como o artista lhe declarasse que não tinha meios para pagar aquela dívida, Camilo encarregou-o, como saldo de contas, de pintar o retrato do filho e do cão, o que o pobre homem fez com toda a imperícia notável que possuía.¹

Na *Auto-biografia*, publicada no *Diário de Notícias* depois da sua morte, conta Trindade Coelho, o ilustre e malogrado homem de letras:

«... vim a Lisboa a dois concursos: para *conservador do registo predial* e para *delegado do Procurador Régio*, mas regressei a Coimbra sem esperança de ser despachado, porque não tinha ninguém que me protegesse... Mas um dia de manhã recebo uma carta de Camilo Castelo Branco, o grande escritor, que eu nunca tinha visto,

¹ *Primeiro de Janeiro*, de 3 de junho de 1890; A. PIMENTEL: *O Romance do romancista*, p. 369.

em êle a mim: dizia-me que vira nos jornais que eu fôra a concurso e que escrevera ao ministro pedindo-lhe que me despachasse! Caí das nuvens! Mas daí a poucos dias estava efectivamente desachado *delegado ao Procurador Régio* do Sabugal, e eu ia ao Minho visitar o grande escritor, vê-lo pela primeira vez (primeira e última!) e beijar-lhe as mãos pelo seu tão grande favor. Mais tarde eu soube como as coisas se tinham passado: Camilo estava casualmente numa livraria do Pôrto, quando viu num jornal o meu nome, entre os dos outros que tinham vindo também a Lisboa fazer concurso. Constatou-me que dissera: — *Ora aqui está um rapás que provavelmente vai ser preterido por êsses todos!* Perguntaram-lhe: — *Quem é?* — *Um rapás que escreve: Trindade Coelho.* Disse-lhe o livreiro (que era precisamente aquele redactor do jornal onde eu publicara o *Scepticismo*, o editor Costa Santos): — *Ninguém melhor do que V. Ex.^a para o despachar!* — *Como?* — *Escrevendo ao Ministro.* Camilo calou-se; e o resto já nós o sabemos. Sabugal era o melhor coimarca de 3.^a classe; mas era quasi uma aldeia, na Beira; e Camilo disse-me numa carta que me escreveu para lá que *receava que eu me fizesse ali um reinicola pavoroso*; — e em menos de um mês estava transferido para Portalegre, que era uma pequena mas linda cidade, capital de distrito, no Alentejo.» ¹

¹ *Diário de Notícias*, de 18 de setembro de 1908.

O certo é que um homem normal que praticasse acções destas não seria capaz de injuriar grosseiramente a mulher que por causa dêle tinha perdido a consideração de muitos, e o desafogo de uma situação social invejável, fôsse qual fosse, perante a sua consciência, o valor moral dessa mulher, nem tampouco de ir viver para uma casa que ela tinha conseguido à custa dêsse casamento que depois, para o seguir, repudiou.

Pouca gente conhece a razão porque o romance *Anos de Prosa* appareceu abruptamente cortado no mais emaranhado da acção, com êstes períodos finais que algumas edições posteriores eliminaram:

«Alguna vez verá o leitor que boleus deu toda esta gente com as costumadas voltas do mundo. O livro complementar destas biografias há-de denominar-se REACÇÃO DA POESIA. É o natural seguimento dos ANOS DE PROSA».

Ora tal *Reacção* não saiu nunca e o motivo é fácil de compreender, contada a história. O editor tinha contratado com Camilo a publicação duma novela dum certo número de páginas e nessas condições, abriu a assinatura. Da quantia do ajuste deveria entregar metade no comêço da impressão, tal como fez, e o resto no fim. Camilo em certa altura, suspendeu a remessa do original que ia em meio, e declarou que a não continuava sem lhe darem o resto do dinheiro, pretensão com

a qual, a muito custo, o editor se conformou, sem que comtudo a remessa do original continuasse. E foi após reiteradas instâncias feitas pelo proprietário da edição em todos os termos, que Camilo mandou a metade que faltava... numa página. Ora tal editor, falecido há anos e de quem eu ouvi a narração de toda a história, tendo-se comprometido a dar um certo número de páginas aos seus assinantes, resolveu dá-las a todo o transe, fazendo seguir os *Anos de Prosa* de dois outros romances traduzidos livremente por um farmaceutico de Lisboa, ¹ com o título de *A Gratidão* e *O Arrependimento*, e a acção transportada para Portugal. O frontespício prestava-se a uma dúbia interpretação que a escolha dos locais da acção — S. Cosme e o Candal — mais avolumava, e alguêm, que descobriu o *truc*, não tardou em lançar sôbre Camilo o labeu de plagiário. Camilo exigiu do editor uma declaração que êle, com efeito, fez inserir nos jornais do Pôrto, redigida cautelosamente, em termos que encobriam a fraude do romancista. De bem com a sua consciência e pensando de certo de si para si que a magnanimidade é virtude que pouco custa, estava o bom do editor, quando Camilo lhe entrou pela porta dentro barafustando que lhe exigira a verdade para desfazer uma acusação falsa, mas não

¹ HENRIQUE MARQUES: *Bibliografia camiliana*. Primeira parte, MDCCCXIV, p. 32.

lhe pedira que contasse uma história para desculpar a incorrecção do seu procedimento :

« — O que o senhor deveria ter dito era o seguinte: o sr. Camilo tinha combinado comigo a publicação dum romance de tantas páginas, recebeu o dinheiro e faltou á sua palavra; e eu então fiz traduzir os outros contos para completar o volume ».

É possível que estas palavras não sejam textuais, mas o facto é autentico com certeza. O próprio editor, que mo contou, era um honrado homem incapaz de mentir e que tinha por Camilo uma grande admiração.

Entre os papeis soltos que durante anos estiveram a monte na Biblioteca da Ajuda e que, sob a gerência de Ramalho Ortigão, se coordenaram, existe uma carta de Camilo que pela primeira vez appareceu publicada no trabalho do sr. Pedro de Azevedo sôbre *Os antepassados de Camilo* a que, por mais duma vez, no decorrer deste trabalho, me tenho referido. Ignora-se qual fôsse o destinatário dessa carta; o endereço deveria achar-se no envelope, que desapareceu. O sr. Azevedo, classificando-a de « lamuriante » e reveladora do character do futuro romancista, o tal character que « não é precisamente o de Smiles », pensa que ela tenha sido dirigida a Herculano, que no mesmo ano, da sua data publicou o primeiro volume da *História de Portugal*. Em todo o caso, a carta não é apócrifa. « Ninguém que conheça a letra de Camilo — disse-me o illustre bibliotecário de Ajuda numas

informações que teve a bondade de me prestar a respeito — hesitará sobre esse ponto». Isso justifica a oportunidade da publicação desse documento nesta altura do meu estudo em que propro dizer imparcialmente, arredando-o da teia de lendas injuriosas que caluniosamente o consurcam, o que foi o carácter do grande romanista. Diz o seguinte:

«III.^{mo} Sr. — Os virtuosos sentimentos por V.^a proclamados em suas obras; — essas obras que eu julgo fieis reflexos da bondade, religião, e amor do próximo, que dominam seu auctor, — me incitam com arrojada confiança e temeridade, a dirigir á presença de V. S.^a esta minha carta, não mensageira de talentosas frases, antes pura copia da agoa que inspira seu desconhecido escriptor. Um certo desejo de fazer algum vulto nas letras, se em que incompativel com as minhas circumstanças, me excitou a frequentar o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Encetei-o; e, depois que colhi victoriosas palmas das fadigas do meu primeiro anno, a morte me roubou o protector unico, que ali me mantinha com as suas parcas, mas para mim, filho das circumstancias, abundantes posses. Absolutamente privado de meios para a continuação do meu curriculum literario, olho para meu futuro, e prevejo um futuro calamitoso, qual óde sobrevir a um moço de 20 annos, despido de protecções. Em meu abono, a resignação me tem

conservado, até hoje, entre os limites da honra e da prudencia; porque, no meio de minhas amarguras, lembra-me que ha um Deus, assiduo vigilante por suas creaturas, e representado na terra por alguns homens — honra da sublime idéa da criação. Não temo enganar-me, se disser, que V. S.^a he um dos Apostolos a cumprir a mais divina das missoens: — valer aos afflictos — He pois a V. S.^a que me dirijo: — serei eu feliz nesta minha atrevida inspiração?! Meios de subsistir com honra — unica herança de meus paes — he, o que procuro e pelo que suspiro. N'esta Provincia, Senhor, não vive o homem probó, por que a calumnia, de mãos dadas com a politica, vão denegrir o homem que mais lhes foge. N'esta Provincia, o homem, quer de medio, quer de transcendente talento, senão segue a maxima geral — o vaivem das opinioens he entulho. Quizera, eu, Sr., fugir a este ar mefitico, e procurar n'essa cidade, em paga do meu trabalho seis vintens para o pão de cada dia, e viver tranquillo — ahi, onde ninguem conhece os meus principios tão bellos, e tão esperançosos para admirar a minha subjeição de hoje — ahi, onde ninguem motejará a minha casaca já velha, nem me apontará dizendo por escarneo: *Ali vae o filho d'um que foi corregedor em Vizeu!* Pode V. S.^a valer-me; pode rei eu ir a Lisboa esperançado na caridade de V. S.^a? Eis aqui, meu protector, cumprida a mensagem d'esta carta. Se ella he digna da resposta de V. S.^a eu a aguardo anciosamente — Favoravel, Deus

ermittirá que seja. Conceda-se-me a honra de me signar de V. S.^a — servo muito venerador *Camillo Ferreira Botelho Castello Branco*. V.^a Real de Trás-Montes — 28 de agosto de 1846».

Quem desconhecer certos pormenores da biografia de Camilo estranhará deveras o puritanismo de quem procura discutir o carácter dum homem, num sentido pouco lisonjeiro, pelo facto de êsse homem ter pedido trabalho — seis vintéis para o pão de cada dia — no estilo humilde que naturalmente se põe à epistolografia implorativa dum homem que não possuiêsses seis vintens. Há porém, mais alguma coisa. É que Camilo afirma nessa carta que venceu as vitoriosas palmas das fadigas do seu primeiro ano de Direito na Universidade de Coimbra — e Camilo *nunca* frequentou a Universidade de Coimbra. É que Camilo afirma nessa carta de 1846 que a morte lhe roubou o protector único que mantinha nos estudos com as suas parcas posses e êsse protector, um tio chamado João Pinto da Cunha, em 1849 ainda vivia. E isso é facilmente improvável. No *Romance do romancista*, o sr. Alvaro Pimentel conta que um amigo seu, a quem pediu informações sobre a vida de Camilo em Coimbra, lhe respondeu o seguinte: «Percorrendo as listas impressas ou *Relações de estudantes matriculados na Universidade e liceu de Coimbra*, desde o lectivo de 1840-1841 até ao de 1860-1861 não contrei o nome de Camilo Castello Branco. Além

disto, falando com várias pessoas que me poderiam informar a êste respeito, todos me disseram que êle não frequentou a Universidade nem o liceu. Por meu lado, procurando informar-me ainda a tal respeito, dirigi-me a um amigo residente em Coimbra, que me confirmou nestes termos as palavras do informador do sr. Alberto Pimentel: «Tive occasião de percorrer o arquivo das matriculas desde 1839 até 1849, e nesse período de dez anos, *posso garantir-lhe* que absolutamente nada existe relativamente ao nosso Camilo, sendo portanto inexacto que êle houvesse frequentado êsse estabelecimento de ensino superior... São estas pois as informações officiais e fidedignas que, com a mais absoluta certeza, *lhe posso fornecer*». Quanto ao tal tio — em casa de quem êle se hospedou em 45 quando regressou a Vila Real depois de perdido o ano, na Escola Médica do Pôrto — a prova de que em 49 ainda vivia está no facto de, nesse mesmo ano, ter escrito aos jornais do Pôrto, por solicitação de Camilo, uma carta explicativa da prisão do futuro romancista em 46.

Fica assente, pois, que, nesse ano de 46, Camilo deturpava a verdade, — romantizando a sua própria vida à custa dalgum dos seus herois de novela — como, de resto, tantas vezes romantizou alguns dos seus herois de novela à custa da sua própria vida — mas deturpava-a, não pará se desculpar dum má acção, não para prejudicar interesses doutrem — não para mendigar um empréstimo ou uma esmola

nas para pedir trabalho. E a essa religião do trabalho foi êle sempre escrupulosamente fiel. Se a carta transcrita disso é uma prova incontestável, outras que vou transcrever o são também e duma forma mais nobre, mais eloquente e, de todo em todo, imaculada.

A primeira dessas cartas a que me refiro, foi escrita em 61, das cadeias da Relação do Pôrto, e publicada nos jornais de então. Camilo estava preso. Dissera-se que eu recebera dois contos de reis, ládiva do soberano (*D. Pedro V*)—conta êle próprio nas *Memórias do Cárcere*.—Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebera, como certíssimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Pôrto, e ponderei-o como todas as calúnias que por aqui me assaltam e eu esmago entre a sola e a lama. Quando, porém, um respeitável cavalheiro e amigo, António Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa dizendo que o sr. Conde da Ponte me ía enviar dois contos de réis por ordem do rei, apresentei-me a desmentir a calúnia, ou a rebater a esmola com mais vaidade que a do trabalho, que a si se presta». A carta de desmentido era a seguinte:

«Sr. redactor. — Muita gente me tem perguntado por dois contos de réis, que mandou dar-me Senhor D. Pedro v. Pessoas circunspectas acoheram e divulgaram o boato, comentando-o de diversos modos, mas nenhum lisonjeiro para mim.

Eu creio que o Senhor D. Pedro v é infinitamente delicado, e só dá esmolas a quem lhas pede. Quando S. M. me fez a honra de perguntar, na cadeia, em que me occupava, respondi a S. M.: *que trabalhava*. Ou o senhor D. Pedro v entendesse que eu me occupava em chapéus de palha, ou em romances, ou em caixinhas de banha, a minha posição ficava definida para o inteligente Monarca: o homem que trabalha não pede nem aceita esmolas; e, se a pedisse ao Rei, julgar-me-ia tão humilhado como se a pedisse ao ínfimo dos homens. A cousa é outra. Há muita gente que se diverte comigo. É bem feito, porque eu também me divirto com muita gente. Rógo a v. a publicidade destas linhas. De v. etc.—*Camilo Castelo Branco*. Pôrto, cadeias da Relação, 11 de fevereiro de 1861».

A outra carta foi escrita um mês antes da sua morte. Um jornal de Famalicão disse que Camilo contratara, com um editor do Pôrto a publicação de dois romances e de um livro referente à questão com a Inglaterra. Dias depois, o *Primeiro de Janeiro* publicava o seguinte:

«Meu presado Oliveira Ramos: Alguns jornais transcreveram de uma folha periódica de Famalicão, a meu respeito, uma notícia inexacta. Não contratei com algum editor a publicação de livros novos. Em cousas de literatura, deve falar-se de mim como se fala de um escritor morto. Logo

que eu aceitei do Estado uma pensão, é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa dependência de 40 anos. Ceguei na luta e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a futuros es-ritores. De v. etc. *Camilo Castelo Branco*. S. C. - S. Miguel de Seide, 30-4-90».

Certo, nessa luta de 40 anos, Camilo teve ho-s de desânimo — e largos motivos para as ter. m 28 de abril de 62, dizia êle a José Gomes Monteiro, numa carta que vem em parte trans-ita no *Romance do romancista*: «Escrevo ro-ances, e que remedio senão escreve-os sempre?! m Lisboa tenho editor que me paga o volume a 4\$000 reis. Se dentro de um ano me não paga-m a propriedade de cada vol. a 50 libras, creio ue abrirei uma tenda, e acabarei tranqüilo, hon-do, e estúpido como convem». E, em 15 de aio de 1863, em carta também a Gomes Monteiro, ue vejo ainda no *Romance do romancista*: «Di-m-me que vou ser não sei que na secretaria da arinha. Aceitarei, para mais fácilmente poder nseguir colocação no norte, Barcelos que seja». m 16 de maio de 1904, Carlos Malheiro Dias blicou no *Seculo* estas palavras:

«Camilo foi sempre um caluniado e um per-guido. Teve, é certo, quem o reverenciasse. Mas maneira de quem reverencia um tirano:—te-endo-o. Êsse grande infeliz gozou uma realeza,

mas de onde só lhe derivaram amarguras. Êle foi com Garret e Herculano, o terceiro homem que presidiu, sem contestação de poder, ao movimento literário do seu século. Camilo passou, com o seu casacão de gola de peles, a luneta de aro de tartaruga, a fealdade de varioloso, como passam os dominadores e os despotas, numa tormenta de impropérios e num clamôr de aplausos. Arremetiam-lhe flôres e escórias. Foi injuriado e aclamado. Mas eram aclamações de pardais saudando uma águia e injúrias de mosquitos incomodando o sono de um leão. Nem de umas lhe vieram durante a vida, os prazeres orgulhosos que consolam nem das outras as fúrias sagradas que exterminam. A sua realeza acabou no suicídio, que é o tédio da vida. As flôres feneceram e as escórias deixaram nódoas. A ingratidão humana procurou, depois da sua morte abafar a sua obra. Mas a obra era imensa e as mãos dos ingratos pequenas. Por último condordou-se que êle era grande. Mas insinuou-se que êle fôra mau. Todos o admiram, mas pouco o amam. Ninguém contesta que êle escreveu admiráveis livros; mas muitos afiançam que êle commeteu abomináveis acções. As almas cândidas visionam-o como um espírito do Mal, desregrado satiro, misto de Belzebuth e Casanova, violador de conventos e perturbador dos lares, adulterino céptico, usando de poderes infernais de sedução com segredos de filtros conturbadores quando falava nos livros ao coração ingénuo das mulheres.

que, sem lhe negar o génio imperativo, lhe obscurecem o carácter e disformam a memória, sabem que os escritores só podem perdurar pelo nome no coração dos que os leem. Todo o seu tanto não o reabilitará perante os que o não amem. Hoje, que morreram quasi todos os homens que com elle mais intimamente conviveram, não se pode apelar para os corações daqueles que o estimaram. O corpo desse pobre deserdado está-se consumindo num alheio jazigo, no pequeno e triste cemitério da Lapa. Elle morreu longe de todos, numa solidão que a cegueira tornava maior, onde não foram confortar os affectos de meia dúzia de homens, com os nobres corações desses outros a cujo culto piedoso de saudade Lisboa deve hoje o monumento do Largo do Quintela. Esse grande feliz conheceu todos os sofrimentos. E para que nenhuma voz o accusasse de ser injusto nas raras horas em que a sua pena, molhada em lágrimas, se transformou num flagício, Deus não lhe poupou a mais cruceante, a mais intolerável, a dôr mais feroz que as fibras de um coração humano podem, sem estalar, consumir e sofrer: a recusa afrontosa da esmola, quando quem a rejeita é uma mulher e quem a supplica é... um Camilo! Vive ainda a sobre e arrogante senhora, que se divertiu com a desgraça e a humilhação de um homem glorioso e sobre, exercitado no desengano, que ainda conservava a ilusão mentirosa de que o coração da mulher é refúgio da piedade. A velhice deve ter

abrandado a antiga crueldade dessa senhora, que é hoje avó. Era fácil tornar transparentes os véos que lhe occultam o nome. Mas nem é meu propósito vingar o pobre ofendido, nem reparar, com o castigo, a tremenda falta de que a deve acusar a consciência. A história desta amargura é singela como a de todas as grandes dôres humanas e de pressa se conta. Era em 1872, no Pôrto. Camilo vivia então na rua do Bomjardim, pobre como sempre e mais do que nunca queimando as pestanas a escrever. A exterminadora tarefa desse homem durava havia meses, sem que êle houvesse até essa hora conseguido assegurar para o inverno a lenha e o prato do lar modesto. Foi numa hora de aflição e de fadiga, em que a pena se negava a trabalhar pela glória e pelo sustento, transformando a tinta em radiosas ideias, que Camilo afastou de si o manuscrito do romance incompleto e escreveu a um amigo a carta que vai ler-se:

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Classificam-se de confidenciaes uma cartas da natureza d'esta; eu porém deixo a V. Ex.^a determinar o que nella deve haver reservado.

Recebi ha annos, uma taça de prata, brinde da colonia portugûesa em Hong-Kong. Dizem ser um trabalho primoroso, que lá custou cem libras. Creio que materialmente não vale isto; e estimativamente poderia valer mais se eu pudesse ter baixela.

Tem o meu nome e uma dedicatória em caracteres chinezes. Isso que monta? Vendo-a, porque taças de prata em casa de escriptores portuguezes são como cas de amargura, quando o vacuo d'ellas é como da gloria em Portugal. Vendo-a por 300\$000 réis. V. Ex.^a que ella não tem um terço d'aquelle valor em prata. Parece, porém, que os labores são inevitaveis.

*— Então que quer você? — pergunta V. Ex.^a.
Pedir-lhe que apresente esta alfaia á Ex.^{ma} Sr.^a... que tem riqueza e gosto superabundantes. Se V. Ex.^a a quizer, póde aspar-lhe o meu nome; e se o lhe importar que a sua posteridade encontre esta memoria de um homem que passou um dia a querer sair nesta escuridão abafadora de Portugal, S. Ex.^a honrará a minha memoria conservando-a intacta.*

*V. Ex.^a se dignará dizer-me para onde devo re-
mitter-lh'a, se me quizer obrigar fazendo-a enviar á
espetavel senhora de quem V. Ex.^a é considerado
no merece.*

De V. Ex.^a

affectivo e obrig.^{mo} criado

Camillo Castello Branco.

Casa de V. Ex.^a

Rua do Bomjardim, 860.

20 de Novembro de 1872.

A essa carta, cuja grandiosa e melancólica tristeza comove até às lágrimas, essa senhora, que era poderosa e rica, respondeu com a recusa de comprar a taça, sob o pretexto irónico e especioso de que entre a sua baixela aquele primor de arte avultaria demasiado. A taça de prata voltou ao lar pobre, de onde saíra cheia de esperança na apreçoada caridade dessa mulher. Voltou transbordando o fel que a pérfida mão feminina lhe entornara. Camilo esvaseou até ao último trago essa peçonha. E de tão afeito ao veneno e ao infortúnio, não morreu! »

Fechado este largo parentesis a que a discussão duma peça comprovativa deu lugar, cumpre-me proseguir no relato do que, nos fenómenos do espírito e da matéria, se me afigura de molde a comprovar na individualidade de Camilo a existência duma nevrose em que porventura se hajam de integrar as qualidades sumas do seu génio. Eu citei já as desigualdades psíquicas, a interpretação mística dos factos mais simples e o misoneísmo como caracteres que Lombroso e outros autores atribuem aos homens de génio e que é possível encontrar em Camilo Castelo Branco. Do primeiro deles, penso ter já feito no decurso dêste estudo uma prova eloquente. Da interpretação mística dos factos mais simples julgo também que deve estar convencido todo o que tenha lido a sua obra e muito principalmente aquela que fo

crita no tempo em que a descrença cedeu o passo a um misticismo que o ia levando à vida de padre e o arrastou ainda à freqüência do Seminário. Mas não foi pois mesmo: a loucura do filho (e é claro que não entra nos factos mais simples, posto que a bem dos mais explicáveis) a atribuiu êle a um castigo de Deus, e, no decorrer das suas novelas, a mesma ideia da intervenção da Divindade no destino dos homens se nota a cada passo. Determinei pois apenas no misoneísmo, antes de entrar no estudo das perturbações visuais, que deixei para depois, porque seria imetódico separá-las do facto principal de que elas foram a causa immediata: o homicídio. Já ficou dito que o misoneísmo é vulgar entre os grandes homens. «Os homens de génio, escreve Lombroso, são, como a gente do povo, as crianças e os idiotas, essencialmente misoneístas; possuem uma energia incrível para recusar as descobertas doutrem, seja porque a saturação, por assim dizer, dos seus cérebros lhes não permita novas aquisições, seja porque, possuindo uma grande sensibilidade para as ideias próprias, se não possam impressionar com as dos outros». ¹ Camilo foi, sem dúvida, misoneísta. E, se a sua indiferença por coisas políticas nos não deixa facilmente, por êsse lado, ver elementos demonstradores dessa verdade, os impetos de reaccionário, evidentes nos seus es-

¹ Ob. cit., p. 35.

critos de doutrina e a oposição, mais ou menos franca, com que recebeu a escola de Coimbra e mais tarde o realismo, são elementos que só de si corroboram bastante a minha afirmação.

Posto isto, chega o ensejo de, abandonado por instantes o lado puramente psíquico da doença de Camilo, me referir às perturbações visuais que nele foram crescendo do simples enfraquecimento neurasténico à amaurose, que me arrasta a um diagnóstico mais grave. Foi na cadeia em 1861 que o grande escritor começou a sofrer da vista. Nessa altura, como sempre aconteceu nas variadas manifestações do seu mal, exagerou, e assim, nas *Memórias do cárcere*, contando a série longa dos trabalhos a que consagrou, durante a prisão, a sua actividade, deixou escrito que tamanho esforço «era de mais para quem não via nada». E o seu biógrafo Vieira de Castro, com todo o amor retórico às hiperboles e frases de pompa, apostrofava-o no comêço duma tirada romanesca: «Dizem-me que estás quasi cego...» Mas, volvidos três anos, o incómodo, que até aí não fôra mais que uma pouco pronunciada perturbação neurasténica, que o «horror á doença» de Camilo ampliou, mostrou progressos, a fotofobia apareceu e Camilo poderia então dizer como Daudet, numa das suas *Notes sur la vie*: «Mes yeux, très affaiblis, ont peur de la lumière éblouissante, fermés surtout; le dessus des paupières est d'une sensibilité incroyable. On sait que, dans le demi-sommeil, un coup de

sonnette est comme un déchirement de l'oreille, où se ramifient tous les nerfs. La trop vive lumière me cause une impression analogue, affectant les yeux de la même manière». Dez anos mais tarde, as perturbações visuais tomaram um aspecto alarmante e, desde então, a doença caminhou sempre, e, sucessivamente, as crises de lágrimas, a nevrite ótica, a diplopia e a amaurose vieram, em todo o tempo que decorreu desde essa data até ao suicídio, colaborando com as nevralgias, os ruídos nos ouvidos e todos os males do espírito, na formidável desventura que o prostrava. De todos êsses males, ou melhor dizendo, da marcha aterradora dum grande mal que uma sobrecarregada herança lhe marcara, há larga documentação nos seus escritos. Não citarei toda; seria difícil e fastidioso. Mas não deixarei de mencionar um ou outro exemplo que, sobretudo pela ordenação cronológica que procuro, se me afigure de mais vivo interesse.

Em 70 e 71, Camillo escrevia, em cartas a Vieira de Castro, coordenadas na *Correspondência Epistolar*: «... a felicidade é luz coruscante que ofende as almas quási cegas de chorar. Esta comparação deu-me o desgosto de mal poder hoje fitar a luz..... Estou enfraquecidíssimo da vista e da cabeça..... Os olhos não me deixam escrever, filho. Estão afogados em lágrimas, mas olha que são de oftalmia». Em 1878 (agosto) ao Visconde de Ouguela: «Não posso lêr nem escrever»; e ao mesmo, no mesmo ano (novembro): «Estou com uma con-

juntivite há dois meses. Agora mal posso encarar a luz artificial..... Continuo a padecer de tudo e principalmente dos olhos. Tenho de volta de mim 14 luzes, para vêr o que te escrevo. Desde que o sol se esconde, estou cego; e não apresento sintomas de amaurose nem de cataratas!» Em janeiro de 80, a Silva Pinto: «Eu, mal de tudo e principalmente dos olhos. Vejo só com um, para não vêr tudo duplicado. Absurdos da ótica. Chama-se a isto uma coisa grega». No mesmo ano ao padre Sena Freitas: «Tenho os olhos razos de lágrimas». Em março de 81, a Silva Pinto: «O pior é que lhe escrevo com um dos dois olhos fechado, para não vêr duplicado. Um inferno!...» Um mês depois, ao padre Sena Freitas: «O meu padecimento de olhos promete demorar-se como costuma quando vem com êste prestito de perversões nervosas». Em outubro dêsse mesmo ano, a Silva Pinto: «Desconfio que vou ficar cego. Há muitos dias que nem lêr posso». Em julho de 82, também a Silva Pinto: «A luz dos meus pobres olhos creio que se apaga. Há três meses que choram sempre». Em setembro de 85, numa carta a Tomás Ribeiro inserta nos *Amores de Camilo*: «Se eu viver em novembro, hei-de vêr se posso ser apresentado por ti à sciência ou à caridade de alguns médicos de Lisboa. O que eu queria, meu querido amigo, era que me dessem a vista que eu tinha ha 4 meses, para poder trabalhar até morrer. Não me podia ser inflingida maior tor-

tura que isto de não poder escrever sem grande mortificação». Em setembro de 86, ao padre Sena Freitas: «Estou quási cego desde que o meu Jorge, em delírio furioso, entrou no hospital do Conde de Ferreira». Nesse mesmo ano, ao sr. Alberto Pimentel: «Há dois meses que não escrevo nem leio por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge». Em março de 87, ao mesmo: «Depois veio um período de quási cegueira; e agora com muita dificuldade e quási em trevas lhe escrevo». Em abril de 87, ao Visconde de Ouguela: «Estou quási cego, porque algumas horas de escrita me cegaram a circunferência da iris, de modo que apenas vejo um círculo mais estreito que este papel. Todas as minhas infelicidades do corpo e da alma eram delícias antes de eu sentir esta suprema desgraça. Se isto progredir resolverei depressa a crise». Em outubro dêsse mesmo ano, a Francisco Martins Sarmiento: «Dou-lhe a triste nova de que estou quási cego. É a anemia dos olhos congénere da anemia geral. Faço ainda o sacrifício de ir a Lisboa e sem esperanças, ouvir os especialistas. Se os de lá não souberem mais do que os do Pôrto, estou pronto». Ainda nesse mesmo ano (novembro) ao padre Sena Freitas: «Estou a escrever a trote, porque não vejo. Tenho apenas algumas fibras contrateis em uma das retinas». Finalmente, em abril de 90, na carta, já trans-

crita, a Oliveira Ramos: «Ceguei na luta e fiquei vencido». ¹

O velho lutador, sentiu-se realmente vencido. E a sua energia doente, a sua vontade oscilante mas imperiosa às vezes, os recursos do seu bellissimo espírito, nada podiam contra aquele novo assomo da desgraça, que lhe vinha roubar impiedosamente o supremo bem de trabalhar. Queria lêr, queria escrever—sobretudo escrever!—e não podia. Uma vez, num momento de desânimo, mandou leiloar a preciosa biblioteca que possuía, desistiu de todas as investigações históricas a que se entregava nos últimos tempos—e pôs-se a fazer versos. Num soneto ao filho doido, escreveu isto:

«Nem gôso nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem remédio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol».

E num outro:

«E eu que tanto carpia os condenados,
Os cegos—os supremos desgraçados!
Já lágrimas não tenho para mim!»

¹ *Correspondência epistolar*, t. II, p. 49, 55 e 114; Cartas ao Visconde de Ouguela, log. cit. p. 117, 115 e 119; Cartas a Silva Pinto, ob. cit. p. 28, 119, 71 e 115; Cartas a Sena Freitas: *Perfil de Cam. C. Branco*, p. 136 e 149 e Cartas ineditas, Vêr NOTA E; *Amores de Camilo*, p. 418; *Rom. do rom.*, p. 289 e 290; *Cartas de C. C. Branco a Francisco Marlins Sarmiento*, com prefácio e notas de João de Meira. Separata de *A Revista*, Pôrto, 1905, p. 15.

Aumentaram as impaciências da sua vida errante. E começou a consultar médicos de toda a parte. Voltava-se para a religião como para um auxílio. Escrevia ao padre Sebastião de Vasconcelos (depois bispo de Beja), a pedir-lhe os Padres Nossos dos seus educandos da Oficina de S. José. « Comovido até às lágrimas, ouvi lêr a sua carta — dizia, em setembro de 88, Camilo ao sacerdote — Senti fazer-se a luz da esperança na minha alma em trevas; mas, considerando-me indigno das suas preces e da Misericórdia Divina, a escuridão da alma voltou ao estado em que se acham os meus pobres olhos. Entretanto espero que as orações de V. Ex.^a e dos seus inocentes protegidos consigam aligeirar a minha agonia de modo que a morte me seja menos tormentosa. Deus Nosso Senhor lhe dê saúde para amparo de outros infelizes a quem V. Ex.^a ensina o caminho do trabalho e da virtude ». E ainda de outra carta, do mesmo mês e ano, transcrita, como a precedente, no *Romance do romanista*: « Cresce o meu agradecimento quando vejo que V. Ex.^a recorre ao poder divino para que se opere o milagre que a ciência não fez nem poderá fazer. Eu tenho muita confiança nas suas preces, acompanhadas da voz inocente dos seus filhos adotivos, cuja alma V. Ex.^a regenerou ». Sentia-se perdido, queimava os últimos, cartuxos, procurava acateante uma última esperança e recorria a tudo, acreditava em tudo... até na medicina!

Dez dias antes de morrer, dirigiu ao médico

especialista de doenças dos olhos dr. Edmundo Magalhães Machado, esta carta, que é um dos mais extraordinários documentos da dôr que tenho visto escritos :

« Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país, durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flamula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as corneas de tarjas sanguineas. Há poucas horas ouvi lêr no *Comércio do Pôrto* o nome de V. Ex.^a Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Ex.^a salvar-me? Se eu pudesse, se uma quási paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procural-o. Não posso. Mas poderá V. Ex.^a dizer-me o que devo esperar desta irrupção sanguínea nuns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Ex.^a perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimónia por um homem que não conhece».

E, em 26 de Maio, ainda esta outra carta a Melo Freitas :

« Ex.^{mo} Sr. Joaquim de Melo Freitas: Em tempos relativamente felizes me deu V. Ex.^a a honra

das suas relações. Hoje que a minha desgraça é enorme, recordo-me do seu nome, da sua inteligência e do seu coração para vir pedir-lhe um favôr. Escrevi ao Dr. Magalhães Machado, patrício de V. Ex.^a, àcêrca da minha cegueira, na esperança de que êle podesse operar o milagre de me restituir a visão que tive, mas a bastante para me descondensar a treva que haverá dois menses se fez completa nos meus olhos. O Dr. Magalhães Machado respondeu-me de modo que me deixou sentir a delicadeza do seu espírito e a sua comiseração pelos meus padecimentos. S. Ex.^a pedia-me um relatório da minha doença; ela porém é tão complicada e variada no transcurso de 40 anos, que eu só interrogado por um médico, poderia responder e esclarecer satisfatoriamente o exame. Disse-me S. Ex.^a que, sendo curável a minha enfermidade, eu iria tratar-me para Aveiro. Seria para mim, nesta conjuntura, suprema felicidade, ir para Aveiro na esperança de ser curado; isso porém só eu poderia praticar-o, no estado de prostração em que me encontro, se o senhor doutor depois de me visitar em S. Miguel de Seide, achasse possível a minha cura. Êle fez-me sentir a impossibilidade actual de abandonar os seus clientes para se encarregar de um doente tão afastado e carecido da presença do médico e tratamento vagaroso. Mas se a visita que eu peço ao médico é só uma e decisiva, quer para o tratamento, quer para o abandono da moléstia incurável, essa visita poderá talvez o senhor

doutor prestrar-ma sacrificando-se ao mais infeliz dos doentes que se teem socorrido de S. Ex.^a No caso feliz de que V. Ex.^a pudesse movel-o e comove-lo a vir a S. Miguel de Seide, teria V. Ex.^a a bondade de me prevenir do estipendio com que me cumpre remunerar tão trabalhosa jornada em que além do caminho de ferro há uma légua de mau caminho, comquanto se faça de carruagem desde Famalicão até Seide. Estou certíssimo de que V. Ex.^a dará toda a consideração a esta carta ditada por um cego, e na volta do correio, se fôr possível, me dará a resposta que me levante deste desalento que me vai levando ao suicídio, se a Divina Providência me não deixar morrer como em geral morrem os felizes e os desgraçados. De V. Ex.^a admirador afectivo e muito obrigado — *Camilo Castelo Branco*.

«Fui logo procurar o dr. Edmundo Magalhães, — conta Melo Freitas no artigo de onde transcrevi as duas cartas ¹ — pedindo-lhe com instância que fôsse visitar Camilo Castelo Branco, o que êle me prometeu fazer dentro daquela semana. Respondi ao grande romancista, dando-lhe parte do que sucedera. A impaciência de Camilo manifesta-se no telegrama que recebi a 28 do aludido

¹ MELO FREITAS: *Camilo Castelo Branco*. (Para a história dos seus últimos dias). No n.º 6 da *Revista Ilustrada* — 30 de Junho de 1890.

nês: *Peço favor avise chegada Dr. para mandar carro estação.* Enderecei-lhe segunda carta comunicando-lhe a boa notícia de que no domingo, às 11 horas da manhã, o dr. Edmundo Magalhães estaria em Vila Nova de Famalicão, e reiterava-lhe os meus votos de felicidade e profunda estima. No dia 30 recebi outro telegrama, cujo texto é o seguinte: *Bem haja pelas suas cartas* ».

Afinal, em 1 de junho, a visita fez-se; e como o dr. Machado, depois de detido exame, puzesse de parte a ideia primeiro aventada dum tratamento em Aveiro e aconselhasse o doente a ir algum tempo para o Gerez, onde, em outros ares, colheria de certo algum alívio, Camilo, compreendendo nessas breves palavras consoladoras a sua condenação irrevogável, insistiu com a esposa para que acompanhasse o médico até ao páteo e, ficando só, matou-se.

E isso afinal não era mais que a realização, um pouco tardia, dum projecto que desde cedo começou a germinar no seu espírito. E se tardia ela foi como eu digo, lance-se isso em conta daquela indecisão — *mille ritegni nell'eseguire* — de que fala Leopardi. O suicídio é vulgar nos nevropatas, como de resto o é em todos os que sofrem de certas moléstias sem cura. Mas, nos casos de perversão nervosa, todo o raciocínio se torce numa feição doentia, e quando as esperanças de melhora vão morrendo de desilusão em desilusão e a psiquialgia tortura, a cada passo exacerbada, o doente resolve

morrer. Se é um neurasténico, um doente da vontade, nem sempre consegue reunir o *quantum* de energia necessário para executar a sua resolução e ou não a executa nunca ou vai levando, entre uma variedade de considerações dilatórias, meses e anos, a *encher-se de razão*.¹ Passa êsse tempo todo a convencer-se, numa auto-catequese lenta, cheia de minúcia, laboriosa, destruindo um a um todos os argumentos que no seu espírito se vão opondo à ideia dominante. Se é um crente, procura justificar a morte violenta dentro dos princípios religiosos que professa, se se lembra do que dirão os outros, argumenta que o suicídio não é uma cobardia, mas o recurso último e legítimo dos que teem sôbre os hombros o peso da desgraça. Tal é o caso de Camilo.

Eu já falei da tentativa de suicídio romantico com os grãos de ópio, a poesia de despedida e as libras em cima da mesa para afastar a razão materialona da falta de dinheiro, e a palavra suicídio por vezes tem aparecido nas citações que até esta altura tenho feito dos seus livros. A referência de resto é vulgaríssima, a cada passo se encontra, e, segundo a afirmação de Sousa Martins, as tentativas de execução foram mais repetidas do que se pensa: «...antes do tiro decisivo, no decurso de anos, mais de cem vezes — 4 ou 5 á minha vista

¹ A frase é de Sousa Martins, na referência a um caso identico.

—sacou do revólver, que, a meio da cabeça, pendia da mão paralisada pelos instintos conservadores». ¹

«O suicídio — escreveu Camilo nas *Memórias do Cárcere* — é uma ideia tão habitual que já nem poesia nem grandeza tem para mim». No livro do sr. Alberto Pimentel *Os netos de Camilo*, vem o seguinte trecho do diálogo entre o autor e a sr.^a D. Ana Rosa Correia, a mãe dos filhos de Nuno Castelo Branco, na visita, feita em agosto de 1901, a S. Miguel de Seide: «— O sr. visconde (Camilo), perguntei eu, trazia sempre consigo o revólver? — Sempre: já o levára a Lisboa, onde um dia o experimentou, disparando para o teto. Mas o filho (Nuno) tinha substituído as balas por uns projecteis inofensivos, não sei de quê. O sr. visconde percebeu isto. Todavia não largára mais o revólver, nem consentia que lho tirassem. — De tanto o apalpar, observou o sr. Carvalho, já tinha a coronha poída. A sr.^a D. Ana Correia concluiu a sua dolorosa narrativa, dizendo: — Estavamos longe de imaginar que tivesse adquirido balas verdadeiras. Todos supunhamos o revólver vazio. Foi uma surpresa terrível». Numa carta, já citada, a Martins Sarmiento, Camilo define precisamente com todos os antecedentes próximos e remotos, o estado de espírito que o levou à morte: «Eu bem queria poupar-me ao suicídio; mas desde os 18 anos que presinto a necessidade dessa evasiva, sem me lembrar que a

¹ SOUSA MARTINS. Ob. cit., p. 304.

cegueira seria o impulso justificadíssimo da catástrofe».

São do *Livro de Consolação* estas palavras:

«Aturdido pela apóstrofe e coberto de lágrimas, Eduardo ajoelhou, referindo os infortúnios que o levaram por necessidade e gratidão a servir o seu libertador. Com o socorro da mãe compadecida, conseguiu comover o velho até ao extremo de prometer-lhe não o denunciar à justiça, com a cláusula de que iria sumir-se nas Alturas de Barroso em casa de parentes. Foi; mas poucos dias permaneceu na soledade ágrá de uma serrania onde o desejo de morrer o debruçava sôbre os despenhadeiros, implorando à sua desgraça a coragem do suicídio. A coragem! Porque não hei de, acostado a moralistas de grande tomo, chamar-lhe antes cobardia? É porque há mister enorme coração quem dentro dêle se abre um túmulo. É porque vai esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar com a certeza de que, em vez de lágrimas, lhe pesará sôbre a memória a censura dos felizes, o horror dos espiritualistas católicos, e a nota da demência — suprema injúria a essas pobres almas que a divina justiça não mandaria às penas eternas sem lhes descontar os terribilíssimos paroxismos; aquele tormentoso debaterem-se nas prezas da desgraça, aquele relance de olhos ao céu e o grito de alma nesta dilacerante pergunta: «Quando te pedi eu a vida, ó Creador?»

Também, num dos artigos publicados em folhas católicas, nos seus tempos de misticismo, e reunidos mais tarde nos volumes das *Horas de paz*, Camilo disse: «Não chamem ao suicídio o resultado duma demência. O homem que se mata é responsável da sua morte: é arbitro daquele ferro que empunha, daquele braço que ergue e daquele sangue que derrama».

Nunca se escreveu falsidade maior, e, nesse mesmo artigo, vem um dos argumentos que, se valesse a pena, lhe serviria de irrespondível contradita. É quando, depois de muitas citações, tendentes a demonstrar a sua afirmativa, Camilo quer fulminar os incrédulos com esta última prova: «Poderá alguém suspeitar demência em Napoleão? E, comtudo, êste seguro pensador três vezes atentou contra a sua existência». Mal pensava Camilo que, anos volvidos, toda a gente saberia que o grande imperador foi declarada e provadamente um epilético.

No livro *Horas de lucta*, coligido por Freitas Fortuna, veem alguns pensamentos de Camilo sobre o suicídio, escritos em Abril de 88. Transcrevo-os:

«A vida dos desgraçados irremediáveis seria um pérfido escarneo do Creador se o suicídio lhes fôsse defeso.

«Quando confronto a minha covardia com as tentações redentoras do suicídio, então compreendo a grandesa de animo dos que se matam.

«Invectivar de cobarde o suicida é escarar na fronte dum morto. Não se póde ser mais cruel nem mais infame.

«Um dos cânticos do *Inferno* de Dante é um poema de lágrimas. São os suicidas que passam gementes.

«Se a alma do suicida pudesse subir à presença de Deus, a divina Magestade esconderia a face envergonhada ou condoida da sua obra; porque o suicida lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno?» — *Quare de vulva eduxisti me?...*»

Numa carta a Freitas Fortuna, inserta nas notas aos *Delitos da Mocidade*:

«Pergunta-me o meu amigo: Chegado a êsse extremo de extraordinário sofrimento, porque te não matas? — Respondo: — Não posso; Deus não quer».

E numa carta ao Visconde de Ouguela:

«Passo mal, não paro. As noites são intoleráveis. Se eu fôsse só, como devia ser se tivesse juízo, já tinha resolvido isto sumariamente». ¹

Sempre um pretexto: uma vez a fé em Deus, outra os deveres da família e, em ambas elas, fundamentalmente, a mesma indecisão do neurasténico que se prende à menor ideia, ao menor facto

¹ Log. cit. p. 116.

que lhe forneça uma explicação plausível. Mas a preocupação de sempre, retraindo-se um instante para irromper depois mais violenta, vai caminhando para a fatalidade dum destino, creando fôrças novas a cada passo andado, acelerando-se com um incidente, por vezes fútil, mas caminhando sempre, mas continuamente progredindo. « A premeditação mede-se por dias, por meses, por anos até, escreveu Sousa Martins; ¹ haja vista o por isso célebre H. Cousteux, que em 1863 se suicidou em Castelamare, decepando a cabeça numa guilhotina por suas próprias mãos construída, dia a dia, durante o longo período de dois anos ».

No prólogo da 3.^a edição do *Romance de um homem rico*, datado de 1 de julho de 1889, Tomaz Ribeiro descreve o estado de Camilo nessa época, próxima do fim. « A medicina acode-lhe desvelada — diz êle —; ensaia seus prodigiosos meios de acção, mas pede-lhe paciência! e o homem que escreveu êste livro, que soube dar tantos conselhos e oferecer tantos exemplos de resignação, não póde resignar-se. Como todas as casas lhe dão trevas, foge de todas as casas, de todas as terras, e até de todo o convívio, porque ouvir, sómente, aqueles que o procuram, é ter multiplicados testemunhos da cegueira, que mais, dia a dia, vai julgando incurável. Sabe que a sua ansiedade o prejudica, mas o

¹ Ob. cit., p. 300-301.

irrequietismo da nevrose póde mais que a sua razão; e dilacera-se no ergastulo. Alguma vez, de longe em longe, um raio de luz furtiva e efemera dá-lhe fugidia esperança; e êle pensa então e fala nas *Cronicas das duas rainhas* que trazia em laboração e tanto deseja concluir. A medicina promete-lhe, com íntima fé, a regeneração dos seus olhos, e êle escuta, provoca a demonstração, compreende-a, espera! Esperança fugidia como o relampago que lhe cruzára pela retina! A descrença volta inexorável e com ela o inferno e os tratos do *sempiterno horror*. Então a ânsia do suicídio toma-o de novo e êle afaga o revólver, como seu último recurso. Tristíssimo. Assim vive, se é vida esta dilaceração angustiosa mil vezes pior que a morte, o nosso grande romancista, à hora em que escrevo estas linhas. Muitas vezes sufoca-o a dôr, e êle pede em júbilos que a morte lhe venha num spasma. Os seus raros e curtos sonos trazem-lhe pezadelos aflitivos; por isso pede muitas vezes que o não deixem dormir. Acorda em gritos lancinantes, estendendo convulsivamente os braços a procurar mão valedora...»

É um facto, conclusão natural do que está dito, que o suicídio é vulgar nos grandes homens; mas, de entre os grandes homens, é nos escritores que êle colhe em maior parte as suas vítimas. A lista é longa e seria ocioso transladá-la dos livros de sciência que a divulgam, mas basta que se diga que uma estatística italiana informa que nesse país a

proporção de suicidas literatos por um milhão é de 619, enquanto a dos professores primários, que mais se lhe aproxima é 355,3 apenas, a dos comerciantes 272, a dos moços de fretes 36, dos industriais 80 e dos padres 53. ¹ Geralmente os que exercem profissões liberais suicidam-se com armas de fogo, e os suicidas por armas de fogo visam na maior parte dos casos a cabeça. Sempre o tempo quente foi o mais propício aos suicidas. ² .

Foi numa tarde de Junho que, depois duma hesitação mais forte, Camilo Castelo Branco, empenhando com a mão direita o revólver e segurando-o com a esquerda para que a pontaria não falhasse no último momento, perfurou o parietal direito com uma bala que, atravessando o encéfalo, foi bater contra o parietal do lado oposto. Sofreu ainda duas horas, já sem fala. E, como não fôsse possível encontrar por ali perto um padre que lhe desse prestar os últimos socorros religiosos, sem hesar acabou de morrer trágicamente êsse homem de génio que a desgraça acompanhou passo a passo a vida inteira.

¹ MOSSÉLLI: *Del Suicidio*, 1882; LÉGOYT: *Le Suicide*, 1881; LOMBROSO: Ob. cit., p. 71.

² SOUSA MARTINS: Ob. cit., p. 308.

II

Discussão

Até aqui, os factos. Cumpre, para que toda esta longa exposição não fique esteril, classificá-los, fazendo um trabalho de síntese que permita chegar às conclusões gerais que nos interessam. «As posições de espírito que fazem que um homem se distinga dos outros homens pela originalidade dos seus pensamentos e das suas concepções, pela sua centridade ou pela energia das suas faculdades activas, pela transcendência das suas faculdades intellectuais — afirmou Moreau (de Tours) no seu livro sobre a *Psicologia mórbida*, publicado há cinquenta anos e ainda hoje tão moço como na primeira edição — têm a sua origem nas mesmas condições físicas que as diversas perturbações morais, de *loucura* e o *idiotismo* são a expressão mais completa». Está sabido que Camilo foi um nevropata e por concluso se pode ter também que a essa

maneira de ser doentia anda adstrita toda a p
marcial grandeza do seu génio.

Mas — ocorre perguntar — adstrita de que m
do? Sôbre as relações do génio com a patolog
nervosa a sciência não disse ainda a sua última p
lavra. Nesse problema, como em tantos outros q
continuam irresolvidos no largo campo da sciênc
psiquiátrica, os tratadistas vacilam, de hipóte
a hipótese, num terreno incerto e oscilante.
com efeito, o génio um resultado de nevrose e co
seqüentemente uma fôrma mórbida especial, car
cterística? É antes a nevrose a resultante do gén
pelo uso excessivo de certas células nervosas? C
então o génio e a nevrose são as confinantes par
lelas duma construção mental anormalíssima.
Ainda não há muito a questão foi posta nesses te
mos, num interessante estudo médico-psicológic
em que o autor conclue com as seguintes pa
vras, que resumem todo o seu modo de conside
rar o problema: «Aplicando ao espírito a
da evolução, vem-se a considerar o génio com
a realização antecipada dum tipo superior de h
manidade ou de inteligência que não apparece
normal e adaptado a uma existência nova, sen
num estado ulterior de evolução. A doença resul
da inadaptação do génio às condições actuais q
só permitem um imperfeito esboço dêsse tip
futuro de humanidade». ¹ É afinal o desenvol

¹ GASTON LOYQUE : Ob. cit. p. 181.

to da conhecida frase de Goethe: «O génio é do seu tempo senão pelos defeitos».

Diga-se em verdade que o problema é complexo quasi impossível de resolver no estado actual dos conhecimentos científicos. Moreau de Tours considera o génio como uma nevrose sem forma determinada, Lombroso afirma-a de natureza epilética; e, pois de lêrmos um e outro, uma observação para ao nosso espírito: é que a dúvida nasce da obrância em que estamos dessas nevrozes com as quais queremos relacionar o génio, levados por factos positivos que realmente impressionam. A falta de uma obrância na destrição das psiconevrozes para vêr qual delas o génio mais perfeitamente se integra dá-nos a impressão de que estamos a transpôr os limites dum campo vago de incerteza.

Se não nos iludamos: depois de milhares de observações e centenas de volumes, a psiquiatria está ainda a fazer, e não é sem razão que Sergi escreve no seu livro sobre as *Emoções*: «Penso que na psiquiatria existe ainda a convenção e tirará até que a psicologia normal faça um progresso mais acentuado nas relações da base física com os fenómenos mentais». ¹ A expressão *sincera* que pretende servir de rótulo a um certo numero de importantes e ainda quasi desconhecidas experiências do espírito, teem, mais tarde ou mais cedo, o risco de desaparecer; e só então, fazendo-se sobre as

S. SERGI: *Les Émotions*, 1901, p. 282.

localizações uma mais clara luz, será possível entrar em caminho firme na investigação de certos ramos da psiquiatria até hoje obscuros.

Lombroso é um homem de ciência notabilíssimo e o seu livro sobre o génio vale muito, mas eu julgo não errar afirmando que a poucos logrou convencer a sua teoria. O seu trabalho é uma coordenação de anedotas interessantes, mais ou menos comprovadas, mais ou menos deturpadas pela tradição que as conduziu à sua banca de sábio; e embora a essas histórias se procurasse aplicar com toda a boa vontade o melhor dos critérios, parece-me que arrancar-lhes uma teoria é um arrojo que extravasa um pouco dos métodos rigorosos que à ciência compete seguir sempre. Haverá realmente uma correlação forçosamente misteriosa entre a epilepsia e o génio? Ocorrem-me as palavras de um illustre escritor português, e médico, o sr. Júlio Dantas, no seu lúcido trabalho sobre *Pintores e poetas*. *Rilhafoles*: «O *morbus sacer*, nevrose banalíssima a que se quiz vestir o pontifical do génio, nada valioso produz sob o ponto de vista de arte. Entre tantos epiléticos que tem Rilhafoles, nem um génio só, sendo a epilepsia o ventre creador dos génios! E que admira, se todo o comicial o é *ab-om* terreno maldito para toda a raça de educação, se a grande massa dos «sagrados» são verdadeiros cretins, e se a decadência intelectual, no *morbus sacer* é uma verdade clinica que fere todos os observadores? Recorrendo á documentação deste trabalho

contramos a fina flôr das obras darte que nos n dado, nos últimos tempos, a população epilé-a de Rilhafoles: incoerências, predilecção pelas rmas externas do culto, religiosidade excessiva e ócrita, simetria, cacocromia e abuso de oiro nos cumentos piturais, figuras desbragadas e escur-dades torpes de envolta com imagens devotas e ins de ritual, tendências para a figuração de ani-ais fabulosos, — nos documentos escritos, os rtórios de feitio hájujo e meloso, os diminutivos nstantes, os característicos *vossa excelentíssima*, *vossa reverendíssima*, e, por derradeiro, ainda s menos toscas manifestações de arte, a afirmação ma inteira invalidade psiquica. Se o mal sagrado se realmente o grande seio criador do génio, no Rilhafoles se desentranharia em luminosas ações, em estupendas riquezas plásticas e imagi-ivas, e como estaria deslocada, lá em baixo, nos tros fradescos de S. Francisco, a nossa beata ademia de Belas Artes!»¹

Porventura seria mais defensável relacionar o io com a nevrose histérica. Os homens superio são, em geral, egoistas, irritáveis, de carácter um to pueril e bizarro como os histéricos, suges-náveis como êles, sujeitos a êsses desvios de uso moral que tão salientemente resaltam no udo das características psiquicas dos nevropatas

¹ JÚLIO DANTAS: *Pintores e poétas de Rilhafoles*, 1900 45-46.

dessa categoria. O poder criador dos histéricos, tão vivamente imaginativos, poderia mesmo servir de argumento-base na defesa de tal hipótese. Mas poder-se-hão relacionar com segurança dois estados mórbidos só, porque, em parte, e curvando um pouco à mercê da nossa boa-vontade a realidade verificável das coisas, o seu quadro de sintomas se confunde? Será scientíficamente correcto filiar o génio na histeria, ou vice-versa, se em verdade nós fundamentalmente ignoramos quer o que seja a histeria, quer o que seja o génio? Desde os tempos remotos em que se attribuíam aos deslocamentos do útero (δστέρα) todos os fenómenos histéricos, até aos modernos continuadores da obra de Charcot, — Giles de la Tourette, Pitres, Babinsky, Strumpel, Grasset, Raymond, Fleury, Sollier e tantos outros — quantas teorias, quantas hipóteses, quantas observações, quantos estudos, para saber ao certo a genese e a natureza dessa nevrose caprichosa e esquiva!... E, comtudo ainda em agosto de 1907, o xvii Congresso dos médicos alienista e neurologistas de França e dos paizes de língua francêsa, reunido em Genébra-Lausanne, gastou uma longa sessão a discutir a definição e a natureza da histeria. O primeiro a usar da palavra nessa assembleia a que presidiu Raymond, foi o dr. Claude que, num extenso relatório afirmou, entre muitas outras coisas, que «na ausência de constatações anatómicas ou bioquímicas precisas, a interpretação dos factos clínicos, mesmo esclarecidas pela fisiologia

pela psicologia, é uma base bem frágil» e que, portanto «no estado actual da sciência, convém observar uma certa reserva na descrição da histeria, cujas definições conhecidas nos não permitem esenhar o quadro». ¹ «A histeria é uma diatese, como avançou Bernheim? — inquiriu ainda o mesmo relator. — Se se dá a essa palavra o sentido que lhe tribue o professor Bouchard, a histeria póde ser considerada como uma disposição mórbida para as doenças dependendo duma perturbação preliminar da nutrição? Poderemos tentar-nos a estabelecer um paralelo entre a diatese gotosa e a diatese histérica: esta aparece sôbre o terreno mal definido do nervosismo como aquela sôbre o do artrismo...» ² Ao dr. Claude seguiu-se o médico suíço J. Schnyder que começou logo por dizer que «todos os esforços tentados até aqui para fazer entrar as numerosas perturbações qualificadas como histéricas no quadro duma entidade mórbida tem sido infructuosas» e que a «histeria considerada de tal modo parece como um proteo gigantesco e escapa a qualquer definição». ³ Na discussão tomaram parte Raymond (de Paris), Bernheim (de Nancy), Pailhas (d'Albi), Terrien (de Nantes), Babinsky (de Paris), Larapède (de Genebra) e Mendicini Bono. Bernheim

¹ *Congrès de Genève-Lausanne. Supplément de L'Encyclopédie. 2^e Année. 1907. p. 208.*

² Log. cit., p. 211.

³ Log. cit., p. 215.

disse que «a entidade morbida descrita sob o nome de histeria não existe»; que «a designação de histeria deve ser suprimida ou reservada para os doentes apresentando crises de nervos» e que «essas crises não são mais que uma reacção emotiva, desenvolvendo-se em certos casos no seguimento de emoções acidentais ou de emoções enxertadas em doenças psíquicas, tóxicas ou diversas». ¹ Babinsky afirmou: «Um ponto sôbre o qual os neurologistas parecem de acôrdo desde há um certo tempo é que a questão da histeria necessita absolutamente de ser revista e que se tem reunido sob essa denominação fenómenos discordantes». ² Solier concluiu: «A histeria não é uma entidade mórbida. Tenho-o dito desde 1893. É um modo especial de reagir do sistema nervoso e particularmente da crosta cerebral que tende a fixar-se nos estados de menor actividade, em que se encontra em virtude de diversas causas físicas ou morais». ³ Ora uma questão que se apresenta nesse pé não parece aproximar-se duma breve e concludente solução.

Moreau de Tours, no seu livro de há meio século que é ainda hoje o que de mais perfeito existe sôbre o assunto, caminhou só até onde pôde pisar terreno firme. Afirmou que «todas as vezes que vimos as faculdades intellectuaes elevarem-se acima

¹ Log. cit., p. 222.

² Log. cit., p. 227.

³ Log. cit., p. 230.

do nível comum, sobretudo nos casos em que elas atingirem um grau de energia absolutamente excepcional, podemos estar certos de que o estado nevropático, sob uma forma qualquer, terá influenciado o órgão do pensamento, quer idiopáticamente, quer por via de hereditariedade, isto é, umas vezes em virtude da lei de ingenidade, outras em virtude da lei da imitação; o que equivale a dizer que os homens excepcionais reconhecerão as mesmas condições de origem ou de temperamento que os alienados e os idiotas». ¹ E concluiu: «Em resumo, parece-nos suficientemente estabelecido que a preeminência das faculdades intelectuais tem por condição orgânica um estado malsão especial do centro nervoso». ²

Essa opinião, sólidamente deduzida e nítidamente exposta há tantos anos, vale bem mais que a hipótese moderna de Gastão Loygue já atrás condensada nos períodos transcritos de sua obra, aliás, por mais dum título, digna de interesse. Com efeito, êsse autor entende que a nevrose nos génios é uma resultante da inadaptação ao meio de tipos moldados para a existência numa época futura da evolução da espécie humana. Por consequência, segundo o seu modo de vêr, a creatura que aparece dotada de génio realiza um tipo mais perfeito de humanidade e, como, nesse caso, se não

¹ MOREAU (DE TOURS): Ob. cit. p. 463.

² MOREAU (DE TOURS): Ob. cit. p. 481.

adapta às condições ambientes, torna-se presa de estados mórbidos mais ou menos acentuados. É um nevropata porque é um inadaptado, é um inadaptado porque é um génio, é consequentemente um nevropata porque é um génio. Mas se está, por pormenores de interpretação, sujeito a controversia o facto das relações da superioridade intelectual com as nevroses, o mesmo não sucede com êsse outro facto comprovadíssimo da ancestralidade nevropática dos homens de génio; e, de tal modo, o indivíduo nessas condições é por via de regra, mercê da fatalidade da herança, um nevropata, antes ainda de ser um génio. Seria em qualquer caso um tarado e poderia dar num neurasténico, num epilético, num histérico... mesmo usufruindo um restrito desenvolvimento de intelligência. Já aqui a afirmação do médico francês claudica. Poderá o génio não derivar da doença nervosa, mas o que é positivo é que a doença nervosa não resulta do génio, pela razão comesinha de que, mesmo, sem êle, existiria.

O génio anda adstrito, ou se quizerem mesmo, na dependência de manifestações doentias do sistema nervoso. Se essas manifestações revestem uma feição própria e característica, ou entram no quadro sintomático de alguma das nevroses que conhecemos, é que se torna difícil afirmar, pela razão já dita, de que essas nevroses, classificadas um pouco arbitrariamente, não nos apresentam os limites precisos para podermos isolá-las e cotejar

om elas, uma a uma, as manifestações mórbidas
o génio. Mesmo entre o estado que chamamos
ormal e a loucura há uma transição insensível.
screve um médico francês—Dubois: «É impos-
vel fazer dos estados patológicos de espírito,
ntidades mórbidas, classificá-los, segundo a sua
ntomologia, em compartimentos nítidamente se-
arados uns dos outros. Há ao contrário uma fusão
e tintas, como num esbatido fotográfico que
assa do branco brilhante ao negro mais retinto.
Nenhum de nós pode ter a pretensão de tomar
ogar nessa zona de branco que representa a saúde
deal, inacessível; estamos todos no branco apa-
ado, no cinzento claro. O nevrótico que nos con-
ulta póde estar tranqüilo: não está tão longe de
ós como imagina. Estendamos-lhe a mão, a êsse
obre doente, não receiemos confessar-lhe sincera-
mente as nossas fraquezas, as nossas taras inatas:
proximemo-nos dêle». ¹

O que é a neurastenia de que tanto se fala e
e que tão pouco se entende? o facto é que nós,
s sãos, estamos juntos dela e ela vai até bem
nge. De modo que há quem a coloque nesse
ranco sujo de que fala Dubois e há também quem
ponha ameaçadoramente nas fronteiras da lou-
ura. Depois, quando a nevrose é simples e quadra
ais ou menos rigorosamente num dos modêlos

¹ DUBOIS: *Les Psychonévroses et leur traitement moral*
04, pag. 184.

conhecidos, ainda o caso se facilita; mas eu estou em crer que essas formas simples são raras. A própria neurastenia, estado mórbido tão vasto, duma elasticidade tamanha, pau para toda a colher, doença para todos os sintomas, tem de clinicamente aceitar fusões, já com a histeria, já com outras nevroses. E, assim por diante, ali temos nós essas nevroses a cruzarem-se, a fundirem-se, a mascarar caracteres próprios acolhendo os alheios, acoitando-se, não já sómente sob psicoses diversas, mas ainda sob as doenças orgânicas do cérebro, do bolbo e da medula, a formar um conjunto de novos sintomas que, emancipando-se, nos definem a cada passo estados mórbidos autónomos. E nem sempre se trata nestes casos de adjunções, como alguém pretende, mas muito nítidamente de *associações mórbidas*.

Adjunções ou associações, o certo é que êsses casos são freqüentes. Abro, neste momento, ao acaso uma revista científica francesa ¹ e vejo, apresentada pelos médicos Ernest Dupré e Leopold Levi, a citação dum caso de delírio hipocondríaco de zoopatia interna, segundo a denominação por êles escolhida, num débil tabetico, histérico e gastropata. E concebe-se que, embrulhadas freqüentemente as coisas desta maneira, se clinicamente o diagnóstico é difícil, para especulações teóricas

¹ *Revue neurologique*, 30 de setembro de 1903.

duma outra ordem é pouco seguro contar com êle. Mesmo uma estatística que, com toda a possível certeza nos viesse dizer a nevrose especial de cada homem de génio, correria ainda o risco de conduzir a conclusões pouco exactas.

Nos homens de génio tem-se diagnosticado exemplares de quási toda a série de patologia nervosa. Ainda em 1907, no já citado Congresso de Genebra-Lausanne, o ilustre psiquiatra belga Régis apresentou uma interessante comunicação relativa à base de presenilidade de Jean-Jacques Rousseau, e são desse trabalho estas palavras: «Como já mostrei numa publicação anterior, destinada a um volume próximo, mais pormenorizado e mais completo, o autor do *Emile* foi, antes de tudo, um *neurasténico arterioscléroso*, do tipo artrítico e constitucional. Sôbre êste estado patológico fundamental, que durou a sua vida inteira e se traduziu pelas mais variadas manifestações físicas e psíquicas, veio enxertar-se, na idade madura, como um episódio paroxístico, um *delírio de perseguição melancólica*, isto é, com predominância de inquietação, de anciedade, de reacções tristes e amedrontadas». ¹ Mais recentemente ainda, no Congresso de Amsterdam (27 de setembro de 1907) m.^{elle} Pascal de Ville-Évrard) afirmou que Roberto Schumann sofreu, dos vinte e três aos quarenta anos, de

¹ Log. cit. p. 247.

Psiquastenia constitucional, e dos quarenta anos até à morte, de *Paralisia geral*.¹ E abtenho-me de mencionar a longa série dos homens de génio citados por Moreau de Tours na documentação do seu trabalho.

Em vista de tudo o que fica dito, parece-me poder considerar o génio como UM SINTOMA, MUITO POUCO VULGAR, QUE ACOMPANHA NO QUADRO NOSOGRÁFICO UMA NEVROSE. Tal legitimamente o considero, sem contudo dar a essa maneira de ver, aliás bem cautelosa e bem simples, a pretensão pedante duma verdade científica. E tal o considerando, e restringindo todo o raciocínio anterior ao caso que me interessa, resta averiguar qual a nevrose que em Camilo se manifestou por toda a série dos fenómenos mórbidos já largamente enunciados — *e pelo génio*.

Segundo Charcot, «as nevroses resultam de dois factores: um, essencial e invariável: a hereditariedade nevropática; outro, contingente e polimorfo: os agentes provocadores» havendo ainda a juntar à hereditariedade nevropática os factores congenitais, adquiridos na vida fetal, que a excessiva concisão daquela fórmula exclue. Quanto ao primeiro factor, essencial e invariável, é notório como em Camilo êle influiu. Eu penso que difficilmente se encontrará estirpe mais opulenta para

¹ *L'Encéphale*, 2.^e Année. N.º 10, Octobre 1907. p. 451.

guarda avançada dum caso esplendido de génio. E pelo que se refere aos factores adquiridos na vida etal, basta recordar as primeiras palavras desta biografia: «Camilo Castelo Branco foi gerado no período mais doloroso dum amôr violento...» Citar agora, um a um os agentes provocadores, seria repetir o que está dito, contar de novo toda essa biografia acidentada, essa vida errante, de paixão e de amargura, que num período dum aorta ao visconde de Ouguela, o próprio romanista sintetizou precisamente: «Eu, que não conheci minha mãe, e aos dez anos já não tinha pai, e tu que mocidade tive, e como toda a minha vida se havia de sentir da esterilidade de emoções, com que passei a juventude». ¹

Os sintomas mórbidos observados em Camilo podem dividir-se metódicamente em três grupos: Ao primeiro pertencem as nevralgias, a impressão do ferro em braza na cabeça, a insónia, as fobias, a abulia, as obsessões e impulsões, a irregularidade no trabalho, a tendência para a auto-observação, a vagabundagem, e as primeiras perturbações visuais. Ao segundo, o spasma nervoso no esófago, a versatilidade, a instabilidade, o egoismo, o grande poder imaginativo, a interpretação mística dos factos mais simples, as desigualdades psíquicas, o exagero de todas as sensa

¹ Log. cit. p. 7.

ções, as perturbações auditivas, ainda algumas perturbações visuais (como a diplopia), os assomos de megalomano e perseguido, os sonhos, os pavorres noturnos, os pesadelos e a tendência para o suicídio. Ao terceiro, finalmente, as dôres fulgurantes, os silvos nos ouvidos, a surdez, a ataxia, as perturbações visuais mais adeantadas (tais como a epífora, a ambliopia, a nevrite ótica, a imobilidade da pupila e a amaurose). Êsses grupos não são, como facilmente se verifica, perfeitamente autónomos. Alguns sintomas que figuram no primeiro poderiam citar-se entre os do segundo, e vice-versa. E isso habilita-nos desde já a supôr em Camilo a existência duma associação mórbida como as que referi.

Os sintomas que juntei no primeiro grupo denunciavam-nos claramente o neurasténico; os do segundo afiguram-se-me como pertencendo ao quadro de histeria; os do terceiro devem, a meu vêr, atribuir-se a uma doença orgânica do sistema nervoso—o *tabes*, na sua fórmula clínica cerebro-bulbar.

Pelo que respeita à neurastenia, eu ponho de parte a ideia dum erro de diagnóstico resultante dos sintomas de fórmulas neurasténicas que muitas vezes, na opinião de alguns autores, acompanham o *tabes* incipiente. Eu penso que, em tais circunstâncias, é bem a neurastenia que existe, como bom terreno acolhedor de todos os males do corpo e do espírito. Quando, há anos, me referi pela

primeira vez à doença de Camilo, houve quem contestasse o diagnóstico da neurastenia, dizendo-me: « perturbado pelas perturbações cerebrais da ataxia que adquiriram uma intensidade descomunal e acendaram-se num sentido neurastenoide ». ¹ Mas—por Deus!—não será entrar num caminho de subtilidade demasiado... teórica, querer distinguir, sobretudo à distância, um sintoma neurasténico dum sintoma neurastenoide? Eu compreendo que um médico fale afoitamente duma psêudo-tuberculose, duma psêudo-difteria, dum psêudo-tabes; nos dois primeiros casos presuppõe-se a investigação negativa dos bacilos característicos, no último considera-se conclusiva o depoimento da anatomia patológica. Mas na neurastenia, doença—se doença é!—tão mal conhecida, tão mal limitada sobretudo, doença que só se define pelos sintomas, como distinguir os casos reais daqueles que se pretende apresentar como aparentes? Neurastenoide?... Mas quem afirma ao meu crítico que não é a própria neurastenia, só ou ainda acompanhada de outra nevrose, que se sobrepõe ou mesmo se associa ao tabes nos casos em que elle julga descobrir « as perturbações cerebrais da ataxia? » quem lhe afirma que essas perturbações que não são constantes, que não são hereditárias, inevitáveis, nos ataxicos se podem integrar no quadro d'essa doença, independentemente de qual-

quer associação ou adjunção? Certamente, não é Dupré que, no artigo *Psychopathies organiques* do tratado de Gilbert Ballet, escreve: «Os tabéticos puros, aqueles em que se não póde suspeitar a existência de lesões paralíticas, só raramente apresentam perturbações psíquicas» nem são também Déjerine e André Tomás que, no seu artigo *Maladies de la moelle*, no tratado de Brouardel-Gilbert, não fazem a tais perturbações a mínima alusão.¹ E Dupré não só considera raras as perturbações psíquicas nos tabéticos puros, como escreve mais o seguinte, que eu posso trazer em apoio da hipótese que sugeri: «...Entre as perturbações psíquicas observadas nos tabéticos é preciso conceder aqui uma breve menção aos *accidents histériques e neurasténicos*. A *histeria* associa-se muitas vezes ao tabes, principalmente nas mulheres. Esta associação *histéro-tabética*, rica em perturbações sobrepostas à da série tabética nos domínios da sensibilidade e da motilidade, é notavelmente pobre em accidentes psicopáticos propriamente ditos. Apenas menciono a intervenção da histeria por motivo da natureza psíquica destes accidentes, que testemunham perturbações ainda mal conhecidas, e além disso muitas vezes latentes, do automatismo psicológico e dos elementos inconscientes da menta-

¹ *Traité de Pathologie Mentale*, publié sous la direction de M. Gilbert Ballet, 1903, p. 1193.

idade. A associação do tabes com a *neurasténia* é mais freqüente, sobretudo nos homens e em particular nos doentes cultos: os artistas, os médicos, etc. A reunião dos acidentes tabéticos e das perturbações neurasténicas, sobre as quais não insisto, compõe um *quadro clínico*, variável segundo os casos, e que póde simular muito de perto o da *paralisia geral post-tabetica*. A semelhança entre os dois quadros clínicos é ainda levada mais longe quando o tabes se complica com a *histero-neurasténia*: em tal caso certos acidentes histéricos anulam os sinais somáticos da paralisia geral, especialmente a disartria; e é necessária uma análise minuciosa dos elementos dos diversos sintomas tabético, histérico e neurasténico para evitar um erro de diagnóstico e prognóstico. Certos tabéticos neurasténicos tornam-se nosofobos e ipocondríacos: entre estes doentes, sobretudo os médicos, desenvolve-se por vezes um estado melancólico durante o qual o tabético póde *suicidar-se*.¹

Registei entre os sintomas de natureza histérica a tendência para o suicídio. Hão-de sem dúvida citar-me a descrição tão impressionante que Camaz Ribeiro fez da vida do romancista num período vizinho da sua morte e perguntar-me se já preciso recorrer à histeria para justificar o

¹ Ob. cit., p. 1195.

desespero dum homem que se vê torturado pela doença, impossibilitado de continuar na sua labuta indefensa de mais de quarenta anos. Mas eu lembrei a espectacular tentativa de 49, com os versos da *Harpa do cético* e as libras sôbre a banca para que ao suicídio romantico ninguém pudesse dar a razão grosseiramente material da falta de dinheiro. Foi bem um esboço de suicídio à maneira histérica, com êsse ar teatral das tentativas de género tão espalhafatoso que faz com que Tar dieu, Huchard, Taguet e Legrand du Saulle, contradictando as opiniões de Colin, Pitres, Ritti, Solier Gilles de la Tourette e tantos outros, insistam em não vêr no suicídio histérico mais que uma comédia.¹

«Um grande facto—diz Henri Colin no artigo *Etat mental des hysteriques* no tratado de Gilbert Ballet²—domina a história da histeria masculina qual é o da associação freqüente, poderíamos quasi dizer forçada, da neurastenia com a grande nevrose». ² Charcot designou por *histerio-neurastenia* essa combinação ² e os continuadores da sua obra, entre os quais posso mencionar Gilles de la Tourette³ põem em relevo a sua freqüência. Bodeus

¹ PAUL COURBON: *Histérie et suicide*. Na *Revue de psychiatrie*. Janeiro de 1907. p. 17.

² Ob. cit. p. 828.

³ CHARCOT: *Leçons du mardi à la Salpatrière: poli clinique* 1888-1889. Notes de cours de Blin, Charcot, H. Colin.

ein, em 122 casos de histeria masculina regista a depressão melancólica da histeria como caracter dominante.¹

Pelo que ao tabes de Camilo diz respeito, eu não hesito em confessar que o quadro clínico está longe de ser completo. Mas a lição dos factos diz-nos que o tabes cérebro-bulbar se manifesta quasi exclusivamente por perturbações visuais e auditivas,² que aos tabéticos cuja afecção começa por atingir o neurone ótico acontece parar o mal na evolução,³ que não há tabético que apresente todos os sintomas attribuídos a essa doença,⁴ que nada mais exacto que a frase de Marie, afirmando que clinicamente não existem dois tabéticos que se pareçam. O dr. André Léri, no congresso de médicos alienistas e neurologistas de França e dos paizes de língua francêsa, realisado em Pau, em agosto de 1904, apresentou uma comunicação sôbre as relações da cegueira com a paralisia geral e o tabes. Entre outras afirmações que menos directamente os interessam, concluiu que a cegueira é rara no tabes confirmado, com grandes sintomas, e só frequente no tabes com sintomas mínimos de

¹ BODEUSTEIN: *Hysterie bei männlichen Geschlecht Dis-
sertatio Wurzburg*, 1889.

² MAURICE DE FLEURY: *Manuel pour l'etude des mala-
des du système nerveux*, 1904, p. 325.

³ VIRÉS: Ob. cit., p. 358.

⁴ FLEURY: Ob. cit., p. 234.

lesão dos cordões posteriores; que a cegueira, quando vem, é geralmente antes da maior parte dos sintomas tabéticos; que a afecção a que se dá o nome de *tabes com cegueira* é caracterizada por uma atrofia pupilar de evolução rápida, acompanhada freqüentemente, não só de perturbações tabéticas mínimas, mas também de perturbações mentais mínimas, em tudo análogas às do começo da paralisia geral; e que a cegueira dita tabética, poderia ser também considerada como uma cegueira paralítica, se as perturbações mentais mínimas da meningo-encefalite difusa ligeira tivessem, na nosografia, a mesma importância que as perturbações físicas e funcionais mínimas da méningo-miélite spinal posterior ligeira; e que o tabes, a paralisia geral e a amaurose tabética representam simplesmente três localizações dum mesmo processus, talvez de origem sífilítica terciária, que podem associar-se ou ficar mais ou menos completamente isolados. Além disso, anatomicamente, disse ainda o mesmo congressista, a atrofia ótica do tabes é semelhante à da paralisia geral; trata-se da atrofia secundária em lesões de meningite e de nevrite intersticial com ponto de partida vascular (endo e peri-arterite e flebite). ¹ Num livro sem responsabilidades científicas, *Penseurs et savants*, assinado pelo dr. Gélineau, afirma êste

¹ *Journal de Neurologie*, 5 de Outubro de 1904. p. 378

édico que só encontrou entre os pensadores um exemplo de tabes, em Aubryet.¹ Mas já Pierret, a sua memória *Sur la pathogenie du tabes*, apresentada ao congresso de Moscôw, em 97, nos diz que: «A sensibilidade é muito grande nos futuros béticos. Romancistas, artistas, homens políticos, sábios muito bem dotados, são sensitivos». De isto é sabido que o grande pintor Manet e o grande poeta Henri Heine, para mais não citar, eram béticos.

Fournier pretende que o tabes é sempre de origem sífilítica. Charcot inclina-se mais para a inversão nervosa. Grasset relaciona-o com uma doença mais geral que se póde chamar a esclerose múltipla disseminada. O que está fóra de dúvida é que o tabes supõe um terreno anteriormente preparado, perturbado, diminuído nas suas reacções, viciado, degenerado, sendo essa degenerescência função da hereditariedade e traduzindo-se pela sensibilidade excessiva, doentia, anormal, que caracteriza os predispostos.² Quanto ao papel etiológico da sífilis, os homens de sciência continuam em desordão. É uma questão remota e debatida, que continúa ainda e na qual eu não pretendo de nenhum modo entrar. Segundo a maioria dos tratadistas, a sífilis tem um lugar importante, de evidente preponderância, embora não exclusivo, na etiologia

¹ GÉLINEAU: *Penseurs et savants*, 1904, p. 190.

² VIRÉS: Ob. cit., p. 541.

tabética. É êsse mesmo logar primacial, *mas não exclusivo*, há ainda hoje quem apareça a contestar-lho (Lancereaux). ¹ Camilo era um sifilítico? Não sei. Não me repugna acreditar que o fôsse. Foi um sensual, um estroina, e durante o seu período de estudante, um amoroso que decerto se não prendia demasiado em escrúpulos de escolha. Não tenho porém elementos que me habilitem a afirmar a existência dêsse importante factor etiológico. ²

Poderia citar outros, de somenos importância: a varíola, por exemplo, que atacando-o em criança deixou no romancista vestígios que concorreram para que êle pudesse ser considerado como sempre realmente foi—um homem feio. Assim como poderia citar também o descarrilamento de que Camilo foi vítima em 81 na linha do Minho, próximo a S. Romão ³ e do qual, como êle próprio confessa no prefácio do seu livro de versos, saíu «com a cabeça oito vezes fendida». No início das manifestações histero-neurasténicas êsse caso serviria para registar um dos traumatismos provocadores vulgaríssimos nas origens dessa doença. Mas naquela altura, se podia influir no desenvolvimento do mal, já estava livre de acarretar com as culpas de agente provocador. Da sífilis é que, porém, se me não depara o mínimo indício. Camilo, tão useiro em contar e

¹ Vêr NOTA F.

² Vêr NOTA G.

³ ALBERTO PIMENTEL: *O romance do romancista*.

exagerar os seus males físicos, não fala dela; que de resto é explicável, porque êle tinha ainda cuidado romantico de cobrir, com o manto discreto do lirismo, as misérias realistas do amôr.

Mas, mesmo sem o diagnóstico da sífilis, eu posso pensar—com vénia da intransigência radical de certos sábios—que a ataxia, a atrofia ótica, a bilateralidade é tão característica nos tabéticos, o sintoma de Argyll-Roberston, que me parece poder afirmar-se sem grande perigo de errar, são elementos bastantes para um diagnóstico provável.

1. The first of these is the
fact that the

second of these is the
fact that the
third of these is the
fact that the

fourth of these is the
fact that the

fifth of these is the
fact that the

sixth of these is the
fact that the

seventh of these is the
fact that the

eighth of these is the
fact that the

III

Conclusões

«O que dissémos nos capítulos precedentes, com respeito à influência exercida pelos estados nevroticos sôbre as faculdades intellectuais propriamente ditas é applicável, sob todos os pontos de vista, às faculdades affectivas, a esta virtualidade da alma humana que é a origem das nossas emoções, dos nossos instintos, dos nossos desejos e em parte também da vontade, pela qual amamos ou odiamos, nos inclinamos para o bem ou para o mal, sômos levados a ser úteis aos nossos semelhantes ou a prejudicá-los, a cumprir ou a transgredir o que prescreve o dever absoluto ou convencional, etc. O espirito humano, na sua parte sentimental, experimenta tais modificações, tais mudanças passageiras ou duradoiras, que em vão se procuraria fóra da hereditariedade a origem delas. Em outros termos: na organização particular dos pais, e não fóra dela, que se encontra o princípio ou a causa pri-

meira de certos estados afectivos e morais que se observam em alguns indivíduos. Esse princípio não poderia residir, como se pensou e escreveu, nas formas exteriores ou plásticas do organismo (conformação, volume, peso) mas na própria vitalidade dos órgãos, na sua actividade funcional. Acrescentar que, se elle se nos apresenta envolto em obscuridade e completamente imperceptível nas condições materiais, já o mesmo não acontece examinando-o nas suas condições dinamicas. Disto a natureza inorgânica póde fornecer-nos um exemplo. Pela maneira como vemos funcionar duas máquinas quaisquer, podemos avaliar o que existe de comum entre elas, sem que nos seja necessário inspecionar-lhes as rodagens nem penetrar-lhes no mecanismo interior. As paixões affectivas são as mesmas em todos os homens. As diferenças que apresentam em cada indivíduo sob o ponto de vista da energia e do desigual desenvolvimento de cada uma delas não conseguiriam romper a uniformidade da natureza na especie. Mas por vezes acontece que, em virtude duma sobreexcitação reseguida por todas igualmente ou de agitações parciais devidas a uma desigual distribuição de sensibilidade, elas são arrastadas para uma esfera de actividade absolutamente excecional. Daí a extranha associação, num mesmo indivíduo, das paixões mais diversas e mais opostas, um mixto inexplicável de vício e de virtude, de elevação e de baixeza, de egoismo, de generosidade, de pusilanimidade, e

oragem, de doçura e de ferocidade. Em circunstâncias diversas, toda a inergia vital parece concentrar-se num pequeno número de paixões boas ou más, donde dimanam os prodígios de virtude ou de depravação. Ordinariamente, faculdades intellectuais pouco comuns, uma imaginação viva, virão em auxílio da actividade desordenada das paixões affectivas. Mas noutros casos, ao contrário, esta actividade fará contraste com uma fraqueza intellectual que por vezes vai até à imbecilidade. E em outros enfim, é a essa mesma debilidade de espírito, o mutismo da consciência, a uma espécie de atonia da vontade que as paixões deverão o seu poder impulsivo, mais que à sua violência natural. A que outra causa, se não à acção da hereditariedade, nos é lícito attribuir as disposições moraes de excepção que nos acabamos de referir?»¹

Essas palavras do autor do melhor trabalho que possuímos sôbre as relações de psicologia mórbida com a filosofia da história, lançam uma perfeita e clara luz sôbre o carácter de Camilo, tão complexo e inexplicável aos olhos dos que pretendem vê-lo fora do critério que as observações da psicologia mórbida permitem.

Camilo Castelo Branco, degenerado hereditário, sofreu na sua vida agitada, de trabalho e de martírio, uma nevrose — a *histéro-neurastenia* e

¹ MOREAU (DE TOURS): Ob. cit., p. 248-250.

uma doença orgânica do sistema nervoso — o *tabes*. Ao desvio patológico da sua função nervosa devem atribuir-se os seus males físicos, as suas desigualdades de carácter e a sua superioridade intelectual eminentíssima.

Na sua descendência, indo até onde as naturais reservas nos permitem, encontramos, na geração imediata, além duma filha morta criança e duma outra que vive ainda, o filho Nuno, estroinaço, nevralgico e alcoólico, e o Jorge, passando a vida ora bebendo e masturbando-se, ora em acessos de loucura extrema. Biógrafos, levados talvez por uma fantasia que força um pouco, à mercê dos seus bons desejos optimistas, as leis da herança mórbida descobrem já, na descendência dêsses tilhos, a aura de novos génios...

A OBRA

«Ora, dos desequilíbrios da função nervosa de Camilo, nasceria talvez para o trato íntimo, o homem de brusquérias frenéticas, de vulcânicos amôres físicos, de reviravoltas de humôr, intratável, cruel e caprichoso — demos que Camilo Castelo Branco fôsse tudo isto — mas precisamente esta mobilidade de character é que fez o artista genial dos seus romances, dos seus estudos irónicos, das suas verrinas literárias; deu-lhe o condão de forjar a obra prima dum jacto, com todos os sintomas dum retalho de vida palpitante; de modelar almas tão diversas e tantas, numa prosa plástica como a cêra e numa língua rija como o bronze; e espargiu na sua obra, enfim, toda essa porção de sangue insubmisso de independência forte, e de sonho miguelangesco, que as literaturas só de século a século registram, e que o cosmopolitismo hodierno de todo está hoje sonegando às nacionalidades mortas que invadiu».

FIALHO DE ALMEIDA.



I

Disse Armand Carrel que a vida de um grande escritor é o melhor comentário das suas obras, a explicação e, por assim dizer, a história do seu talento. ¹ A ninguém melhor que a êsse desgraçado e grande Camilo se póde, com justeza, aplicar o conceito, de tal modo os múltiplos incidentes da sua vida acidentada influíram na génese da sua obra, quer indirectamente originando os estados de espírito que deram terreno às suas criações, quer, dum modo directo, sugerindo assuntos que a sua fantasia exuberante depois romantizou. E, assim, essa obra saíu irregular, desordenada, desigual, por vezes até incoerente, como irregular, desordenada, desigual e incoerente foi a vida do grande artista que a criou. É o psicopata a revelar-se a cada página: aqui, atirando para os olhos

¹ A. CARREL: *Essai sur la vie e les écrits de P. L. Courier*; CAMILO: *Maria da Fonte*.

do público a sua própria vida, no que ela tem de mais secreto e de mais íntimo; além, repudiando opiniões na véspera defendidas, com a mesma convicção e o mesmo ardôr; ora fazendo da pena um instrumento de vindicta, numa arremetida indómita de orgulho que se não deixa impunemente magoar; ora procurando no leitor o confidente das suas horas de desalento e extrema angústia; esgrimindo hoje contra a palha duns mônos, na ilusão megalomana de que por trás déla existe a cota de armas de lutadores dignos dêle; acumulando àmanhã provas contra uma dinastia, pela vaga suspeição de que o representante da linhagem puluïda lhe não quer dar um título; umas vezes, escarpelizando com o bisturi do sarcasmo, amorosamente, cruelmente deliciado, como uma féra do Santo Ofício a comandar uma tortura; outras vezes, arrancando da vida rial os personagens dos seus livros para os exalçar aos extremos românticos do amôr, da abnegação e da ventura, por onde se librava, nas horas calmas, a fantasia alada do seu sonho. É a vaidade, o orgulho, o misoneïsmo, o despeito, a inconfidência, a impulsividade, a fantasia romanesca, a imaginação febril e poderosa, a faculdade criadora soberba, admiravel, sucedendo-se, fundindo-se, associando-se, formando no conjunto essa figura extraordinária de homem de génio e desgraçado que a compreensão hesitante de coevos e de posteros nem sempre tem deixado serena e justiceiramente avaliar.

« Na literatura portugueza contemporanea — esreveu o sr. Teófilo Braga — Camilo Castelo Branco a mais poderosa organização estética, exercida em uma prolongada e contínua idealização, refletindo na sua obra todo o estado moral de uma época perturbada pela falta de uma doutrina ». ¹ Mas porventura não será a essa falta de doutrina, tão claramente refletida na sua obra, que nós devemos a expansão libérrima e admirável do seu génio? Ao relêr, página a página, essa obra desconexa e colossal, imperfeita e assombrosa, eu pergunto a mim próprio se uma sistematização de toda ela, obedecendo a um claro programa de doutrina, suprimindo tudo o que ali existe de admiravelmente espontaneo, por um acaso lhe aumentaria a grandeza. Porque de sobra eu sei que subordinar uma larga obra de arte como essa a um corpo doutrinal, alinhando-a de antemão, por uma ordem, como os capítulos regrados, rigorosos, dum trabalho de ciência, é correr o risco de pôr em debandada tudo o que à emotividade do artista tal obra de arte tem de pedir, para ser grande. A crítica não póde conscientemente lamentar a descoordenação duma obra como a de Camilo: tem de explicá-la como na consequência inevitável e lógica das características dominantes do génio que a creou.

¹ TEÓFILO BRAGA: *As modernas ideias na literatura portugueza*, 1892, v, I, pág. 240.

É certo que Camilo Castelo Branco viveu, literariamente, numa época de transição, incerta e vacilante. Quando começou, o romantismo, semi-solto das mãos de Garret e prestes a cair na retórica vasia de Castilho, entrava rasgadamente no caminho da decadência. A desorientação tomava posse dos espíritos mais cultos: já se não sabia ao certo quais as firmas literárias, daqui e lá de fóra, dignas de admiração e de respeito. Os próprios mestres, como Herculano, não hesitavam em reunir na mesma citação Balzac e Kock e em falar, com todo o seu empertigado desprezo catedrático, « das fábricas parizienses de novelas, dramas, viagens, comédias, romances, folhetins, fisiologias morais ou imorais, e não sei de que outros produtos das fábricas de Balzac, Sue, Sand, Arlincourt e C.^a ». ¹ Porque para a opinião do solitário de Val-de-Lobos, que já por êsse tempo falava sempre em tom solene e era ouvido de joelhos como sumo-pontífice da sciência e da literatura lusitanas, a *Comédia humana* valia tanto como os produtos do onanismo de olhos em alvo do alambicado visconde de Arlincourt. Estavam as coisas, pouco mais ou menos, nesse pé, quando Camilo começou. Quatorze anos mais tarde, Teófilo e Antero, rompendo fogo contra o elogio-mútuo, inveterado vício dessa lite-

¹ ALEXANDRE HERCULANO: *Opúsculos*, 1873, t. II, p. 79 e 104

tura oficial de que Castilho era o arbitro supremo, derrubaram de vez o romantismo, rudemente, em ataque violento em que a audácia e o irrespeito iam sempre infelizmente iam servindo um erguido espírito de justiça. Fundou-se assim a chamada escola de Coimbra, precursora do realismo, que dez anos depois surgiu, exclusivista, intolerante, fincadas suas apregoadas bases filosóficas e na irreversível justeza dos seus princípios, colhidos no manto da pura sciência. Nesses modernos tempos, doutrinas positivistas, pendão de revolta dos uerridos espíritos militantes—pendão que o sr. Camilo Braga, ficando só em campo, tem galharmente segurado com as mãos ambas há quasi meio século—nem sempre os impediam de discorrer erradamente. Assim, por 1880, quando os recém-vindos arraial das boas-letras julgaram que lhes era preciso apagar o velho glorioso para conseguirem de exhibir os talentos dêles, a aborrotar de ideias novas, um moço de real aptidão, que em mais seu ramo da arte nos deixou algumas pequenas e quasi ignoradas obras-primas, envergou um pseudônimo para dirigir a Camilo uma carta-aberta que se leem períodos assim: « V. Ex.^a terá na literatura portugueza o papel de Hugo, Dumas, Balzac, Flaubert, Sue, Feuillet, Zola, Feydeau, Claretie, Turgenev, Trollope, Klopstock, Schuchart, etc., etc., nas diferentes literaturas dos diversos paizes? Cremos que não ». Êle sabia lá, o bom e ingénuo apóstolo Comte, que diabo de papel tinham em França

Feydeau e Claretie ou o arrevesado Macpherson nas nevoentas terras da sua Escócia! Era, afinal, o mesmo faciosismo de escola que fizera a hostilidade de Lopes de Mendonça e de Herculano quando Camilo literáriamente ensaiou os seus primeiros passos. Sempre o círculo de ferro de meia dúzia de ideias talhadas pelo figurino em moda, a acorrentar a liberdade dum juízo sem paixão, empacando inconscientemente um equitativo critério de justiça.

Ora o que há de mais admirável na personalidade literária de Camilo é o modo como atravessou tão diversos períodos de combate, sem lhes sofrer sensivelmente a influência, firme sempre nos seus processos de arte, realizando insensivelmente um meio termo que seria difícil conseguir de outra maneira. Realista demais para ser romântico, romântico demais para realista, mas camileSCO sempre, êle só, inconfundível, é assim que temos de considerá-lo, fóra de todas as escolas, de que apenas corticalmente, quando muito, sofreu influência.

E a razão primeira desse isolamento, deve buscar-se na fase inicial da sua educação: o tempo da Samardan em que viveu com êsse padre António de Azevedo, « nome que os pobres, seus irmãos reverenciavam, e os enfermos da alma abençoam anção virtuoso; operário infatigável em serviço de Deus e da humanidade », como o próprio Camilo escreveu mais tarde, na dedicatória de *O bem e o mal*. Num dos volumes dos *Serões de S. Miguel d'*

ide é assim que o romancista se refere a essa obra, que êle próprio confessa ter sido a melhor de sua vida:

«Uma vidraça do nosso quarto não tinha portas. Êle queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu acordava, às vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de suor, rezando os doze mistérios, por umas contas monásticas. Depois, chamava-me. Rezávamos *matins* com luz artificial. Iamos para a igreja. Eu assistia à missa e acolitava, pingando mais sôno e devotas lágrimas. De volta do Presbitério, fazíamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Dumas, os *Anais da propagação da fé*, as *Noites de Joug*, a *Miscelânia curiosa e proveitosa*, os *Contos de D. João de Deus*, o *Teatro de los dióses*, as *Viagens de D. João de Deus*, as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, a *História de Portugal* por uma sociedade de gelezes».

No *Ao anoitecer da vida*, fazendo a história da primeira poesia—uma ode ingénua, à maneira de Camille, com seu triste Alcino e sua dôce Elemena amados—Camilo escreve:

«Creio que tinha eu então entre os quinze e os vinte e seis anos. Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compêndios escolares. Porém, que poetas eu conversei na minha infância! O pecúlio das riquezas ritmadas que entesouravam a pequena biblioteca da minha família de aquêles tempos—biblioteca de padres, lá em cima, na serra do

Mesio, em Trás-os-montes, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem dispersas nuns cinco tomos denominados *Miscelanea poética*. Já então e de muito antes, se liam tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam os Lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquelas meiguices e amneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, poucos anos depois, os admiramos na pleiade de moços que, em Coimbra, e creveram o *Trovador*. Ora, eu, em 1842, não conhecia alguns daqueles nomes, nem áquelas montanhas, onde me fiz homem, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Teatro dos Deuses* à esquerda e Fernão Mendes Pinto à direita, e as *Viagens de Ciro* por cima, e a teologia do *Lugdonense* por baixo».

Literáriamente, educou-se pois Camilo fóra da atmosfera do seu tempo, começou a lêr romances na altura já em que o seu espírito estava apto a recebê-los sem êsse entusiasmo vulgar na geração nova pelos nomes aclamados; ao contrário de todos os outros incipientes plumazes do seu tempo, elle soube que existiu um Bocage, um José Agostinho e um Fernão Mendes Pinto, antes de boquiabrir-se ao estilo floribundo do visconde de Castilho, admirar o visconde Garrett na *Lírica de João Mínimo* e em Herculano, humildemente, saudar o Mestre

Além do seu amor aos clássicos, que depois foi lendo e estudando com interesse e, mais tarde a sua fixação de papalista, proporcionando-lhe excelentes meios de investigação de factos históricos deturpados e controversos; e ainda, como natural consequência dessas leituras, a aquisição dum vocabulário vastíssimo que lhe permitiu levar a nossa língua, que desde o século dezoito se viera deploravelmente empobrecendo e abastardando, a um grau de mobilidade e a um poder de expressão nunca atingidos. De tal modo, a orientação literária de Camilo entra como elemento importante na justificação crítica da sua obra. Orientado já com segurança quando conheceu o romantismo, êle que em outro caso amesquinharia talvez o seu talento com a corriqueira reprodução de moldes feitos, soube na escola que o recebeu aproveitar apenas as virtudes. Faciosismo de seita, exageros deploráveis, exclusivismos deprimentes—no que respeita, não aos seus pontos de vista críticos, mas aos processos da sua arte—não os tinha êle nem os podia ter dessa maneira, e eis porque, começando durante a febre romantica, acabando no entusiasmo papalista, os românticos achá-lo-iam avançado demais nos seus princípios e os realistas haviam de vê-lo sempre, em seu trajar antigo, como velha relíquia dos tempos já distantes.

Mas quais eram êsses processos da sua arte? É possível concretizá-los numa definição? Ou

coordená-los em grupos, marcando a sua evolução no largo percurso de mais de quarenta anos?

Em rigor, na evolução literária de Camilo não é possível marcar fases distintas, com caracteres de deferenciação perfeitamente definidos; antes, essa evolução, um pouco sinuosa, é apenas a resultante das contingências da vida aventureira do artista e da transformação social do meio, durante o largo período da sua actividade. Só um artifício poderia fazer a divisão do seu trabalho em períodos autónomos; um estudo completo de cada uma das suas obras explica-nos a sua razão de ser, a origem da feição mais ou menos estranha que porventura elle revista, esclarece-nos supostas contradições, mas não nos dá, nem pode dar os elementos para uma classificação que não redunde em passatempo meramente ocioso. De resto, a obra de Camilo não resultou, nem podia resultar, dum trabalho metódico, regular, ordenado; a sua actividade era ao alto e baixos, como geralmente acontece nos nevropatas como elle. E eu vou mesmo até vêr na realização das suas obras todo o processo dum obsessão impulsiva, tanto mais que a sua psicose é amplamente provada, me autoriza a pensar assim. Pois do mesmo modo que, se fôsse um cletomane nos levaria a roubar, se fôsse um impulso irresistível nos roubaria a carteira, se fôsse um piromano nos lançaria fogo à casa, se fôsse um dipsomano não resistiria a beber, se fôsse um dumomano se veria forçado, contra toda a série de inibições, a pôr-se em fuga, e se fôsse um copro-

lo não teria outro remédio senão proferir inconveniências lamentáveis,—sendo um homem de génio, Camilo havia de irresistivelmente fazer-se admirar em obras-primas. Teimo em considerar o processo idêntico, fundando-me nos factos que me elucidam a sua maneira de trabalho. Certas obras, planeadas muito tempo antes de serem escritas, apuzeram-se talvez todo êsse tempo ao seu espírito, como uma obsessão: havia de por fôrça hesitar mil vezes em escrever um livro, antes de traçar a primeira linha, êsse homem que hesitou sempre em todos os actos da sua vida. Em alguns casos porém, essa hesitação se esclarece: alguns seus livros, inutilizados depois de impressos, por escrúpulos de várias ordens, apareciam mais tarde com alterações que só muito superficialmente lhes tiravam o mal que os tinha condenado. Mas, vencidas todas as resistências do doente da vontade, a obra, romance ou história, escrevia-se com uma rapidez prodigiosa, dum só jacto,—num impulso: o *Livro negro do Padre Diniz* foi feito em vinte dias,¹ o *Senhor de Perdição* em quinze, « os mais atormentados da sua vida ».²

Nessas condições, a obra forçosamente havia de ser irregular no género, na concepção e no processo, ao estilo teria de faltar essa perfeição regrada e

¹ H. MARQUES: Ob. cit.

² CAMILO: *Memórias do cárcere*.

uniforme que é o privilégio dos que fazem do trabalho da fôrma uma tortura. E, não obstante, é precisamente na fôrma que é possível marcar na obra do romancista uma marcha regularmente evolutiva. A cada passo, o estilo se torna mais dutil, mais harmonioso, lucrando na sonoridade do período e no corte moderno da frase o que porventura até certo ponto, em espontaneidade e leveza ia perdendo. A comparação do *Anatema*, dos *Mistérios de Lisboa*, das *Scenas contemporâneas* e de outros romances dos primeiros tempos com a *Brazilleira de Prazins* ou com os capítulos conhecidos da novela incompleta *Via-sacra*, é, sob êsse aspecto, elucidante.

No género já essa evolução se complica. O romance da actualidade, a novela histórica, os bosquejos eruditos, as peças teatrais, os versos e os volumes de compilação, aparecem-nos alternando-se durante todo o período da sua actividade literária. Nem sempre, porém, à elaboração dessas obras preside o acaso: os artigos religiosos reunidos nos dois volumes *Divindade de Jesus* e *Horas de paz* foram feitos durante a crise de misticismo que o levou ao Seminário; os estudos históricos apareceram quando êle, pela suposição de que o rei D. Luís se opunha a que lhe dessem o viscondado, coordenou um libelo de tremer contra o Braganças; as brochuras de fragmentos apareceram sempre nos períodos da sua vida em que a obra original não era monetariamente tão

oveitosa que dispensasse de explorar o prestígio do seu nome glorioso, na capa de um volume de coisas triviais. Êsse trabalho de coordenador de coisas mínimas foi quasi exclusivamente todo o emprego da sua actividade quando, no fim da vida, a doença lhe embotou, pelo cansaço, pela dor, pela cegueira, os derradeiros recursos do artista. Os livros de polémica violentíssima vêm chegando, mais que o ataque do adversário, a doença irrisória o exaspera, e eis porque então da sua pena saem os ódios e a sua prosa despedaça cruelmente, como se êsse homem sofredôr quizesse provar aos outros que gozavam a saúde que lhe faltava, o bem-estar que não tinha, a fortuna que o trabalho lhe não dava, que, se não usufruia como êles êsses bens, e Deus sabe com que grande ambição desejaria, e com o génio que os aniquilava, brincando, em meia dúzia de páginas demolidôras.

Seria também inexato, dizer que a obra de Camilo vai, em sucessão cronológica, numa ordem de mérito crescente. Não. *A filha* e *A Neta* e *Arcediágo*, publicados em 55 e 56, são já as novelas feitas com arte, architectadas sem esforço, duma graça espontanea que as faz lêr com agrado. *Onde está a felicidade?*, dessa época também, corre como sendo uma das suas obras-primas e foi aquella que fez desanuwear a Hercule a carranca duvidosa do talento primacial do romancista. Êsse livro foi, até então, o mais audido, e Camilo, animado com o successo,

fez-lhe a continuação em *Um homem de bríos* que não vale, e ainda, anos depois, nas *Memórias de Guilherme de Amaral*, notavelmente inferior a ambos os outros. O *Amôr de salvação*, publicado em 64, não chega, nem por sombras, ao *Amôr de perdição*, publicado dois anos antes e cujo éxito r tumbante na semelhança de rótulo explora. O *Livro de consolação*, feito a propósito do caso Vieira d Castro e publicado em 72, *As três irmãs*, encomenda do *Comércio do Pôrto*, em 61, e as *Coisas espantosas* do ano seguinte, não figurariam, numa edição selecta, ao lado do *Romance dum homerico*, de 61, de *O bem e o mal*, de 63, do *Esqueleto* de 65, e dessa maravilhosa colecção das *Novelas do Minho*, impressa de 75 a 77. Depois da *Corja* do *Eusébio Macário*, e da *Brazileira de Prazin*, veio o romance mediocre *Vulcões de lama*. E eis como a produção literária de Camillo, irregular em quasi todos os seus aspectos, artificializa, desvalorizando-a, toda a tentativa para fixar rigorosamente, dentro dela, os estadios de uma regular evolução.

Mas a sua maneira de considerar o romance o seu processo? Fixar-se-ia êsse processo em termos rígidos e intransigentes? seguiria, êsse ao menos, as fases duma sucessão evolutiva? É bem difficil responder a tais perguntas. A observação do crítico, procurando uma solução, a certa altura desorienta-se e hesita. Sente-se a tentação de filiar os primeiros romances de Camillo na maneira r

antiga de Sue; de passar depois à observação de costumes e tipos portugueses; de registrar a fase do romance histórico, a do romance moralizador, a da transigência com os modelos naturalistas. Mas, nos próprios *Mistérios de Lisboa* não é já a individualidade de Camilo que se destaca, superior a todos os modelos, acima de todos os propósitos de imitação? Acaso, nos chamados *romances realistas* dos seus últimos tempos, essa mesma individualidade pujante e vitoriosa não amesquinha e inutiliza a convicta ou simulada intensão de transigência? Porventura os capítulos adoráveis da *Via-crúcea* não são tão românticos ou tão naturalistas como os das *Novelas do Minho* ou do *Romance de um homem rico*?

Vejamos então qual o juízo que ao próprio Camilo mereceram algumas das suas obras e procuremos descobrir por entre os traços duma ironia subtil, como, falando dos seus processos, mais uma vez contraditóriamente, o próprio romancista os definiu.

Em 1856, no prefácio de *Um Homem de Brios*: «...Eu desejo escrever o romance de modo que o meu leitor—se Deus me deparar um com experiência do mundo, e alma capaz de crear, pela reminiscência de ilusões extintas, novas ilusões possa dizer: *a vida é isto*... Se posso espalhar alguma flôr sôbre a chaga do vício asqueroso, antes que os experimentados me taxem de imperfeito nos traços, e que os inocentes vejam as imper-

feições sem conhecê-las. Creio que me entenderam e se não me entenderam, eu não sei explicar-me melhor. Desejo, outrossim, não criar visões de virtude exagerada, porque dou tanto pela imoralidade de Vautrin, como pela resignação de Angélica, como pela paixão suicida da Dama das Camélias. Na natureza não há disto; e eu penso que a realidade é de si tão fértil, que não precisa pedir de empréstimo à imaginação. E não vejo outro modo de desmentir esta judiciosa sentença de Boiste: *Les romans ne peuvent être que dangereux soit par les exhalaisons du vice et de la corruption, soit par les fantômes d'une perfection idéale*. Por consequência, verdade e mais verdade. Vivamos neste mundo como os nossos heróis e os nossos leitores, para que o crítico citado nos não venha dizer, que *quem tem a cabeça cheia de romances não vive neste mundo* ».

Em 1858, no *Discurso proemial dos Anos de prosa*, publicado cinco anos depois:

« Há cincoenta anos que as senhoras não liam romances, por uma razão cujo descobrimento me custou longas vigílias: — não sabiam lêr. Algumas, rebeldes à vontade paternal, conseguiam soletrar e escrever à tia uma carta em dia de anos, copiada do *Secretário português* de Cândido Lusitano. Os pais aceitavam com repugnância aquêlê abuso de inteligência, e castigavam a filha, forçando-a a um trabalho literário semanal: escrever em cada segunda feira o ról de roupa. Êste sistema penal tinha só a vantagem de tirar ao vício os enfeites

inteligência, reduzindo-o à essência bruta de sua
dez primitiva. Já não era pouco para exemplo
edificação das almas. O melhor moralista será
uêlê que despir o delito do coração das galas
e lhe veste o desejo e o cobrir de farrapos repulsi-
s. Por êsses tempos, e nos dez anos seqüentes, os
opagandistas da corrupção tentaram exercitar o
malefício, vertendo para péssima linguagem
rtuguêsa novelas francêsas, que transpuzeram
fronteiras no couce da bagagem do Junot. Em
14, a imoralidade, até êsse ano sopeada pela
pertinente virtude das novelas, tais como *A vir-
de recompensada* e o *Escravo das paixões*, quebrou
ferropeas, e despejou do regaço dissoluto a versão
Tom Jones, o *Sophá*, o *Candido*, e quejandas
ilas incendiárias, que pegariam nos corações, se
manteiga e o paio das tendas não esfriassem a
ça comburente dessa droga que acirrava os pa-
lares antropófagos daquêlê festim de 1793.
mdita e louvada seja a ignorância! Os romances
ncêses, até 1830, encontraram as almas portu-
êsas herméticamente calafetadas. Até êsse ano
austo, a mulher era o anjo caseiro, a alma da
spensa, a providência da piuga, e sôbre tudo, a
nea do homem, qual Jehovah a fizera duma cos-
a do mesmo. O salão era como trintário cerrado
de, a espaços, uma gosmenta matrona espirrava,
a sociedade, a cabecear de sono, surgia estre-
nhada, dizendo: *Dominus tecum*. A menina ca-
deira não se erguia de ao pé da mãe. O noivo

mirava-a de longe em felina beatitude; e, no auge da sua casquilha audácia, piscava-lhe a furto o olho onde reslumbava a paixão. Não havia então dêsses homens mulherengos, que alambicam a parolenda assucarada, coando por ouvidos incautos o veneno do estilo, que é o mais corrosivo de quantos ha na toxicologia do amor. A mulher actual é quasi sempre vítima da retórica requentada do romance, que esteril peralvilho lhe encampa com a cousa de sua alma. Algumas conheço eu que resvalaram ao abismo da perdição pela rampa de um advérbio eufónicamente intruso num período arredondado. Êste sortilégio de linguagem que enfeitiça e dá quebranto às mulheres, é apanhado no romance. O coração de certos indivíduos acha-se muitas vezes, a páginas tantas da tal novela. Serão figurinos e romances não haveria corpos apresentáveis nem espíritos insinuantes. Muita gente se espanta das gloriosas aventuras de alguns sujeitos piramidalmente tolos. Eu não. Tal há que se voa e afigura mazorro dalma, e, não obstante, ao lado das mulheres, dispara descargas de frases amorudas que é um pasmar. Asneira, dita em nome do coração, não há uma só que não seja laureada. Como Petrarcha lôrpa tem, a final, o seu capitólio. A mulher, por via de regra, é de seu natural tão bô sensível e generosa que chega a recompensar a pertinácia do homem que, primeiro, a nauseou: o segredo dêste paradoxo está na influência contagiosa da tolice. A mulher que fez chorar o tolo,

rebentar lágrimas de uma cabeça de granito, feita que fez o milagre de Moysés na rocha de preb. Aliciada pela serpente da vaidade, submerge como Eva. Que mudanças! Dantes o caixeiro principiava sempre a carta de namoro por: *Meu querido bem!* Agora já diz: *Anjo!* ou *Serafim!* Dantes a frase sacramental do exordio: *Vêr-te e amar-te foi obra de um momento.* Agora não é raro encontrar destes arrojos: *Amar e morrer é meu destino!* E, depois, o malefício do romance não há sómente no plagiato irrisório; o peor é quando as imaginações frívolas ou compassivas se entalham nos lances da vida fantasiosa da novela, e crêem que a norma geral de viver é essa. Enquanto a mulher estuda sómente a frase que aplica, bem ou mal, quando a enlouquece a vaidade de parecer que não é, bem vai. Dá-se um exemplo: A apaixonada de um amigo meu, ao recebê-lo pela primeira vez em sua casa, no patamar da escada, antes de deixar-se beijar a mão, estendeu o braço dito em magestosa attitude, deu à frente a régia vivez de uma Fedra de águas-furtadas, e disse, tom covo e solene: *Jurais levar-me às áras?* Meu amigo, que balbuciára um prefácio de longo estudo, soltou um frouxo de insolente riso, e desceu as escadas por não poder com o espectáculo da na corrida do insulto. Eis aqui uma que os romances de Arlincourt salvaram; quantas, porém, perdidas por guardarem as frases ridículas para o al?... Grande mal é o identificar-se o espírito

às visualidades do romance. Quando a leitora se
ri das crendices da sua infância e dos absurdo
princípios que lhe apoucaram o imaginar e o vo
do espírito, vem-lhe os enfados, o escutar as men
tiras do coração que se emancipa, o crêr que a
vida passada foi apenas um vegetar do vulgo, e
que o viver da alma, assim, será como o do arbusto
bravio que dá flôres sem arôma, e frutos sem sabôr.
Seja, outra vez, bemdita e louvada a ignorância d
nossas mães, e nossas irmãs, e nossas esposas! A
vida caseira, esta deliciosa monotonia, que a pouca
é já saborosa no viver íntimo, requer muita estu
pidez, muito sôno a toda a hora, um estomago
exigente e forte, muita digestão soporosa de subs
tâncias pesadas. Esta bemaventurança há-de restau
rá-la a ignorância supina, não hão-de ser as pala
vrosas teorias de Michelet àcêrca do *amôr* e d
mulher. Comecem os pais de família por circum
valarem suas casas de um cordão sanitário contr
a peste do romance, que não se abonar com a pro
metida pudicícia dêste, e de outros com que
autor, coração aberto a todas as quiméras, e d
entranhas lavadas, tem querido enxertar no tronco
carcomido da humanidade toda a casta de virtude »

Em 1862, no prefácio da segunda edição do
Doze casamentos felizes:

« Cuidou o autor que êste livro, à custa da sua
muita simpleza e naturalidade, desagradaria ao má
ximo número de pessoas, que aferem, ou dante
aferiam o quilate duma obra de fantasia, com

ante os lances surpreendentes e extraordinários. Não foi assim. A época é outra, e melhor. O maranhoso teve sua voga, seu tempo e sua catástrofe. Também o autor foi tributário da moda, quando, mais que a arte, o seduzia e subornava a glória de ser lido. Aí estão os *Mistérios de Lisbôa* e o *Livro negro* e que tais volumes, cujas reimpressões são proporcionado castigo de quem os fez. Não ousa o autor dar-se algum dos seus livros como modelo a si mesmo: sem razão seria pensarem que êle dá a esta ou outra obra, como pauta exemplar a estranhos. Pediria, isso sim, que se fizessem romances como se pintam paisagens, de modo que o merecimento de tais escritos assentasse na fidelidade da pintura, tal que cada leitor visse nela um seu modo de sentir, ou a reminescência dalgum quadro, mais ou menos análogo, que, alguma vez, se lhe ofereceu. O autor tem-se empenhado em averiguar se a leitura dos *Doze casamentos felizes* daria azo a que êle pudesse escrever mais um décimo terceiro. Vem a propósito agora pedir-se ao leitor, prósperamente satisfeito, que, se êste livro lhe melhorou o coração ou a razão, se não peje de o revelar ao autor, que nenhum maior prémio ambiciona. A revelação seria coisa original; mas animadora para quem creve. Pois se dizem que alguns romances, inflorando o crime, e aconselhando o divórcio, corrompem as almas, será desatino esperar que o romance, conselheiro e panegrista das virtudes conjugais produza salutareos contentamentos? »

No prólogo das *Estrelas funestas*, romance publicado nêsse mesmo ano de 1862:

«Esta história é inocente. Podem lê-la senhor de imaginação impressionável, e os moços descontentes da vida incolôr e monótona que a sociedade lhes prescreve. O autor, quando era rapaz, não enganou alguém escrevendo: aí estão uns trinta volumes a defendê-lo da calúnia, se alguém o argua de romancista corrutôr. Agora, que está velho, a dobrada obrigação lhe corre de desvanecer preconceitos, que disparam em desordem da vida, e sacrificam os tesouros da paz ao pobre do coração, que não tão mal os paga, por não ter cousa bôa que dar por êles. Crê o autor que há, no caminho da vida, muitas paragens alegres, se o caminheiro as sabe vêr com os olhos já cansados de perseguir as fugitivas visões. Nem podia deixar de ser assim, a menos que a verdade, filha do céu, não fôsse um mal. E a verdade, para uns temporã, e serôdea para outros a final, a todos alumia, como o sol do Senhor, que primeiro doura a colmada choça do montanhez, depois desce os flancos da serra, doura e lustra os zimbórios dos palácios, e verte do seu zenith um rãio nas cavernas onde a formiga passeia por entre as unhas do leão. Aquelas paragens verdadeiras do caminho da vida, são hospedagem comum; todavia, os mais diletos do anjo bom, que ali recebem os peregrinos, são os mais infelizes, os mais quebrantados da jornada, os que subiram até lá o desfiladeiro das ilusões, e bem mereceram a graça de

o, rebatisados na água das suas lágrimas. Sentado na dessas paragens é que eu conto esta história a pessoas que a quizerem ouvir por complacência na minha velhice, e porque eu lhes assevero que eu e todos os meus romances olham a prevenir o por contra os infortúnios procedentes da mentira do coração».

Em 1863, prefaciando a segunda edição do *romance de um homem rico*:

«Êste foi o mais querido dos meus romances e, o vaticínio, que aventurei sobre o meu futuro de escritor, me sai exacto, êste romance prevalecerá quantos a minha imaginação já desluzida, e como força, der de si. Com tristeza sincera confesso que não fui já mal me reconheço. As rugas da idade empecem ao coar daquela flama, que me sustentava a fantasia, e dentro me alumiaava, como uma lampada mágica, lances da vida exterior, uns de alegria, outros de lágrimas. E eu entrava em espírito no coração neste interior mundo, e lá me sentia viver, sofrer e amar. A isto não ousaria eu chamar inspiração; mas sem modestia de vaidade, podia chamar-lhe feliz capacidade para engenhar obras em um dia, leituras de duas horas, recreio a ocios de um mês, e os não sabia gastar melhor e mais aproveitadamente. Como se foi amortecendo a luz da minha vida, e aquele incansavel amor ao trabalho, dirigido a ponto de já agora deixar cair a fronte cansada e dorida sobre o papel em que escrevo? Trouxe-se como tudo que principia, e mais depressa

que o deperecer comum das faculdades inventiva. Esta é a sorte imerecida daqueles que não puderam ou não quizeram poupar o vigor do coração e a vantagem do vigor da inteligência. A mais ardente cabeça de homem empedrou debaixo da mão glacial da desfortuna. Foi êste romance escrito nas cadeias da Relação do Pôrto em 1861..... Viveram no meu ergastulo da Relação do Pôrto, comigo, noite e dia, o padre Alvaro deste romance, e Maria da Glória, e Leonor, e a santa de Vairão; e Tereza, Mariana, e meu tio desterrado do outro livro chamado *Amôr de perdição*. Viveram comigo aqueles ditosos pares que eu casei, e o público hospedeiro alegremente, com o livro *Doze casamentos felizes*. E eu tenho saudades deles, e das noites em que os via sentados em volta do meu leito. Cá fóra, luz em cheio do sol, não os encontro».

Nesse mesmo ano de 1863, no prefácio de *Filha do Doutor Negro*:

«...A história de Albertina no trajecto de vinte e cinco annos, muitas vezes me acudiu à lembrança, nas horas em que eu combinava na palheta as côrres com que bosquejei os quadros tristes e alegres da humanidade, que mos aceitou benignamente, não porque fôssem bons, mas porque eram fieis: das deformidades da natureza seria injustiça irrogar-me censura a mim. Desaproveitei o romance de Albertina, em todas as vezes que me lembrou, porque me alistára na laureada e gananciosa milícia dos romancistas do *terror grosso*, como deles dizia Júl

in, o celebrado folhetinista, que escreveu *O burro morto*, romance que começa a aterrar a gente desde o título, e, lá pelo meio adiante, mete a humanidade num banho de sangue, de muita gente e um burro citado. A final, e muito a tempo, desertei as bandeiras dos mestres francêses, e entendi no melhor modo de descrever os usos e costumes da nossa terra, os sentimentos bons e maus como por aqui os tenho visto, as paixões como elas são cá, e não creio que elas são em toda a parte, tirante as composturas, artifícios e maravalhas de linguagem, com que, para maior glória do género pestilento, corrutor das almas, os pintores da sociedade alteram a verdade das coisas e pessoas. Cai a propósito neste ponto declarar eu à crítica bem mencionada de alguns dos avaliadores dos meus primeiros livros, editados em folhetins do *Comércio do Porto*, que nem levemente me constrangem as condições que me pauto e imponho, no desenvolvendo da ideia moralizadora, ou, pelo menos, intuitiva e humanitário de cada um dos romances. São os publicados com os títulos: *Três irmãs*, *Relações funestas*, *Estrelas propícias*, *O bem e o mal*. E, afóra estes, que a crítica irreflectida cuias me haviam sido assim prescritos. e agoreno, pela seriedade daquelle jornal, escrevi com o mesmo intento e desassombrada espontaneidade o *Homem de perdição*, o *Romance de um homem rico*, e o *Amor de salvação*, que está no prelo, chamado *Amor de salvação*. De nenhuns outros me ficou tão cheio o ânimo

de contentamente, contentamento sem vaidade, satisfação de ter povoado a minha fantasia de imagens, que seriam ainda sublimes e belas quando não fôsem imitáveis e verdadeiras. A esta série de romances pertence a *Filha do Doutor Negro*, bem que o título prometa scenas escuras, e se dá um geito de engodo à curiosidade. Não vem para isso. Faço pouco finca-pé em títulos, e não dou nada pela cousa que traz logo um rótulo de negócio, no modo como se intitula. Chamei ao livro assim, porque a heroína do romance, como já se vai dizer, tinha muita honra em ser assim conhecida. A razão porque eu esperei vinte anos esta hora, hora de infinita dôr, em que principio a escrever tal romance, é que eu, nesse longo termo de meia existência, cuidei que, sem intercalar de episódios imaginários a história de Albertina, mal ou de nenhuma maneira lograria dar-lhe vida, interesse, variedade, e número como diria um correto juís com o Quintiliano evidentemente. Agora, revirou-se o meu entendimento em cousas desta ordem, como em quasi todas as cousas ordenadas ou desordenadas pela gente. Estou apto para trasladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado à imaginativa o que a natureza me não dá. Se alguma vez, falsifico as tintas, ou derramo a mão cheias de flôres sôbre as úlceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e comigo. Bastam as misérias vistas: poupemo-nos à estampa que não corrige nem condena. Para juís lá está Deus. Para algoz, basta que cada um o seja de si próprio.

Ainda em 1863, no prefácio à segunda edição
Amôr de perdição:

«Este livro, cujo êxito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de marmozada sobre todos os seus irmãos. Movia-me à desconfiança o ser êle triste, sem interpolação de sonhos; sombrio, e rematado por catástrofe de congnição o ânimo dos leitores, que se interessam na sorte de uns e no castigo de outros personagens. Em honra e louvôr das pessoas que estimam o meu livro, confessarei agradavelmente que falei mal delas. Não aprovo a qualificação; mas a crítica escrita conformou-se com a opinião da maioria que antepõe o *Amôr de perdição* ao *Romance de um homem rico* e às *Estrelas propícias*. A grande parte neste favorável, embora insustentável juízo, a rapidez das peripécias, a derivação concisa do diálogo para os pontos essenciais do enredo, a ausência de divagações filosóficas, a pureza da linguagem e desartifício das locuções. Tudo, emquanto a mim, não pôde ser um merecimento absoluto. O romance que não estribar em outras recomendações mais sólidas, deve ter uma vida mui pouco duradoura. Estou quasi convencido que o romance, tendendo a apelar da iniquidade humana que o condena a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma espécie de utilidade, tal como o estudo da alma, ou a pureza do caráter. E dou mais pelo segundo merecimento: que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas

literaturas antigas, em nome e por amor das quais muita gente abomina o romance moderno, e juram morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autor. Dou-me por suspeito nesta questão. Graças a Deus, ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locais do jornalismo. Até escrupulizo em dizer que devem lêr-se romances: não vão cuidar que eu recomendo os meus. É certo que tenho querido imprimir em alguns dos meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem sã e ageitada à expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos depa-ram nos escritos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. Nos *quinze atormentados dias*, em que o escrevi, faleceu-me o vagar e contensão que requer o acepilhar e brunir períodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto, em diversas circunstâncias, podia ser».

Prefácio do *Esqueleto*, publicado em 1865, pela primeira vez:

«Emquanto à influência do romance nos costumes, estou mais que muito desconfiado de que o romance não morigera nem desmoraliza. Porém admitida a ponderação que lhe alvidram os ex

rtadores dos pais de família, não sei decidir como há de escrever o romance fautor de sã moral. São os expedientes: levar os personagens viciosos despenhadeiro; ou crear anjos num paraizo sem pente. Na primeira espécie, mostra-se a luta de tude e crime; natural e concludentemente triunfa a virtude. É o costume com sacrificio, às vezes, verosimilhança. Na segunda forma de romancear, a virtude recebe as ovações sem batalha. O romance põe peito à reformação das obras de Deus, e erige-as. Quando os seus personagens se avizinham algum sujo aguaçal, em que é de uso a gente num salpicar as botas, atam-lhe azas de serafim, e larga-lhe trela por êsse azul dos céus den- até lhes vir a geito poisá-los em alegretes de res. São estes os romances que moralizam, ou os ros? É a minha dúvida. Convem mostrar as pulsões do crime lá em baixo, onde a providên- social lhes cavou a paragem; ou é melhor con- zir, por entre hortos ameníssimos, os nossos personagens engrinaldados, e metê-los no céu fi- mente? Um homem de bem, proprietário de um s primeiros jornaes deste país, costuma editar meus romances, com a prévia clausula de não em histórias de crimes, que toquem directa ou irectamente com a probidade da vida conjugal, revelem desdouros da honra doméstica. Há tcos dias, tivemos esta prática: — *Querem os pais famílias que suas filhas ignorem a corrupção, que ra nos pantanos da sociedade*, observou-me o meu

amigo.—Os pais de família, contestei, não conseguem isso, enquanto não acharem o caminho da lua, onde presumo que não há costumes, nem romances. E será preciso que se mudem para lá com as filhas, menores de dez anos, e não levem as mães, porque as mães máximamente virtuosas, sempre terão que contar às filhas a história escandalosa das mães culpadas.—Mas não se ganha moralização para os espíritos brandos e virginais das leitoras, em dar-lhes novela de adultérios, redarguiu o cavalheiro.—Ganha quando se lhes mostram os infortúnios acapelados em volta da mulher que se desonra. Ganha, porque as filhas do pai acautelado sabem que as há, conhecem-nas, e apertam a mão das desonradas; acompanham-nas aos salões com elas; sabem o nome e a culpa do homem que as requesta; observam-lhes uns exteriorios de felicidade; e espantam-se de as verem ostensivamente satisfeitas, e, de mais a mais, acatadas com uma urbanidade, que as não extrema das honestas. Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzelas, até certo ponto inocentes, que o desdouro, cujo horror não as apavorou nos salões, tem angústias secretas, e infâmias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.—Acho-lhe razão, obtemperou o honrado e ilustrado editor dos meus livros, mas que quer, se os pais de família intendem que suas filhas desconhecem a existência de certos crimes? e desadoram romances que revoltam essas sentinas hediondas? Aqui ficou a contenda amigável. Não procurei pai de famílias, nenhuns

ra argumentarmos. Fiquei-me a scismar se devia reimprimir este volume que estava escrito, no intuito de mostrar o squalor de uma chaga social, sem a minima pretensão de lhe pôr o cautério. Não quei; mas protesto extraí-lo da circulação, se um dia me persuadir de todo em todo que esta coisa de romances, escritos assim, peoram a humanidade, e alvoroçam a quietação dos pais de família».

Também em 1855, no prólogo da *Luta de gigantes*:

«Farto estou eu, leitor, de lhe denunciar boas e más paixões do tempo de agora. É já horas de lhe falar de umas paixões do tempo que foi. Nem elas em si podem tornar a ser. Eram paixões de uma época, que por sua culpa envelheceu e morreu prempestivamente. Este livro trata de frades. Não se chama romance, porque é história autenticada por documentos; não lhe chamo história, porque seria presunção imprópria de minha humildade enfiar-me em fidalguias tamanhas. Os catálogos das bibliotecas deem-lhe o nome que muito quizerem; e o leitor, segundo a indigestão que lhe fizer o livro, qualifique-o, e áte-o, se lhe parecer, à capa surrada de alguma crónica de franciscanos. Será esse o primeiro passo da immortalidade do meu livro, porque, daqui a trezentos anos, será lida a *História de Frei Domingos* e ninguém lerá o *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garret. Assim me faz pensar vêr eu enfeitados a ouro os in-fólios antigos, e o desdenhar-se com abominável descortezia o livro amaneirado,

correcto, lustruoso e florido de fábrica moderna. Os *Miseráveis*, de Victor Hugo, já esqueceram; um exemplar do romance de Vasco de Lobreira, vendeu-se um destes dias por trinta libras. A *Vida de Cristo*, por Ernesto Renan, por Strauss, por Veuillot, andam por aí ao desbarato; ora a *Vida de Cristo*, insulsíssimo poema de Manuel das Póvoas, é livro raro; e a *Vida de Cristo*, por frei Bernardo de Alcobaça, vendida por 500\$000 réis, será barata. Qualquer destas joias de biblioteca, tão encarecidas, é bastante para matar de enfado e aborrecimento duas academias: ao passo que, na leitura dos livros menospresados, se opulenta o entendimento ou agita a alma vivamente curiosa de lances de fantasia e movimentos do coração. Compreendam lá êste desconcerto do nosso capricho! Isto me induz a pensar que não será de todo engeitado um livro que relembra cousas esquecidas, e vai entrajado de velhas roupas um pouquinho sacudidas do pó de duzentos anos».

Na dedicatória «Ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Manuel de Freitas Costa, Meritíssimo Juís da Relação do Pôrto», do romance *A Engeitada*, de 1866:

«Neste ramance encontra v. ex.^a o desenvolvimento da história que me comunicou. Se algumas côres do quadro substituí por outras, obedeci a umas regras de arte que prescrevam ao romancista a dura lei de recompôr o que parecia estar bem feito das mãos da natureza. De onde havemos de inferir que o verdadeiro, em romances, nem sempre é o belo,

raríssimas vezes é o bom. Noutro país, noutros costumes e com mais hábil colorista, a história, ferida por v. ex.^a, seria uma perfeita urdidura de primeiro romance. Aqui na nossa terra, excelente, mercê de Deus, em muitos sentidos, requer-se medroso geito nisto de contar vícios. Não discuto se contá-los é fomentá-los, e se a ignorância deles é fingimento. Seja o que fôr. Se há inocência, é dever santo conservá-la. Se dissimulação, é obséquio à história das nossas virtudes dissimularmos também».

Prefácio da segunda edição da *Doida do Candal*, estado de 1867:

«Reconhece o autor que êste livro seria deficientíssimo, se assentasse em alguma ideia fundamentalmente filosófica. Não estamos em terra onde se invista a novela de missão que não seja espremer o ânimo de estudos atentos, ou desentestá-lo dos enojos da ociosidade. Os letrados, que baixam até ao romance, querem-no, dizem-no, filosófico, e apontado a discutir alguma transcendente questão social. Nada mais nem menos que encomendarem ao romancista os serviços que aos legisladores incumbe prestar à sociedade. Fazem-lhe muita honra, dão-lhe grande valor nas coisas da república; mas o pior é que os editores recomendam a menos filosofia que possa nestes livros, e queixam-se da minguada concorrência dos letrados ao balcão, onde a novela discreteadora e pedagógica não ousa me-

dir-se com as facecias da scena-cómica. É vêr quem leva mais os olhos na sala das mascaradas — se Socrates sobraçando a túnica e mesurando os poderosos passos, se o palhaço tilintando os guisos... Não obstante, os famintos de romances com recheio de sucosas cabidelas, insistem que o romancista deve imolar a grado e contentamento da crítica o gôsto destragado da maioria dos leitores. Pensam e aconselham discretamente. Eu por mim tenho querido contenta-los; e, se alguma vez o consegui, foi pontualmente nos livros que esperam no limbo das estantes dos editôres a redenção do *gosto-fino*, a segunda luz das inteligências esclarecidas. Por onde havemos de concluir que o escrever para a posteridade é um sacratíssimo dever tão sómente a uns bem-sorteados da fortuna que tem segura a vida presente, e se esmeram em prolongar a futura pela eternidade fóra até encontrar uma geração que lha perpetue no bronze da estatua. Bonito destino, quando os contemporaneos se não persuadem que o aparelho digestivo do escriptor é de bronze também, e como tal, descarecido da refeição das moléculas que dão calôr vital ao sangue, ao músculo, à massa que fórma os camarins de espírito, esta coisa chamada engenho. *Engenho* de bem escrever! Palavra ôca de que ri galhofeiramente quem tiver um de fazer açúcar ou serrar madeira. Tornando ao ponto: estive intentado a interpor nesta segunda edição da *Doida do Candal* uns discursos àcêrca do duelo, como quem

culca tendencias a desbravar o género humano e tão brutal selvageria. Nesse campo de mortos famados e já também chorados, acharia eu que arte tristíssimas flôres com que aformosear tragédias. Não o há tão abundante para lágrimas e dadivoso às menos inspiradas fantasias. Dei, todavia, a mão ao intento, quando o meu editor e amigo me disse que *A Bruza de Monte Cordova* era menos boa do que a *Doida do Candal*. Entrei a comparar os dois romances para entender a desigualdade dos méritos, e vim ao convencimento de que um pouquinho mais de filosofia estragara a *Bruza*. Nada, pois, de tirar à novela a inutilidade que a faz preciosa. Seja cada um do seu tempo e do seu país. O melhor romancista em Portugal, por emtanto, há de ser o que tiver mil leitores que lhe comprem o livro e o aplaudam, contra dez que o leiam de graça e o critiquem em folhetins a dez tostões».

No prefácio do *Cavar em ruínas*, escrito em 1866:

«Os livros antigos pagam liberalmente a quem os lê. Não há velhice mais dadivosa e agradecida do que a deles. Sentam-se connosco à sombra das árvores, suas coevas, e contam-nos coisas que foram os plantadores das árvores..... O que aí se lê por crónicas de frades, por livros menos lidos do que as crónicas, bons para história, ótimos para filosofia, e, melhor de tudo, balsamicos e vivificantes para corações despegados do *hoje em*

dia e do nebuloso *amanhã* que a sciência a cada hora vai enoitando mais, apagando-lhe esplendores que já num tempo entreluziram à espiritualidade do santo ou à candidez do poeta! O Presente é êste sincero desgosto de muitos e intermitente embriaguez da felicidade de poucos. O Futuro é um descuido do maior número e uma aflição de poucos espíritos que vieram sãos a um mundo cheio de aleijados. O Passado, o passado, é já agora o único, seguro e abençoado refúgio de quem pode ir por trevas dentro a bater azas de luz e a poisar-se lá sôbre ruínas, onde não chega a pedra desses fundibulários que teem seus arsenais nos enxurdeiros das cidades florentes..... Também tenho o meu refúgio do passado. Algumas dúzias de livros levantados em cêrco à volta de dez palmos de taboado de pinho sem alcatifa nem xadresado, marcam as fronteiras das minhas delícias. É o que tenho. E dentro disto, nuns dias de saudade do meu querido Castilho, que ainda ali se me figura dizendo-me como Virgílio teria poetado se houvesse nascido em Portugal, na ausência dele continuei a ouvi-lo, na locução diamantica de Fernão Mendes e Bernardes...»

Aviso às pessoas incautas, que precede os Mistérios de Fafe, impresso em 1878:

«Esta novela contém adultérios, homicídios, missionários e outros scírrros sociais. Almas em flôr de inocência e candura, não leiam isto que trescala podridão de gafaria, em que forçadamente a leitora,

eita ao ar puro das regiões vizinhas do céu, ha-de sentir nausear-se-lhe a alma. Nalgumas quintas do vinho, ameaçadas de ladrões, erguem-se uns postes que dizem: *aqui há ratoeiras*. Os ladrões, graças à estruturação, leem e passam. Neste livro inverte-se o título: os salteadores da pudicícia levantam bem alto o letreiro que diz: *aqui há ladrões*. Sem o qual letreiro êste livro seria um abismo».

Da *Introdução* do romance *A mulher fatal*, que apareceu em 1870:

«... A minha raiva ao planeta em que estou acerba; mas fica muito aquém da misantropia. Um rapaz fiz de Heraclito, quando não conhecia o melhor do que hoje êste grego que aforou as lágrimas com honras de escola de filosofia. De tal filósofo coisa que sirva só temos o boato de que clamava e chorava em público. Hoje em dia, um homem com esta sensibilidade era levado ao comissariado de polícia. Por mim e pelos meus vizinhos também eu chorei. Eis que desce a geada de muitos invernos a nevar-me, o frio a filtrar, a temperatura dos líquidos a descer, o sangue a coagular-se e logo a cristalizar das lágrimas no coração como as concreções vitreas de uma caverna. Principiei a rir, às vezes. Rir é contraírem-se o diafragma e os músculos faciais. Operação materialíssima, muscular, carnal, e que nenhum outro animal exercita. Claro que o rir é atributo do ser racional. A par e passo que a razão se alumia e fecunda, as contracções musculares amiudam-se. Racionar é rir. O

acume da sabedoria humana é vêr os reversos das tragédias sociais; lá está por fôrça a comédia. A ignorancia que esteriliza, e mirra, e encalvece, é a que só deixa vêr uma face da medalha. Eu não cheguei ainda aos pináculos da sabedoria. Vou subindo..... Era meu propósito dizer espalmadamente que, há vinte anos, comecei a ver duas faces dos lances tristes: uma que entende com as glandulas lacrimais, outra com o diafragma. Primeiramente, se não choro condôo-me; depois esgaravatando na raiz das dôres humanas, encontro aí ou sedimento de perversidade ou ridicularias miserabilíssimas. Então é o rir. E afim de que os padecentes me desculpem, rio primeiro de mim. De aí se causou que os meus livros, entre muitos defeitos, realçam em um que tem ferido a benevolência da crítica: e é que não conservo, sem intercadências desvanecidamente faceciosas, uma situação plangente, e amarguro com o acerbo da ironia a dulcidão das lágrimas. É justo o reparo. E neste livro me quer parecer que tal defeito subirá de ponto; porque vou intender em tragédias amorosas, nesta idade de quarenta e três anos feitos, velhice em que nenhum escritor sincero, obediente a Horácio, deu aos seus leitores o exemplo das lágrimas. *Si vis me flere, etc....*»

Da dedicatória «A D. António da Costa», da *novela do Minho — O comendador*, impressa com data de 1875:

«...o que D. António da Costa não teve tempo

vêr e apalpar foi o miolo, a medula, as entranhas nanticas do Minho; quero dizer—os costumes, o er que por aqui palpita no povoado destes arvo- os onde assobia o melro e a filomela trila. ! meu amigo! Romances, tecidos de casos cân- os e inocentes, apenas os fazem por aqui os saros em abril, quando urdem e afôfam os seus hos. O restante dos animais não oviparos vista- s v. ex.^a no Catarro ou no estabelecimento da osa senhora Cecília Fernandes, da Travessa de ta Justa, que eu lhos farei representar ao vivo próprio coração do Minho, entre Fafião e S. o do Kalendário, as scenas contemporaneas fina *Baixa* e peores..... É neste meio que eu abalanço a esgaratujar novelas. Há trêse anos apéguei por êsse Minho, em cata do balsamo pinheiraes e das fragancias das almas inocen- Diziam-me que a rusticidade era o derradeiro arte da pureza, e que os lavradores do Minho, elados com os saloios da Extremadura, eram os didos pastores da Arcádia comparados aos ma- rins de Gomarra. Um dos meus estudos, no in- o de me habilitar para o confronto do saloio com minhoto—da raça sarracena com a galega—é a histórinha que lhe dedico, meu nobre amigo». De 1879: a *Dedicatória* e a *Advertência* do *Euro Macário*:

DEDICATÓRIA. — *Minha querida amiga*: Per- caste-me se um velho escritor de antigas no-

velas poderia escrever, segundo os processos novos de um romance com todos os tics do estylo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance e na tua mão o beijo da aposta que perdi».

«ADVERTÊNCIA. — A história natural e social de uma família no tempo dos Cabrais dá folego para dezassete volumes, compactos, bons, duma profunda compreensão da sociedade decadente. Os capítulos inclusos neste volume são prelúdios, uma sinfonia ofenbaquiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas guelas concavas, metálicas. Os processos do autor são, já se vê, os scientíficos, o estudo dos meios, a orientação das idiéas pela fatalidade geográfica, as incoercíveis leis fisiológicas e climatéricas do temperamento e da temperatura, despotismo do sangue, a tirania dos nervos, a questão das raças, a etologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de família, tudo, o diabo. O autor trabalha desde antes de ontem no encadeamento lógico e ideológico dos dezassete tomos da sua obra de reconstrução, e já tem prontos dez volumes para a publicidade. Mas é necessário que quem reedifica a sociedade saber primeiro se quer ser desabada a ponta pés de estylo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e advérbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pô-la nu e escutar-lhe as lepras, lavrar grandes actas de

agas encontradas, esvurmar as bostelas que cica-
zaram em falso, excoriá-las, muito cauterio de
zes em braza. É o que se faz nas folhas preli-
nares d'esta obra violenta, de combate, destinada
a entrar pelos corações dentro e a sair pelas mer-
carias fóra,,.

Também em 1879, prefaciando a quinta edição
Amôr de perdição:

"Publiquei, há vinte e dois anos, o romance
Onde está a felicidade?—Pouco depois, Alexandre
erculano, republicando as *Lendas e narrativas*,
escrevia na *Advertência*:...*Nêstes quinze ou vinte
anos, creou-se uma literatura, e pôde dizer-se que
não há ano que lhe não traga um progresso. Desde
as Lendas e narrativas até o livro Onde está a feli-
cidade? que vasto espaço transposto!*—Se comparo
Amôr de perdição, cuja 5.^a edição me parece um
tanto fenomenal e extra-lusitano, com *O crime do
Dr. Amaro* e *O primo Basilio*, confesso, voluntá-
mente resignado, que para o esplendor destes
livros foi preciso que a Arte se ataviasse dos
temores lavrados no transcurso de dezasseis anos.
Amôr de perdição, visto à luz electrica do criti-
cismo moderno, é um romance romantico, declama-
torio, com bastantes aleijões líricos, e umas idéas
peralvadas que chegam a tocar no desafôro do sen-
timentalismo. Eu não cessarei de dizer mal d'esta
ovelha, que tem a boçal inocência de não devassar
as covas, a fim de que as senhoras a possam lêr nas
salas, em presença de suas filhas ou de suas mães,

e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amôr de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnisação, faz rir; tornou-se cómico pela serieidade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso e do padre Teodoro de Almeida. E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas. Faz-me tristeza pensar eu que floresci nesta futilidade da novela quando as dôres da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então a retórica de preferência ao calão. O escritor antepunha a freqüência de Quintiliano à do *Colête-en-carnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me déra ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pús de muitas escrófulas à face do leitor! Naquele tempo enflorava-se a pústula; agora, a carne com varêj pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcizar num espelho fiel. Pois que estou a dobrar o cabo tormentório da morte, já não verei onde vai desaguar êste enxurro que róla do bôjo a Ideia Novíssima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha a sociedade ruirão ao mesmo tempo por efeito de um

grande evolução rigolboche. A lógica diz isto; mas a providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provavelmente fará outra coisa. Se, por vir de da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regosije de vêr outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica, e esta 1ª edição do *Amôr de perdição* quasi exgotada».

Num artigo *A respeito da Caveira do Martir*, publicado sem assinatura, ainda em 79, na *Bibliographia portugueza e estrangeira*, do editor Ernesto Harnadron:

«A *Caveira da martir* foi tirada das livrarias por conter peçonha de impiedade que derrançasse as profundas idéas religiosas que lavram no espírito público, nem tam pouco por ataque ao purpur virginal, que é ainda uma coisa que conserva a virgindade até muito tarde. O romance foi retido pelo seu proprietário, pessoa honrada mas esculpulosa até ao extremo de suspeitar que seria religioso um livro onde se pintavam no mosteiro

Odivelas algumas freiras frágeis em amôr e na delas amante de el-rei D. João v. A história contára isto; e o romancista cuidou que lhe não corria o dever de guardar aos maus costumes das Bernardas de Odivelas acatamento mais reverencioso que o dos historiadores. O editor expoz os seus escrúpulos ao autor, que lhos respeitou e consentiu que os três tomos ¹ fôsem queimados,

¹ Em 1902, reimpressos, num só volume.

tirando a salvo que o não queimassem a êle. O romance mereceu providencialmente o destino ardente que teve, não porque fôsse ímpio, mas porque era uma composição ordinária, com alguns adjectivos velhos dos antigos processos,,.

Em 1880, no prefácio da segunda edição do *Eusébio Macário*:

"Cumpre-me declarar que não intentei ridicularizar a escola realista. Quando appareceu o *Crime do padre Amaro* e o *Primo Bazilio*, e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que hoje em dia novela escrita de outro feitio não vinga,,.

Dos artigos da polémica com Alexandre da Conceição, a propósito da *Corja*, em 1881: ¹

"...Assevera o crítico que eu, no *Eusébio Macário*, tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o *ridículo sobre a escola realista*. O sr. Conceição de certo não póde citar frase minha que o justifique. Assevera que eu me deixei *obsecar* (queria talvez dizer *obcecar*) por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do autor do *Primo Bazilio* sómente esta estreita compreensão: *de que é apenas um romancista ridículo*. Não me conformo indifferentemente com esta aleivosia, porque admiro e releio os romances do sr. Eça de Queiroz. No *Can-*

¹ Coligidos na *Boémia do Espirito*.

neiro alegre, pag. 11, digo do *Primo Bazilio*: O romance mais doutrinal que ainda saíu dos prelos portugêses. — Doutrinal, escrevi como sinónimo moralizador. Em minha consciência entendo que já houve livro que pudesse e devesse salvar uma mulher casada, na aresta do abismo, é o *Primo Bazilio*. O sr. Eça de Queiroz fez êsse raro milagre, porque pintou o vício repulsivo o noventa. As mesmas delícias do delicto emporcalhou-as, pondo as gústias paralelas com as torpêzas..... O sr. Conceição diz que a *Corja* é uma *banalidade*. Pois e outra coisa há de ser a minha novela senão a frioleira? O meu romance não tem o desvanecimento de avantajar-se às *banalidades* da sua espécie. É com efeito uma bagatela risonha que não há de aumentar o número dos tolos; nem tanto estorvar que a luz do sr. Conceição penetre nas camadas escuras que envolvem a ignorância pública. Nem os futuros livros scientificos do sonoso poeta sr. Conceição, nem os meus romances naes hão de acrescer nem diminuir o número dos tolos — a *incomensurável maioria*, como diz o filósofo Schopenhauer. Acho de uma grande verdade aquilo de Voltaire: *Nous laisserons ce monde aussi sot et aussi nêchant que nous l'avons trouvé en y arrivant...*

“...Se escrevi *Eusébio Macário* em 1880, como crevera as *Scenas da Foz* e a *Filha do Arcediago* em 1853, num estilo nú, de galhofa, mostrando as duas brunidas de mulheres sem úlceras, e feição

por feição, a psicologia de alguns argentários, que se deduz de aí na hermeneutica do sr. Conceição. Que tenho uma *retórica atrazada*, que sou um *velho católico, um literato autoritário e quintessentista*. Quer dizer que as diversas obras de arte estão todas subordinadas a um princípio, ou não quer dizer nada? Taine, o legislador dos ideais modernos, não me jarreta as pernas para eu me agitar ao leito procusteano de mestre Conceição. Êle diz que *toutes les œuvres d'art sont de niveau et que le champ est ouvert à l'arbitraire*. E acrescenta: *En effet, si l'objet devient idéal par cela seul qu'il est conforme à l'idée, peu importe l'idée; elle est au choix de l'artiste; il prendra celle-ci ou celle-là, à son goût nous n'aurons point de réclamation à faire*. Escreve a Corja, sem previamente alinhavar os personagens consoante os moldes do sr. Eça de Queiroz, nem saberia destrinchá-los entre os que servem à obra evolutiva francêsa desde *Manon Lescaut* até *Nana* e, se cotejo as novelas modernas com os praxistas sociológicos em que se estriba a estética da última hora, persuado-me que êsses romances podem fazer-se com observação e estilo, sem que aos autores surja a necessidade imprescindível de manusearem a Biologia de Herbert Spencer, a Evolução humana de Hæckel e o Positivismo de Comte. Para que se há de assoprar com tamanho empirismo de sciências pingues uma coisa tão ôca e fútil como a novela? O burguês sensato pode rir-se do nosso charlatanismo. Sejamos francos. A gente faz romances

jos porque a sociedade nos pede a história contemporânea: é ela que faz os nossos romances. Não partimos de uma renovação de Moral; emergimos de um lodaçal de inveterados vícios. Se algum de nós, político ou romancista, nutrir o desvanecimento e o voinho de defecar o humor mórbido da sociedade em o sudorífero dos artigos ou dos romances, deve começar por si a cura com os sedenhos; em vez de insultar Augusto Comte e Hartmann, cinja-se às descrições de Dagonet e de Maudsley. O snr. Condição sabe....»

«Abro um parentesis para uma pessoa discreta e me vai lêr e deplorar. Esta substanciosa controversia com o snr. A. da Conceição originou-se da justiça com que fui acusado de hostilizar pela opinião dois escritores que descrevem as cousas e as pessoas como elas são ou pódem ser. Consectei as minhas provas escritas que admirava os dois escritores realistas e outros da mesma falange; mas não me profilei imodestamente ao seu lado, nem me gabei de usar os modernos processos com conhecimento de causa. Pareceu-me que o realismo se podia exercitar sem estudos prévios, por ser fácil a tarefa com observação e estilo descrever a verdade das cousas físicas e ter das morais uma intuscepção mais ou menos aproximada da realidade. Ereci esta opinião, e ouzei dizer que as minhas primeiras novelas, tirante os vícios acintosos do estilo fragado pela imitação, não significavam apostasia da minha velha escola; mas sim a reincidência de

um mau género que eu tinha ensaiado há muitos anos com desagrado do público. Replicou o sr. Conceição que eu não entendia o realismo, que era um inepto se pretendia mudar de sistema, alistando-me com os positivistas, com os evolucionistas uns porque eram psicólogos, outros porque eram fisiologistas, e eu não podia ser isto nem aquilo porque era um velho romantico, católico e quinhentista. Refugadas as chocarrices e as toleimas a questão é isto. Ora eu não tinha o desvanecimento de formar hombro a hombro de quem quer que fôsse. Fiz êsses dois frivolos livrecos cuidando que sociológicamente ninguem lhes dava mais importância do que eu dou aos romances banais dos escritores eminentes; porque eu não creio que as novelas desde Lúcio de Patras até Emílio Zola tenham feito bem nem mal ao género humano...»

II

Ao lêr a longa série das novelas de Camilo, em suas paixões infelizes, suas meninas envelhecidas penando pecados de amôr na soledade dos mosteiros, seus pais tiranos e seus brasileiros grotescos de joanetes, apercebe-se o estudo inteiro em meio e duma época e, dentro dele, a compreensão singularmente feliz do carácter de cada uma das figuras que vivem intensamente através das páginas aventurosas dos seus livros. Completa verdade de senário, em cada personagem um estudo psicológico perfeito e, sôbre tudo isto, um certo ar artificioso, familiar, na narração inimitável e um tom muito sobrio no desenho dum tipo ou dum carácter. Há personagens em Camilo que meia página define, e maravilhas de intuição no traço dum carácter que nos revelam, desde logo, no artista, não somente, um velho sabedor da sciência das almas.

Camilo possuía no grau mais alto os dois poderes supremos de evocar e comover. Certas scenas dos seus livros — como essa, já célebre, da morte do lobo, no *Eusébio Macário*, a saída do Melro na *Brasileira de Prazins* e o incendio no *Retrato de Ricardina*, fixam-se para sempre como se nós próprios a houvessemos visto, e há páginas suas que se não lêem sem lágrimas, como essas sublimes cartas finais de *Amôr de perdição*. E assim como a evocação é sobria não distraindo a atenção em ninharias, mas fazendo gravar indelevelmente o aspecto geral que se pretende, assim também a comoção ali se consegue com simplicidade, nascendo da própria essência das coisas descritas e não dos mais ou menos plangentes termos em que as lêmos... Sob êsse aspecto, sob todos os aspectos, as *Novelas do Minho* são, fóra de toda a dúvida, uma colecção de preciosas e imitaveis obras-primas.

Dir-me-ão, eu sei, que esses tipos predilectos dos romances de Camilo, fogem, correndo, da verdade pelo atalho resvaladiço do romantismo idealista. Não é precisamente assim. E, não obstante, já mais duma vez essa acusação se formulou. Lembra-me agora que, prefaciando o *Brasileiro Soares*, do sr. Luís de Magalhães, — história ingénua dum Joaquim de suas terras que, de volta do Brasil, onde ganhou dinheiro, veio negociar em papel, casar com uma linda rapariga, ser traído por um administrador de concelho e suicidar-se com um tiro de pistola — Eça de Queiroz vestiu o libelo com toda a elegancia do seu admiravel estilo. E, nesse prefácio, interessante, como tudo quan-

escreveu êsse grande escritor que salvou o naturalismo português duma morte ingloria, lê-se isto: «...se há um *tipo* de que o Romance e o Teatro, em Portugal, tenham usado imoderadamente é, certo, êsse lavrador Minhoto, enriquecido e vestido de pano fino, a que nas aldeias se chama o *brasileiro*! Mais de trinta anos, em novela, em drama, em romance, em metemeto, o Romantismo (ou antes o Maneirismo Sentimental que entre nós representou o Romantismo) utilizou o *brasileiro* como a encarnação mais vulgar e mais compreensível da sandice e da materialidade. Sempre que o enredo, como se dizia nos tempos vetustos em que as Musas viviam, necessitava um ser de animalidade inferior, um boçal, um grotesco, o Romantismo lá tinha no seu poeirão um depósito de figuras de papelão, recortadas pelos artistas, o *brasileiro* — já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando plácida e satisfeita na linguagem mais bronca os sentimentos mais baixos. Bastava só colar-lhe na nuca um nome bem conhecido, arranjar-lhe uma aldeia de origem que cheiassem bem a curral, atirá-lo para o meio de páginas amareladas e regadas de lágrimas, — e êle começava a ser bestialmente burlesco e a enojar os delírios. Nisto, os Mestres do Romantismo não procediam, originariamente, por animosidade contra uma classe cujos modos, gostos, interesses, lhe repugnavam: obedeciam do instinto a um Idealismo nevoento e a uma teoria da Alma profundamente separada do Corpo,

e Materiais, segundo êles personificavam o Sentimento, coisa nobre e alta da Vida, ou representavam a Acção, que ao Romantismo apparecera sempre com coisa subalterna e grosseira. Ora em Portugal o homem que mais evidentemente simbolisava a Acção aos olhos turvos do Romantismo era êsse labrego que, largando a enxada embarcava para o Brasil num porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho, e anos depois voltava de lá, na Mal Real, com botas novas de verniz, grisalho e jocundo a edificar um palacete, a dar jantares de leitão a abade, a tramar eleições e a ser barão... E note V. que êste mesmo cavador indinheirado comovia o Romantismo até à Elegia, quando êle era ainda o *triste emigrante*, parando uma derradeira vez na estrada para ouvir o ruído do açude entre as carvalheiras da sua aldeia; quando êle era o pobre embarcadinho, de noite, no mar gemente, encostado à borda da escuna *Amélia*, erguendo os olhos chorosos para a lua de Portugal... Apenas voltava, porém, com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão — o *saudoso emigrante* passava logo a ser o *brasileiro*, o bruto, o alvar. Desde que êle deixára de soluçar e ser sensível, para labutar duramente de machano nos armazens do Rio, o Romantismo repeliava como criatura baixa e soez. O trabalho despoetizava o triste emigrante. E era então que o Romantismo se apossava dele, já rico e *brasileiro*, para o mostrar no livro e no palco, em caricatura, sempre material e à conseqüente divisão dos *tipos* literários em Ideia

mpre rude, sempre risível,—não por um justo
io social contra um inútil que engorda, mas por
ersão romanesca ao burguês positivo, videiro e
deiro, que não lê versos, que se ocupa de cambios,
olha a lua quando ela anuncia chuva, e só repara
a Beatriz e Elvira quando elas são roliças e fáceis.
n contraste com êste *materialão* estava o homem
poesia e de sonho, magro, altivo, malfadado, elo-
ente, e *trazendo* (como diziam a sério os estilos
então) *um inferno dentro do peito*. Êste perma-
cia pobre, ou desdenhava liricamente o dinheiro:
sua ocupação especial e única era a Paixão: por
as mulheres pálidas, todas de branco, iam chorar,
arradas às grades dos mosteiros. Nos finais de
os, êle, só êle, lançava, num gesto sombrio, *as*
palavras sublimes, dolentemente sublinhadas pelos
olonzelos, ao rumor dos prantos abafados. O *bra-*
reiro, êsse dizia as sandices, que nas farças mais
ncas eram também sublinhadas—com um estoiro
ore o tambor. Estes dois tipos, insípidamente falsos
no generalização, pareciam ainda mais postiços,
is distantes da vida e da realidade, como factura.
homem ideal era invariavelmente um grande bo-
co esguio, com longos e tristes bigodes de crepe,
a agoada de amarelidão na máscara de cera sempre
ntraída de amargura, e umas luvas brancas que êle
cia na tortura perpetua do seu atroz destino: por
ntro, para lhe dar uma aparência de alma, metia-se
, ao acaso, como se machuca a palha para dentro
s Judas de Aleluia, um molho seco de frases lacri-

mosas é balofas. O homem material, o *brasileiro*, êsses consistia num outro boneco, achamboado, tosco, com um colete amarelo, pelos nas orelhas, e joanetes—e imensos joanetes que o Romantismo, de pé pequeno nunca deixava de acentuar, com um traço de sarcasmo e asco. Êste boneco por dentro não tinha nada nem frases, nem palha. E o curioso, meu caro Luís, que, de todos os tipos habituais do nosso romance romantico—só o *brasileiro* tem origem genuinamente portugueza, de raiz. O homem fatal e poético; a mulher de negros cabelos revoltos que perde; a mulher de pestanas baixas que salva; o arrogante fidalgo com longos nomes e hostil ao século; o padre risinho que bemdiz e afaga—todos êsses vieram importados de França: e as suas dôres, as suas descrenças, os seus murmúrios de amor, tudo chegou pelo paquete, e pagou direitos na Alfandega, misturado aos couros ingleses e às peças de pano Sedan. O nosso Romantismo não é responsável por essas gentis criações do além dos Pírinéos. Elas já aportavam ao Tejo e ao Douro, assim falsas e mal feitas, fóra da natureza e da verdade. O Romantismo acolhia-as com uma submissa reverência provinciana: e assim as mandava imprimir à Casa Moré e à Casa Roland, tais como as recebia, traduzindo-lhes apenas em vernáculo os martírios e os júbilos. O *brazileiro*, porém, era só nosso, todo nosso, dêste solo que pisámos castiço e mais originalmente portuguezes que a chalaça e a louça das Caldas. Mais que nacional, era local. Era do Minho, como o vinho verde. Ora o Roman

no, que sendo triste amou sempre essa província de-triste, encontrava lá o *brasileiro* constantemente, na feira da romaria, na igreja, na varzea, na rua. No mirante caiado de amarelo, que êle avistava sobre as ramadas, estava tomando a fresca o *brasileiro*: na caleche forrada de repes azul, que êle cruzava na estrada e que o empoeirava, vinha o *brasileiro*, de perna estendida. Muitas vezes o Romantismo (coerências inevitáveis da vida terrestre) jantava com o *brasileiro*. Assim, profusamente, acotovelando sobre essa província brasileiros inumeráveis, vira-os em todos os feitios exteriores: sêcos obesos, de barba, bigodes, miudinhos, espadaúdos, calvos, guedelhus, fracos, e fortes como bois de Barroso. Vira-os, com nomes vários, com as várias multiplas qualidades humanas: bons e velhacos, ridículos e veneráveis, generosos e torpes, finos e suínos... Que importa! O Romantismo deduzira uma vez do seu ódio à Acção o *homem que sua*—um tipo simbólico de brasileiro—o dalhufo e abrutado—e assim o apresentava inviolavelmente, implacavelmente, em novela, em drama, em poema, como se não houvesse existido jámais fora da rua aquele *brasileiro*, e fôsse tão impossível mostrá-lo sem os atributos de materialidade que o individualizavam, como é impossível pintar Marte sem a armadura, ou contar Tibério sem esboçar Capreia longe, nas brumas do mar... O brasileiro da rua não desmentia o brasileiro do livro? Que importa! O bom Romantico não cuida da rua: se é Mestre, marcha altivamente, com os olhos alça-

çados às nuvens; se é um discípulo, segue cautelosamente, com os olhos atentos às pegadas dos Mestres Extraordinários, estes Românticos! E bem simpáticos, os primeiros, os grandes, os que tinham talento e uma veia soberba, com êste inspirado, magnífico desdem pela natureza, pelos factos, pelo real e pelo exacto! Os discípulos, êsses, louvado seja Nosso Senhor, são bem pêcosinhos, e bem chochinhos!»

Um «inspirado, magnífico desdem pela natureza pelos factos, pelo real e pelo exacto»?... E, comtudo o maior desses românticos era aquele mesmo que, já em 62, pedia «que se fizessem romances como se pintam paisagens, de modo que o merecimento de tais escritos assentasse na fidelidade da cópia, tal que cada leitor visse nela um seu modo de sentir ou reminiscência de algum quadro mais ou menos antigo logo que alguma vez se lhe ofereceu»!...

Não. Se o grande artista dos *Maias* quizesse olhar, com olhos de vêr, para a sociedade portuense tal qual ela era no tempo dos brasileiros de Camilo teria de concordar em que nem essa vulgar encarnação do grotesco, nem tão pouco os apaixonados românticos, eram «tipos insípidamente falsos com generalização». Não eram tal. Toda a gente recorda ainda hoje, histórias desse tempo, com seus amôres infelizes, suas meninas reclusas, olhando o céu através das grades dos mosteiros, e o namorado, quas

¹ Carta-prefácio ao romance do sr. LUIS DE MAGALHÃES *O Brasileiro Soares*, 1866, pag. V-XIII.

sempre magro e pálido, sabendo Musset de cór e trazendo «um inferno dentro do peito»—segundo a frase que o cronista da *sensação nova* decerto não poderia escrever sem se sorrir. Essa figura de namorado foi rareando e não haveria quem a descortinasse, nesta enorme confusão dos tempos de hoje em que os poetas líricos são vinhateiros e os homens de ciência se fizeram sonhadores. O *brasileiro* é que ainda existe, sem a preponderancia de outros tempos, mas sempre com a camada de grotesco que lhe deu afinal todo o interesse.

Diz Eça que o romantismo carpia o *brasileiro* quando êle era apenas o *triste emigrante* e «e encostado à borda da escuna *Amélia*, erguia os olhos chorosos para a lua de Portugal», troçando-o sem piedade quando voltava com o dinheiro que, à custa de duros esforços, conquistára. Mas, por Deus!, é tão infantil o reparo que a maldosos olhos poderia parecer sem bôa-fé. O *emigrante*, que ia com uma saca ao hombro, deixando a sua terra, deixando a família, buscar a fortuna na obscuridade dum destino incerto—era um humilde. Ignorante, alvar, abrutado—tanto importa!—nunca fazia rir. Na sua terra, era um filho de lavrador, moirejando de sol a sol na labuta áspera dos campos; depois, a ambição arremessava-o desamparado, só, ao acaso do seu destino, para a riqueza ou para a morte. Mas, se resistiu às inclemencias do clima, e se lutou com tenacidade e se venceu, ei-lo então que entra na sua aldeia, entre repiques de sinos e músicas de festa, com seu corpo de lavrador me-

tido numa fatiota nova de mau gosto, as mãos calejadas dos mistéres grosseiros arrombando a pelicaôr de canário dumas luvas, todo êle impando o grosso cadeado de oiro com medalhão cravejado de brilhantes. Depois é comendador mesário de todas as confrarias, bemfeitor da Santa Casa e influente político de vulto; passa o inverno no Pôrto ou em Lisboa e tem assinatura no lírico e relaciona-se com gente fina, viaja, toma uma mulher para montra de joias e cabide de veludos, come lombo de porco, bebe vinho verde, arrota abundantemente, sofre do figado, e um belo dia estoira, quasi sempre antes de velho, porque a conquista de todas essas coisas magníficas lhe tem custado anos de vida. É, de tál modo, uma figura notada nas cidades e um rei nos logarelhos, pertence à alta roda, lida com gente rica, frequênta os salões, — sem que que contudo, muitas vezes, em todo o seu tempo de Brasil houvesse tido o ensejo de adquirir essa educação superior que não possuía quando os pais o mandaram, num porão de navio, em busca da fortuna. É vulgarmente um inculto, um grosseiro, com toda a rudeza do trabalhador de enxada do seu Minho e do marçano do Brasil, socialmente arrogante duma importância arranjada à custa dos seus cobres, dizendo em salões plebeismos tôrpes, escrevendo com erros, e sem essa mesma cultura toda artificial que nas relações de cada dia permite a um imbecil fazer de homem de espírito um quarto de hora. Daí o grotesco. E grotesco êsse que, mesmo depois de Camilo, tem sido explorado, pelos

próprios que seria injusto acoimar de seus imitadores. Releio agora um precioso trecho, escrito por um grande escritor, que tem no lance uma viva oportunidade emerece por isso ser transcrito, se não na integra, porque é bastante longo, pelo menos na sua parte de mais incisiva e original ironia. Diz êle assim :

«De facto, o pobre *brasileiro*, o rico *torna-viagem*, é hoje para nós o grande fornecedor do nosso riso. Pois bem! É uma injustiça que assim seja. E nós, os portuguezes que *cá* ficamos, não temos o direito de nos rirmos dos *brasileiros* que de *lá* voltam. — Por que, emfim, o que é o Brasileiro? É simplesmente a expansão do Português. Existe uma lei de retracção e dilatação para os corpos, sob a influência da temperatura. (Aprende-se isto nos liceus, quando vem o buço). Os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas, que ao sol alargam e florescem, ao frio acanham e estiolam. A bananeira, nos nossos climas, é uma pequena arvore tímida, retraída, esteril: no calor do Brasil é uma grande árvore triunfante, de folhas palmares e reluzentes, tronco possante, seiva insolente, toda sonora de *sábiás* e outros, escandalosa de bananas. Mesma lei para os homens. O hespanhol das Astúrias, modesto, humano, discreto e grave—passando para o sol do Equador, nas Antilhas Hespanholas, torna-se o sul-americano vaidoso, ruidoso, ardente, palreiro e feroz. Pois bem! O Brasileiro é o Português—dilatado pelo calor. O que êles são, expansivamente—nós somo-lo, retraída-

mente. As qualidades internadas em nós, estão nêles florescentes. Onde nós somos à sorrelfa *ridiculitos*, êles são à larga *ridiculões*. Os nossos defeitos, aqui, sob clima frio, estão retraídos, não aparecem, ficam por dentro: lá, sob um sol fecundante, abrem-se em grandes evidências grotescas. Sob o céu do Brasil a bananeira abre em fruto e o português rebenta em brasileiro. Eis o formidável princípio! O Brasileiro é o Português desabrochado. É o sol de lá que nos fecunda. O Chiado sob os trópicos dá inteiramente a rua do Ouvidor. Rirmo-nos do brasileiro é rirmo-nos de nós sem piedade. Nós somos o germen, êles são o fruto: é como que se a espiga se risse da semente. Pelo contrário! o brasileiro é bem mais respeitável, porque é completo, atingiu o seu pleno desenvolvimento: nós permanecemos rudimentares. Êles estão já acabados como a abobora, nós embrionários como a pevide. O Português é pevide de Brasileiro. Que somos nós? Brasileiros que o clima não deixa desabrochar. Sementes a que falta o sol. Em cada um de nós, no nosso fundo, existe em germen um brasileiro entaipado, afogado — que para crescer, brotar em diamantes de peitilho, calos e prédios sarapintados de verde, só necessita embarcar e ir receber o sol dos trópicos. Cada lisboeta, sabe-o, traz em si a larva dum brasileiro. Nós aqui vestimos côres escuras, lemos Renan, repetimos Paris, e no entanto cá dentro, fatal e indestrutível, está aboborando — um brasileiro. Quem o não tem sentido agitar, como o feto no seio da mãe? — Fitais às vezes uma gravata

de com pintas escarlates? É o Brasileiro a reme-
er por dentro.—Desejais inesperadamente uma bôa
oadada comida em mangas de camisa? É o Brasi-
ro.—Apetece-vos ir visitar a Memória do Terreiro
Paço? É o Brasileiro, lá dentro.—Lembra-vos
er uma ode de Vidal ou uma fala de Melício? É o
asileiro! Êle está dentro de vós lisboetas! Ah sa-
-o! vós, estais sempre no vosso estado interessante
dum Brasileiro! E quereis uma prova! É o verão!
o cruel verão! Então, sob a temperatura germina-
ra,—o Brasileiro interior tende a flôrir, a desabro-
ar, a alastrar em cachos. Então começais a deitar
chapeu para a nuca, a usar quinzena de alpaca, a
sear depois do jantar com o palito na bôca, a
gir dos vendedores a água do Arsenal, a fre-
entar a Deusa dos Mares! Sabeis o que é? É o Bra-
eiro, que lá tendes dentro na entranha, atraído pelo
, a querer romper! Portanto quando nos rimos
e—intentamos a nós mesmo um processo amargo.
inverno a pevide contém a abóbora: mas, quando
bóbora cresce no verão, é ela que contém a pevide.
s cá contemos o brasileiro; êle lá, chegado ao Bra-
germina, brota em fruto e nós ficamos-lhe dentro.
a se esmagarmos a abóbora a grandes golpes de
cota, é sôbre a nossa própria e rica pessoa que
carregamos o riso fero. Tenhamos juizo! Reco-
çamo-nos neles como nós mesmos —ao sol!»

Pensarão decerto os senhores que essa satira cheia
vivacidade, chispando espírito, duma graça fina e

adorável, é a obra de algum desses românticos a quem o espírito de justiça do auctor da *Relíquia* não perdôa. Pensarão talvez que o homensinho, numa hora de boim humor, se serviu dos instrumentos habituais de trocar os *di lá* para jogar por tabela a sua maliciosa bisca aos de cá, tudo com aquele faciosismo que contundia os delicados nervos do brilhante autôr da *Mandarim*. . . Puro engano. Eça de Queiroz não podia dizer mal dêsse pedaço de prosa, porque ela nasceu do seu próprio engenho! Vem num número da *Farpas* e foi reproduzido depois na obra *Uma campanha alegre* (II vol. pág. 97-100), que reúne a colaboração do grande escritor no panfleto seu e de Ramalho. E, de tal modo, a sua *Carta-prefácio do Brasileiro Soares*, escrita quatorze anos mais tarde, é, não apenas o libelo acusatório, mas ainda um sentido e eloquente *acto de contrição*.

Mas, na qualidade de regra, que lhe tem sido atribuída, póde êsse modelo de brasileiro que fixei sofrer as suas excêções? Nada mais certo, e tanto que o próprio Camilo assim pensava, traçando algumas das suas figuras de *torna-viagem* nas *Novelas do Minho* cheias de acções nobres, de abnegação, de amor e de bondade. Mas a lenda a que deu curso a conhecida diatribe duma princêsa plumomana, fez dos brasileiros de Camilo apenas tipos toscos; e Eça de Queiroz preferiu citar de ouvido, sem ter o incomodo de sólidamente fazer primeiro a prova. Se bem que êle falou de um modo vago de romantismo, sem sequer citar o nome do romântico de S. Miguel de Seide. Mas re-

nticos grandes que em novelas troçassem o brasileiro e que fizessem duetos de amor entre jovens e mancebos languidos, de melêna ao vento, teve em Portugal apenas um. E nem o próprio Éça a gastar tão prolixamente as gemas do seu estilo uma longa referência a meia dúzia de subalternos escuros. A não ser que o ilustre ironista se lembrasse a carta de Jacaré-Paguá na *charge* de Garret *O brasileiro em Lisbôa* ou do *Spiridião Cássiânno di ello e Mátoss*, do incompleto romance *Helena* do mesmo autôr,—o que ainda assim não excluiria da referência o nome de Camilo. De resto, Éça de Queiroz não cuidou nunca de pôr a figura do seu grande necessôr na glória literária a coberto das ferroadas ironia discreta e contundente. Já nos *Azulejos*, Bernardo Pindéla, depois conde de Arnoso, outra referência aparece sem rebuços:

«Os discípulos do Idealismo, para não serem todo esquecidos, agacham-se melancolicamente com lágrimas reprêsas, besuntam-se também de lo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de puro, que tão indignadamente nos arguíram chafurdarmos num lameiro, veem agora pé ante enlabusar-se com a nossa alma! Depois erguem bem alto as capas dos seus livros, onde escrevam em grossas lêtras êste letreiro — *romance lista*, — parece dizerem ao Público, com um sorriso triste na face mascarada: — *Olhem também a nós, leiam-nos também a nós... Acreditem que*

*também somos muitíssimo grosseiros, e que também somos muitíssimos sujos!»*¹

Desta vez, o próprio Camilo acudiu à chamada, tão clara era a referência, e, no final de um artigo àcerca do pai do romancista da *Relíquia*, depois de citar as palavras impressas no livro do sr. Pindela, respondeu assim:

«Ora aquilo é comigo. O sr. Éça de Queiros desembestou aquela frecha apontada ao meu peito inocente; mas alvejou com o seu olho mais miope os sacrificou a verdade a umas pitorescas frases azedas e já bastante puídas que não valiam a pena do holocausto. Em primeiro lugar, eu nunca censurei a pouca limpeza dos livros do sr. Éça; e, sempre que de passagem os indiquei, foi para os elogiar incondicionalmente, porque para mim livros sujos são sómente os mal escritos. Em segundo lugar nenhuma novela minha se inculca na capa *romance realista*. Alguem arguiu, com razão, um meu editor que, nos anúncios da 4.^a página dos jornais, especializava a factura realista da novela. Daí procedeu talvez o equívoco importuno e flagelador do sr. Éça de Queiroz. Se s. ex.^a me julgasse menos irracional do que o seu modo de lêr os frontispícios dos meus livros sem os vêr (eu é que vejo tudo

¹ *Carta-prefácio aos Azulejos*, do sr. Bernardo Pinheiro Pindela, 1886, p. xx-xxi.

o o ensigne romancista imprime) duvidaria
u fôsse capaz dessa parvoçada para chamar
eus romances a atenção dos leitores de s. ex.^a.
! Pois eu precisaria, para ser visto, de me
r com a espadua literária do sr. Éça? Mas,
zesse, era essa a *maneira de me tornar invi-*
como diz a sentença de não sei que grande
.. Talvez seja do grande sr. Éça de Queiroz
a sentença.¹ »

camilo começava a ser irónico no fim dêsses
los e é, com esforço, aparentemente calmo
do o artigo. Era preciso que êle tivesse pelo
dos *Maias* uma consideração enorme para não
nder com a brutalidade de um ataque violento
que não perdoava nunca. Não sei mesmo se
compreendeu mais tarde quando, arrefecidos
ores de combatente, desfeitos facciosismos de
, recordando os tempos moços, decerto pe-
om máguia, os desatinos da juventude, numa
alma de justiça.

CAMILO: *José Maria de Almeida Teixeira Queiroz.*
olo às Creanças. 1887, pág. 142.

III

tuguês antes de tudo, encarando as coisas e acontecimentos com o modo de vêr da sua raça, não pôz nem seria capaz de pôr todas as eminentes qualidades ao serviço duma causa ou duma doutrina; nos seus romances não há nada que hoje se convencionou chamar—a tése, sempre, na bôca do autor ou dos seus personagens considerandos duma filosofia um pouco burguêsa, brilhando de onde a onde novidade do paradoxo e conduzindo as vezes a conclusões morais de pouco valor. Mas essa mesma moralidade varia de livro para livro, é de cinismo ou de crença, de bondade ou de sarcasmo, à mercê da instabilidade do carácter do artista. Há novelas de Camilo em que rara é a scena inventada: uma das suas características literárias é, como já disse, a inconsequência. «Eu não tenho imaginação, disse êle um

dia,¹ tenho memória do que vi, do que senti, do que experimentei». E eis porque, em grande parte, seus livros, nos aparecem, mais ou menos velhos episódios da sua própria vida. Toda a gente sabe, por exemplo, que nos *Anos de prosa* e no *Último ato* figura Ana Plácido, que o *Amôr de perdição* e a *Mulher fatal* são verdadeiros ou, pelo menos, assim, tão num fundo de verdade, e que o episódio do casamento da Maria do Adro arrancado do túmulo do romancista apaixonado, deu assunto para um capítulo do livro *Scenas contemporaneas* e figura episódicamente em alguns outros. Nos seus últimos anos, com prazer que recordava o passado, a sua vida, a sua idade, os seus amôres, toda a história vivida de existência tumultuosa. Assim, no *General Camillo Ribeiro*, na *Maria da Fonte*, nos *Serões de S. Maria de Seide*, na *Boémia do espírito*, nos derradeiros livros, aparecem a cada passo reminiscências dum passado distante; e o romancista, escrevendo os seus últimos livros sob a inspiração melancólica da idade, lembra-nos Rousseau interrompendo a sua obra incompleta, as *Réveries*, quando ao retroceder seu espírito à mais viva e mais cara recordação da sua juventude, de novo contava o seu primeiro encontro tão poético e tão fresco, com M.^{me} de Warville.

Mas, ainda mesmo nos casos em que o autor

¹ *Vingança*.

² RÉGIS: *La phrase de presenlité chez J. J. Rousseau*. Log. cit.

na própria acção da novela, nunca êle cede o lugar de espectador que comenta, elucida e observa essa posição, que dá um certo pitoresco às suas narrativas, favorece a oportunidade das largas divagações do psicólogo. Toda a acuidade do seu espírito analista aparece então nítidamente. Êsses mesmos olhos recusam os dotes de observação noológica, não fazem senão porque o seu processo de análise desorienta. As grandes crises dos romances de Camilo nunca se limitam a violentos estados de alma, priorizam-se sempre, concretizando-se, materializando-se em factos. De modo que, como é natural dessa maneira, o romancista faz o estudo dos seus personagens de fóra para dentro: observa-lhes os actos, investiga depois as razões íntimas que os determinam a agir de forma tal. E, por êsse processo, chega à realidade de tipos admiráveis. Apenas, em certa altura, uma vez por outra, o sarcasta intervém, sobreende a figura em meio, com uma gargalhada, amassa-lhe o escopro em meia dúzia de traços diacronicos e faz daquilo uma caricatura. Tais os personagens do *Morgado de Fafe*, tal o tipo aliás admirável de Calisto Eloi de Barbuça da *Queda dum anjo*, nos *Anos de prosa*, o de José Francisco Andraens. E pois que falei do seu sarcasmo, e pois que contentemente ia falar da sua graça, oportuno será vir-me ao aspecto, senão o mais brilhante, se não o mais valioso, pelo menos o mais inimitável e inconciliável do seu alto espírito. É o trabalho de humorista adstrito às suas obras de crítico e de polemista,

que constitue o mais admirável documento de génio em obras-primas de irreverência grosseira e rude crueldade.

Em Camilo existia a negação completa de todas as qualidades que para o crítico em geral se preceituam. Faltava-lhe a visão serena das coisas e dos homens e o poder de serenamente julgar; via tudo através das simpatias ou dos ódios que favoreciam ou ofensas enxertavam na sua natural bondade — tamanha quanto o pôde ser a bondade num nevrosado — pata da sua fôrça — e via a mesma coisa contraditóriamente, segundo a variabilidade habitual do seu espírito.

«Uma tarde, em S. Miguel de Seide, — escreveu Silva Pinto — saímos a passeiar pela aldeia: Camilo Castelo Branco e eu. Num caminho de atalho, um velho sentado a uma porta, ergueu-se respeitosamente e cortejou: — *Tenham vossas senhorias muito bôa tarde!* Correspondemos, e Camilo interrompendo a palestra, informou-me: — *É um homem venerável êste ancião. Tem sido uma esponja de amarguras. A filha deu em mulher perdida, o filho em ladrão, e a mulher morreu-lhe de dôr...* Mas, concluiu com movimento brusco, *Deus sabe o que faz.* Um quarto de hora depois, passávamos novamente pelo velho. Êste ergueu-se outra vez. Tirei o chapéu; e Camilo, atentando no caso, perguntou-me: — *Quem foi que V. cortejou?* — *Foi o velho de ainda agora.* — *Qual velho?* — *Aquele de graçaço de quem V. Ex.^a me contou a história.*

do ladrão e da...— Ah sim: um borrachão!, ou êle, encolhendo os hombros»¹.

«A deliberação da ida para Lisboa — assevera nullo numa das cartas a Vieira de Castro — só será desfazê-la a gravidade da doença. Eu vivi pre mal aí...»² E em cartas a Silva Pinto: «Ita-se contra Lisboa; eu quando aí vou pare-ne que bebo saúde nessa atmosfera, tão bôa transforma em oxigénio os gases do Arro-..... Estive no Pôrto com a família uns dias. doente, como se saisse duma cloaca. O Pôrto m... por dentro e por fóra. Lisboa é só por ro..... Invejo-lhe a vida de Lisboa. Tenho as saudades disso tudo e sei que não torno a a minha querida Lisboa». ³ E em cartas colis na *Ilustração Moderna*, do Pôrto, sem de-ação de destinatário: «O Pôrto seria uma sentina a a toda a Europa, se a notoriedade do Pôrto, as suas bandeirolas coçadas e a sua limonada cavalinhos, passasse além de Campanhã..... bomino essa Praça de D. Pedro, êsses Clérigos, essa algazarra a fingir terra civilizada com de New-York. Acho tudo melhor que o Pôrto, e a Ovelhinha até Barcelos». E, numa carta utor do *Romance ão romancista*: «O Alberto

SILVA PINTO: *Cartas de Lisboa*, na *Voz Pública* de 20 de junho de 1902.

Correspondência epistolar, t. II, p. 50.

Ob. cit., p. 115, 102 e 106.

Pimentel também foge do Pôrto? Essa terra é insalubre para todos os que respiram pela alma; eu, a dizer a verdade, em nenhuma outra me dou tão bem, quer do corpo quer do espírito». ¹

Compreende-se que uma volubilidade de opiniões de tal feitio não pôssa ser qualidade que ateste a excelência dum critério. Não! Camilo nunca poderia ser um crítico: nunca o foi. E êle mesmo o reconhece, embora por outra espécie de motivos quando escreve nos seus *Esboços de apreciações literárias*, em 1863: «Dei-me pouco a êste género de escritos, temeroso das dificuldades. Poderia, porventura, vencer algumas das vencíveis a todo escritor aplicado: mas a minha sáfara era outra e o tempo escasso para me sair aceitavelmente de ambas. A crítica em Portugal é quasi impraticável por duas causas: a primeira é que somos poucos a escrever, e nos apertamos cordialmente a mão todos os dias; a segunda é que, por êste teor de vida, nenhum escritor se faria um nome que compensasse dos dissabores e da pouquidade dos lucros».

Camilo nunca desprezava uma agressão — partisse ela de onde partisse. Êle próprio o confessa a Silva Pinto:

«Sempre que um dos novos me agride, há quem me aconselhe a não fazer caso. Foi assim quando V

¹ ALBERTO PIMENTEL: *O romance do romancista*, p. 27

provocou. O Teixeira de Vasconcelos escreveu de Lisboa: *Não responda. Êste sujeito não rda o decoro.* E eu respondi ao Teixeira: *Nem Quem melhor as tiver, melhor as joga!* É claro os meus quarenta anos de serviços, ou quantos concedem-me o direito de silencio quando um faz negações com muito frenesi à minha gente pachorra. Mas que quer o meu amigo? Vi o pobre Castilho e o pobre Herculano saísta desta vida com muitas nódoas negras no corpo. Surgiu lutador novo que não fôsse ali ensaiar aplicando dois pontapés àqueles dois velhos. O culano creio eu que, à fôrça de orgulho, chegasse persuadir-se de que os não levára: mas o pobre ilho sentia-os bem, e tanto, que logo, pelo teleo e pelo correio, me avisava do sacrilégio — que eu o desagrasse. Acudi pelo nome ele sublime ingénuo duas vezes, que me lembra na questão coimbrã e na do *Fausto*. Mas pela parte resolvi não me deixar contundir sem de represálias. Os rapazes dão-me; mas eu o, como se vê...» ¹

Os críticos do *Cancioneiro*, a *Questão da sebenta* polémica com Alexandre da Conceição, a proto da *Corja*, são documentos admiráveis de ssão, em que o humorismo se aliava à violen-

cia, garantindo para o lado do romancista, ao primeiro assalto, a absoluta certeza da vitória. O adversário podia argumentar com erudição ou recorrer ao mais despejado vocabulário do insulto. Camilo pegava nas suas frases uma a uma expunha-as numa gargalhada que fazia rir também o que o liam, punha em cada argumento considerável do adversário o barbicacho do sarcasmo e depois fazia-o pular, a êsse adversário, em divertidas cabriolas, à custa dos beliscões, com que, num cinismo cruel, o torturava. De tal modo, a dois paços de começo, já se via o outro apoplético, debatendo-se vomitando injúrias, descomposto, deconcertado, perdido, e Camilo gozando o prazer de o aniquilar de todo, de o arrazar, de lhe fazer pagar bem cara a audácia de profanar, mesmo ao de leve, a intangibilidade do seu nome e da sua obra. Era bem o representante literário dessa geração de Botelhos violentos, provocadores, desordeiros, que espalharam o terror em Vila Real; era bem o sobrinho de São-mão António, derribando, de pena em punho, reputações literárias, como outrora seu tio, com um fueiro, punha em cacos os cantaros do chafariz.

Essa polémica da *Corja* é modelar e define bem em absoluto a sua maneira de combate. No primeiro artigo de resposta, Alexandre da Conceição escrevia

«Uma última observação. O sr. Camilo Castelo Branco, pelos excessos da sua bilis palavrosa, adquiriu neste país a reputação lendária de um polemista

neroso e intratável. Nós queremos prevenir o sr. Camilo de que emancipamos há muito o nosso espírito do terror sagrado de todas as lendas e do amor pueril dos grandes homens, depois que nos resolvemos a tocar-lhes com um dedo e reconhecermos que estavam cheios de palha, como os espanhóis. Em homenagem por isso ao glorioso nome de romancista e à seriedade da imprensa, procuramos manter esta resposta nos limites que nos são impostos pelos preceitos mais comuns da decência e da urbanidade. Se porém os assomos olímpicos da vaidade irritada do sr. Camilo o levarem a replique-nos em tom e por fôrma que exceda as raia da educação, nós não teremos dúvida em o seguir nesse terreno e em converter esta inofensiva polémica no mais divertido e decorado escândalo que a entretida há muito a ociosidade indígena. Como nos sôbre s. ex.^a, apesar de velhos, a vantagem de menos vinte anos seguros, afiançamos-lhe que iremos de ser o último a falar, porque de aqui a vinte anos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer. Neste ponto, a nossa imaginação é duma fecundidade ilimitada e o nosso micro arminho duma pureza relativamente excepcional. Agora... *Tirez le premier, Monsieur l'An-*
*«s».*¹

¹ *Bibliografia portuguesa e estrangeira*, terceiro ano, n.º 1, p. 6 e 7. (Transcrito do *Século*).

Nunca combatente algum entrou em campo com mais denodada decisão, e a muitos pareceu nesse momento que Camilo ia ter enfim o contendor digno dele. Pois bem: escritos mais três artigos contra outras tantas respostas de Camilo, obras primas de ironia insolente, o adversário que com tão altisonantes propósitos entrara, bate em retirada sem serenidade, sem argumentos, nem ironia, nem mesmo insultos que o salvem.

«Esta questão está terminada — escreve êle então. — Não é possível discutir com um insensato num tal estado de alucinação. Quebramos aqui o protesto de continuar indefinidamente esta polémica. Contávamos com todas as torpêças; com o que não contávamos, porém, foi com a tolerância do nosso estômago para suportar a presença do torpe. Vencem-nos o nojo da sua baixêsa e não o receio do seu valor». ¹

É claro que isso teve resposta e, como ainda depois, numa carta publicada, Conceição se lhe referisse ligeiramente, Camilo, ao vêr que o adver

¹ *Bibliografia portuguesa e estrangeira*, 1.º ano, n.º 5, p. 81.

o derrotado ainda bulia, aniquilou-o de vez num
mo artigo.

Nessas polémicas violentas, o grande escritor
tia-se sempre à vontade. Tinha ao seu dispôr os
mentos duma erudição que mais duma vez lhe
porcionava saídas livradoras nos lances de maior
igo, tinha a *verve* soberba, extraordinária, mara-
nando pela naturalidade, pela veemência e pelo
previsto, tinha um estilo ductil, elástico, soberbo,
e a cada passo desabrochava em formas novas, de
a mais vigorosa expressão e dum mais brilhante
orido. Êle só se indignava, por dentro; por fóra,
rista do público, era a personificação da sereni-
de confiada e onnipotente, que pára, sorrindo, os
pes mais certos e responde com a impiedade
ica dum executor.

O sr. dr. Manuel Maria Rodrigues, hoje lente da
iversidade e, apesar de tudo, êsse mesmo Ale-
dre da Conceição, foram os adversários de maior
or que terçaram armas com o grande polemista.
próprio o reconheceu quando, feitas as treguas,
enamente o seu espírito pôde avaliar os factos e os
mens. Mas afinal o ódio caía com a última pala-
dos seus artigos de combate. Atacou o sr. Teó-
Braga com extrema violência e quando êste
ritor perdeu dois filhos e João de Deus orga-
ou um album de homenagem, Camilo deu-lhe
maior dôr humana, que é a sua melhor obra
ada. E, à morte de Alexadre da Conceição, con-
rou também êste soneto :

Bem me lembra que o vi, na juventude,
Rosado pela aurora d'essa idade.
Eram prismas d'amôr e d'amizade
Os carmes do seu mistido alaude.

Sendo fatal que degenere e mude
A crença e o affecto e o bem da mocidade,
Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem
Ralado por desgostos que consomem,
E põem na face um gesto acre e severo.

Se o seu bondoso riso era apagado,
Restava-lhe este honroso predicado:
Prégando o Socialismo, era sincero.

Se à obra de polémica de Camilo quizermos descobrir traços de origem nas tradições literárias da nossa língua, é incontestavelmente no José Agostinho de Macedo dos *Burros*, da *Tripa virada* e do *Besta esfolada* que temos de encontrá-los. Camilo era filho espiritual dêsse padre virulento e, com êle, o produto literário duma raça de irreverentes de varredores de feiras e de brigões.

Se a figura de Camilo ainda hoje nos interessa se a leitura dos seus livros ainda nos apaixona e se a glória do seu nome resta confinada nas fronteiras dos países que são da nossa raça e onde se fala a nossa língua, é porque nenhum escritor foi mais português, mais retintamente, mais caracterizadamente, mais exclusivamente nosso do que êle.

orque, pelos sentimentos que a agitam e pelo
ilo que os exprime, a sua obra é intraduzível,
orque só nós na realidade podemos bem sentir
n que fôrça de génio, com que admirável justeza,
n que vigor de expressão inconfundível, êsse
mem desordenado, neto de doidos e de bandidos,
ibe ser o interprete fiel da nossa ternura de
orosos lamechas, da nossa brutalidade de arrua-
ros, da nossa falta tão freqüente de senso-crítico
de senso-moral, das nossas lágrimas de sentimen-
s, das nossas fanfarronadas, dos nossos vícios
dos, de todas as nossas virtudes.

Do que fica da sua obra, tirando as novelas e
ando as polémicas, alguma coisa ainda há que
tvar.

Fazendo história, Camilo foi um investigador
nesto, erudito e inteligente, com a faculdade
tável de dar às narrativas todo o relevo da sua
osa de arte. Não tinha talvez a sciência das gran-
s generalizações, mas sabia como poucos acingir-
à verdade, averiguando os factos com um minu-
so e paciente critério que bastava a garantir-nos
ua probidade. Corrigiu velhos erros consagrados,
arou dúvidas antigas e disse-nos trechos de his-
ia aos quais a sua prosa sugestiva deu um so-
bo poder de evocação. Tal, por exemplo, no
ro sôbre o *Marquês de Pombal*, a scena da morte
s Távoras no suplício.

Dos seus escritos de teatro, salientarei as co-
dias, algumas das quais ainda hoje se ouvem

com agrado. Os dramas, que fizeram época, corresponderam ao seu tempo, e passaram com êle, na vida efêmera das obras a que o génio não marca uma grandêsa imperecível. Camilo não foi um grande dramaturgo, como também não foi um grande poeta; dir-se-ia que as regras do palco e das rimas comprimiam, sufocavam a inspiração do artista, como um círculo de ferro dentro do qual o seu engenho se não sentia bem.

Os seus versos... O próprio Camilo se definiu como poeta no seu implacável *Cancioneiro alegre*. «No cérebro desse sujeito, — diz êle num artigo que tem por título o seu próprio nome — nunca fosforeou pirilampo de poesia bem medida. Não perpetrrou grandes delitos de romantismo impresso porque foi de uma roda de homens práticos, céticos, desconhecidos da lua, mais amigos do teatro que das florestas rumorosas e mais dados ao ponche queimado do que ao remugir das vagas e às brisas fagueiras do mar, do qual principalmente apreciavam as ostras no Aguiá de Ouro. Foi muito parco em trovas aos objectos dos seus aises. Poesia parturejada com dôr e não contada silábicamente pelos dedos fez uma só e foi a última. Nas outras inflamava-se a frio. Quando tinha saúde e dinheiro, regravava elegias, debulhava-se em lágrimas de consoantes. Se às catarrais se ajuntavam as angústias da falencia, entrouxava-se nos cobertores e vingava-se da terapeutica e dos capitalistas, fluindo o lapis de onde rutilavam coriscos de cha-

as salôbras. De certo tempo em diante começou a dizer que morria e mandava adiante dele um volume de versos à voragem do esquecimento. Isso não era presunção; porque aos funerais do seu amigo poeta já elle tinha assistido em pessoa e de perto de perfeita. Quando estava sinceramente velho, disse: «vou por onde começára».

E já antes tinha escrito, na prosa que vem a acompanhar o seu livro de rimas *Ao anoitecer da vida*: «Os meus versos estão dizendo que eu nunca conheci os ritmos variados e elegantíssimos da poesia moderna. A minha sede de ideal e de infinito não se apagava com a sciência das graças caeciosas, em que funda a sublimidade do poema. Não havia eu mais consolação em poetar pelas velhas rimas, e consoante o arpejar chão e monotono dos versos, que eu tinha aceitado, ao sair da província sem saber que havia outros melhores. Quando, um dia tarde, dei tento de atrazo e anacronismo com as minhas oitavas rimas, e superabundancia de decassílabos, era fóra de tempo o reformar-me. Continuei a versejar sem arte e a pensar que o trabalho do coração supria bem o desatavio, ou o desnasiado alinhio da forma. Se alguma vez me lembrei da minha pertinaz ignorancia, tentando modificar os meus versos pela acentuação métrica e a imitação dos melhores poetas contemporaneos, saía-me o dizer tão amaneirado e contrafeito, que não havia comigo em persuadir-me que não havia a rigir o raquitismo da mocidade... Assim pois,

de bôa mente e má vontade me apartei da escôla do meu tempo, e, por bem não saber qual havia de seguir, fiquei fóra de todas».

Mas, ou porque as tentativas rimadas coincidissem com os períodos de maior abatimento moral, ou porque ao senso-crítico do grande escritor não escapasse a noção nítida da sua inferioridade, certo é que em alguns dos seus livros de verso vem, em subtítulo, a promessa infantil de *não torna a fazer outra*. Em 1874, sob o título do livro *Anoitecer da vida*, lê-se a designação — *últimos versos*. Em 1888, as *Nostalgias* apresentam-se como sua *última prosa rimada*.

É de justiça contudo mencionar que a melhor parte da obra poética de Camilo se contém no seu último livro — *Nas trevas*. O paroxismo da desgraça fazia o milagre de entremostrear-nos o gênio do grande escritor num gênero literário que tão avêssô à aptidão dêle se demonstrára no decorrer da sua vida

IV

Analizada sucintamente, em todos os seus aspectos, essa obra grande, soberba, admirável, é capaz de dizer como a pátria que êsse homem extraordinário tanto honrou, soube recompensar o esforço monumental do seu trabalho.

Camilo, com todo o seu génio, não escapou à sorte daqueles que em Portugal fazem das letras a profissão: viveu pobre e morreu pobre. Os seus editores pagaram-lhe mal; os posteros ainda hoje deixaram sem a homenagem que ela merece, a sua memória ilustre. Portugal recompensa sempre misérrimamente os que o servem.

Em 1885, Camilo foi agraciado pelo rei D. Luís com o título de visconde de Correia Botelho, e por favor da operação das côrtes, dispensado do pagamento de emolumentos, direitos e sêlos de que se consideira devedor aceitando a mercê.

Em 1889, como «reconhecimento público dos

relevantíssimos serviços prestados às letras pátrias pelo visconde de Correia Botelho» foi, com o voto das camaras, concedida a seu filho Jorge Camillo Castelo Branco a pensão anual e vitalícia de um conto de reis. Depois, para os netos do romancista, o Parlamento tem votado algumas modestas pensões.

No logar onde foi a casa de Seide, destruída há anos por um incendio, organiza-se, graças à devoção de alguns admiradores, um muzeu de recordações camilianas.

Por mais duma vez, grupos de homens de letras grandes comissões com representação de todas as classes, e associações literárias téem procurado interessar o público e o Estado na ideia de se levantar um monumento em honra do grande escritor. Mas ainda hoje, por vergonha nossa, Camillo como Herculano, não tem uma estátua em Portugal.

Não quero neste momento investigar qual o verdadeiro motivo do insucesso de tão insistentes tentativas, nem procurar as vergonhosas razões ocultas que fizeram com que não merecesse sequer a sanção camarária, no município portuense, o pedido que há anos fez a Associação dos Jornalistas daquela cidade para que o nome do glorioso escritor fôsse dado a uma rua. Seria não obstante absurdo contestar a existência de uma má-vontade que vem de longe e que nem a morte de Camillo nem o tempo decorrido depois dela, conseguiram ainda apagar inteiramente. Ódios semeados pelas suas palavras de azedume, ódio ainda de uma se-

idade a que êle arrancou os seus melhores grocos, o ódio das vaidadesinhas feridas e do amor próprio que o ridículo fulmina,—tudo isso veio arrancar raízes de calúnia, intrigar na sombra, difamar, quebrendo o respeito que primeiro se deveu ao nome do maior artista da nossa terra, e depois ainda se fez em homenagem à sua memória altíssima.

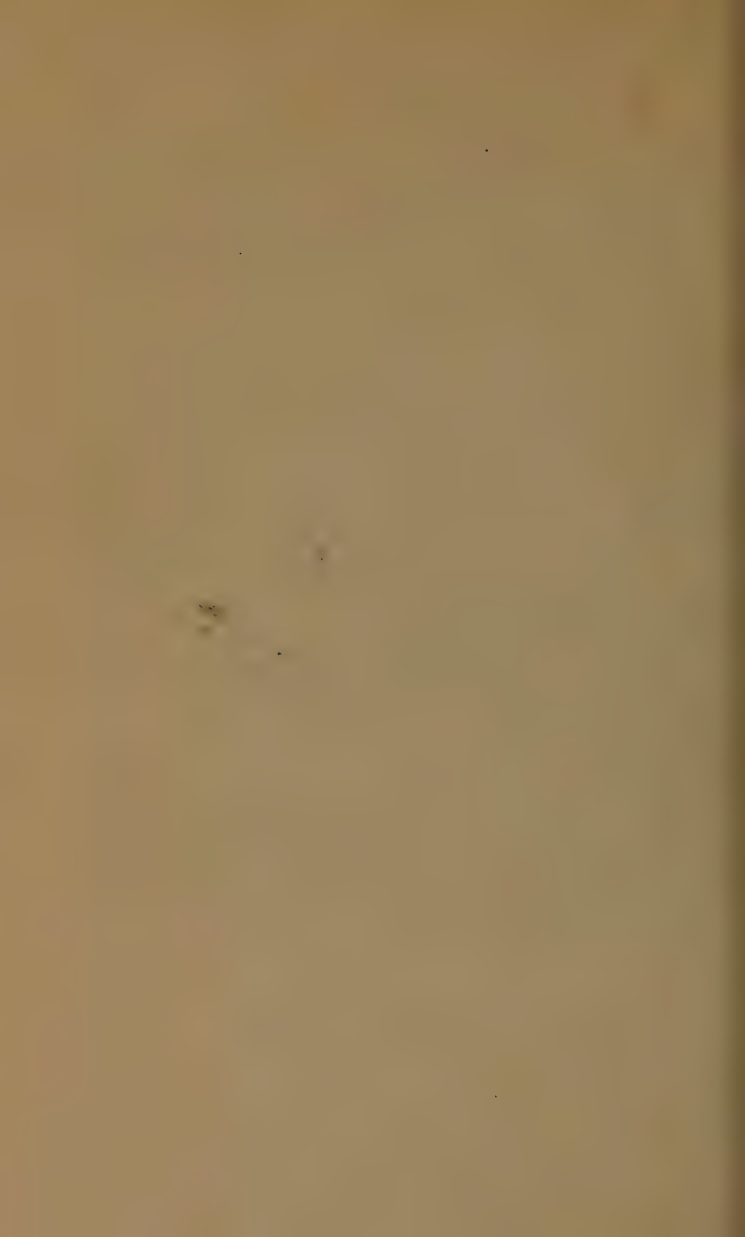
Camilo morreu, e morreu de uma maneira trágica. Era um homem cego que se matava, era o fim de um desgraçado. Pois quando o cadáver desse homem chegou ao Pôrto, havia na estação apenas um cento de pessoas que o esperavam, e, entre essas, nem um único escritor, nem um único artista! Estavam *reporters* por dever de ofício, o Sr. Alves Mendes, o padre Sebastião e Freitas Bastos por amizade, estava o editor Costa Santos e mais um pequeno grupo anónimo que a curiosidade humilde ou a curiosidade banal levou a ver. «O cortejo era composto apenas de 18 trens e passou pela cidade no meio da indiferença geral quasi despercebido», diz o telegrama do Pôrto recebido por um jornal da época.¹ Mas aqui e além, o povo saltava o balcão e vinha às portas—sorrir. O Pôrto rancoroso, incivil, materialão e ignorante vingava-se. E vingava-se cuspidando o fel do seu coração sôbre a face de um morto. Ia ali, emudecido por todo o sempre, o sarcasta que escreveu a *Filha*

¹ *Correio da Manhã*, de 4-6-90.

e a *Neta do Arcediago*, os *Brilhantes do Brasileiro*, toda essa galeria em que os seus grotescos vivem e a sua sociedade egoista, plebêa, utilitária, sem inteligência e sem nobreza, anima os belos quadros que a fixam, com o poder gravativo de um artista de génio na parte mais deprimente e caricatural dos seus aspectos. Ia ali Camilo, êsse emendemoninhado que, pilhando-os bem ridículos, com as suas sobrecasacas do domingo e os seus cartolões velhos, lhes agarrava pelas suissas e os fazia cabriolar no ar, como fantoches; e toda a rua de São João vomitava injúrias sôbre o corpo morto que aquelle féretro continha, que lhe fizera andar à roda a cabeça das mulheres nos seus tempos gloriosos de velho leão das salas, que lhe corrompera as filhas com as paixões romanescas dos seus livros.

E, atrás do cadáver desse homem de génio que fez na sua terra, durante quarenta anos de infatigável trabalho, quasi toda a literatura duma época, dêsse supremo artista, dos maiores da sua pátria, o maior decerto do seu tempo,—nem ao menos um único escritor, nem sequer um único artista: um editor, os amigos, *reporters* dos jornais e curiosos..

NOTAS



NOTA A — A genealogia de Camilo

<p>Domingos Correia Botelho, picheleiro ambu- lante, aventu- reiro, descen- dente directo de familia mais duma vez sus- peita de sangue judeu. Casou duas vezes, a primeira das quais</p>	<p>com</p>	<p>Arcângela Fernandes</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>que teve—</p>	<p>De Ana Plácido</p>	<p>—Jorge Plá- cido Castelo Branco, que morreu doído</p>
<p>—Manoel Correia Botelho, arguido de cum- plicidade num crime de assassi- nio. Casou</p>	<p>com</p>	<p>Maria de Car- valho e Mene- zes, filha de Lui- za Rebelo e de Francisco Mar- tins Menezes, cristão novo,</p>	<p>com</p>	<p>Rita Teresa Margarida Castelo Branco</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>—Camilo Castelo Bran- co, histero- neurasténico, tabético, ho- mem de gé- nio,</p>	<p>De Patrícia Emília</p>	<p>—Bernardi- na Amélia, que ainda vive</p>
<p>—Domingos José Correia Bote- lho, excêntrico, brigão, muito es- túpido, acusado de irregularidades no desempenho dos seus cargos públi- cos e de cumplici- dade num crime de assassinio. Casou</p>	<p>com</p>	<p>Rita Emília da Veiga Castelo Branco.</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>—Carolina Rita Botelho Castelo Bran- co.</p>	<p>De Joaquim na Pereira</p>	<p>—Uma filha que morreu criança</p>
<p>—José, que morreu criança.</p>	<p>—Manuel Joaquim Botelho Castelo Bran- co, que morreu doído. Viveru</p>	<p>—Simão António Botelho, condenado a degredo por um cri- me de assassinio ou tentativa de assassi- nio.</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>—Simão António Botelho, condenado a degredo por um cri- me de assassinio ou tentativa de assassi- nio.</p>	<p>De Ana Plácido</p>	<p>—Jorge Plá- cido Castelo Branco, que morreu doído</p>
<p>—2 filhas que recolheram</p>	<p>—Frei José de S. Bernardo, agostinho des- calço. Acusado de delictos e de- vassidões.</p>	<p>—José Correia Botelho de Mene- zes, provocador e calço. Acusado do crime de as- sassinio.</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>de quem teve—</p>	<p>—Simão António Botelho, condenado a degredo por um cri- me de assassinio ou tentativa de assassi- nio.</p>	<p>De Ana Plácido</p>	<p>—Jorge Plá- cido Castelo Branco, que morreu doído</p>

NOTA B

O «Amôr de Perdição»

O que há, afinal de verdade na história da família de Camilo, tal como vem contada no mais célebre e mais vulgarizado dos seus livros? Não tenho elementos que me permitam responder com segurança. Esto porém em crêr que o autor doirou ali, com o brilho romântico da sua fantasia, os episódios fundamentais alicerçados num irrecusável fundo de verdade; e que, mais de uma vez, deslocou do seu lugar cronológico distantes factos com que guarneceu, artisticamente valorizando-a, a trama essencial do seu romance. Não me detenho a citar as inexactidões em tudo quanto diz respeito aos antepassados do protagonista da sentimental novela. O leitor, se conhece o livro e se lê este trabalho, já está suficientemente habilitado para ajuizar dessas contradições. Quanto a Simão Botelho que alguma coisa ainda há que dizer.

«Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartório das cadeias da relação do Pôrto—escreve Camilo na *Introdução* do seu romance—li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte

«*Simão Antonio Botelho, que assim disse chamar-se solteiro, e estudante na Universidade de Coimbrã, natural da cidade de Lisboa, e assistente na prisão da sua prisão na cidade de Vizeu, idade de annos, filho de Domingos José Corrêa Botelho e D. Rita Preciosa Caldeirão Castello Branco; estatura ordinaria, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, collête de fustão pintado e calça de panno preto. E fez este assento, que assignei. — Filippe Moraes Dias.*

«A' margem esquerda d'este assento está escripto: «Foi para a India em 17 de Março de 1807».

Esse é o documento official que figura no *Amor de dição*. O resto é a história que me abstenho neste momento de contar detidamente: o amor de Simão por Teresa, a opposição das familias, a reclusão de Teresa no convento, as pretensões do primo Baltazar, o assassinio d'este por Simão, o auxilio do ferrador João Cruz, a abnegação apaixonada de Mariana, a morte de Teresa no mirante de Monchique, a morte de Simão a bordo da nau que o conduzia ao degredo, a morte de Mariana nos braços do cadáver do homicida arrojado ao mar no caminho da India.

A versão do caso, escudada em documentos, e a que eu referi com detença na primeira parte d'este trabalho, diz apenas que Simão Botelho foi criminado pelo estropiamento que praticou com um tiro de clavina na pessoa do criado de um individuo de Vizeu, de par com um homem de péssima reputação, de nome Jerónimo de Loureiro e Seixas. O criado ferido chama-se Francisco José Ferreira e o patrão José Carlos Cerqueira. Sabe-se também que Simão era useiro em acompanhar com um *ladrão público* e *caçador*, de nome José Rodrigues Quintas do lugar de Travanca.

O snr. Pedro de Azevedo, autor do interessantíssimo trabalho sobre os *Antepassados de Camilo*, não viu o processo de Simão, que supõe estar feito em pasta no arquivo da Relação do Pôrto. Eu também não o vi. E, nessas condições, tenho forçosamente, de me quedar aqui no terreno movediço das hipóteses incomprovadas.

E' possível que, exceptuando a scena do assassinio do morgado de Castro Daire, o resto que constitue o enredo do romance seja essencialmente verdadeiro: que Simão amasse realmente uma menina, que poderia ser filha dêsse Cardoso Cerqueira; que, por amor d'ela, se visse na situação do encontro dos criados, narrado no romance; que fôsse um dos seus companheiros o outro acusado do processo, e que ou êsse ou o tal Quintas da Travanca fôsse o que Camilo designa pelo nome de João da Cruz. E' possível que tudo isso seja assim, e que Camilo modificasse a acção, atendendo a que, fóra de dúvida, é muito mais romanesco assassinar um rival, que estropiar um criado, e morrer de amor pela filha de um fidalgo que pelo rebento de um tal Cerqueira, que ninguém sabe quem é.

Mas isto tudo são hipóteses, meras hipóteses, talvez inconsistentes e que, em todo o caso, eu não saberia comprovar. O que eu quero deixar acentuado é que dada embora provadamente como falsa a versão que o romancista attribue ao crime de Simão, nem por isso nos é lícito concluir pela falsidade da maioria dos episódios do romance.

Referindo-se a Teresa, seu pai, seu primo, o ferido João da Cruz e a filha dêste, figuras que lhe parecem ter sido criadas pela fantasia de Camilo, o sr. Pedro de Azevedo escreve que «não seria todavia muito improvável que o amor de Simão tivesse sido consagrado a uma rapariga pobre e de tão baixa condição, que ao juiz de fóra sobreviesse repugnancia em

admitir por nora, a qual todavia, praticado o crime
amante, o tivesse acompanhado até à morte, quer
profundidades do oceano, quer nas regiões do
nte».

Sim, póde ser... tudo póde ser. Mas se não há
documentos oficiais que comprovem a existência real
personagens a que o sr. Azevedo se refere, tam-
pelo menos que eu saiba, ainda até hoje não
receram quaisquer que neguem essa existência. De
o, a averiguação, pelo que diz respeito ao ferrador
filha, seria, em qualquer caso, inutil, porque ne-
m dêles tinha mesmo que figurar no processo. A
não documentada que o ilustre investigador nos
senta, apenas inutiliza a presunção de realidade
certos nomes de personagens e dum dos episódios
romance—a morte do morgado. Nada mais.

*

Depois de escrita e composta esta *nota*, appareceu
Diário de Noticias, (n.º de 7-X-1908) o seguinte,
entendo dever archivar como valioso subsidio:

*SIMÃO BOTELHO—Supunha-se com bom fundamento
o *Amôr de perdição* era uma especie de memorial
família, uma auto-biografia dos ascendentes de Ca-
Castelo Branco. Tal suposição vai-se desvanecendo
presença do resultado das pesquisas archivistas, a
ultimamente se tem procedido. Verifica-se que as
ições de família, transmitidas ao eminente escritor,
aram muito obliteradas ou adulteradas. A parte
amental do *Amôr de perdição* póde afirmar-se até
o ponto que continúa a manter-se, o que já não
de com alguns factos e episódios importantes e até
o character das personagens que mais ou menos
ntemente figuram no trama urdido pelo eximio
ista. E' necessário aplicar, em mais de um inci-

dente. em mais de um lugar, os devidos coeficientes de correcção, *embargos à fantasia*, para nos servirmos de uma frase do próprio Camilo. Este diz que Simão Botelho, o herói da sua epopeia amorosa, fôra atirado às ondas na sua viagem de degredo para a Índia. Ora o sr. Ismael Gracías encontrou, no arquivo do govêrno daquele estado, documentos pelos quais se prova que Simão Botelho, longe de falecer no caminho, chegára a Gôa. O distinto investigador indiano vai publicar no *Oriente português* um artigo sôbre o assunto. Deste facto, que não é único, aliás muito freqüente, se deduz quanto cuidado, quanto critério e discernimento deve haver na interpretação, como documento biográfico, das obras de certos autores. Se não se tivesse procedido, como se está procedendo, a averiguações minuciosas ácerca da vida de Camilo Castelo Branco e de seus antepassados, quanto não se teria fantasiado a seu respeito nos séculos vindouros, como tem sucedido e está succedendo com Bernardim Ribeiro, Camões, Gil Vicente e muitos outros. Quaisquer que sejam as inexactidões históricas que se encontrem no *Amôr de perdição*, êste romancê continuará a ser a obra-prima de Camilo, uma das mais belas joias da nossa literatura, e um dos espelhos onde mais nitidamente se reflecte a sentimentalidade portugêsa».

*

Alguns anos depois da publicação da primeira edição deste livro, em 1915, o sr. Alberto Pimentel publicou, num volume de 155 páginas algumas interessantes *Notas sôbre o «Amôr de Perdição»*. Transcreverei desse livro algumas páginas que esclarecem e completam o que fica dito sôbre a acção e os personagens do mais célebre romance de Camilo.

Diz o sr. Alberto Pimentel:

«Escreveu-me *um antigo romantico da rua de dofeita*, muito impressionado com o que lhe disseram há dias no Club Portuense: que o enredo do *Amor de perdição* era imaginário. E desabafava comigo lancolicamente: *Oxalá que não seja, para não vêr inquietada uma das mais gratas recordações da minha cidade. Diga o que souber.*

«Amigo, vou contar-lhe o que sei a esse respeito, e tranquilize-se desde já, porque no *Amor de perdição* há fundamentalmente uma *perdição de amor*, se como o romance a descreve ou como o próprio Camilo a copiava de si mesmo na hora triste em que escrevia. Por outras palavras, se não houver ali inteira verdade histórica, há, pelo menos, muita verdade poética».

Aqui, o sr. Alberto Pimentel refere-se às investigações e às hipóteses do autor dos *Antepassados de Camilo* e acrescenta os seguintes comentários:

«Finalmente, o sr. Pedro de Azevedo termina dizendo: «Esvai-se assim uma lenda, mas aumenta-se o brilho de Camilo por quanto retirou da sua imaginação umas narrativas de maior sentimento que possuímos».

«Aqui, meu bom amigo e *antigo romantico da rua de dofeita* aqui, ó vós todos, românticos velhos, que sois, como eu, numa profunda emoção, num arrepiamento de sensibilidade vibrante, o famoso romance de Camilo aqui é que bate o ponto. Este grande escritor não dá ao seu romance a designação de *histórico*, e a falta de cartas, que tanto impressionaram os primeiros leitores, está, vista de longe, a denunciar a factura literária. No teor do documento official transcrito no *efácio*, foi Camilo exacto, havendo apenas a ressalva de um lapso no sobrenome da mãe de Simão. Mas, felizmente, o registo da cadeia era mal feito: porme-

noriza os sinaes do criminoso e nem sequer menciona o crime. Se o eminente romancista, conhecendo apenas o character impulsivo de Simão Botelho, pediu à imaginação todas as outras personagens ou a maior parte delas, e improvizou situações altamente dramáticas, só temos que admirar as suas opulentas faculdades criadoras e o nítido reflexo da sua psicologia pessoal, tão patente em muitas obras que subscreveu. Mas no *Amôr de perdição*, especialmente, Camilo identifica-se com o heroi, porque se julga também perdido por uma loucura amorosa, como êle. Escreve no cárcere, à espera do julgamento dos tribunais. Supõe-se condenado. Está doente, abatido de ânimo. Crê que irá morrer no mar, em viagem para o degredo, como êle quis que seu tio morresse e não conforme outro investigador, o sr. Ismael Gracias, que descobriu em Gôa documentos comprovativos de ter Simão Botelho chegado lá.

«Para o romancista, as páginas do *Amôr de perdição*, que febrilmente escreve, são um espelho de dôr, onde vê reproduzida a sua própria imagem. Toda essa ardente paixão foi vivida por Camilo. O *quarto de malta* em que êle está compondo o romance é aquele mesmo em que encerra Simão Botelho. Vê através das grades da janela o que pensa que seu tio poderia ter visto: «Os horisontes boleados pelas serras de Valongo a Gralheira, e cortados pelas ribas pitorescas de Gaia, do Candal, de Oliveira, e do mosteiro da serra do Pilar». Quem ali está preso por um crime passional, autentico, não é Simão, é Camilo — não é o tio, é o sobrinho — com mais de meio século entre ambos. Poderá dizer-se falso este romance? Não; nunca. Há dentro dêle um certíssimo drama de amôr, disfarçado noutro.

«...Em Camilo os caractéres e os estados de alma tem sempre muito da sua protaica individualidade

retudo no *Amôr de Perdição*. Passados anos, êle testava a um amigo a supremacia deste romance re outros seus. Era que o drama de amôr, que o na identificado com Simão Botelho, estava diluído, , quase morto. No momento de escreve-lo, pelo con- rio, Camilo tê-lo-ia julgado a sua melhor obra de timento, porque fora a mais sincera, a mais intensa mais pessoal.

«O que sabia êle da vida de seu tio Simão? Pouco, mas a vaga notícia de que tinha sido degredado a a India. Os registos das cadeias da Relação con- araram-lhe este facto, mas não o esclareceram sôbre Para romancear a biografia daquele malfadado rapaz parente, Camilo tinha dois caminhos a seguir: re- struí-la pela investigação municiosa ou completá-la a exuberância da sua mesma sensibilidade e ima- ção. Adotou o segundo caminho, que era o mais ctivo e até o mais consolador para êle no duro mento em que se encontrava. Então, numa febre trabalho nevrótico, que durou quinze dias con- ctivos, tomando como ponto de partida apenas a dúzia de linhas dum registo de arquivo, Ca- o substituiu-se a Simão Botelho, pôs toda a sua a, toda a sua dôr e paixão nas memórias do tio, eram as suas próprias».

Sôbre o artigo que o *Diário de Notícias* anunciára ue o sr. Ismael Gracías realmente publicou no ente *Português* o sr. Alberto Pimentel diz o se- te:

«Um antigo romantico da rua de Cedofeita quere a saber mais alguma coisa a respeito do *Amôr de ição*, segundo me diz na sua última carta; e is de me repreender por eu não ter sido bastante ícito na informação que lhe dei, desfecha sôbre

mim as três perguntas seguintes: 1.^a Quem é o sr. Ismael Gracías, cujo nome absolutamente ignorava? 2.^a Onde foi que este cavalheiro provou e como que Simão António Botelho tivesse chegado à Índia? 3.^a Que é que eu penso quanto à autenticidade das personagens que, além do protagonista, accionam o *Amor de perdição*? Vou responder imediatamente, com a maior concisão possível. O sr. José António Ismael Gracías é chefe de secção na secretaria do governador da Índia Portuguesa, professor no liceu de Nova Goa e director da revista *O Oriente Português*. Foi justamente nesta revista ¹ que o sr. Gracías publicou um artigo, baseado em documentos existentes no arquivo do antigo governo de Goa, ² e relativo ao degredado Simão António Botelho. Por esses documentos oficiais se vê que o tio de Camilo partiu para a Índia, com mais 34 presos sentenciados a dez anos de degredo, a bordo da nau da monção de 1807 cujo nome era *Conceição e Santo António*. Esta nau tinha por comandante o capitão-tenente António José Freire, levava ao todo mais de 200 pessoas, e largou do Tejo em 18, ou em qualquer dos dias subsequentes, de Abril daquele ano. Portanto a apostila em que no registo da cadeia da Relação do Porto se diz que Simão António Botelho foi para a Índia em 17 de Março de 1807, deve entender-se no sentido de que foi neste dia que elle saiu da cadeia do Porto, com outros degredados, para vir esperar no presídio de S. Julião da Barra o dia em que deveria seguir para a Índia. Eu encontrei na *Gazeta de Lisboa*, de terça-feira 7 de Abril de 1807, n.º 14 o seguinte *aviso* ou anúncio como hoje diríamos

¹ Número de Setembro e Outubro do 5.º ano (1908).

² Livro das monções, n.º 187, correspondente a 1807-1.

a *Administração Geral do Correio Marítimo* a *Côrte se faz publico, que a 13 do corrente* vá para o Rio de Janeiro, Moçambique e Gôa, *au de viagem, Conceição. Comandante o Capitão-ante António José Freire.* Assim, pois, a par- foi adiada por alguns dias. Na relação ou guia degredados, assinada pelo comandante do presídio S. Julião da Barra, diz-se que Simão António elho tinha 16 anos. Vê-se que esta idade seria alcada sôbre a vinda ao Pôrto, como esta guia seria sôbre o registo da entrada do preso na eia daquela cidade, porque a verdade é que, do Simão nascido em 1784, contava em 1807 e e três anos. Ora êle entrou na cadeia do to em 12 de Março de 1805, quando já tinha e e um anos. Também no recibo enviado pela ndência geral da marinha e do real arsenal Gôa ao vice-rei da India e por êste ao ministro marinha, está errada a idade de Simão Botelho, que, sendo êsse documento de 2 de Janeiro de 8, se diz nêle que o mesmo degredado era de e de 21 anos. Equivocou-se o sr. Gracías su- do que não havia tal erro no documento expedido Gôa. São notáveis estas variantes na contagem anos de Simão Botelho. O próprio Camilo, na osa ansia com que vertiginosamente escreveu o *ôr de perdição*, sabendo, aliás, que seu tio eira em 1784, (1.^a edição, ¹ pág. 4) atribúi-lhe *Prefácio* dezoito anos em 1807 e, a pág. 10, ze anos em 1801.

*Mas, voltando aos documentos relativos ao degre- : na guia passada pelo comandante do presídio de

É sempre à primeira edição que nos referimos.

S. Julião da Barra o nome do pai está certo, com também no recibo que o vice-rei da Índia mandou para Lisboa; em ambos os documentos a mãe é designada por D. Rita Tereza Caldeirão Castelo Branco, bem como no registo da cadeia do Porto. Já sabemos que Camilo, copiando este registo, escreveu: D. Rita Preciosa. O lapso pode explicar-se pelo hábito em que o romancista estava de ouvir dizer assim a pessoa de família, porque efectivamente, a mãe de Simão Botelho, depois que enviuvou, assinava-se Rita Preciosa da Veiga Castelo Branco. Durante a viagem para a Índia apenas faleceu a bordo um único passageiro, o soldado Manuel Semedo, de Niza, condemnado a 12 anos de degredo.

«Na relação (guia) não existe—diz o sr. Gracia—o nome de Mariana, nem parece que a um degredado vulgar, de leva, como se vê arrolado no nosso Simão, seria permitido acompanhar-se dum criada.»

O que tem importância é o facto decisivo de não aparecer na relação dos passageiros o nome de Mariana, porque o argumento final do sr. Gracia é facilmente contestável. Se realmente Mariana tivesse existido, poderia haver acompanhado Simão à Índia, não com sua criada, mas pagando a passagem, porque, segundo o romance, lho permitia a herança paterna (*Amor de perdição*, 2.^a parte, cap. viii). A nau *Corceição e Santo António* chegou a Goa no dia 7 de Novembro de 1807, depois de quasi sete meses de viagem. E aqui páram as investigações do director *Oriente Português* no seu artigo certamente muito interessante, mas lamentavelmente incompleto. Devem pôr em desfazer um lapso do sr. Gracia quando referindo-se ao recibo, ou guia conferida, procedendo de Goa, transcreve deste modo o acento relativo a Simão Botelho: *natural de Lisboa de 21 anos*

ra de Belem. Foi equívoco por confusão com a abreviatura da palavra *freguesia*.

«Em carta particular ao snr. Pedro de Azevedo acrescentou o snr. Gracías apenas mais um pormenor: que o degredado ainda vivia pelos menos em 25 de Fevereiro 1808:

«... Camilo, para assegurar a verosimilhança do romance, escreve num dos últimos capítulos que *nesse tempo vinham aqui (ao Pôrto) os navios buscar os degredados, e recebiam em Lisboa os que tinham igual destino*. Eu não pude encontrar informação oficial de e assim fôsse e até pendo a crêr que, nessa época, leva dos degredados, que do Pôrto vinham para Lisboa, seguiria por terra, devidamente algemada e escolta, fazendo uma longa marcha de alguns dias, com diversas *étapes*. Mas qualquer que fôsse o modo como os degredados vinham do Pôrto, Camilo compôs um belo episódio romanesco quando, à vista da nau que vega Douro abaixo, faz que Teresa de Albuquerque, agonizante, acene com o lenço, no mirante do conito de Monchique, o seu derradeiro adeus a Simão Coelho».

O snr. Alberto Pimenta refere-se depois extensamente às outras personagens do livro de Camilo. Eis algumas notas que reproduzo porque servem de complemento a referências feitas neste livro:

«Camilo em 1891 apenas sabia da sua família as poucas memórias que lhe contava a tia D. Rita Emília, especialmente no tocante às anedotas de Domingos Bonito, pai dela. Assim é que, vinte anos depois de escrever o *Amôr de perdição*, planeando escrever a crónica *Brocas* (alcunha universitária do avô paterno) dirigia ao visconde de Sanches de Baêna que lhe desse

alguma informação dos antepassados daquele seu avô, Domingos José Correia Botelho, e de sua mulher, cujo apelido *Caldeirão* lhe despertava curiosidade. ¹ O visconde de Sanches de Baêna, folheando várias genealogias e as inquirições do *Santo Officio*, pôde esclarecer Camilo, que lhe agradecia dizendo: *Pelo que respeita a Correias Botelhos, estou plenamente satisfeito, graças às ilucidações prestantíssimas de V. Ex.* ² O que lhe faltava saber era quem fôsse *D. Rita Castello Branco, senhora com quem casou o dr. Domingos José Correia Botelho em Cascais sendo aljuís de fóra*. Isto mostra a absoluta falta de segurança das informações fornecidas em 1861 por Camilo no 1.º capítulo do *Amôr de perdição* a respeito daquêles seus avós. Realmente Camilo, fazendo obra apenas pela tradução oral, caiu em inexactidões que elle mesmo pôde reconhecer quando recebeu as ilucidações prestantíssimas» do visconde de Sanches de Baêna, papeis de que êste titular amavelmente lhe offereceu uma cópia em 1897. ² Por êles ficaram desde logo contraditadas algumas páginas, especialmente as primeiras, do *Amôr de perdição*, e bem assim uma árvore de costado, muito fantasista, certamente compilada, por quem quer que fôsse, entre 1860 e 1881; como também, em grande parte, uma resenha genealógica publicada por Pinho Leal no vol. xi do *Portugal antigo e moderno*, e não isenta de fantasias.

«...Domingos José Correia Botelho, pai de Simão não era fidalgo de linhagem, nem um dos mais antigos

¹ Cartas de Camilo ao visconde de Sanches de Baêna publicadas no *Romance do Romancista*

² *Os amôres de Camilo*, pág 29; *Nosografia de Camilo Castello Branco*, por Alberto Pimentel, filho, pág. 10.

³ *O romance do Romancista*, pág. 14 e seguintes.

engos de Vila Real». Também não era em 1779 de fóra em Cascais, nem casára nesse mesmo ano D. Rita Teresa. Estes dois factos deram-se em 1. Domingos Botelho exerceu ali a judicatura a de nove meses apenas, deixando de exercê-la 24 de Março de 1772.

Sua mulher não era filha dum capitão de cavalos e de outro, nem foi dama da rainha D. Maria I. O pai, capitão de infantaria do regimento de Cascais, tivera como progenitor Domingos Pereira da Silva, ilhéu, capitão de navios mercantes; e a mãe, filha de Diogo Luís de Mesquita Castelo Branco e Isabel de Matos, êle criado grave da condessa de Fátima e ela aia da mesma condessa.

Portanto D. Rita Teresa não tinha «uma série de engos, uns bispos, outros generais», como diz o romance, mas, ao contrário do que o romance diz, a dote, apesar de não ser filha única. Domingos Botelho não consumiu dez anos de «enamorado mal dido» para obter a mão dela. Seguiu caminho rápido, porque não era homem que se prendesse a escrúpulos. É a própria sogra que o conta em 1772, quando viuva e em demanda com este genro. Digamo-la. Diz ela acrimoniosamente que o bachelor Domingos José Correia Botelho, por alcunha *o xiga* (outra alcunha também mencionada no romance) «filho de um nascimento escuro, e de baixa e pobre família» sendo juíz de fóra em Cascais, e sendo que a casa da queixosa era das principais e ricas da vila, foi residir junto da habitação da queixosa, sendo os quintais apenas separados por um muro baixo. Começando a namorar D. Rita Teresa, menor de vinte anos, Domingos Botelho foi tão depressa que, protegido por uma escrava, em uma noite o muro e desonestou a menina, e casou com a filha, para que o bachelor casasse immediatamente.

deram em dote a Rita Teresa as terças de ambos entregando logo ao noivo sete mil cruzados. Mas pa- que o filho, as outras filhas e os seus maridos n- se escandalizassem desta doação, apenas cobrar- recibo de mil cruzados (400\$000). Por morte do sog- tratando-se de partilhas, Domingos Botelho neg- ter recebido os sete mil cruzados, recorreu ao ju- cial e, mandando para Vila Rial a mulher, ficou e- em Lisboa a tratar da demanda».

«...No romance, quando D. Rita Teresa che- a Vila Rial, é *Fernão Botelho*, pai do juís de fôra- que dá a mão à nora para ela descer da liteira. O- o pai de Domingos Botelho era o escrivão Mano- Correia Botelho.

Em 1784 já D. Rita Teresa estava replantada- sua querida Lisboa, porque residia com o marido- freguesia da Ajuda, onde nasceu o mal-sorteadado Simão.

Supunha Camilo que Domingos Botelho fôra e- 1801 nomeado corregedor de Vizeu; o despacho- porém, é datado de 24 de Junho de 1802 e o car- não era o de corregedor, mas de juís de fôra.

«O corregedor (*aliás juís de fôra*) admira a br- vura de seu filho Simão, e diz à consternada mãe q- o rapaz é a figura e o génio de seu bisavô *Paul- Botelho Correia*, o mais valente fidalgo que dé- Traz-os-Montes».

Paulo é um nome de pura fantasia. O bisavô p- terno de Simão foi Domingos Correia Botelho, pich- leiro, arrematante das rendas do concelho e o mater- era Francisco Martins de Menezes, cristão-novo.

Camilo, se em 1861 conhecesse a história da s- família, poderia ter citado como exemplo de valent- o avô de Simão, Manoel Correia Botelho, que e- 1763 ajudou seus filhos a defenderem-se a tiro cont- um magote de soldados, que por despique vinha- para matá-los em casa.

O romance conta alguns actos de bravura louca, causados por pessoas da família do romancista, mas «dição oral, donde foram colhidos, adulterou-os». Em outro capitulo das suas *Notas sobre o «Amôr de perdição»* diz o sr. Alberto Pimentel:

António de Azevedo Castelo Branco tinha-me conhecido, decêrto há muitos anos, a impressão que o romance de Camilo produzira no alto espírito do Antero do Quental, então estudante do terceiro do curso de direito. Lembra-me disso vagamente, e agora a António de Azevedo que me aclarasse a importância desse facto».

Eis a parte essencial da resposta de António de Azevedo Castelo Branco:

O caso a que allude na sua carta, respectivo ao *Amôr de perdição*, foi o seguinte: Desde o principio da minha frequência na Universidade de Coimbra, tornei-me com o Antero do Quental, que era o estudante do terceiro anno do curso juridico. Convivi com Antero fraternalmente até ao fim da minha formatura, e elle depois de investido no bacharelato, conservou-se em Coimbra, vivendo academico. Posto à venda o *Amôr de perdição*, comprei-o e com elle me dirigi à casa em que morava o Antero, e ali, deitados, a par, sobre uma cama, comecei a leitura, e foi-nos cativando o livro por tal modo, que só o fechamos, quando chegamos á última página. A leitura foi feita alternadamente por ambos, e por cansaço, do que, por vezes, a commoção nos faziaillar a vista.

Finda a leitura, o Antero com a sua extraordinária acuidade critica fez várias considerações acerca do romance, e concluiu por chamar-lhe o *Werther portuguez*.

A minha reminiscencia não me fornece mais informações».

NOTA C

A mãe de Camilo

No seu citado e valioso estudo sôbre *Os antepassados de Camilo*, o sr. Pedro de Azevedo diz, referindo-se a Manoel Joaquim Botelho Castelo Branco

«Uma senhora com a qual não tinha impedimento canônico, deu-lhe uma filha e o grande Camilo. Aquella senhora, de quem ainda não estão bem averiguados os nomes, pois umas vezes se lhe dá o nome de Jacinta Rosa de Alneida do Espírito Santo, outras de Jacinta Emília Rosa do Espírito Santo e ainda outras de Jacinta Rosa de Proença, suspeita-se que era açoreana e casada, formando as relações de com seu pai um episódio que Camilo introduziu em *Amôr de perdição*».

Devagar... Ainda se não sabe hoje ao certo quem foi a mãe do romancista. Tem-se procurado relacionar com episódios prováveis da vida da senhora, algumas passagens da obra de Camilo, tem-se também procurado descobrir na história

tério de Manoel Botelho com a açoreana, contada em *Amor de perdição*, a narração verídica do episódio romântico que deu origem ao autor do livro. Para mais confirmar as coisas, em 1905 apareceu numa fôlha do *Pôrto* a citação de um documento, da existência do qual era lícito inferir que D. Jacinta Rosa do Espírito Santo chegara a casar com o pai de Camilo. O autor do artigo em que aparece essa referência foi um velho condiscípulo e amigo meu, João de Meira, então professor e lente da Escola Médica do *Pôrto*, e a quem se devem algumas interessantíssimas investidas sobre episódios da vida do grande escritor. A quem me dirigi por esse tempo, pedindo-lhe que me desse tudo quanto soubesse sobre o caso, e são da minha com que teve a amabilidade de responder ao meu pedido estes períodos, que vou colocar aqui tão nos seus devidos termos:

...O que sei sobre, o assunto em que me fala, pouco se reduz. É verdade que, em 1905, criticando na *Fôlha da Noite* (n.º 87, de 19 de abril) a biografia de Camilo coligida pelo sr. Tavares de Sá, escrevi que o pai do romancista falecera em 2 de Dezembro de 1835 e que chegara a casar com D. Jacinta Rosa do Espírito Santo. Você deve acreditar-se disto porque, em nota à pág. 24 do seu livro *Castelo Branco—Esbôço de crítica*, diz: *João de Meira, num artigo publicado na Folha da Noite, em 19-4-09 oitavo de uma série intitulada sobre a biografia de Camilo, afirma o casamento do romancista, facto que ainda nenhum outro autor tinha mencionado. Também nesse mesmo livro, vem a afirmação, que se diz escudada com documentos, de que o pai de Camilo morreu em 1835, deixando-o assim órfão aos dez e não aos nove anos...* O documento em que me baseei para fazer aquelas

duas afirmativas não é actualmente inédito, pois publiquei no 2.º número da revista lisbonense *Cosmo* conjuntamente com um pequeno artigo sobre Camilo que não era mais do que a abreviação de outros publicados no *Independente*, de Guimarães (n.º 1 de 16 de março de 1902), no *Germinal*, do Porto (n.ºs 11 e 12, de julho de 1902), e na *Alma nova*, também do Porto (n.º 1, de maio de 1903). O documento é o seguinte:

«Em os 22 dias do mez de Dezembro do anno 1835 falleceu com o Sacramento da Extrema-Unção Manoel Joaquim Botelho Castelo Branco, viuvo de Jacinta Rosa do Espirito Santo, morador na rua dos Douradores, e no mesmo dia foi sepultado no Cemitério do Alto de S. João, do que fiz este assento que segue. O Prior José António Durães. (Livro de Óbitos da freguezia de Santa Justa de 1835; fls. 20)

«Não posso dizer que esse assento me dêse um trabalho a obter, nem me custasse longas pesquisas. Eu havia pedido para a freguezia dos Martires, onde Camilo nasceu, o assento de óbito de Manoel Botelho, mas as buscas feitas não tinham dado resultado. Foi então que se me deparou a pág. 207 do *Romance romancista*, de A. Pimentel, a transcrição de uma petição para que lhe fôsem concedidas ordens honoríficas, onde Camilo se dizia natural da freguezia de Santa Justa. Ocorreu-me logo que o engano só podia provir do facto de Camilo residir nessa freguezia data da morte do pai. Escrevi então para lá e veio-me o assento de que você pôde agora, se quizer, pe-la uma certidão com as formalidades legais.

«Mas, já depois que escrevi aquelas duas afirmativas na *Fôlha da Noite*, entrei a pensar que, se data da morte de Manoel Botelho ficava definitivamente assente, o mesmo não sucedia com o seu casamento. De facto podia ter havido erro de informa-

positado ou casual, tanto mais que o assento de
mento, apesar de subsequentemente procurado
Santa Justa, não appareceu. E' bom todavia notar
não appareceu também o assento de óbito de D.
nta e que os dois factos podiam ter-se dado na
douta freguezia. Eu, como vivia no Pôrto
do esses factos me preocupavam, estava mal
rado para continuar em averiguações que difi-
mente podem tratar-se por carta. Desisti por isso
pesquizas. Você que está aí em Lisboa é que as
a fazer.....»

As investigações a que até hoje procedi no fito
de alcançar o assento de óbito da mãe de Camilo
dado resultado negativo. Nas freguezias centrais
percorri—Sacramento, Mártires, Santa Justa—
o assento não existe. Mas é forçoso convir em
ainda há largo campo aberto para longas inqui-
s. Quanto à relação possível do nascimento
Camilo com o adultério narrado no romance, diz
ta de João de Meira:

O adultério de Manoel Botelho com uma açoreana
rrado no fim do cap. II e no cap. XVI do *Amor
de perdição*. Este episódio tanto pôde ser verdadeiro
de pura invenção do escritor; mas dada a pre-
ção de Camilo para romancear factos basilar-
e verídicos e dada a pouca relação dessa
ativa com o seguimento do enredo (a ponto que
ocioso invanta-la se não tivesse succedido),
no-me para aceitar a sua veracidade. O que me
possível admitir é que dessa ligação extra-ma-
nial de Manoel Botelho, tal como é contada no
r de *perdição*, nascesse Camilo e sua irmã mais
a. O cadete Manoel Botelho, no anno lectivo de
e 1803 (ou 1803 a 1804?, você verá já porque

tenho a dúvida) e, ao que parece, antes de fevereiro (Amôr de perdição, cap. I e II) fugiu com a esposa a um estudante de medicina, natural dos Açores, primeiro para Lisboa e depois para a Curuña, onde viveram um ano e tanto (Amôr de perdição, cap. XVI) voltando ao Pôrto 15 dias depois da entrada de Simão Botelho na Relação. Segundo Camilo, foi em fevereiro de 1803 que o de Castro Daire começou a pretender Teresa de Albuquerque, em junho que Simão Botelho o matou (Amôr de perdição, cap. X) e em março de 1805 que Simão entrou na Relação. Como o mesmo Camilo, em mais de um lugar, conta que medearam mezes entre o assassinato e a entrada na Relação, claro que há um engano de um ano ou na data do assassinato para menos, ou na data da entrada da Relação para mais. De um modo ou de outro, Manoel Botelho estava de volta a Portugal o mais tardar em março de 1805. Do Pôrto, onde visitou o irmão, seguiu para Vila Rial com a amante. Aí, foi logo denunciado ao pai, que chamou a açoreana a casa do juíz de fôro e lhe propôz reenviá-la para a família à sua custa. A proposta que foi imediatamente aceita, partindo a adúltera para Lisboa e dali para a sua terra e para o abrigo de sua mãe, que a julgára morta, e lhe deu 20 anos de vida, se não ditosa, socegada e desiludida com quimeras. (Amôr de perdição, cap. XVI, in fine). Como pôde ser que esta açoreana adúltera, reenviada à família em 1804 ou 1805, venha a ser justamente 20 anos depois a mãe de Camilo? Só pôde afirmar-se quem não atentar nos pormenores e na data do episódio inserto no Amôr de perdição. Alberto Pimental diz também (Os amôres de Camilo, pág. 27, nota 3) *A mãe de Camilo, que hoje supponho natural dos Açores, foi raptada por Manoel Botelho Castelo Branco. Há quem suspeite que era casada ao tempo do rapto. Mas, perguntado por mim sôbre as bases das suas*

esunções, em carta que não tenho presente agora, respondeu-me, se bem me recordo, que tinha esses factos do conselheiro António de Azevedo, sobrinho do romancista. E' de crêr que António de Azevedo não saiba mais do que vem no *Amôr de perdição*.

« Quanto à veracidade da narrativa, independentemente de qualquer relação com o nascimento de Camilo, só lhe posso dizer que estudantes açoreanos frequentando medicina em Coimbra de 1801 a 1806 houve dois: 1.º) Joaquim António de Paula Medeiros, filho de Francisco de Paula Medeiros, natural da ilha de S. Miguel, que de 1801 a 1802 frequentou o 2.º ano, de 1802 a 1803 o 3.º, de 1803 a 1804 o 4.º e de 1804 a 1805 o 5.º.— 2.º) José Inácio da Silva, filho de José Rodrigues Conceias, natural da ilha do Faial, que frequentou de 1801 a 1802 o 4.º ano, de 1802 a 1803 outra vez o 4.º ano e de 1803 a 1804, o 5.º. Este José Inácio é do Faial, como a mãe de Camilo, e repetiu o quarto ano de 1802 a 1803. Não trazem os anuários da Universidade o nome do cidadão civil dos alunos, nem o dizem os documentos necessários para a matrícula, como informou o secretário da Universidade Gaio à pessoa que a meu pedido lho perguntou... »

Em virtude de informação posterior, João de Deus Pereira comunicou-me mais tarde numa outra carta que esse José Inácio da Silva, único estudante do Faial que por aquele tempo andou na Universidade, não era o n.º 5 do curso e morava, em Coimbra, na rua da Alegria, teve por mãe D. Helena Rosa de Oliveira e casou-se com D. Maria de tal, irmã de um capitão António Manoel, da ilha do Pico. Foi pessoa respeitavel e, após uma vida sem sobresaltos domésticos, morreu Físico-mór da ilha Terceira.

Ora, falso o episódio do romance na época em

que vem contando sê-lo-ia menos vinte anos depois, em data visinha do nascimento de Camilo? Eis o problema. De resto essas transposições cronológicas são, como já disse, muito vulgares na obra do romancista.

E é talvez êste o eusejo de reproduzir aqui um documento que pôde ser um bom auxiliar para investigações que procurem iluminar esta questão ainda obscura. Vem no trabalho do sr. Pedro de Azevedo sôbre os *Antepassados de Camilo*, e diz assim:

«Carlos Augusto de Scola, Notario da Comarca de Lisboa, por Sua Magestade Fidelissima que Deus Guarde:

«*Certifico*—Que em meu poder e cartorio existem os livros de notas do tabelião d'esta cidade José Manoel d'Autas Barboza, e entre elles encontra-se um com o numero duzentos quarenta e cinco, com principio em dois de abril de mil oitocentos vinte e nove e fim em vinte e quatro de julho do mesmo anno; e n'ello a fôlha cento e oito verso está o instrumento do theor seguinte:

«Saibão quantos este instrumento de Legitimação e Prefiliação, qual em direito mais firme seja e obrigação virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos vinte e nove, aos vinte e sete dias do mez de Junho, nesta Cidade de Lisboa, no meu Escriptorio da rua Bella da Raynha, appareceo presente Manoel Joaquim Botelho Castel branco que vive dos seos Rendimentos e morador na rua da Oliveira, numero tres, freguezia do Sacramento.

«E por elle Outorgante Manoel Joaquim Botelho Castel branco foy dito a mim Tabelião perante as testemunhas abaixo assignadas:

«Que elle tem dois filhos naturaes e de May incognita, por nomes Carolina Rita Botelho Castelo

ranco e Camilo Ferreira Botelho Castelo branco, os quaes serão baptisados o primeiro aos dois de Abril do anno de mil oito centos vinte e hum, na freguezia de Nossa Senhora do Soccorro, por filha de pais incoñitos, cujo assento depois o fizera declarar e averbar aos nove dias do mez de Junho do anno de mil oito centos vinte e cinco, declarando então ser a dita Carolina Rita Botelho Castello branco sua filha e de May encognita; e o segundo fora baptizado aos quatorze do mez de Março do anno de mil oito centos vinte e cinco por seu filho natural e de May incoñita; e porque pretenda ultimar este acto com todas as declaraçoens e meios necessarios para a sua validade a fim de que os ditos seus filhos a elle Outorgante succedão em todos os seus bens, direito e herçoens, e em tudo o mais que pelas Leis do Reyno e direito devão de herdar, por isso dice que desde agora por esta Escritura reconhece a elles seus filhos Carolina Rita Botelho Castello branco e Camilo Ferreira Botelho Castello branco por seus legitimos filhos e a fim de que em tudo e por tudo lhe possam succeder e herdar até em qualquer Grau que Sua Magestade digna pelos serviços d'elle Outorgante atendendo e assim ser a sua vontade e não ser para isto consanguido por pessoa alguma podendo ambos elles ou qualquer deles requererem a Sua Magestade pelo Regio Tribunal do Desembargo do Paço a competente provisão de confirmação para cujo fim lhe presta toda a faculdade necessaria e pela sua validade promete responder aonde se requer o seu cumprimento para que renuncie o Juizo do seu foro domicilio e prelegios presentes e futuros que alegar possam.

«Assim o outorgou pedio e aceitou e eu Tabellião aceito em nome de quem deva tocar auzente, sendo testemunhas presentes Thomaz Roiz Anão e Fabio Emilio Reisi que rezidem no meu cartorio que todos

afirmamos o ser elle Outorgante o proprio que assignou e testemunhas depois de lida. E eu José Manoel d'Antas Barboza, Tabellião o escrevy.

«Manoel Joaquim Botelho Castelbranco—Thomaz Roiz Anão—Fabio Camilo Reisi. Está conforme ao original a que me reporto; e declaro que no transcripto instrumento estão riscadas as seguintes palavras: «Cal»—«ultima»—«Camilio,—o que não está resalvado.—Lisboa, seis de setembro de mil novecentos e seis.—Rasa novecentos e sessenta reis.—Sello trezentos reis.—Total mil duzentos e sessenta réis.—*Carlos Augusto Scola*».

NOTA D

A casa de Seide

Em nota à *Autobiografia*, de Camilo Castelo Branco, coordenada e anotada pelo sr. F. Tavares Proença Júnior, (Coimbra, 1905), aparece a afirmação de que «a casa de S. Miguel de Seide pertencia ao pai de D. Ana Plácido». Como essa afirmação brigasse com os informes que eu colhêra sobre o assunto para escrever o meu *esboço de crítica*, pretendi certificar-me com segurança e para isso corri ao sr. Alberto Pimentel, que precedentemente também a êle se referira por um modo diferente daquele por que o fazia o sr. Tavares Proença. Com uma amabilidade que muito me penhorou, apresentou-se o sr. Alberto Pimentel a responder-me: «Estou convencido de que a quinta de Seide era do marido de D. Ana, tanto mais que êle nasceu ali perto, em S. Miguel de Seide. Mas vou escrever a pessoa que poderá fazer fé no assunto, e dentro de 3 ou 4 dias terá V. uma certeza absoluta». E, dias volvidos, essa certeza cheguei-me realmente nestas novas palavras do sr. Alberto Pimentel: «Não há dúvida nenhuma: a casa

e quinta de S. Miguel de Seide era do marido de D. Ana, Manoel Pinheiro Alves, que já a havia herdado dos pais. D. Ana, por sua vez herdou-a do filho, Manoel Plácido. Este rapaz, como V. sabe, viveu sempre affectuosamente com Camilo».

NOTA *E*

Cartas ineditas

O cônego Sena Freitas teve a extrema gentileza de espontaneamente me facultar a publicação de algumas cartas que recebeu de Camilo e que conserva ineditas. Essas cartas a que mais duma vez faço referência no texto d'este livro são as seguintes:

I

Meu presado amigo

A urgencia de o ver é grande; mas não tenho forças que me levem; não durmo, não cômoo, estou em prostração mais desgraçada d'alma e corpo que se pôde. Anna Placido tem uma angina pectoris. Considero-a perdida. Tenho dois filhos d'esta semana. Um delles é adulterino, está privado de lhe

succeder nos bens. Alem d'isso, se ella morre, a saudade hade pungir-me com o remorso de a não ter aos olhos dos f.^{os} e do mundo.

Eu queria que V. Ex.^a me obtivesse licença do seu arcebispo para eu a poder receber. Isto é exequível sem os preparativos do costume? Dá-lhe isto m^{to} incommodo meu am^o? Ou por ser um acto religioso não será m^{to} custoso alcançar-se a licença? Será como poder. Escrevo-lhe ás 2 da manhã ouvindo-a gemer nas agonias do coração.

Do de V. Ex.^a

tão grato como infeliz

am^o

22/11/79

Camillo Cast^o Branco.

II

Meu m^{to} querido amigo

A nubente requereu hontem a convocação do Cons^o de fam.^a Espera-se que a decisão seja favoravel. Se o não for, o q^o V. Ex.^a alcançou do Cardeal não só é m^{to}, mas tudo.

Principio a sentir a prostração sequente ás rijas commoções que me abalaram os nervos com este com q^{to} a mim, desgraçado episodio. O que eu precisava era socêgo e que á volta de mim não tumultuássem as ambições dos que olham para a vida sen

n d'ella mais que a lama estrellada de lante-
s. O q̃ eu preciso — já lh'o disse, meu caro am^o
morrer. Envio-lhe uns livros. A *Corresp^{d.}* e 2
Darwin.

De V. Ex.^a

V. Ex.^a

m^{to} grato am^o

81

Camillo Castello Branco

III

Meu querido amigo,

orçarei os olhos á escripta de poucas linhas
representem a m^a grande vaidade agradecida
seu tão lisongeiro quanto magistral livrinho.
Pelle lanços extremamente verdadeiros. São uns
de V. Ex.^a faz publica a inalteravel amizade que
medico, e que me parece já existir antes de o
cer. Depois da m^a morte, é natural que os es-
as se preocupem com a m^a vida e os meus re-
s de Artista. Nunca se escreverá um livro como
de V. Ex.^a, e com tão rara destresa e tão su-
engenho escripto por um *padre!*
não melindroso era o assumpto! E, se o *Perfil*
sse a Portugal, quantos clerigos desejariam
ar o perfil de V. Ex.^a, e a mim os dois perfis!
eijo-lhe as mãos, sagradas pelo talento.
e o livro do sr. Dr. Almeida. Ainda não o pude

ler, nem sei se já o lerei. Reservo os meus agradecimentos áquelle cavalheiro para quando possa conscienciosamente applaudir a sua obra que pelo *In* me parece proficuamente historica.

A final, a sciencia descobriu que a m^a enfermidade inextinguivel é uma myelite. A paralyisia por em q^{to} e nas extremidades inferiores. Se a lesão da columna vertebral chegar ás vertebraes cervicaes tenho de morrer asphixiado. *Quod Deus avertat*. No principio de Agosto se ainda viver, vou p^a a Povoá. Melhorei ali um pouco ha 2 annos; no anno passado peorei. Vou ver agora. Ha 10 annos, 17 de Febr^o de 1877, (4 setes!) morreu o meu Manoel. Talvez lá me esteja esperando.

Desculpe as m^{as} faltas p^r commiseração com m^{as} angustias.

Seu do c.

Camillo

IV

Meu querido amigo

Ainda pude ver o seu retrato que me alvoreceu alegremente. Não me podia restar outra esperança de o ver. Acho-o n'um *bon point* de saude e soco de corpo e alma. M^{to} lhe agradeço este novo favor por que os meus netos o conheçam.

No «Cancioneiro alegre» não ha referencia alguma. q. por nome não perca. Publicado que for o referido livro, esse homem promiscuamente com alguns litteratos brasileiros, jogou-me umas chalaças e vão compendiadas no escripto impresso que enviou V. Ex^a. Nada mais escrevi, depois da provocação.

ra esse sujeito: Se alguma coisa estivesse no «cancioneiro» que o incommodasse, seria aspada a mão de V. Ex^a.

Estou a escrever a troto, p^r que não vejo. Tenho umas algumas fibras contracteis em uma das retinas. Tanto ao padre que lhe ladrou, não podia deixar ser. Se os de cá o não lapidaram é p^r que o não tem, nem lerão. Enfream a má lingua com a serrilha dos burros.

Estou em preparativos p^a voltar a Lisboa onde se ha dias em consultas de ophthalmologistas. Não fazem nada, mas tem a pied^e de me illudir. Il pied^e!

Adeus, meu caro amigo. Heide enviar-lhe de Lx^a meu retrato — o ultimo, o mais convisinho da posição.

Do seu m^{to} grato

C. Castello Branco.

1/87.

Refere-se a segunda destas cartas aos episódios que precederam o casamento dum dos filhos do romancista. A historia desse casamento é assim contada pelo sr. Alberto Pimentel, no seu livro *Os Camillo*:

Gosando de melhor saude que o irmão, isto é, o menor nele a tara hereditária, Nuno Plácido do Branco não tinha habitualmente o brilho de inteligência que o Jorge revelava nos momentos de inspiração. Comtudo, também às vezes escrevia deslealmente em prosa e verso, mas sem paixão pelas artes, e sem possuir maior illustração do que o Jorge.

Educára-se à guisa de marialva minhôto, e a sua paixão eram cavalos, trens, o jogo, as feiras, as coquistas amorosas. Tinha, principalmente a mania de dissipação, de que padecera o seu irmão uterino Manoel Plácido. Camilo não via para êste filho outro caminho a seguir senão o de um casamento rico. Ele havia nascido para morgado sem o ser. E Camilo bem sabia que na vida dos antigos morgados o casamento vantajoso, sem previa consulta do coração, era o salvaterio de todas as dissipações estroinices — era o único *emprego* possível. Portanto, o romancista pediu à sua imaginação mais um capítulo de romance essencialmente nacional e encarregou-a de descobrir um bom casamento para o Nuno. Não lhe foi preciso dar muito trabalho à imaginação, porque havia ali perto, em Vila Nova, uma menina rica, a quem o próprio Camilo chamava a *tricentenária*, pois se lhe calculava a riqueza em 300 contos de réis.

«Esta menina chamava-se D. Maria Isabel de Costa Macedo. Era filha de António Joaquim de Costa Macedo, natural de Famalicão, que em tempo tinha ido para o Brazil, onde casara com uma brasileira, D. Teresa Martins Marques, que trouxera um grande dote. Tendo-lhe morrido os pais em Famalicão, D. Maria Isabel vivia naquela vila em casa de um vogal do seu conselho de família, o sr. António Joaquim Ferreira Tinoco. Era muito pretendida para casamento. Os pintalegreses de muitas léguas em redor disputavam-lhe os trezentos contos, e a dificuldade da conquista estava em evidenciar qualidades que suplantassem a rivalidade dos concorrentes. Essas qualidades faltavam ao Nuno, que não era gente nem doce de maneiras; que não era loquaz, nem insinuante; e que, apesar de marialva, tinha, em ceremónia, uma timidez que o embaraçava. Camilo tra-

na sua fantasia um plano audacioso, uma novela, não era para lêr-se, mas para representar-se. O romancista de acção, e conhecendo por experiência própria no amôr que a fortuna ajuda aos azes, reconheceu ser indispensável que o último título terminasse por um rapto, como nos bons jogos das grandes paixões romanticas. Para chegar facilmente ao epilogo, lembrou-se de ser elle proprio quem escrevesse pelo filho as cartas de amôr, molhando a pena no tinteiro, prontamente encontrou o opulento filão daquelas missivas exuberantes apaixonado lirismo, que ficaram na memória de muitos lêram o *Amôr de perdição*. Abalado o espirito de Maria Isabel por a mais veemente correspondencia que em tempo algum tinha estonteado a cabeça de uma menina minhôta, isto é, depois de Camilo ter estado em scena por detrás do filho, e preparando convenientemente o terreno, chegara o momento oportuno de pôr em acção o rapto. O assunto de uma das cartas era o convite e o plano da fuga, ambos foram aceitos. Na vespera do dia que Maria Isabel julgasse ser o mais próprio para a evasão, ella dar sinal pondo uma flôr no peitoril de uma janela, que deitava para a rua de Santo António. A flor! Aqui se conheceu mais uma vez o dedo antigo de Camilo. Qualquer prosaico amante de boa lembrar-se-ia de recomendar um—trapo. Camilo propôz uma flôr. E a flôr appareceu no dia 3 de maio de 1881.

Logo os emissários de Camilo, que andavam à espreita, correram a Seide a anunciar a aparição do plano combinado. O romancista deu a última demão ao plano do rapto. Preveniu a hipotese de quaisquer variedades supervenientes. Uma dessas contradições seria a do raptor e os seus auxiliares encontrarem uma mulher de má vida, de nome Maria da

Conceição, por alcunha a *Marcada*, que andava de noite a embebedar-se pelas tabernas de Famalicão era capaz das últimas torpezas. Esta rameira chegava a merecer a confiança de alguns administradores do concelho, pois que ela valia por si mesma um corpo de polícia civil em serviço noturno. Era, sobretudo, um espião vigilante. Camilo acudiu logo com um alvitre: — *Se aparecer a Marcada, levem-na para os lados de S. Tiago de Antas, a pretexto de beber uma pinga; e dêem-lhe ali uma sora, de modo que ela grite bem alto. Aqui d'el-rei, a fim da atenção dos habitantes da vila se voltar para esse lado e vocês poderem fugir a salvo pelo lado oposto.* Retocado o plano do rapto, Camilo fez-se saído para uma estação da linha do Douro. Na noite de 4 de maio, os auxiliares de Nuno estiveram comendo á tripa fôrra e bebendo a régua cheio, numa taberna da vila. A hora aprazada para o rapto era a meia noite, consoante o estilo do romantismo. Ouvidas as doze badaladas, saíram os homens da taberna e, de bacamartes aperrados, forados cosidos com as paredes, postar-se nas embocaduras das ruas que davam para a casa da brasileira. Nessa mesma ocasião avançava lentamente um carro, vindo do Pôrto, tirado por uma valente parelha, com as patas cutrapadas, para evitar o fazer tropel. O troço parou á barreira da vila, na estrada de Guimarães e aí esperou ordens. Nuno Castelo Branco, em traje disfarçado, foi colocar-se atrás da praça do peixe, adormeceu. Essa informação é exactíssima; pôde ser confirmada por todas as pessoas de Famalicão. Adormeceu! Se Camilo teria adormecido em lance idêntico. Era que entre o filho e o pai estava o túmulo do romantismo. Aqueles dos auxiliares do rapto que deviam receber nos braços a fugitiva, quando se deixassem escorregar da janela, ficaram contrariados ao verem ainda luz nas janelas da Assembléa, fronteira á casa

Tinoco. Era que nessa noite o voltarete se tinha emissado muito, e os parceiros da bisca sueca em remanchando a partida até que os do voltarete bassem. — *Diabo!* praguejavam os emissários de nilo. Finalmente às duas horas da noite, apagou-se a luz na Assembléa; os últimos parceiros tinham saído; a ocasião era propícia. — *E' agora D. Isabelinha, corre-se escorregar pela janela, que nós a receberemos nos braços,* disseram de baixo os auxiliares do rapto. A brasileira assim fez. Escorregou, descalça, como havia aproximado da janela. Colhida nos braços dos raptos, foi ao colo de um transportada ao trem. O carro dos auxiliares teve algum trabalho para destar o Nuno, que dormia a sono solto. Ah! pobre Isabelinha dos tresentos contos! se ela soubesse que precisava acordar o seu raptor, teria, apesar de dénu, voltado para casa num impeto de indignação, na fúria de raiva. O carro largou à desfilada até a Portela de Requião, sem que ninguém desse pelo acontecimento. A *Marcada* não appareceu, felizmente a ela.

Quando o raptor e a raptada chegaram a Seide, o nilo, que nessa mesma tarde se dera como regresso, sentiu-se decerto contente do *sucesso* deste romance em acção, que tão hábilmente havia planeado, e que era seguramente a mais produtiva das suas aventuras. Imagine-se a sensação causada no outro dia, em Vila Nova, por êste estupendo acontecimento, tão turbador dos patriarcaes hábitos da provincia do Rio. Nas casas, nas lojas, na praça, não se falava de outra coisa. E toda a gente attribuia a Camilo o sucesso e o êxito da empresa. Os pretendentes falidos e os por cima recebiam os chascos e os epigramas dos comentadores alegres. Não lhes bastava o julgo de se roubados em 300 contos, cada um! A's duas horas da manhã desse mesmo dia apparecia

Camilo em Santo Tirso a procurar o filho, que, dizilhe tinha fugido. O conselho de família da *brasileirinha*, que era composto do dr. João Bernardo de Vale Vessadas, Camilo de Lelis, Ribeiro de Campo Silvério Ferreira de Macedo, Manuel Bento de Sousa além de Albino Joaquim Ferreira Tinoco, já mencionado, reuniu a requerimento da menor raptada deliberou, por maioria, que ela casasse com o raptor. O tutor, que era o dr. Teotónio José Rodrigues de Abreu Fontes, de Braga, também transigiu. Em Vila Nova causou impressão o facto de alguns dos vogas do conselho de família se terem oposto ao casamento malquistando-se com Camilo. D. Maria Isabel voltou de S. Miguel de Seide para Famalicão, onde ficou depositada em casa de Adriano Pinto Basto e de sua esposa D. Florinda de Carvalho Sá Miranda. Conheceu muito bem Adriano Pinto Basto, falecido há anos. Era o maior influente regenerador daqueles sítios, íntimo amigo de Lopo Vaz. O casamento realizou-se em Braga, na igreja de S. Pedro de Maximinos, no dia 2 de julho, sendo padrinhos Jerónimo da Cunha Pimentel, ao tempo governador civil do distrito, D. Amélia Castelo Branco de Carvalho, a filha de Camilo, cuja filiação o Nuno havia de pôr em dúvida alguns anos depois!»

*

Na terceira carta, Camilo alude ao seu *Manoel*. Era o filho de Ana Plácido e de Pinheiro Alvega, morto duma pneumonia, na Póvoa de Varzim, com dezanove anos. Camilo estimava devéras esse rapaz. «Adotei-o no coração extremoso de pai — disse eu ao snr. padre Sena Freitas — e senti então que o sangue nada é e nada conclue». São ainda de Camilo nas *Scenas da hora final*, os seguintes periodos :

«Nas horas mais cruéis que a Providência me há
o, quando a saudade de um morto a quem o meu
ação chamava filho, me quebrava o restante pulso
a que tantas e grandes desgraças dobrei, li, nessas
as, êste opúsculo nas colunas de um periódico inglês
Quarterly Review. Eu tinha assistido aos paroxismos
Mancel Plácido, aquele moço gentil que, cinco dias
es, era ainda exuberante alegria da felicidade sem
mercadencias de tristeza, a flôr dos dezenove anos
a a raiz já ferida de morte e a corola cheia de per-
es. A sua doença, e ao mesmo tempo agonia, durára
tro dias. Cheguei à beira do seu leito cercado de
gos, quando a febre cerebral deixara entrar em sua
a um raio de luz, uma intermitencia da razão. Ma-
l viu sua mãe e cuidou que ela poderia dar-lhe
unda vez a existência. Mas êle não acreditava na
te. Quem tem dezenove anos, e nunca chorou, nem
idou dos contentamentos infinitos da mocidade, não
cia que um subito calafrio, uma dor de cabeça, uma
vulsão a espaços, e uma ansiedade febril sejam a
guarda de moléstia mortal. Julguei-o salvo quando
iência o considerara perdido. Beijara-me com ex-
siva ternura, litara-me com os seus belos olhos
ros e brilhantes, contava-me os descuidos da sua
le, mostrava-me a epiderme lacerada pelos causti-
e pedia-me que o trouxesse para o seu quarto de
Higuel de Seide. Mas, uma vez, amparei-o nos bra-
e senti na rigidez inflexa daquele corpo, que a
a se lhe despedaçava nas convulsões do cérebro, e
estante corpo era já algido como deve ser a mor-
a nesta fria noute de novembro. Dez horas antes de
irar, vestiu-se em aneias com umas fadigas aparen-
ente aflitivas. Queria vêr o sol, queria esfriar-se no
to do mar, sentia-se forte; se era a morte que o
ltava na escuridão de um quarto infecto, queria
ntá-la, desafiá-la para a grande luz daquele belo.

dia 17 de setembro. Tinha dezenove anos, e via-mo vivo, a mim, velho, coberto de cans e lágrimas, alaciado de dôres, e assim me vira sempre, desde criança, quando os meus braços o erguiam até aos lábios e o meu coração lhe chamava filho. Vestiu-se pois, foi, amparado apenas, até à extrema de um corredor onde recebeu o último beijo da luz. Aqui obedeceu aos meus rogos, pediu-me água, bebeu-a sofregamente arquejando, e disse-me:—*Eu já sabia que não me deixavam sair. Contaram que eu caísse de fraco. Eu ganaram-se. Eu não caio.* Queria dizer que aos dezoito anos não podia morrer. Deitei-o na minha cama e despi-o. Pediu-me que chamasse sua mãe. Eu caí de joelhos diante dele, que a contemplava com torvo espasmo, ou a chamava com as meigas palavras da sua amimada infancia, ou retinha a respiração estortorosa para ouvi-la soluçar, como se aqueles gemidos lhe soassem extranhos, inexplicáveis. Quando ela transportava, sósinha nos braços robustecidos pela angustia e pelo amor, de uma cama para outra, moribundo dizia-lhe sorrindo:—*A mamã pôde lá com este Hercules!* E olhava espavorido para o seu corpo escuriado, rôxo de pus e sangue. Depois, nas últimas sete horas, tartamudeava gemidos longos, ofegante. Parecia debater-se em angústias enormes, íntimas da alma, da saudade da vida, como se, afinal, confessasse que era forçoso morrer aos dezenove anos. O respirar arquejante abateu; enxuguei-lhe o rosto banhado de suor pegajoso e frio, curvei-me sobre seus olhos fixos embaciados, senti-lhe a derradeira vibração de todo o corpo, e no dedo sobre o pulso a última contracção da artéria. Voltaram-no morto, com os olhos ainda abertos para mim. Havia nos seus lábios uma expressão doce semelhante a um sorriso de conformidade com a vontade da Morte que, aos dezenove anos, o fulminára. Desde aquele instante, as minhas

imas só pode estancá-las o pejo de as mostrar. Ve para mim uma consolação: a certeza que me a sciência de que Manoel não soube que morria, teve consciência da sua dilaceração, anciava sem s, não sentia as vibrações que o convulcionavam. Os seios do cérebro se iam esfacelando, queijos pela febre. Este beneficio, que pouco vale à na eterna saudade, devo-o a êste livrinho. Há cons aqui para os que temem os transes últimos da , e confortos, ainda mais necessários, para os que st m às agonias inconscientes de um amigo, de um ! Ah!... vêr morrer um filho! Meu querido Ma-, acabastes sem saber o que são dôres da alma. Não gaste a vêr morrer tua mãe. Parabens! ob minha a saudade! Se Deus te pedisse contas da tua vida he-ias:—*Eu tinha dezenove anos!* Se fosses con-do e repulso da presença do teu creador, as lágri-que te choram aqui moveriam o juiz das acções tua infancia a piedade que, para ser misericor-a, não precisa ser divina. Adeus, Mãoocell filho neu coração».

■

Numa carta ao visconde de Ouguela, Camilo escreve ainda: «Mataram-me as saudades de Manoel Plá-, que pouco se lhe dava de mim».

Nessa mesma terceira carta, as referências amáveis grande escritor, são para o livro *Perfil de Camilo elo Branco*, pelo padre Sena Freitas, publicado, S. Paulo, em 87 e, no Porto, um ano depois.

NOTA F

Camilo e o dr. Bombarda

Reproduzo seguidamente os artigos da polemica com o dr. Miguel Bombarda, provocado pelo meu primeiro livro sôbre Camilo.

Eis pela ordem em que foram publicados, os artigos do antigo director do Rilhafes.

I

Psicologia do sofrimento... nos qua não sofrem

O sofrimento, debaixo dos seus múltiplos aspectos,— condições, modalidades, efeitos, tem sido objecto de muitas e profundas análises. Mas onde os psicologistas têm parado é no estudo da acção que a dôr, qualquér que seja a sua fôrma, vem a exercer sôbre aqueles que lhe são meros espectadores. O lugar comum de que dôr alheia move à propria dôr e a bondade dum coração a ferida pelo seu compadecimento é, nos parece, o extremo limite até onde se tem ido neste campo que se oferece hoje à nossa consideração e que antevemos fértil em observações ilustrativas.

Uma há que se pôde marcar, não menos notável que inesperada, e é que para o mesmo assistente, para o mesmo «receptor», o compadecimento não depende tanto da intensidade do sofrimento alheio, como de elementos que lhe são inteiramente acessórios. Quer se trate de sofrimento físico, quer do sofrimento moral, há uma dominante—é a diuturnidade combinada com a persistência. Reflecte-se aqui uma lei psicológica, que mostra a intensidade da sensação ou da

moção decrescendo com a habituação. Mas ao lado há outro, que julgamos poder-se fixar nítidamente e nos parece digno de atenção.

Dôres físicas e mesmo dôres morais de condicionamento normalmente determinado movem á piedade. Mas sofrimentos há, horrorosos acima de toda a expressão humana, que não encontram senão a inatenção e a indiferença e que, mesmo no meio o mais simpático, apenas conduzem ao tédio, quando não à irrisão. Tais são os sofrimentos da neurastenia.

Num neurasténico constitucional, naquele em que a doença chega a ser uma alienação mental e em que ela exige tão sómente uma defeituosa construção cerebral, e em que o espírito padece chega a ser pavoroso. A obsessão e a alucinação, a idéa fixa e a confusão mental, mesmo quando se tomassem em toda a sua terrífica significação, constituem pálidas impressões das tempestades que se passam num cranio, como nunca Vítor Hugo as pôde sonhar. É preciso que junto de tais doentes tenha havido o interêsse científico e que se tenha tentado analisar o tumultuar do seu cérebro batido por todos os horrores, para que se consiga medir em toda a sua amplitude a intensidade de um sofrimento que só à anciedade ou a um melancólico se deve equiparar. Tenho-os visto endoidecer, por que elos, por que encadeamentos, não sei, mas endoidecem após meses e anos de atroz sofrimento, e endoidecem na mais furiosa das loucuras. Também os tenho visto que terminam pelo suicidio, puramente movidos pela solidão da «dôr psíquica» e sem que um factor de ocasião, moral ou outro, leve à final determinação.

Ora, todo este medonho sofrimento é por assim dizer ineficaz. A insensibilidade da família corre parellas com a indiferença do médico de clinica comum, que, tendo consagrado a sua vida ao alívio dos padecimentos físicos, nunca conseguiu penetrar nestes insondáveis arcanos, nem mesmo para avaliar os efeitos. Para elle, por melhor que tenha sido a libertação do seu pensamento, por mais que saiba, de certeza certa, que a mentalidade não resulta senão do funcionamento cerebral, para elle ainda vigora um resíduo que jurativamente se diria atávico e o leva a admitir um «mêdo da alma» que não é elle. Não o confessa, é certo, mas por tal modo se isola no domínio das chamadas doenças nervosas, por tal modo se separa de toda a penetração psicológica, que é como se o corpo humano se dividisse em duas partes—uma para o seu estudo e interferência, a outra para o estudo e interferência de outrem. E todavia a acção do

médico em estados dêsses é tão altamente poderosa que faz lástima andem ao abandono tantos miseráveis, que uma psicoterapia regrada, longe das brutalidades da sugestão teatral e do hipnotismo, poderia ressuscitar à felicidade a vida.

Qual a razão dessa indiferença da família e do médico? Por que motivo aquela desdenhosamente encolhe os hombros e êste trata os seus doentes de «enfermos de imaginação» e por isso mesmo mais lhes acirra o sofrimento?

É que não há uma base física que se possa apalpar, nem ao menos uma base que se figure como representação do espírito. Se alguma vez se tivesse penetrado nestes domínios e se estes factos do cérebro mórbido alguma vez tivessem interessado, se se tivesse chegado a conquistar a convicção de que neurastenias dessas vêm do cérebro vicioso como arquitectura, aí se teria um elemento de firme apoio e os médicos comuns não se mancomunariam com os não médicos no desprezo de doentes que só «de imaginação» padecem, mas que na verdade são tanto mais interessantes quanto têm a plena consciência da estranheza do seu mal.

Que é esta ausência de objectividade a origem do desprezo, a razão mesma do franco domínio do egoísmo da *entourage*, tira-se dêste facto—que em muitos males físicos acompanhando-se de confusos sofrimentos mentais, estes que muitas vezes são incomparavelmente superiores aos outros, vão desdenhados por aqueles mesmos que mais lamentam o padecimento físico do doente.

Há pouco appareceu um livro—e foi êle que veio suscitar estas considerações—em que, num esboço crítico, se procura aquiletar a individualidade de Camilo e principalmente se lhe ventila a nosologia (*Camilo Castelo Branco, esboço crítico*, por Paulo Osório; Lisboa 1905). O A. procura demonstrar que Camilo era um neurasténico, e para isso vale-se valha a verdade, do avolumamento de muito pormenor que não contém, longe disso, a significação que se lhe quer conceder. E' assim que se faz um montão de fobias onde nem uma talvez se possa apurar: porque a verdade é que a fobia não só o simples horror à doença ou á morte, porque então seria neurasténico, mais ou menos, todo o ser humano, do mesmo modo que não é fonófobo quem não tem ouvido musical como enfim senão acha possuído, do neurasténico horror à luz aquele que dela foge, fisicamente sofrendo dos orgãos visuais. Isto mesmo teria de ser dito para toda a sinomalogia armada no livro com coisas verdadeiras, é facto

as que só muito pela rama se podem tomar à conta de
bias, obsessões ou delírios (grandesa, perseguição).

Camilo não era um neurasténico

Bastaria, para o pensar, esta frase que elle escreveu:
Há quatro noites que apenas durmo instantes». Qual é o
neurasténico que confessa dormiu instantes?

Psiquicamente era outra coisa, que se me antolha, mas
de não quero pronunciar, porque não possuo o conheci-
mento bastante do homem nem da sua obra. E físicamente,
uma doença que o levou ao desespero final, julgo não po-
rá haver dúvida para nenhum médico que Camilo era um
atáxico. A ataxia acorrentou-o à dôr nos últimos anos da
vida. E foi ela que o conduziu ao suicídio. E a ataxia não é,
como pensa o sr. Paulo Osório, um mal neurasténico ou
que por qualquer modo se ligue a este padecimento. Cita-
ções, e que da *letra* se possam tirar quaisquer ilações contrarias
que não tenham valôr algum por mais eminentes que sejam os que
subscrivem, a verdade é que hoje, a bem dizer para todos
médicos, a ataxia locomotora, do mesmo modo que a pa-
ralisias geral, não é mais do que um derradeiro golpe da
doença.

Apenas, em Camilo, as perturbações cerebrais da ataxia,
que são tão comuns, adquiriram uma intensidade descomu-
nal e acentuaram-se num sentido neurasténico, que só pôde
ser considerado como neurasténico para quem não conheça a fundo o
valor desta palavra. E digo-o bem de certeza não só pelo
que elle descreveu e serve ao A. para fundar as suas asserções,
mas ainda pela observação de casos similares, como o da
doença do nosso pobre colega que ainda há pouco trepou o
mesmo calvário de Camilo e como elle veio a acabar.

Ora, a citação d'este livro, que medicamente tem um valor
muito pequeno, perdão-nos o A. dizer-lho, veio para mostrar como
está o reflexo da demonstração que acima inquirimos. E'
o A., e como elle outros que cita, o padre Sena Freitas, por
exemplo, a tratar de Camilo como um doente de imaginação.
Mas se um homem a sofrer coisas temerosas e lançam-no à
vida dum nosomaníaco e dum tanatofóbico. Que nosofobia
está quando a doença é muito real e muito grave! que fô-
do horror à morte é este num doente certamente e irreme-
diavelmente condenado à morte!

BOMBARDA.

(De *A Medicina Contemporânea*, de 9 de julho de 1905.)

II

Camilo Castelo Branco e o sr. dr. Bombarda

Em um dos números recentes da *Medicina Contemporânea*, num artigo intitulado *Psicologia do sofrimento... nos que não sofrem*, o sr. dr. Miguel Bombarda, professor da Escola Médica de Lisboa e director do Hospital de Rilhafoles refere-se ao meu livro *Camilo Castelo Branco (esboço de crítica)* em termos que não prescindem de uma resposta.

Alguem, um dia, em polémica com êsse illustre psiquiatra, lembrou a frase de Barbey d'Aureville: «Il est des renommées qui durent par leur vague même; en les précisant, on les ruine» e nem eu sei que diabólica tentação me deu agora de pôr em epígrafe, do meu artigo essas palavras. Mas não; fugindo à análise da sua bizarra prosa, cheia de pretensão e de ridículo, e não tentando imergir no denso emaranhado da sua filosofia abstrusa, eu limitar-me-hei a demonstrar — e facilmente — qué o artigo do sr. Bombarda, afirmando coisas vagas que não prova, attribuindo-me asserções que nunca fiz, desprezando os pontos capitais do meu trabalho para limitar as suas referências a um ou outro pormenor de menos monta — longe de me convencer, longe de me dar uma lição que eu ávidamente escutaria, apenas veio apresentar em público o inesperado documento duma compreensão pouco lúcida e duma sciência pouco em dia.

O sr. Miguel Bombarda começa assim o seu libelo acusatório :

«O A. procura demonstrar que Camilo era um neurasténico, e para isso vale-se, e valha a verdade, do avolumamento de muito pormenor que não contém, longe disso, a significação que se lhe quer conceder. É assim que se faz um montão de fobias onde nem uma talvez se possa apurar: porque a verdade é que a fobia não é só o simples horror à doença ou à morte, porque então seria neurasténico, mais ou menos, todo o ser humano, do mesmo modo que não é fonóphobo quem não tem ouvido musical, como enfim se não acha possuído do neurasténico horror à luz aquelle que dela foge, fisicamente sofrendo dos órgãos visuais. Isto mesmo

ria de ser dito para toda a sintomatologia armada no livro em coisas verdadeiras, é facto, mas que só muito pela rama podem tomar à conta de fobias, obsessões ou delírios (grandeza, perseguição)».

E diz, mais adiante, definindo a obra :

«É o A., e como êle outros que cita, o padre Sena Freire, por exemplo, a tratar a Camilo como um doente de imaginação. Vê-se um homem a sofrer coisas temerosas e lançam-se à conta dum nosomaníaco e dum tanatofóbico. Que nosomania é esta quando a doença é muito rial e muito grave! e fóbico horror à morte é êste num doente certamente e inremediavelmente condenada à morte!»

De onde, o sr. Bombarda entende que toda a sintomatologia do meu livro está armada em bases que sua ex.^a poderia, quizesse, deitar a terra, mas que não deita para não assustar ninguém com o barulho; afirma que eu trato Camilo, não um doente de imaginação, quando é certo que lhe diagnostiquei duas doenças, pelo menos, e ambas graves; e dá a entender depois que a fobia nunca tem uma razão de ser essencialmente a justifique.

Se um aluno da Escola Médica apresentasse ao sr. Bombarda uma tese com conclusões do feitiço dessa e doutras e se lêem no decorrer do seu artigo, sua ex.^a tinha um dever profissional a cumprir: reprová-lo.

No livro *Les Obsessions e les Impulsions* de que são autores A. Pitres e E. Régis, o primeiro professor de Clínica Médica e o segundo encarregado do curso de Psiquiatria na Faculdade de medicina da Universidade de Bordeaux, vem mencionada uma fobia em que provavelmente sua ex.^a já oufalou: a *psicopatofobia*. Se o doente em que tal fobia se verifica fôr declaradamente um psicopata, o sr. Bombarda chamará: «Que psicopatofobia é esta num doente em que psicopatia é mais que demonstrada!» E comtudo, se o doente não fôr um psicopata, como se há-de explicar a existencia da fobia que é, sem dúvida um fenómeno de natureza patológica?

O sr. Bombarda sabe decerto que a fobia (dando ao termo a recepção científica) não é o horror normal, vulgar, que toda a gente: é o horror mórbido, justificado ás vezes fundamentalmente, mas nunca no seu exagêro nem na sua irracionalidade. O sr. Bombarda sabe decerto o parentesco que a fobia tem com a obsessão e sabe que Magnan define a obses-

são: «um modo de actividade cerebral em que uma palavra, um sentimento, uma imagem, se impoem ao espirito, independentemente da vontade com uma angustia dolorosa que a torna irresistível» e sabe decerto ainda que o mesmo enérgico professor do Asilo de Santana marcou para as fobias estes dois caracteres essenciais: a impossibilidade para o doente de vencer o sentimento de medo que experimenta em presença dum fenómeno, dum objecto ou de uma substância e o estado de consciência completa que acompanha êsse sentimento.

Assim, as observações do sr. Bombarda a respeito das fobias, que, feitas por um seu aluno, seriam simplesmente um disparate, velho latim de Horácio: «Quando que bonus dormitat Homerus». O sr. Bombarda por vezes não se limita a dormir: dorme—e ressona de tal modo que chega a encomodar os transeuntes.

Mas, no seu artigo, que é mais um fruto desse ressonar impertinente, o illustre psiquiatra lusitano atira uma afirmação, selenemente: Camilo não era um neurasténico», para demonstrar essa asserção, sua ex.^a opõe a toda a prova laboriosa e cuidadosamente feita do meu livro esta fantástica razão:

«Bastaria para o pensar, esta frase que êle escreveu: «Há quatro noites que apenas durmo instantes». Qual é o neurasténico que confessa que apenas dormiu instantes?»

Se o sr. Bombarda não escreveu isso zombando, deve-se-há dizer-lhe que foi duma infelicidade lamentável. Em que se funda o illustre psiquiatra para dizer que um neurasténico nunca confessa que dormiu instantes? Se sua ex.^a, para se original quizesse provar o contrário teria talvez mais argumentos. O neurasténico, em consequência mesmo da abulia que geralmente o caracteriza, foge das afirmações categóricas, absolutas. E' raro ouvi-lo dizer: «vou amanhã a tal parte», prefere formas menos positivas: «tencio do ir», «vou se Deus quizer». Uma afirmativa formulada com a mais absoluta certeza, por vezes, perturba-o com uma obsessão e não é raro inutilizar uma carta, por exemplo, para pôr uma nota de dúvida em qualquer coisa que categoricamente haja dito antes. Um neurasténico dirá mais facilmente «dormi apenas instantes» do que «não dormi um só instante». Mas pôde dizer duma fôrma ou de outra, que isso nada influe para um diagnóstico em termos. Afirmar o contrário, é uma subtilza do sr. Bombarda que só conseguirá *épater* alguns incautos admiradores das apreoadas prendas de sua ex.^a

O sr. Bombarda diz—e muito bem—que «não poderá ver dúvida para nenhum médico que Camilo era um atáxico». Eu não sou médico, mas também não tenho dúvida. Mas ex.^a escreve ainda :

«... a ataxia não é, como pensa o sr. Paulo Osório, um neurasténico ou que por qualquer modo se ligue a êste decimento.»

E, pouco depois :

«A verdade é que hoje, a bem dizer para todos os médicos, a ataxia locomotora, do mesmo modo que a paralisia geral, não é mais que um derradeiro golpe da sífilis.»

Em primeiro lugar eu nunca afirmei que a ataxia, ou mais propriamente, o tabes, fôsse um mal neurasténico. Admiti a possibilidade da associação das duas doenças e não a neurastenia como origem da predisposição que é o primeiro elemento etiológico tanto da paralisia geral como do tabes. Posso fazer tudo isso em boa companhia. Ch. Féré, este alienista francês, médico de Bicêtre, escreveu que a neurastenia pôde ser considerada como um estado mórbido, constituindo o terreno mais próprio para o desenvolvimento, não só das outras nevroses e vesanias, como das afecções orgânicas cérebro-espinhais, e Clavelier e A. Rémond, êste último professor de clinica das doenças nervosas na Faculdade de Toulouse, escreveram, nas adições à tradução do *Atlas de Jacob* : «A histeria é mais que um estado, é uma doença, uma doença por vezes mal distinta, dissimulada, mas sempre uma doença. A neurastenia, ao contrário, é um fundo comum, um terreno, uma predisposição mórbida no que ela tem de geral.»

Quanto ao papel etiológico da sífilis no tabes e na paralisia geral, eu não me dispensei de dizer ao sr. Bombarda o que actualmente se pensa a tal respeito e que sua opinião, pelo visto, ignora ou finge ignorar.

J. Virés, professor na faculdade de medicina de Montpellier, afirma a propósito do tabes, no seu livro sobre doenças nervosas (1902) : «A sífilis não é a causa exclusiva : é anti-científico pretender que sem sífilis não há tabes e inversamente.» Lancereaux diz que a influência da sífilis na etiologia do tabes é nula. Pierret, na sua memoria sobre a patogenia do tabes, apresentada em 1897 ao congresso de Moscou, afirma que os tabéticos são uns predispostos para a sífilis e

não inversamente, como pensa Fournier, Rémond, no seu livro *Meladies mentales*, publicado em 1904, dá o primeiro lugar à sífilis entre as causas da paralisia geral, não a admitindo porém num papel exclusivo. Grasset attribue ao tabes uma etiologia muito complexa, contrariando assim, é claro a opinião de Fournier. Charcot, Landouzy, Ballette Plinchor sustentam que a hereditariedade nervosa é a causa primordial da ataxia locomotora e que a sífilis, excessos de todos os géneros, traumatismo, etc., apenas representam o papel de causas determinantes. Féré faz notar quanto é falível a estatística em que os partidários da etiologia sífilítica assentam as asserções, por isso que, emquanto uns autores têm concluído, dos dados estatísticos, que a proporção de paráliticos gerais sífilíticos é de 0,7 ou 1,7, outros em face desses mesmos dados, sobem a percentagem a 93 por 100. Em artigos publicados no *Journal of mental pathology*, em 1903: *Sobre a paralyisia geral progressiva, segundo os estudos feitos no hospital Zemskoi de Kharkoff durante um período de dōz annos*, o dr. Greidenberg regista casos de paralisia geral em que a sífilis não entra como factor etiológico. Num *Ensaio sobre as investigações médico-estatísticas em 900 casos de paralisia geral* publicado pelo dr. G.-A. Diedoff em Agosto e Novembro de 1904 na *Obozrienie psykhiiatrii nevrologii experimentalnoi psykhologii*, êsse médico afirma que a paralisia geral é uma consequência do «surmenage» cerebral na luta pela vida; que a sífilis, o alcoolismo, a hereditariedade, nada mais são que factores da predisposição; que cada um desses factores não dá origem à doença senão combinado com outros ou graças à intervenção de fenómenos provenientes quer dum estado de fadiga, quer de outras causas ocasionais. Maurice Faure, no 13.º congresso dos médicos alienista e neurologistas de França e dos países de lingua franceza, realizado em Bruxelas, em Agosto de 1903, disse que a sífilis não exerce na génese e evolução do tabes uma influência essencial e exclusiva. A propósito da comunicação de Fournier sobre a *Paralisia geral da sífilis*, apresentada à Academia de Medicina de Paris nas sessões de 13 e 28 de Fevereiro dêste ano, travou-se, nas sessões de 7, 14, e 28 de março, uma grande discussão em que tomaram parte, além de Fournier, Joffroy, Raymond, Pinard, Halopeau, Lancereaux, Cornil, etc. Nessa discussão, Joffroy chegou a afirmar que a paralisia geral e a sífilis são duas afecções distintas, tendo cada uma a sua individualidade, a sua essência, e não podendo qualquer delas originar a outra, em virtude da sua diferente natureza.

Ora é depois de tudo isto que um sr. Bombarda, psiquiatra lisboeta, nos declara no seu jornal que, «*a bem dizer para todos os médicos*, a ataxia locomotora (ou tabes), do mesmo modo que a paralisia geral, não é mais do que um verdadeiro golpe da sífilis.»

Mas, depois de nos dizer que Camilo não era um neurastênico, o curioso alienista assim se exprime:

«Psíquicamente era outra coisa, que se me antolha, mas eu não quero pronunciar, porque não possuo o conhecimento bastante do homem nem da sua obra.»

Não deixando de notar que este modo de considerar um doente psíquica e fisicamente, em separado, contradiz os preceitos científicos de que o próprio sr. Bombarda se faz eco em outros pontos do seu artigo,—eu sinceramente lamento que sua ex.^a se não resolva a dizer o que, segundo o mesmo modo de vêr, Camilo era. Ninguém mais do que eu estaria conhecer a opinião de tão sábia personagem sobre um caso que muito me interessa, como de resto, segundo o meu juízo, deve interessar a toda a gente. Se o sr. Bombarda me mostrar que estou em erro, curvar-me hei vencido, e jubiloso ainda por ter feito surgir a opinião de tamanha autoridade médica sobre um dos maiores escritores do meu século.

Mas diga o sr. Bombarda o que é essa tal coisa. Não se me apegue a rogado; não leve para o túmulo consigo esse segredo. O Portugal está de olhos postos em sua ex.^a. É um dever do homem de ciência tornar pública tal revelação. E esse segredo, não será sua ex.^a tão mau que deixe de cumpri-lo.

PAULO OSÓRIO

(De *O Primeiro de Janeiro*, do Pôrto, de 2 e 3 de Agosto, 1905).

III

Oscilações

Em 9 de Julho appareceu na *M. C.* um artigo em que ao leitor se apreciava um livro do sr. Paulo Osório, intitulado *Camilo Castelo Branco. Esboço de critica*. Agora, em 2 e 3 de Agosto, apparecem no *Primeiro de Janeiro* dois artigos em

que o mesmo A. pensa rebater o que aqui foi escrito. O sr. Paulo Osório evidentemente deseja polémica. Ora nós temos simplesmente a dizer a s. ex.^a que não temos tempo para lhe ensinar, a êle que não é médico, nem o que sejam fobias, nem qual o estado da ciência na questão das relações da sífilis com a ataxia locomotora. Isto mesmo, há alguns mezes, antes da publicação do livro, tivemos de lhe dizer, quando s. ex.^a, depois de nos ter consultado sobre a sua ideia da ataxia nascendo dum fundo neurastênico, quiz abrir discussão por cartas, quando lhe afirmámos que a sua ideia não estava na ciência de hoje. Se o sr. Paulo Osório tiver meios de nos arranjar algumas horas mais para o nosso dia, muito lhe agradeceremos; tirar-nos minutos que sejam do nosso tempo para figurar em discussões com médicos é o que está de todo fóra do nosso programa.

Por isso, apenas diremos que sua ex.^a nem sempre pensou assim quando teve a tentação de pôr como epígrafe dos seus artigos alguma coisa que já nos tinha sido dirigida em polémica, por que de todo não demos, e é a frase de Barbey d'Aurevilly: «Il est des renommées qui durent par leur vague même; en les précisant on les ruine». Com efeito, em 17 de Junho último, ainda o sr. Paulo Osório nos fazia o favor de escrever em dedicatória do seu punho: «Ao Ex.^{mo} Sr. Miguel Bombarda com a mais alta administração pelo seu brilhantissimo espirito...».

M. B.

(De *A Medicina contemporânea*, de 13 de Agosto de 1905)

IV

A fuga dum psiquiatra

«Il este des renomées qui duren par leur vague même; en les précisante, ou les ruine.»

(*Palavras de Barley d'Aurevilly, citadas pelo sr. Mendes Martins em polémica com o sr. Miguel Bombarda*).

Na secção de *Variedades* do último número da *Medicina Contemporânea*,¹ o sr. dr. Miguel Bombarda fez inserir, sob o título de «Oscilações», estas palavras:

(*Segue a transcripção do artigo precedente*)

Precisemos os factos.

Eu apenas conhecia o sr. Bombarda de nome e como autor dum livro de vulgarização scientifica intitulado *A consciencia e o livre arbitrio*, quando sua ex.^a teve a amabilidade desenvolver e aplaudir ideias minhas, expostas num dos numeros das *Aguilhadãs*, em três longos artigos insertos na *Medicina*. Agradei em carta a que sua ex.^a respondeu declarando que lhe era «muito agradável acompanhar e aplaudir aqueles que trabalham em prol da nossa terra, tão amparada de todo o progresso» e que eu fazia «um grandioso serviço tocando nestas questões capitais para a nossa vida na sociedade civilizada». Tudo isso disse sua ex.^a, na sua qualidade solene de conselheiro Acáno, terminando por se comparar «com a maior consideração» meu admirador.

Tempos depois, tendo eu chegado às conclusões, que expuz no meu livro, sobre a nosografia de Camillo inquiri do sr. Bombarda se elle pensava a magna sciencia do sr. Bombarda e como, e se sua ex.^a me respondesse expondo ideias com as quaes eu não podia concordar de fórma alguma, respeitosa-mente lhe expuz, numa carta amabilissima, as minhas objecções. Sua ex.^a, que, no fim da sua primeira missiva, se de-

1. N.º 13 de Agosto último publicado na data em que este artigo foi escrito, data que dista 8 dias da de sua publicação, retardada pela falta de espaço, conforme foi dito em local do *Primeiro de Janeiro* do dia 20.

clarara «sempre ao *meu* dispôr e muito feliz por *me* vêr encerrar tão interessante assunto» e se confessava ainda meu «admirador obrigadíssimo», num simples cartão de visita me falou depois, desta maneira:

«Só hoje posso responder à sua carta e tenho muita pena de não o poder fazer como desejaria. Foi um esforço ter 10 minutos para os esclarecimentos que me pediu; agora seria impossível enviar-lhe novos porque seriam precisos largos desenvolvimentos. Apenas lhe digo que se quizer pôde publicar as suas afirmações».

No fim desse bilhete, o sr. Bombarda dizia-se apenas «muito atento e venerador». Desde que discordei das suas opiniões, sua ex.^a deixou de me admirar. O que eu perdi!

O sr. Miguel Bombarda, todo impando a sua magisterática magestade, vem agora de novo declarar que não tem tempo, — expediente que sua ex.^a usa, pelo visto todas as vezes que se engasga. E diz mais que não sou médico e que, à custa de discussões com médicos como sua ex.^a, pretendo figurar. E' uma esperteza salcia, que não colhe.

Em primeiro lugar, se o sr. director de Rilhafoles rebatesse triunfantemente o que afirmei, a figura que eu fazia era bem triste; em segundo lugar, notarei que, nos meus artigos, me abstive de expôr a descoberto ideias minhas.

No seu primeiro artigo, o sr. Bombarda, depois de várias calinadas de caloiro sôbre fobias e neurastenia, declarou que «hoje, a bem dizer para todos os médicos, a ataxia locomotora, do mesmo modo que a paralisia geral, não é mais que um derradeiro golpe da sífilis». Não lhe disse se sim ou não realmente a ataxia, do mesmo modo que a paralisia geral, é o tal último golpe. Limitei-me a provar-lhe irrefutavelmente que, ao contrário da afirmação de sua ex.^a, nem todos os médicos pensam de tal modo.

Se é certo que hoje se atribue à sífilis um papel importante na etiologia do tabes e da paralisia geral certo é também que, no modo de vêr da maior parte dos psiquiatras, êsse papel não é de fôrma alguma essencial e exclusivo. Já citei muito em comprovação do que afirmo, e posso citar ainda mais. Depois de publicado o meu artigo, tive ocasião de lêr na integra os discursos de Fournier, pronunciados na Academia de Medicina de Paris em sessões de Fevereiro e

arço do ano corrente, e pude vêr que, entre os muitos aures que o orador citou em abôno das suas opiniões, só um deu a afirmação de que a paralisia geral é «uma afecção de origem exclusivamente sifilitica.». E sabem quem foi esse autor? Um portuguez que falou há dois anos, no congresso de medicina de Madrid :—o sr. dr. Bombarda.

O que Fournier não disse—porque lhe não convinha—é que, nesse mesmo congresso de Madrid, um illustre psiquiatra, nosso compatriota tambem, o sr. dr. Magalhães Leões—se levantou rebatendo as afirmações do sábio lisboeta declarando, apoiado em observações suas e do seu eminente colega sr. dr. Júlio de Matos, que não podia admitir a opinião de que todos os paralíticos gerais fossem sifiliticos. E resto, já o illustre director do Hospital do Conde de Ferreira, no seu livro *A Loucura*, fala de paralisias gerais sem precedentes sifiliticos e menciona incidentemente um caso publicado por Tuczek e em que tais precedentes tambem se não servam.

A questão, porêem, não merece mais detença, já que o sr. Bombarda não hesita em dar a público dislates, mas não tem tempo para responder a quem lhos os contraria.



Diz o sr. Bombarda que eu registei numa dedicatória as qualidades fulgentes do seu espírito. Não o contesto. O espírito de sua ex.^a indubitavelmente brilha. Mas brilha como diamantes do «Bera» da esquina da rua Nova do Carmo do Chiado : à custa das lamparinas que em redor os alumam. Os diamantes da loja são de vidro e espelho, o espírito de sua ex.^a é de pechisbeque.

Tinha o sr. Bombarda agora um ótimo ensejo de fazer obra útil e de demonstrar que tudo isto não passa duma aleijania que só o meu azedume e a minha vaidade ferida justificam. Sua ex.^a, disse que, a seu vêr Camilo, psiquicamente, é uma coisa diversa daquilo que eu pensava. Convidei-o a dizer qual é a coisa qual é ela que o grande e infelizmente Camilo foi em sua alma. Invoquei a bondade do sr. Bombarda, os seus indeclináveis deveres de scientista ; e sua ex.^a, vez de responder, pôsse a fugir.

Sr. dr. Miguel : venha cá ; diga o que pensa diga sem medo, que ninguem lhe fez mal, se fôr tolice ! Pois não vê sua ex.^a, que, se eu sei quão profunda e copiosa é a sua sciência, outro pode vir menos instruído e que, em frente ao si-

lêncio de v. ex.^a, desprezando os seus títulos, os seus cargos e as suas honrarias, se lembre de lhe chamar parlapatão?

PAULO OSÓRIO.

(De *O Primeiro de Janeiro*, de 23 de Agosto de 1905).

NOTA G

A sífilis e o tabes

A primeira edição d'êste livro appareceu em 1908. Depois dessa data, tive occasião de me consagrar durante algum tempo ao estudo, sob o ponto de vista experimental, de algumas doenças nervosas que até então só conhecia pelos livros. Ouvi em Paris as lições de alguns professores illustres como o dr. Banský e o dr. Roubinovitch director do Bicêtre. Vi, neste último hospital, algumas centenas de paralíticos raais, e a paralisia geral é, como se sabe, sob o ponto de vista etiológico, uma parente proxima do tabes. Confesso que, nessa - como em quasi todas as doenças graves do sistema nervoso, a sífilis e o alcoolismo apparecem como factores etiológicos duma importancia capital.

Quando um doente se apresenta na consulta dum alienista, êste pergunta-lhe inevitavelmente:

— Quando teve o senhor a sífilis?

E, se elle diz que nunca a teve (*E isso pôde ser verdade*) uma outra pergunta se succede:

— Qual era o seu aperitivo preferido?

A sífilis e o alcoolismo são ainda os grandes fornecedores dos manicómios, e é possível encontrá-las

na origem próxima ou remota de todas as outras misérias orgânicas do sistema nervoso que não atingem directamente a saúde mental.

Quando discuti com o dr. Bombarda a doença de Camilo, não contestei a importância enorme da sífilis na etiologia do tabes e da paralisia geral. Defendi apenas a opinião de que o diagnóstico do tabes era possível sem o diagnóstico da sífilis.

Recentemente, expuz a questão a um eminente alienista francês e eis os termos em que elle me respondeu:

«—Até 1896, data dos trabalhos de Fournier sobre as relações do tabes com a sífilis, os autores invocavam como causas da degeneração dos cordões posteriores da medula (lesão dominante nesta doença dos centros nervosos): a diatese reumatismal ou herpética, o traumatismo do rachis, a hereditariedade. . . Depois dos trabalhos de Fournier e, mais tarde, d'Erb, a sífilis é considerada pela maioria dos médicos como o factor principal na etiologia da ataxia locomotora. Um facto me parece certo: é que a sífilis é extremamente frequente nos antecedentes (pessoais ou hereditários) dos tabéticos.»

Deduzir dêsse facto, como possível, a existência de relações de causa a efeito entre a infecção sífilítica e o tabes não é anti-científico. Entretanto a existência do tabes sem sífilis continúa a ser admitida por muitos médicos.

Afirmei neste livro não ter elementos que me permitissem dizer que Camilo foi um sífilítico. «Da sífilis, escrevi, não se me depara o mínimo indício. Camilo, tão useiro em contar e em exagerar os seus males físicos, não fala dela: o que, de resto, é explicável porque elle tinha ainda o cuidado romântico de cobrir com o manto discreto do lirismo as misérias rialistas do amor».

Ora em 1914 o snr. António Cabral publicou um

vro intitulado *Camilo de perfil*. Nesse livro vêm reproduzidas algumas cartas do romancista, entre as uma (pág. 151) endereçada ao editor portuense duardo da Costa Santos em Março de 1885. Transcrevo um *post-scriptum* dessa carta :

«Suspendi o depurativo do Dr. Quintella por que e exacerbava os padecimentos. Peorei da vista e da audição dos ouvidos. Dores de cabeça; maior prisão de ventre e maior prostração. Não escrevo ao Dr. para não incommodar. Vou fazer presente dos 3 frascos de uns syphiliticos que por aqui gemem os seus padecidos».

A prova que essas palavras encerram está longe de ser decisiva. O medicamento Quintella é um depurativo e pôde-se tomar um depurativo sem se ser syphilitico. Mas há aí incontestavelmente um indício que me parece interessante registrar.

NOTA H

Eça e Camilo

Em 1912 foi publicado um livro postumo de Eça de Queiroz: Últimas paginas (Manuscritos inéditos). Nesse livro figura uma resposta do seu autor a um artigo de Camilo que lhe diz respeito e que citei. A transcrição, que vai fazer, da Carta do autor da Correspondencia de Fradique Mendes ao grande romanista completará essa citação:

Ex.^{mo} Sr.

Um tardio correio trouxe-me ontem um numero já quasi velho, das *Novidades*, com um artigo, *Nota à Profissão dos Moribundos*, em que V. Ex.^a resmungando e rabujando, se queixa ao Publico de que eu e os meus amigos implicamos *consigo*, sempre que isso vem a talho de fouce, e lhe assacamos alei vosias. Como exemplo deste indecoroso habito, cita V. Ex.^a um periodo da minha carta a Bernardo Pinela nos *Azulsios*, em que eu alegremente me rio dos discipulos do Romatismos que, depois de clamarem contra certos escritôres como realistas e chafurdadores do lôdo, apenas imaginam que o publico se êsse logo apetece para seu consumo intelectual se

pressam a escrever na capa dos seus livros *romance realista*, para que o Público, aliciado pelo título, os compre também a eles, e os leia também a eles... E V. Ex.^a, meu caro confrade, acrescenta logo com a mais consciente certeza: «Ora isto é comigo!»

Suponha que um dia, numa novela, V. Ex.^a desceve, com o seu vernáculo e torneado relevo, certo animal de longas orelhas felpudas, de rabo tosco, e anca surrada pela albarda, que orneia e que anda em Cacilhas.. E suponha ainda que, ao ler essa colorida pagina, eu exclamo, apalpando-me curiosamente por todo o corpo: «Grandes orelhas, bo toseco, anca pelada... E' comigo!» Que diria V. Ex.^a, meu presado confrade?

V. Ex.^a balbuciaría aturdido: «Eu não sei, eu vivo apegado... Se as suas orelhas são assim longas, e se seu albardão o despelou, ha realmente concordancia... Mas, na verdade, creia que, mencionando esse animal veneravel, não me raiou no animo a mais leve, remota intenção...» Assim, embaraçado e surpreso, diria V. Ex.^a. E assim eu digo—V. Ex.^a deve conhecer melhor do que eu, que sou distraído e vivo apegado, as capas dos livros: se V. Ex.^a para atrair multidão, nelas colou, ou consentiu que os seus editores colassem, esse rotulo: *romance realista* — para não poderem legalmente adorna-las com esse outro mais cativante: *romance obsceno* — então de certo aquilo é consigo. Mas a intransigente verdade a força a confessar que, escrevendo esse periodo de carta a Bernardo Pindeia, eu não pensava no autor da *Corja*. Se eu quizesse acusar dessa objecta necessão ás exigencias da venda um homem que há tantos anos é illustre na literatura portugueza — teria omitto o nome todo de V. Ex.^a sem omitir um só rotulo. Ha personalidades a quem por isso mesmo

que são fortes, se não alude timoratamente e de longe. Já dêsse modo se pensava na Côte d'El-Rei Artur. «Se queres falar de Percival, dizo bem alto Percival, e tira a espada.» Assim gritava esse Cava-leiro, flôr dos bons, na velha cidade de Carmerlon uma tarde em que havia algazarra e ciumes junto á Tavola Redonda. Não se trata, de certo, aqui, de compridas espadas a desembainhar. Mas não deixa de ficar bem a um debil homem de letras, como eu, o seguir essa lição de lealdade e valôr dada pelo possante homem de armas Percival.

Assim o exemplo aduzido por V. Ex.^a para demonstrar o meu escandaloso habito *de implicar consigo* — é realmente mal escolhido. Mas permaneço, todavia, a queixa feita ao publico com tanta rabuje e tanto azedume, de que — *eu e os meus amigos, sempre que isso vem a talho de fouce, lhe assacamos aleivosias*.

Aleivosia é um termo formidavel e sombrio que se me não engana o vestuto e unico Dicionário que me ampara nesta dura labutação do estilo, significa — «maldade cometida traiçoeiramente com mostras de amizade, insidia, perfidia, maquinação contra a vida e a reputação de alguém, etc.» Tudo isso é pavoroso. Mas eu sponho que, sob essas vagas palavras *de implicação e aleivosia*. V. Ex.^a quer muito simplesmente queixar-se de que eu e os meus amigos o não consideramos um escritor tão illustre, com um tão alto logar nas letras portuguezas como o costumam considerar os amigos de V. Ex.^a. Ora aqui V. Ex.^a se ilude singularmente.

Eu nunca tive, é certo, a oportunidade deleitavel de apreciar, nem em copioso artigo, nem sequer em curta linha, a obra de V. Ex.^a. Mas sou meridional, portanto loquax. Por vezes, entre amigos fumando a *cigarette* tem vindo «a talho de fouce» conversar sobre a personalide literaria de V. Ex.^a

E, louvado seja Apolo auri-nitente sempre me exprimi sobre o autôr do *Esqueleto*, dum modo que é irrecuavelmente mais digno dele e da sua obra do que esse outro estranho modo por que o costuma decantar aqueles que se ufanam, já na palestra, já na imprensa, de serem seus amigos e seus discipulos.

Porque eu, falando de V. Ex.^a; considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de vêr o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua arte de composição, a fraqueza ou a força do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva em V. Ex.^a o ardente Satirico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses, admiram apenas em V. Ex.^a, êcamente e pêcamente, o *homem que em Portugal conhece mais termos do Dicionario!*

Sempre, «a todo o talho de fouce», em artigo, em local, em annuncio de partida, em felicitação de dia de anos, V. Ex.^a é pelos seus discipulos e amigoslouvaminhado e turibulado — como o grande homem do Vocabulo, esteio forte da Prosodia, restaurador da Ordem gramatical, supremo arquiteto das frases arcaicas, acima de tudo castigo, e imaculadamente jurista! E ainda mais na intimidade, os amigos de V. Ex.^a o celebram como o homem que *melhor sabe descompor o seu semelhante!* E isto tão obstinadamente murmurado ou clamado, que esta geração mais nova, para quem já vou sendo um velho e V. Ex.^a quasi um fantasma, não tendo como eu e os do meu tempo lido e chorado sobre os seus livros de paixão e de honra, o imaginam a V.^a Ex.^a um intoleravel a carrra, de capote de frade, debruçado sobre um secento Lexicon, a respingar termos absolutos para com eles apedrejar todos os seus conterraneos!

A V. Ex.^a, crítico sagaz de si mesmo, melhor

competete avaliar o que, neste vale de prosa e lagrimas, tem feito para merecer que os seus amigos, como os amigos de Cesar no dia das Lupercaes, teimem em lhe enterrar até aos hombros esta dupla e pesada coroa da *vernaculidade* e da *descompostura*.

A mim se me compete lamentar que a estas mo-finas proporções tenha sido reduzido, pelo zelo crítico dos seus amigos, a larga individualidade que nos deu o *Amor de Perdição*. Mas ao mesmo tempo adquiero o direito de rogar a V. Ex.^a que, quando se queixar aos ventos e ao Chiado das pessoas que *implicam consigo*, como V. Ex.^a diz, ou que *desdouram a sua gloria*, como eu traduzo, não se volte para mim e para os meus amigos—mas olhe em torno de si para os seus admiradores, e para dentro de si mesmo, talvez.

A guerra de *realistas* e *idealistas*, causa primordial destas explicações, tornou-se já quasi tão desinteressante e sedição, meu presado confrade, como a guerra dos Classicos e Romanticos, e das Duas Rosas, ou essa outra que, para vantagem unica dos livreiros que editam Homero, dous povos semi-barbaros tiveram a paciencia de arrastar dez anos em torno de uma vila da Asia-Menor murada de adobe e tijolo. Renovar tão antiquada guerra nas Gazetas é já um acto imperdoavelmente provinciano: mas mais provinciano ainda é estarmos nós aqui, com grãos de incenso nas mãos, e pedras nas algibeiras, fazendo, através do grande mar, mutuas e lentas mesuras. V. Ex.^a, de lá, dentre os seus sinceros arvoredos minhotos, ajanota as suas frases pelos figurinos de Filinto Elisio, para me dizer gaguejando, e com agri-doce generosidade: «O meu caro amigo tem muito talento, com excepção de escrever muita tolice». E eu de cá, mais perfido, porque habito às cidades, grito sem gaguejar, e com polida efusão:—«E o meu

aro amigo tem ainda muito mais, sem excepção absolutamente nenhuma».

E' infantil. Antes desperdiçassemos o nosso tempo preguiçando patriarqualmente, neste dôce calor de Junho, sob a figueira e a vinha... Mas quê: V. Ex.^a, que estava brincando funebremente, a fazer o sealho, com tochas de fosforos, uma procissãozinha de moribundos, ergue-se de repente, corre para o Publico, mesmo sem tirar o babero, e acusa-me, entre lagrimas de furôr, de *estar sempre a implicar consigo!*

Que havia eu de fazer, eu inocente e justo? Corro tambem para o Publido, mesmo de jaquetão de trabalho, e brado profusamente com as mãos sobre o peito: «Nunca; E' falso; Jamais impliquei com ele, e não lhe quero senão bem!»

A culpa de toda esta inutil prosa é portanto toda tua; e para que ela se não prolongue mais, apressa-me presado confrade, a dizer-me

De V. Ex.^a

Sincero e antigo admirador

Eça de Queiroz

NOTA I

Lista das obras originaes de Camilo, pela ordem cronol6gia da sua publicação, segundo os elementos fornecidos pelo snr. Henrique Marques, na sua excelente «Bibliographia Camiliana».

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Género literário	Observações
1	1845	Os pundonores desagradados.	Poemeto satirico.	Nesta sua primeira produção impressa, Camilo, faz troça dum projectado duelo entre dois condiscipulos seus daquelle época.
2	1846	O Juizo Final; e o Sonho do Inferno.	Poemeto satirico.	«...para de uma asentada dizer mal de toda a gente—escreve Camilo no prólogo do <i>Ao Anoiterer da vida</i> referindo-se a essa sua sátira—escrevi e publiquei um <i>poema</i> , em que descrevia a vida que viviam no inferno todas as classes da minha antipatia».
3	1847	Agostinho de Ceuta.	Drama	Esta primeira compo-

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
4	1848	Maria! Não me mates que sou tua mãe!	Narrativa	<p>sição dramática de Camilo, cuja primeira edição trás a dedicatória: «A seu tio João Pinto da Cunha, por um dever» anda ligado à aventura amorosa com Patrícia Emilia. Para que ela o ouvisse, improvisou Camilo em Vila Real um teatro onde o drama se representou,</p> <p>«Uma viuva, Matilde do Rosário da Luz, que morava em Lisboa na travessa das Freiras n.º 17—conta o snr. Alberto Pimentel, no <i>Romance do romancista</i> — tinha duas filhas uma das quais se chamava Maria José. Esta rapariga enamorou-se dum rapaz chamado José Maria, o qual foi pedi-la em casamento. Desde esse dia, Matilde do Rosário admitiu em sua casa José Maria, que abusou da intimidade. Maria José appareceu grávida. A mãe, indignada, ameaçou ir denunciá-la ao regedor. Maria José, segundo se dizia então, fôra aconselhar-se com o amante, que, por supôr que Matilde era rica, induzia a</p>

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
				filha a assassiná-la. Maria José aceitára o conselho e matára a mãe à facada. A pobre velha, quando a filha investiu desumanamente com ela, em vão apelou para os sentimentos de piedade e ternura filiais: <i>Maria não me mates que eu sou tua mãe.</i> » Falando do caso Tomás Ribeiro afirmou que o crime fôra falsamente atribuído à filha da assassinada. Em todo o caso Camilo explorou sentimentalmente o assunto, recebeu em cobre o preço do trabalho e, como ao sr. Alberto Pimentel elle próprio confessou, foi grande a sua satisfação quando em casa começou a despejar as algibeiras atulhadas de patacos.»
5	1848	A Murraça	Poemeto satírico.	Camilo mete a ridículo um conflito entre o padre João Bernardo, intimo do conde de Tomar e o arcediogo Almeida Pinheiro, irmão do barão de Grimancelos.
6	1849	O marquez de Torres Novas.	Drama	A primeira edição dêste drama era oferecida «à ex.ma sr.ª D. Ma-

ordem	Data da 1. ^a edição	Título	Gênero literário	Observações
				ria Felicidade de Couto Browne.» Conta Vieira de Castro que a <i>Censura dramática</i> , que ao tempo ainda existia no Porto, sentenciou assim sobre a peça de Camilo: «Não poderá representar-se o drama <i>Marquez de Torres Novas</i> emquanto o seu autor não emendar com letras maiúsculas a palavra <i>rei</i> que teima sempre em escrever com <i>r</i> pequeno.»
7	1849	O caleche	Opúsculo político	
8	1850	O clero e o snr. Alexandre Herculano	Crítica	
9	1851	Inspirações	Poesias líricas.	Uma dessas poesias é a <i>Harpa do sético</i> .
0	1851	Anatema	Romance	
1	1852	Salvé, Rei!	Poesia de saudação.	Inspirada pelo casamento de D. Miguel de Bragança.
2	1852	Relevações	Opúsculo	Este trabalho, publicado sem o nome do autor, refere-se a uma questão de família, entre o conde do Bolhão e sua

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
				mulher. Conta Ramalho Ortigão, no <i>Estúdo crítico</i> que precede a edição monumental do <i>Amôr de Perdição</i> : «Espancado na rua de Santo Antonio em reivindicação de um artigo de jornal contra a família Constantini, então em demanda com a família Bolhão, Camillo, já por terra, com uma larga ferida na cabeça, antes de ser levado para casa do alfaiate Augusto de Moraes, desfechou ao peito do agressor um tiro de que êle escapou pela circunstância de trazer em couraça um espesso colete de peles.»
13	1852	Hossana!	Poesias religiosas	Êste opúsculo foi a origem duma polémica entre o autor e o professor portuense Amorim Viana.
14	1854	Um livro	Poesias líricas	
15	»	Doas épocas na vida	Poesias líricas	Êste volume contém as poesias do <i>Hossana</i> e outras divididas em duas partes: <i>Preceitos do coração</i> e <i>Preceitos da consciencia</i> , que um editor mais tarde publi-

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Género literário	Observações
16	1854	Folhas caídas apanhadas na lama	Poesias satíricas	cou em volumes separados.
17	»	Mistérios de Lisboa (3 vol.)	Romance	
18	»	À Signora Laura Geordane	Poesia de saudação.	5 quadras distribuídas no teatro S. João, na noite do benefício da cantora.
19	»	À Senhora Laura Geordano	Poesia de saudação	Um soneto distribuído na mesma ocasião
20	1955	A filha do Arcediago	Romance	
21	»	Scenas contemporaneas	Miscelânea	Romances, poesias, um drama, narrativas históricas, etc. Camilo publicou vários livros d'êste genero, que figurarão nesta lista sob igual designação genérica. No romance <i>A Caveira</i> aparece a scena de Maria do Adro,
22	»	Livro negro do padre Diniz	Romancee	Continuação dos <i>Mistérios de Lisboa</i>
23	1856	A neta do Arcediago	»	Continuação da <i>Filha do Arcediago</i>
24	»	Onde está a felicidade?	»	

N.º do ordem	Data da 1.ª edição	Título	Género literário	Observações
25	1856	Um homem de brios	Romance	Continuação do prece- dente
26	»	Justiça	Drama	
27	1857	Duas horas de leitura	Miscelânea	
28	»	Lágrimas abençoadas	Romance	
29	»	Espinhos e flores	Drama	
30	»	Purgatório, e paraizo	»	
31	»	Scenas da Foz	Romance	
32	1858	Carlota An- gela	»	
33	»	Vingança	»	
34	»	O que fazem as mulheres	»	No fim do romance vem a primeira poesia oferecida por Camilo a Ana Plácido, designada por <i>Ludovina</i>
35	1861	Abençoadas lágrimas!	Drama	
36	»	O Morgado de Lisboa em Fafe	Comédia	
37	»	Dôze casa- mentos felizes	Romance	

Data da 1. ^a edição	Título	Género literário	Observações
1861	O romance dum homem rico	Romance	Um dos personagens dêste romance de Camilo é uma ovação do padre Antonio de Azevedo, que foi na Samardan, o primeiro educador do romancista
»	Poesia ou di- nheiro?	Drama	Este drama já tinha sido incluído em 55 no volume das <i>Scenas Contemporâneas</i> . Menciono-o aqui, por- que êle desapareceu das edições subsequêntes dêsse livro correndo de- pois impresso em sepa- rado. Nesse drama re- produz-se ao que se diz, a história do casamento de Ana Plácido, que lá aparece sob o nome de <i>Henriqueta</i>
1862	As três irmãs	Romance	
»	O último acto	Drama	Diz-se que êste dra- ma reproduz uma das scenas da agitada vida do romancista. E' natu- ral; tanto mais que lá aparece Ana Plácido, já sem o disfarce de qual- quer pseudónimo, mas apenas designada pelos seus nomes de baptis- mo: <i>Ana Augusta</i>

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
42	1862	Amôr de perdição	Romance	E' ocioso recordar que êste vulgarizadíssimo romance é todo baseado em episódios em que figuram pessoas da família de Camilo. Foi escrito na cadeia. Este livro representa o maior successo de livreria que até hoje se tem registado em Portugal. Vai na 15.ª edição o que em cálculo aproximado, nos autoriza a supor que dele já se hajam consumido cerca de 45 000 exemplares. E isto entre nós é extraordinário.
43	»	Memórias do cárcere (2 vol.)	Impressões e narrativas	
44	»	Coisas espantosas	Romance	Nos <i>Amôres de Camilo</i> , o sr. Alberto Pimentel pretende que o primeiro capítulo dêste romance se encontra, sob o resguardo de nomes supostos, a melhor biografia da mãe do romancista.
45	»	Coração, cabeça e estômago	»	Diz, também nos <i>Amôres de Camilo</i> , o sr. Alberto Pimentel: «No livro <i>Coração, cabeça e estômago</i> , (última parte de <i>Estômago</i>) há rui-

Grêm	Data da 1. ^a Edição	Título	Gênero literário	Observações
5	1862	Estrêlas funestas.	Romance	recordações, posto que já diluídas num soluto de ironia, dos amores e do casamento de Camilo, com Joaquina Pereira. Salvas a idade, a côr dos cabelos, o não saber lêr, e alguma fantasia no vestir, a Tomásia do livro é a Joaquina da realidade.»
	1863	Anos de pro- sa	»	Aqui aparece mais uma vez Ana Plácido com o nome com que Camilo a cantou em verso várias vezes: <i>Raquel</i> .
8	»	Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado	»	
»	»	O bem e o mal	»	
»	»	Estrelas propícias	»	
»	»	Memórias de Guilherme do Amaral	»	Continuação dos romances <i>Onde está a felicidade?</i> e <i>Um homem de brios</i> .
»	»	Noites de Lamego	Miscelânea	

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
53	1863	Scenas innocentes da comédia humana	Miscelânea	Neste livro encontram-se mais uma vez insistentes e claras referências ao caso de Ana Plácido.
54	»	Agulha em palheiro	Romance	
55	1864	Amor de salvação	»	
56	»	A filha do Doutor Negro	»	Diz-se que o protagonista d'este romance veio realmente no Pôrto. O sr. H. Marques registou esse facto.
57	»	No Bom Jesus do Monte	Impressões e narrativas	Os trechos autobiographicos do autor occupam largo espaço neste livro. Ana Plácido passa a occupar-se nele <i>Adriana</i> .
58	»	Vinte horas de leticia	Romance	
59	1865	Divindade de Jesus e tradição apostólica	Escritos religiosos	Os artigos que compõem este volume haviam sido publicados nos jornais em 52 e 54.
60	»	Esboços de apreciações literárias	Crítica	

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero Literário	Observações
61	1865	O esqueleto	Romance	Neste livro, aparece de novo a narrativa do episódio da Maria do Adro.
62	"	Horas de paz	Escritos religiosos	A maior parte dos artigos incluídos neste livro tinham sido também publicados em jornais na mesmo período dos da <i>Divindade de Jesus e tradição apostólica</i> .
63	"	Luta de gigantes	Romance	
64	"	O Morgado de Fafe amoroso	Comédia	
65	"	A sereia	Romance	
66	"	Preceitos do coração	Poésias líricas	É o 1.º vol. da 2.ª ed. das <i>Duas épocas da vida</i> , constituindo também vol. autónomo.
67	"	Preceitos da consciencia	Poesias líricas	É o 2.º vol., nas mesmas condições do precedente.
68	1866	A engeitada	Romance	
69	"	O Judeu (2 vols.)	"	O protagonista d'este romance histórico é o escritor português do século XVIII, Antonio José da Silva, <i>O Judeu</i> , morto nas fogueiras do Santo Officio.

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
70	1866	O Olho de vidro	Romance	
71	"	A queda dum anjo	"	O protagonista dêste romance satírico é ao que parece, um conhecido personagem que occupa lugar distinto no episcopado portuguez.
72	"	O santo da montanha	"	
73	"	Vaidades ir- ritadas e iritan- tes.	Crítica	Foi a contribuição de Camilo para a célebre Questão Coimbrã.
74	1867	A bruxa do Monte Córdova	Romance	
75	"	A doida do Candal	"	
76	"	Cavar em ruínas	Miscelânea	
77	"	Cousas leves e pesadas	"	
78	"	O Senhor do paço de Ninães	Romance	
79	1868	Mosaicos e silva de curiosi- dades históricas, literarias e bio- gráficas	Miscelânea	A publicação dêste livro deu origem a uma questão judicial e, anos depois, a uma escandalosa polémica entre o autor e o editor Anselmo de Moraes. Vêr <i>Noites de Insonia</i> .

Ordem	Data da 1.ª edição	Título	Género literário	Observações
0	1868	Misterios de Fafe	Romance	
1	»	O retrato de Ricardina	»	
2	»	O sangue	»	
3	»	As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis. — Um poeta portuguez... rico!	Misceclânea	
4	1869	Os brilhantes do brasileiro	Romance	
5	1870	D. Antonio Alves Martins Bispo de Vizeu	Esbôço biográfico	
6	»	O condenado	Drama	Este drama foi escrito a propósito da tragédia de que foi protagonista José Cardoso Vieira de Castro, a quem ele é dedicado. Juntamente com este drama, que tem três actos e quatro quadros, publicou-se um outro em um acto, <i>Como os anjos se vingam</i> que, mais tarde, foi posto á venda em separado.

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Género literário	Observações
87	1870	A mulher fatal	Romance	Diz o sr. H. Marques que «ao que parece este romance não é de pura fantasia mas simplesmente a narrativa dum historia verdadeira».
88	»	Teatro cómico	Comédia	As duas comédias que compõem este volume — <i>A Morgadinha do Val de Amores e Entre a Flauta e a Viola</i> — foram depois vendidas em separado.
89	1871	Voltareis, ó Cristo?	Narrativa	Ainda a propósito do caso Vieira de Castro
90	1872	A infanta capelista	Romance	Escreve o sr. H. Marques: «Está incompleto este romance, que é incontestavelmente o livro mais raro de Camilo; a história dele creio ser a seguinte: Estava Camilo escrevendo quando foi visitado pelo sr. D. Pedro II, ao tempo Imperador do Brazil; este augusto personagem informou-se de qual assunto do romance — um escândalo da casa de Bragança — e muito naturalmente pediu ao autor que não o continuasse. Camilo acedeu, participou ao dono da imprensa que era preciso inu-

ordem	Data da 1. ^a edição	Título	Género literário	Observações
				<p>lizar as folhas impressas, e este carregou com elas uma carroça que mandou para casa do autor; Camillo—conta-se—não sabendo o que fazer de tanta papelada deu-a ao seu barbeiro, que tratou logo de a passar a patacos, vendendo-a a um merceiro da rua de Santo António. A que estava destinado um livro de Camillo! Embrulhando açúcar, café e outras especialidades da tenda, as folhas da <i>Infanta</i> iam desaparecendo, até que algumas foram parar ás mãos de gente esclarecida, que tentou por cobro à profanação. Foi porem tarde, porque apenas meia dúzia de exemplares completos (as 128 páginas publicadas) se conseguiu apurar. Passados meses, Camillo, arrependido talvez do sacrilégio que tinha cometido, inutilizando a sua obra, reimprimiu-a e completou-a em volume, mudando-lhe os nomes de alguns personagens, alterando ligeiramente a fôrma, arredondando certos períodos, e deu-no-la inteira no <i>Carrasco de Vitor</i></p>

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Género literário	Observações
				<i>Hugo José Alves</i> , cuja protagonista, se não é perfeitamente uma <i>Infanta capelista</i> , é, como em algures disse, uma <i>Infanta luveira</i> , da rua Nova da Palma, em Lisboa. Eis como me contaram varios amigos de Camilo, a curiosa história do mais raro livro do glorioso romancista».
91	1872	O carrasco de Vitor Hugo José Alves	Romance	Ver <i>obs.</i> precedente.
92	»	Livro de consolação	Romance	Ainda a propósito do caso Vieira de Castro. Parte desse romance saiu no <i>Primeiro de Janeiro</i> , com o título de <i>Espectro de desgraçados</i> .
93	»	Quatro horas inocentes	Miscelânea	
94	»	A espada de Alexandre	Opúsculo satírico	Vem reproduzido na <i>Boémia do espirito</i> .
95	1873	O Visconde de Ouguela	Perfil biográfico	
96	73-74	O Demónio do Ouro (2 vol.)	Romance	
97	1874	Ao anoitecer da vida	Poesias líricas	

Data da 1. ^a edição	Título	Gênero Literário	Observações
1874	Correspondência epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco	Cartas e anotações	
"	Noites de Insónia (12 vols.)	Miscelânea	Publicação mensal
"	O regicida	Romance	
1875	A filha do regicida	"	Continuação do precedente.
75-76	A caveira da mártir.(3 vols.)	"	Continuação dos precedentes.
75 77	Novelas do Minho (12 vol.)	Romance	Publicação mensal
1876	Curso de literatura portuguesa	História literária	Continuação e complemento do <i>Curso de literatura portuguesa</i> por José Maria de Andrade Ferreira.
1879	Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros	Compilação e comentário	
"	Os críticos do Cancioneiro alegre	Polêmica	
"	Sentimentalismo e história	Miscelânea	Vem incluído neste volume o romance <i>Eusébio Macário</i> , que nunca

N.º de ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
108	1880	Suicida	Narrativa	se publicou em separado Já publicada nas <i>Noites de Lamego</i> com o título de <i>A formosa das violetas</i> .
109	»	Luís de Camões	Nótas biográficas	É o prefácio da 7.ª ed. do <i>Camões</i> de Garrett. Foi depois também incluído na <i>Boémia do espírito</i> .
110	»	História e sentimentalismo.	Miscelânea	Vem incluído neste vol. o romance <i>A corja</i> , continuação de <i>Eusébio Macário</i> , que também nunca saiu em volume autónomo.
111	»	Ecos humorísticos do Minho (4 opúsculos)		
112	»	A senhora Rattazzi	Crítica	Reproduzida na <i>Boémia do espírito</i> .
113	1882	Perfil do Marquez de Pombal	História	
114	»	Como os anjos se vingam	Drama	Ver obs. ao n.º 8 desta lista.
115	»	A morgadinha de Val de Amores	Comédia	Ver obs. ao n.º 8 desta lista.

ordem	Data da 1.ª edição	Título	Gênero literário	Observações
16	"	Entre a flauta e a viola	Comédia	Ver <i>obs.</i> ao n.º 89 desta lista.
17	»	Narcóticos	Miscelânea	
18	»	A brasileira de Prazins	Romance	
19	1883	D. Luiz de Portugal	História	
20	"	Questão da Sebenta	Polémica	São 9 os opúsculos que encerram todos os documentos da contenda literária entre Camilo e os srs. drs. Avelino Calista, já então lente de Direito e José Maria Rodrigues, ao tempo ainda aluno da faculdade de Teologia. As réplicas de Camilo foram reproduzidas na <i>Boémia do espirito</i> .
1	1884	O General Carlos Ribeiro	Memórias	
2	»	O vinho do Porto	História	
3	»	Maria da Fonte	»	É o comentário ao livro do padre Casimiro, <i>Apontamentos para a História da Revolução do Minho em 1846</i> .
4	1885	Serões de S. Miguel de Seide (6 vols.)	Miscelânea	

N.º de ordem	Data da 1.ª Edição	Título	Género literário	Observações
125	1886	Lira Meri- dional	Crítica	É uma separate, <i>fôra do mercado</i> , do prefácio do livro de versos que com o mesmo título, o sr. Antonio de Azevedo Castello Branco publicou
126	"	Boémia do espírito.	Miscelânea	
127	"	A difamação dos livreiros, su- cessores de Er- nesto Chardon	Polémica	A propósito dum questão judicial entre o autor e os mencionados livreiros, originada na publicação da <i>Boémia do espírito</i> .
128	"	Esboço de crítica	Crítica	E uma detida análise da tradução do <i>Otel</i> de Shakespeare, pelo sr. D. Luís.
129	1886	Vulcões de Lama	Romance	
130	1888	Nostalgias	Poesias líri- cas	
131	1889	Delitos da Mocidade	Miscelânea	É a compilação, feita e anotada por Freitas Fortuna, das primeiras composições de Camilo
132	"	Vida do José do Telhado	Narrativa	É um folheto reproduzindo as páginas que Camilo consagra nas <i>Memoórias do cárcere</i> a um célebre salteador.

Data da 1. ^a edição	Título	Gênero literário	Observações
1889	Revista do Porto	Folhetim	É a reprodução, feita por Freitas Fortuna, dum folhetim publicado no <i>Nacional</i> em 25 de Fe- vereiro de 1850.
1890	Nas trevas	Sonetos	

O sr. H. Marques menciona mais, com escrúpulo, o desenvolvimento, ainda que advertindo de que não entende dar essas listas como completas:

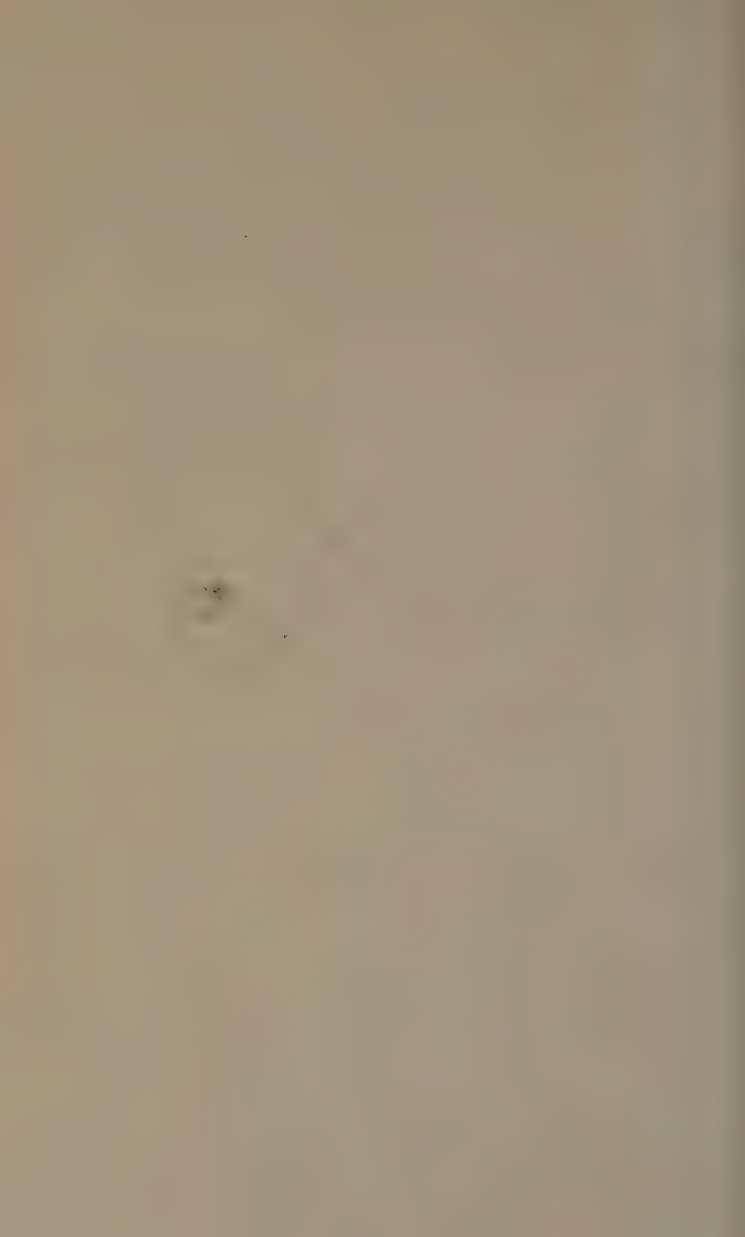
- Livros traduzidos por Camilo . . . 14
- Livros de diversos autores, acompanhados de advertência, análise, anotações, apreciação, carta, introdução, juízo crítico, nota, preâmbulo, proêmio ou prefácio de Camilo 87
- Outros livros ilustrados com escritos de Camilo, inéditos ou reproduções. . . 87
- Revistas literárias, periódicos, jornaes e publicações de gênero idêntico, redigidas ou colaboradas por Camilo (inéditos ou reproduções) 129

Mencionando nas obras originaes um livro de cartas do sr. Joaquim de Araujo, dividindo os opúsculos da *Carta da sebeta* e mencionando em separado as edi-

ções do *Maria não me mates que sou tua mãe!* e saíram com os títulos de *Maria José* e *Matricídio* *exemplo*, o sr. H. Marques regista 456 números sua *Bibliografia*.

INDICE

Prefácios.	7
Genealogia	19
Biografia.	43
I — 1825-1844.	45
II — 1845-1848.	83
III — 1849-1890.	115
Nosografia:	155
I — Os factos	157
II — Discussão	235
III — Conclusões.	261
A obra:	265
I	267
II	315
III	333
IV	349
Notas :	
A — A genealogia de Camilo	355
B — O «Amôr de Perdição».	356
C — A mãe de Camilo	372
D — A casa de Seide.	381
E — Cartas ineditas	383
F — Camilo e o dr. Bombarda	396
G — A sífilis e o tabes	411
H — Eça e Camilo	414
I — Listas das obras	420





PQ9261. C3Z7



a39001



004185651b

